Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras

Michael Luiz de Freitas

“Gays contando suas histórias”: uma análise organizacional, lexical e discursiva das narrativas de “sair do armário”.

Rio de Janeiro
2014

Michael Luiz de Freitas

“Gays contando suas histórias”: uma análise organizacional, lexical e discursiva das narrativas de “sair do armário”.

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguística

Orientadora: Profª. Dra. Tania M.G. Shepherd

Rio de Janeiro

2014

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

F866 Freitas, Michael Luiz de.
Gays contanto suas histórias: uma análise organizacional, lexical e discursiva das narrativas de “sair do armário” / Michael Luiz de Freitas. – 2014.
195 f : il.

Orientadora: Tania Maria Granja Shepherd.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Homossexuais masculinos – Narrativas pessoais – Teses. 2. Linguística de corpus - Teses. 3. Homossexuais masculinos – Linguagem – Teses. 4. Análise do discurso narrativo – Teses. I. Shepherd, Tania M. G. (Tania Maria Granja). II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 82.085:613.885

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação desde que citada a fonte.

_____ _____

Assinatura Data

Michael Luiz de Freitas

“Gays contando suas histórias”: uma análise organizacional, lexical e discursiva das narrativas de “sair do armário”.

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguística.

Aprovada em 24 de abril de 2014.

Banca Examinadora:

_____

Profª. Dra. Tania Maria Granja Shepherd (Orientadora)
Instituto de Letras - UERJ

_____

Profª. Dra. Gisele de Carvalho
Instituto de Letras - UERJ

_____

Profª. Dra. Adriana Nogueira Accioly Nóbrega
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro
2014

DEDICATÓRIA

À minha família, por acreditar em mim e me dar suporte para alcançar mais esta vitória.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por ter atendido todos os meus pedidos de ajuda quando nada vinha em mente para escrever este trabalho

À minha mãe, Eliana Aparecida, por ter cuidado de mim e tomado conta de coisas que me fugiam aos olhos no período do mestrado.

Aos meus familiares, em especial a minha avó Cândida, por compreender a minha ausência nas reuniões familiares, especialmente nos almoços de domingos.

Ao meu amigo, Adriano Akel, por estar sempre disponível a discutir sobre a minha pesquisa, mesmo não sendo da sua área de estudo, e pelo seu auxilio em me fazer compreender alguns momentos matemáticos desta pesquisa.

Aos meus amigos, em geral, por compreenderem a minha ausência no círculo de amizade.

Aos meus amigos acadêmicos, Marcela Iochem, Gustavo Lino, Odete Firmino, Ana Paula Jakubow, Fátima Fabrício, Adriana Baptista, dentre outros, pelos nossos papos super *cult*.

Às minhas queridas professoras Gisele de Carvalho, Magda Bahia, Anna Elizabeth Balocco, pelas substanciais contribuições na minha formação como analista do discurso.

A Thaísa Dragon Leal, pela sua assistência em transcrever o meu objeto de estudo.

A Tânia, funcionária da secretária, que esteve sempre disponível às minhas solicitações.

Por fim, a ela, Tania Shepherd, minha orientadora e “mãe acadêmica”, pelo dedicado trabalho de orientação, leitura, correção e direcionamento teórico-metodológico, além de me orientar na vida profissional. Tenha a minha eterna gratidão!

I'm coming out

(Chorus)
I'm coming out
I want the world to know
Got to let it show
I'm coming out
I want the world to know
I got to let it show

There's a new me coming out
And I just had to live
And I wanna give
I'm completely positive
I think this time around
I am gonna do it
Like you never knew it
Ooh, I'll make it through

The time has come for me
To break out of the shell
I have to shout
That I'm coming out!

Chorus

I've got to show the world
All that I wanna be
And all my abillities
There's so much more to me
Somehow I have to make them
Just understand
I got it well in hand
And, oh, how I've planned
I'm spreadin' love
There's no need to fear
And I just feel so glad
Everytime I hear:

Chorus

Compositores: Bernard Edward e Nile Rodgers

Intérprete: Diana Ross

RESUMO

FREITAS, Michael Luiz. *Gays contando suas histórias*: uma análise organizacional, lexical e discursiva das narrativas de "sair do armário". 2014. 195 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

Este trabalho tem por objetivo investigar as histórias de "sair do armário" sob seu aspecto organizacional, lexical e discursivo. Busca-se apontar que padrões organizacionais prevalecem nas histórias, que léxicos significativos predominam e como os léxicos predominantes são avaliados em termos de Afeto, Julgamento e Apreciação. Para o exame organizacional, a análise se apropria do quadro analítico de Labov e colaboradores (1967; 1972), por ser pioneiro nos estudos sobre narrativas orais de experiência pessoal; em seguida, lança mão dos elementos do Padrão Problema-Solução (PPS), proposto por Hoey (1983; 2001), por iluminar o aspecto cíclico das referidas histórias. Para a análise lexical, esse estudo se ampara nos preceitos e técnicas da investigação eletrônica de textos da Linguística de *Corpus* (TOGNINI BONELILI, 2001; SINCLAIR, 2004; BERBER-SARDINHA, 2004; McENERY e HARDIE, 2011), conjugado ao conjunto de programas *WordSmith Tool* 5.0 (SCOTT, 2010). Já sobre o aspecto discursivo, em especial sobre a linguagem da avaliação, a análise privilegiou a metafunção interpessoal da Linguística Sistêmico Funcional (Halliday, 2004) e lançou mão das categorias do subsistema da ATITUDE da Teoria da *Avaliatividade*, proposto por Martin (2000) e Martin e White (2005). O Corpus analisado consiste de sete narrativas, coletadas pelo método da Entrevista Narrativa, à qual se voluntariaram homossexuais do sexo masculino, entre (20) vinte a (30) anos de idade, oriundos da zona norte do Rio de Janeiro. Os resultados da análise da organização da narrativa mostraram que as histórias de "sair do armário" são episódicas, são contadas com muitos recursos avaliativos como descritos por Labov e se organizam por meio do Padrão Problema-Solução. Os resultados da análise lexical revelaram a predominância do item "eu" e "mãe/ela" nas sete histórias coletivamente. Por fim a análise discursiva, sob a ótica da linguagem atitudinal, aponta que os itens "eu" e "mãe/ela", que apontam para o narrador e suas mães, são marcados por Afeto (emoções) e Julgamento (comportamento). A dissertação em seu final combina as três linhas de análise para fazer uma reflexão sobre o peso social do que significa 'sair do armário' para o sujeito gay.

Palavras-chave: Narrativa. Sair do Armário. *Gays.* Linguística de *Corpus.* Avaliação. Teoria da *Avaliatividade.*

ABSTRACT

FREITAS, Michael Luiz. *Gays telling their stories*: an organizational, lexical and discursive analysis of “Coming out stories”. 2014. 195 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

This work aims to investigate organizational, lexical and discursive aspects of the so-called ´coming-out stories´. It seeks to point out the stories’ organizational patterns and significant lexis and how this lexis may be evaluated in terms of Affect, Judgement and Appreciation. For the analysis of organization, the analysis resorts to Labov (1967, 1972) and collaborators’ analytical framework, because of their pioneer work in the studies of oral narratives of personal experience, and then it makes use of elements of the Problem-Solution Patterns (PPS) , proposed by Hoey (1983, 2001), for illuminating the cyclic aspect of those stories . For the lexical analysis, this study resorts to the precepts and techniques of electronic research of texts in Corpus Linguistics (TOGNINI-BONELILI, 2001; SINCLAIR, 2004; BERBER-SARDINHA, 2004; McEnery&HARDIE, 2011), and the suite of programs WordSmith Tool 5.0 (Scott, 2010). On the discursive aspect, in particular in terms of the language of Appraisal, the analysis focuses on the interpersonal metafunction of Systemic Functional Linguistics (Halliday, 2004) and makes use of subsystem of Attitude categories from Appraisal Theory, as proposed by Martin (2000) and Martin and White (2005) . The corpus analyzed consists of seven narratives collected by means of the Narrative Interview method. These were collected from seven volunteer gay males, between twenty to thirty years of age, born and living in Rio de Janeiro. The results of the analysis of the narrative organization suggests that “Coming Out” stories are episodic, are told with many evaluative resources as described by Labov and are organized by the Problem-Solution Pattern. The results of lexical analysis revealed the predominance of the item “eu” and “mãe/ela” in the seven stories collectively. Finally, the discourse analysis, from the perspective of attitudinal language, points out that the items “eu” and “mãe/ela”, the narrators and their mothers, are represented by Affect (emotions) and Judgement (behavior). The dissertation in its final stages combines the three lines of analysis to make a reflection upon the social weight of coming out for the gay individual.

Keywords: Coming out stories. Gays. Narrative. Corpus Linguistics. Appraisal Theory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Modo de organizar dados no Padrão Problema-Solução..... 47

Figura 2 – Palavras mais frequentes das sete histórias de “sair do armário”..... 49

Figura 3 – Informações numéricas sobre cada história de “sair do armário”..... 50

Figura 4 – Lista de concordância com o item lexical “mãe”..... 51

Figura 5 – Ilustração do processo de etiquetação baseado nas categorias semânticas de Atitude da Teoria da Avaliatividade..... 52

Figura 6 – Representação do quadro geral de análise da narrativa baseado em Eggins e Martin..... 60

Figura 7 – Estrutura do Padrão Problema-Solução, readaptado de Hoey..... 64

Figura 8 – Possíveis movimentos do PPS sob Avaliações negativas..... 66

Figura 9 – Topologia das atribuições dos elementos do PPS pela perspectiva dos participantes..... 68

Figura 10 – Reciclagem do Problema entre o episódio prática sexual com homem e o episódio da “auto-descoberta”..... 75

Figura 11 – Reciclagem do Problema por meio da Solução entre o episódio da ‘auto-aceitação’ e o episódio ‘relações com as mulheres’..... 76

Figura 12 – Ligação do episódio “Ida ao psicólogo” com o episódio “primeiro beijo homossexual” por meio da Solução..... 78

Figura 13 – Episódio “declaração aos pais” a partir das Avaliações positivas do episódio “relações com homens/primeiro beijo homossexual”..... 79

Figura 14 – Os dois momentos do episódio “declaração aos pais”, derivando mais uma Situação por meio de Solução..... 81

Figura 15 – Episódio “relação com mulheres”, derivado da Solução do segundo momento do episódio “declaração aos pais”..... 82

Figura 16 – Episódio ‘pós-revelação’, finalizando o Padrão Problema-Solução..... 83

Figura 17 – Ilustração da função gerador de lista de palavras mais frequentes pelo

Wordlist 90
Figura 18 – Estatísticas associadas à lista de palavras do corpus desta pesquisa..... 91
Figura 19 – Linhas de concordância para ‘gay’ do próprio corpus de pesquisa..... 93
Figura 20 – Agrupamentos lexicais de quatro palavras com ‘gay’, extraídos do próprio corpus de pesquisa 94
Figura 21 – Representação sistemática da Teoria da Avaliatividade e as subdivisões do sistema Atitude 108
Figura 22 – Exemplos inscritos de Afeto/(IN)Felicidade 109
Figura 23 – Exemplos evocados de Afeto/(IN)Felicidade 109
Figura 24 – Exemplos inscritos de Afeto/(IN)Segurança 110
Figura 25 – Exemplos evocados de Afeto/(IN)Segurança 110
Figura 26 – Exemplos inscritos de Afeto/Satisfação 111
Figura 27 – Exemplos evocados de Afeto/(IN)Satisfação 111
Figura 28 – As subdivisões da categoria Afeto 111
Figura 29 – Exemplos de Julgamento/Normalidade 112
Figura 30 – Exemplos de Julgamento/Capacidade 112
Figura 31 – Exemplos de Julgamento/Tenacidade 112
Figura 32 – Exemplos de Julgamento/Veracidade 113
Figura 33 – Exemplos de Julgamento/Propriedade 113
Figura 34 – As subdivisões da categoria Julgamento 113
Figura 35 – As subdivisões da categoria Apreciação 115
Figura 36 – Forma de apresentação de dados: “eu” em categoria Afeto 116
Figura 37 – Concordância de ‘eu’ para categoria Afeto/(IN)Segurança para auto-descoberta 118
Figura 38 – Concordâncias de ‘eu’ para categoria Julgamento/(IN)Capacidade

para fase ‘auto-descoberta’ 120

Figura 39 – Concordâncias de ‘eu’ para categoria Apreciação/Composição na fase ‘auto-descoberta’..... 120

Figura 40 – Concordâncias de ‘eu’ para categoria Julgamento/Tenacidade para fase ‘auto-descoberta’..... 121

Figura 41 – Concordâncias de ‘eu’ para categoria Afeto/(IN)Felicidade para ‘auto-descoberta’ 122

Figura 42 – Concordâncias de ‘eu’ para Categoria Julgamento/Normalidade na fase ‘auto-descoberta’..... 124

Figura 43 – Concordâncias de ‘eu’ para categoria Afeto/(IN)Segurança para fase ‘relações com os homens’..... 125

Figura 44 – Concordâncias de ‘eu’ para categoria Afeto/(IN)Felicidade para fase ‘relações com homens’..... 127

Figura 45 – Concordâncias de ‘eu’ para categoria Julgamento/Normalidade e CAPACIDADE na fase ‘relações com os homens’..... 129

Figura 46 – Concordâncias de ‘eu’ para categoria Afeto/(IN)Felicidade e Afeto/(IN)Satisfação para fase ‘relações com as mulheres’..... 130

Figura 47 – Concordâncias de ‘eu’ para categoria Julgamento/(IN)Capacidade na fase ‘relações com mulheres’..... 131

Figura 48 – Concordâncias de ‘eu’ para categoria Afeto/(IN)Felicidade para fase ‘declaração aos pais’..... 132

Figura 49 – Concordâncias de ‘eu’ para categoria Afeto/(IN)Segurança para fase ‘declaração aos pais’..... 132

Figura 50 – Concordâncias de ‘eu’ para categoria Afeto/(IN)Satisfação para fase ‘declaração aos pais’..... 132

Figura 51 – Concordâncias de ‘eu’ para categoria Julgamento/Tenacidade na fase “declaração aos pais”..... 134

Figura 52 – Concordâncias de ‘eu’ para categoria Afeto/Felicidade para fase‘após revelação’..... 135

Figura 53 – Concordâncias de ‘eu’ para categoria Afeto/Satisfação para fase ‘após revelação’..... 135

Figura 54 – Concordância de ‘eu’ para categoria Julgamento/Veracidade na fase ‘pós-revelação’..... 136
Figura 55 – Concordâncias de ‘mãe/ela’ para categoria Afeto/(IN)Felicidade na fase ‘declaração aos pais’ 137
Figura 56 – Concordâncias de ‘mãe/ela’ para categoria Afeto/(IN)Segurança na fase ‘declaração aos pais’ 138
Figura 57 – Concordâncias de ‘mãe/ela’ para categoria Julgamento/(IN)Capacidade na fase ‘declaração aos pais”..... 139
Figura 58 – Concordâncias de ‘mãe/ela’ para categoria Julgamento/(A)Normalidade na fase ‘declaração aos pais’ 140
Figura 59 – Concordâncias de ‘mãe/ela’ para categoria Julgamento/Propriedade na fase ‘declaração aos pais’ 140
Figura 60 – Concordâncias de ‘mãe/ela’ para categoria Julgamento/Normalidade na fase ‘declaração aos ‘pais’ em narrativa 1.txt 141
Figura 61 – Concordâncias de ‘mãe/ela’ para categoria Afeto/Felicidade na fase ‘pós-revelação’..... 142
Figura 62 – Concordâncias de ‘mãe/ela’ para categoria Julgamento/Normalidade na fase ‘pós-revelação’..... 143
Figura 63 – Concordâncias de ‘mãe/ela’ para categoria Julgamento/Veracidade na fase ‘pós-revelação’ 144

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Distribuição de palavras totais, palavras distintas e a razão de palavras distintas/totais..... 98

Gráfico 2 – Distribuição de ‘ELE’ nas histórias de “sair do armário”..... 100

Gráfico 3 – Distribuição de ‘ELA’ nas histórias de “sair do armário”..... 101

Lista 1 – Agrupamentos lexicais para ‘mãe’..... 102

Lista 2 – Agrupamentos lexicais para ‘pai’..... 102

Quadro 1 – Fases da entrevista narrativa adaptado de Jovchelovitch e Bauer..... 39

Quadro 2 – Perfil dos sujeitos de pesquisa..... 40

Quadro 3 – Pergunta Gerativa Narrativa..... 42

Quadro 4 – Ângulos de análise para narrativas baseado em Shepherd..... 44

Quadro 5 – Atualização dos ângulos de análise para narrativas..... 45

Quadro 6 – Classificação relativa do tamanho de corpus com base em Sardinha..... 88

Quadro 7 – Exemplos de concordâncias da forma linguística ‘gay’ e ‘homossexual’ extraído do *WebCorp*..... 95

Quadro 8 – Colocados do item lexical ‘gay’, extraído do corpus de pesquisa..... 96

Quadro 9 – Instâncias da categoria Afeto/Insegurança 118

Quadro 10 – Instâncias da Categoria Afeto/Segurança evocada 119

Quadro 11 – Instâncias inscritas e evocadas da categoria Afeto/(IN)Felicidade 122

Quadro 12 – Instâncias da Categoria Afeto/Segurança para fase ‘relações com homens’ 126

Quadro 13 – Instâncias da Categoria Afeto/Felicidade para fase ‘relações com homens’ 128

Quadro 14 – Instâncias da Categoria Afeto/(IN)Felicidade para fase ‘relações com homens’..... 129

Quadro 15 – Instâncias da Categoria Afeto/(IN)Felicidade e Afeto/(IN)Satisfaçâo para fase ‘relações com mulheres’ 130

Tabela 1 – Lista de palavras frequentes nas histórias de “sair do armário” sob análise 99

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	18
1	**HISTÓRIA DE "SAIR DO ARMÁRIO"**.....	23
1.1	**Exemplos de Estudos**.....	24
2	**METODOLOGIA E APRESENTAÇÃO DE DADOS**.....	35
2.1	**Corpus**.....	35
2.1.1	Entrevista Narrativa.....	36
2.2	**Participantes da Pesquisa**.....	39
2.3	**Realização da EN e Suas Adaptações**.....	41
2.3.1	Limitações da EN.....	43
2.4	**Procedimentos Analíticos**.....	44
2.4.1	Organização das histórias de "sair do armário".....	45
2.4.2	Análise Lexical das histórias de "sair do amário".....	48
2.4.3	Posicionamento Atitudinal dos Participantes	51
3	**A ORGANIZAÇÃO DAS HISTÓRIAS DE "SAIR DO ARMÁRIO": UMA ANÁLISE ESTRUTURAL SOB OS ESQUEMAS DE LABOV E HOEY**.....	54
3.1	**Narrativa**.....	54
3.1.1	Modelo Analítico de Labov.....	58
3.1.2	Modelo Analítico de Hoey.....	63
3.2	**A Organização das Histórias de "Sair do Armário": um enlace analítico**.....	69
3.2.1	Organização pelo molde 'laboviano'.....	69
3.2.2	Organização da história de "sair do armário" pelo Padrão Problema-Solução (PPS).....	73
3.3	**Algumas Considerações**.....	84
4	**HISTÓRIAS DE "SAIR DO ARMÁRIO": UMA ANÁLISE LEXICAL POR MEIO DE INSTRUMENTOS ELETRÔNICOS**.....	85
4.1	**Linguística de *Corpus*: preceitos e técnicas da análise eletrônica de textos**.....	86

4.1.1 As propriedades de um *corpus* na Linguística de *Corpus*..... 89
4.1.2 Ferramental da LC: as possibilidades analíticas por ferramentas computaconais..... 89
4.1.3 Padrões Linguísticos..... 94
4.2 **História de "sair do armário": um enlace analítico sob uma ótica lexical**..... 97
4.3 **Algumas Considerações**..... 103
5 **HISTÓRIAS DE "SAIR DO ARMÁRIO": UMA ANÁLISE DISCURSIVA SOB A ÓTICA DA LINGUAGEM ATITUDINAL**..... 104
5.1 **Linguagem da Avaliação**..... 104
5.1.1 Teoria da Avaliatividade..... 107
5.2 **A avaliação da experiência do "sair do armário": um exame discursivo sob o sistema Atitude**..... 116
5.2.1 Posicionamentos Atitudinais de 'eu' nas histórias de "sair do armário"..... 117
5.2.2 Posicionamentos Atitudinais sobre a 'mãe' nas histórias de "sair do armário..... 137
5.3 **Algumas considerações**..... 145
CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 147
REFERÊNCIAS..... 157
ANEXOS..... 160

INTRODUÇÃO

Declarar-se abertamente *gay*, lésbica, bissexual ou transexual para os pais, família, amigos e colegas em escolas ou no trabalho – ou seja, 'sair do armário' – pode ser ainda um desafio complexo no Brasil, um país onde o assunto é tema de debates bem tensos. Segundo o psicólogo Teixeira-Filho (2013)[1], "o armário é um espaço de gerenciamento de estigmas, de um segredo, uma informação que tem um peso social muito forte". Para ele, muitas famílias se mantêm unidas através desse segredo, e revelá-lo pode significar a ruptura de alguns laços e a criação de novos.

No Brasil, a questão homossexual caminha a passos lentos. Há um avanço, mas ele se dá via judiciário. Dois exemplos foram a decisão unânime do Supremo Tribunal Federal (STF) de ter reconhecido, em 2011, a união estável homoafetiva, equiparando os casais *gays* aos heterossexuais em termos de direitos, e a aprovação, em 2013, da realização do casamento civil entre duas pessoas do mesmo sexo. Em contrapartida, a Comissão dos Direitos Humanos e Minorias (CDHM), presidida pelo deputado e pastor evangélico Marco Feliciano (PSC-SP), convocou um plebiscito para consultar a população sobre a suspensão da resolução do mesmo STF que abriu caminho para o casamento *gay*. Portanto, pode-se dizer que a sociedade brasileira vive um cenário de crescente polarização sobre a homossexualidade.

Diante desse confronto político, diversas celebridades engrossaram a lista dos que protestam contra os projetos do deputado Marco Feliciano. Um exemplo de destaque foi o da cantora baiana Daniela Mercury, que decidiu assumir um relacionamento homoafetivo, trazendo à tona um dilema enfrentado pelos *gays* brasileiros. Para ela, sua 'saída do armário' foi uma postura afirmativa de sua liberdade e uma forma de mostrar sua visão de mundo e, sobretudo, contribuir na luta da comunidade LGBT numa época teve um "Feliciano" desrespeitando os direitos humanos[2].

Observando os avanços e recuos da sociedade brasileira nos últimos trinta anos, pode-se dizer que o país parece viver um momento de extremo dualismo. Por baixo do manto

[1] Fonte:<http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/04/130409_depoimentos_armario_lgbt_jp.shtml >. Acesso em: 20 mar. 2014.

[2]Fonte: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/04/130409_daniela_mercury_gays_brasil_jp.shtml>.

progressista das instituições, a novela das nove hesitou por anos em mostrar um beijo de afeto entre dois *gays*. Por quase dez anos após ter gravado e suprimido o beijo *gay* da novela "*América*" (2005), a Rede Globo de Televisão optou por exibir o desfecho romântico entre homossexuais em "*Amor à Vida"*(2014). Contudo, a aparição do beijo só foi realizada em vista da imensa campanha pelas redes sociais, especialmente pelos ativistas da comunidade LGBT, pedindo ao autor da novela, Walcyr Carrasco, para que o casal homossexual composto por Felix (Mateus Solano) e Niko (Thiago Fragoso) se beijassem.[3] Isso demonstra a falta de naturalidade em abordar essa intricada questão humana.

Apesar dos avanços políticos e da presença homossexual timidamente inserida na teledramaturgia, o indivíduo *gay* parece estar longe de ser aceito na sociedade brasileira, pois a violência contra homossexuais continua em alta no Brasil. De acordo com o Relatório de Assassinatos de LGBTs de 2013, publicado pelo Grupo Gay da Bahia[4], os números de vítimas homossexuais que são assassinadas cresceram por conta do preconceito. Um neologismo na Língua Portuguesa foi criado – "Homocídio" – até entrou para descrever a situação de termos no Brasil um *gay*, lésbica, bissexual ou transexual morto a cada 28 horas.

Com base nesses pontos factuais, a sociedade brasileira parece ser de vanguarda, regida pela ordem progressista das instituições, mas convive em meio de comportamentos contraditórios. Se por um lado mudanças recentes criaram um ambiente mais aberto para que os homossexuais possam "sair do armário", por outro alguns indivíduos ainda sofrem por quererem exercer seus direitos e dele sair.

É nesse cenário de polêmica e por causa desse cenário, que se faz pertinente estudar o discurso que constrói a experiência de "sair do armário" – o tema desta dissertação. Desta forma a dissertação coleta e examina sete histórias de "sair do armário", ou seja, narrativas que sete homossexuais tecem sobre a experiência de assumir sua orientação sexual. Três aspectos são enfocados, a saber: o organizacional, o lexical e o discursivo.

Para analisar o aspecto organizacional, a análise se baseia no quadro analítico de Labov e colaboradores (1967; 1972), por ser pioneiro nos estudos sobre narrativas orais de

[3] Fonte: <http://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/estudiosos-ativistas-falam-sobre-importancia-do-beijo-gay-para-sociedade-para-teledramaturgia-11475651. Acesso em: 20 mar. 2014.

[4] Fonte: <http://www.ggb.org.br/assassinatos%20de%20homossexuais%20no%20brasil%202013%20GGB.html Acesso em: 20 mar. 2014.

experiência pessoal; em seguida, identificam-se nas narrativas os elementos do Padrão Problema-Solução (PPS), proposto por Hoey (1983; 2001). Em relação ao aspecto lexical, a análise se amparou nos preceitos e técnicas sobre investigação eletrônica de textos da Linguística de *Corpus* (TOGNINI BONELILI, 2001; SINCLAIR, 2004; BERBER-SARDINHA, 2004; McENERY e HARDIE, 2011), conjugado ao programa computacional *WordSmith Tool* (WST) (SCOTT, 2010). Já sobre o aspecto discursivo, em especial sobre a linguagem da avaliação, a análise privilegiou as categorias semântico-discursivas do subsistema Atitude da Teoria da *Avaliatividade*, proposto por Martin (2000) e Martin e White (2005).

Por se tratar de um estudo sobre histórias, o *corpus* de pesquisa é composto de narrativas na modalidade oral, coletadas pelo método da Entrevista Narrativa, pois visa criar uma situação que encoraje e estimule o entrevistado a contar uma história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social. Os sujeitos de pesquisa são sete homossexuais do sexo masculino, com a idade dos vinte aos trinta anos, oriundos da zona norte do Rio de Janeiro.

Desde a década de 90, muitos estudiosos de várias areas, como a Sociologia, a Psicologia e a Linguística, têm mostrado interesse em investigar as narrativas de "sair do armário", por vários ângulos (ver. Capítulo 1), inclusive no Brasil. Contudo, suas pesquisas não fazem uma análise holística, que inclui os aspectos organizacionais, lexicais e discursivos das histórias de "sair do armário". No contexto, menos ainda menos ainda. Nesse contexto, as análises são particularmente importantes por conta de poder vislumbrar algum resultado das recentes políticas afirmativas que têm sido implantadas para dar mais visibilidade aos direitos da comunidade *gay*, que ao longo da sua história, sofre e sofreu práticas discriminatórias e preconceituosas.

Para dar norte a esta pesquisa sobre as histórias de "sair do armário" quanto aos objetivos propostos, foi elaborada uma série de perguntas:

- Quando contadas oralmente, de que maneira as histórias de "sair do armário" costumam ser organizadas por seus narradores?

- Há alguma recorrência de padrões narrativos compartilhados pelos narradores que sugira uma estrutura genérica narrativa ao contar essa experiência vivida?

- Há um léxico mais frequente nas histórias de “sair do armário”, investigadas nesta pesquisa?

- Se há um léxico mais frequente, esse forma padrões nessas histórias?

- Os itens lexicais frequentes sinalizam linguagem da ‘avaliação’, principalmente se considerando os aspectos de Afeto, Julgamento e Apreciação?

Esta análise holística não se propõe simplesmente a fazer um inventário de características narrativas, lexicais ou discursivas, mas sim, no capítulo final desta dissertação, a tentar articular um dos aspectos apontados por Teixeira-Filho (op.cit), sobre o ‘armário’, o qual se refere em ser “um espaço de gerenciamento de estigmas, de um segredo, uma informação que tem um peso social muito forte”. Desta forma,

- Qual seria esse o peso social?
- Que implicação teria para o narrador “sair do armário”?

No intuito, portanto, de analisar as histórias de “sair do armário” de forma holística, organizo o presente trabalho em sete capítulos. Vale pontuar que, nesta dissertação, não sigo uma disposição de conteúdo que pode ser considerada canônica. Ao invés de criar uma revisão da literatura única, ainda que monolítica e, portanto, distante dos dados de análise, optei por aproximar a revisão da literatura a cada passo em que se dá a análise de dados. Assim dividi a seção analítica em três capítulos que são introduzidos, cada um, pelo recorte teórico que os ampara. Considero que essa organização dá maior destaque à teoria como ferramenta analítica. A seguir, portanto, descrevo brevemente o conteúdo de cada capítulo que compõe esta dissertação.

O capítulo 1, intitulado “Histórias de ‘sair do armário’”, traça uma definição do termo “sair do armário” sob uma perspectiva histórica. Depois, prossigo com exemplos de estudos que se preocuparam em analisar tais narrativas, sinalizando as lacunas deixadas por esses para inserir o objetivo desta pesquisa.

O capítulo 2, “Metodologia e apresentação dos dados”, como o próprio nome indica, detalha os procedimentos metodológicos do estudo. Descrevo o instrumento usado para coleta de dados assim com os sujeitos que participaram da entrevista.

O capítulo 3, “Organização das histórias de ‘sair do armário’: uma análise organizacional sob os esquemas de Labov e Hoey” inicia a parte analítica propriamente, na qual apresento inicialmente algumas considerações sobre a narrativa e descrevo os dois modelos analíticos aos quais submeto uma das sete histórias para elucidar a organização das narrativas de “sair do armário”, como é apresentado na segunda parte do capítulo.

No capítulo 4, denominado “Histórias de ‘sair do armário’: uma análise lexical por meio de instrumentos eletrônicos”, apresento uma nova possibilidade de análise às narrativas, especialmente na modalidade oral. Nele descrevo inicialmente os preceitos e técnicas da análise lexical por meio de instrumentos eletrônicos e depois faço um exame quantitativo e estatístico sobre a densidade e frequência lexical em tais histórias com uso de ferramentas digitais.

O capítulo 5, cujo título é “Histórias de “sair do armário”: uma análise sob a ótica da linguagem atitudinal”, apresenta como os itens lexicais mais frequentes nas sete histórias, identificados pela análise lexical, contêm índices de avaliação em termos Afeto, Julgamento e Apreciação. Para isso, o capítulo inicia com uma perspectiva do que é Avaliação, prosseguindo com a descrição da teoria que ampara a análise. Feito isso, a análise propriamente dita é apresentada.

Por fim, fecho esse trabalho com as considerações finais, retomando, de forma sumária, aos resultados obtidos de cada seção analítica, com a finalidade de, sobretudo, apresentar uma descrição holística do que vêm a ser as histórias de “sair do armário”, isto é, o impacto social e pessoal do assumir-se *gay*.

1 HISTÓRIAS DE “SAIR DO ARMÁRIO”

Este capítulo apresenta alguns estudos sobre as histórias de “sair do armário”, abordadas em algumas áreas do conhecimento humano, e sinaliza as lacunas deixadas por esses estudos para inserir o objetivo desta pesquisa. Este trabalho parte de contribuições feitas pela Linguística, Sociologia e Psicologia, tendo em mente articulações dessas áreas para analisar as características de tais histórias. Entretanto, faz-se necessário antes entender o que são essas histórias.

As histórias de “sair do armário” são geralmente associadas ao universo *gay* e correspondem às narrativas de homossexuais que contam como foi revelar para alguém tal identidade. Na verdade, antes de ser usado no universo homossexual, esse termo era utilizado em outros universos. A expressão “sair do armário”, oriunda do inglês como “*Coming out (of the closet)”,* representa a situação de revelar algo, que antes era um segredo. De acordo com Chaucey (1994, p.7) o termo inicialmente nem era associado ao “armário”. Era uma expressão muito usada ora nos bailes de debutantes, quando uma adolescente se inseria formalmente na sociedade, ora nos bailes de máscara da época, quando no final do baile o rosto era revelado. Portanto, o sentido de revelação ou inserção a um grupo foi transportado e funcionalmente modificado para a comunidade *gay*.

O termo “sair do armário” tornou-se recorrente a partir dos conflitos políticos e sociais que os homossexuais enfrentaram pelas décadas de 50 e 60 nos Estados Unidos. É impossível falar sobre o termo “sair do armário”, sem remeter ao episódio de Stonewall, na Califórnia, marcado pelas lutas, mortes, agressões físicas contra os homossexuais, por parte do Estado que repugnava essa pequena parcela da sociedade. Foi por conta desse episódio que o ato de “sair do armário” tornou-se primordial nas lutas pelos direitos de igualdade e que vêm sendo conquistados com esforço até hoje. Assim, revelar sua homossexualidade na sociedade americana passou a ser “arma social” para que a comunidade homossexual constituísse uma identidade e para que funcionasse como força ideológica contra as políticas anti-*gays*.

No contexto brasileiro, esse sentido de posições igualitárias continua latente na mente dos militantes da causa LGBT, mas, não ainda na cabeça da grande parte da população. No dia a dia, ao se ouvir que uma determinada pessoa “saiu do armário”, imediatamente, é entendido que ele/ela deixou às claras para outras pessoas que sua preferência sexual é por um

indivíduo do mesmo sexo. Portanto, o termo “sair do armário” é uma metáfora, implicando a ação de assumir publicamente as práticas e os desejos homossexuais. Contudo, o ato do “sair do armário” vai muito além do falar publicamente sobre a própria identidade sexual.

Desde a década dos anos 90, um número considerável de pesquisas vem crescendo em relação às práticas sociais voltadas à comunidade homossexual, em especial, aquelas que se debruçam sobre as diversas implicações das histórias de “sair do armário”. A seguir, será feito um percurso nas áreas do conhecimento humano que se preocupam em abordar aspectos de tais narrativas, a saber: da Linguística, Sociologia e Psicologia.

1.1 **Exemplos de Estudos**

Contempla-se, primeiramente, o estudo linguístico de Liang (1997) por ser um dos pioneiros a discutir a questão a questão de Gênero e Identidade por meio da linguagem. Ressalta-se que esse estudo faz parte de uma corrente da Linguística (*Queer*), que costuma analisar discursivamente histórias daqueles que compõem a minoria na sociedade, como: *gays*, lésbicas dentre outros.

O estudo de Liang (op.cit) tem como objetivo examinar contrastivamente a estrutura de história do “sair do armário” para verificar os Princípios de Coerência pelos quais o indivíduo *gay* faz sentido da sua homossexualidade. Ela observa como os *gays* americanos de origem europeia e americanos asiáticos organizam suas narrativas ao contar a experiência do auto-reconhecimento como tal. Para tanto, a análise fundamenta-se nos Princípios de Coerência propostos por Linde (1993), os quais se referem às normas sociais para criação de uma história de vida aceitável. De acordo com esses princípios, um texto é reconhecido como coerente a partir de duas relações: a local e a global. A primeira está relacionada à *causalidade adequada,* ou seja, se as unidades de conteúdo da estrutura as estão adequadas para ouvintes com uma boa razão para um determinado evento ou sequência de eventos (LINDE, op.cit, 127), isto é se as estruturas estão interligadas por meio de ‘causa’. Já a relação global corresponde ao sistema de coerência, ou seja, às práticas discursivas que representam um sistema de crenças ou relações entre crenças que acabam determinando se uma dada ação é a causa de outra.

As histórias examinadas por Liang sob os Princípios da Coerência foram contadas por universitários americanos asiáticos e europeus do sexo masculino entre a idade dos 18 aos 27

anos. As histórias, em língua inglesa, foram gravadas em um colóquio organizado em celebração ao *Coming-out Week* em um campus universitário. Para organização desses dados, Liang lança mão do modelo analítico da estrutura da narrativa proposto por Labov (1972), modelo que será melhor explicitado no capítulo 3.

Umas das principais conclusões da pesquisa de Liang (op.cit) foi detectar que os dois grupos americanos de culturas distintas (re)contam suas experiências do "sair do armário" de forma diferenciada. A partir dos resultados da pesquisa sobre os recursos linguísticos usados pelos sujeitos, Liang percebeu que os americanos de origem asiática tendem a enfrentar menos crises internas no que tange a sua própria aceitação como *gays* e, por conta disso, ao falar sobre seu auto-reconhecimento, costumam explicar ou resumir o estágio de auto-descoberta. Das diversas formas de falar sobre uma experiência vivida, esses americanos-asiáticos preferem estabelecer a coerência de suas histórias por meio da **explicação**. Em contrapartida, os americanos de origem europeia costumam não se aceitar facilmente como *gays* e, por isso, suas histórias tendem a se estruturar seguindo os padrões da *causalidade adequada*, isto é, eles constroem suas histórias por meio de uma sequência verbal de orações a uma sequência de eventos que aconteceram realmente, dando mais importância no processo de aceitar-se como *gay*.

A relevância em apresentar aqui o trabalho de Liang (1997) decorre, primeiramente, de ser um dos trabalhos pioneiros em discutir discursivamente a questão identitária da comunidade *gay* por meio das histórias de "sair do armário". Além disso, destacam-se suas observações no que tange à estruturação das mesmas. A pesquisadora identifica as diferentes configurações que tais histórias possam apresentar. Isso nos motiva a pensar sobre qual método de investigação pode ser eficaz para coletar histórias com estrutura de narrativa e qual modelo analítico apropriado para analisar os depoimentos, se não seguirem o padrão de uma narrativa. Entretanto, vale ressaltar que as contribuições de Liang (op.cit) restringem-se apenas a um estágio do "sair do armário" que é da "auto-aceitação", já que esse ato pode envolver outros estágios, caracterizando-o como um processo.

Sobre esse aspecto processual das histórias de "sair do armário", destaca-se o trabalho de Wood (1997), que mostra que as configurações narrativas nos finais das histórias de "sair do armário" indicam uma natureza processual do ato de assumir a identidade homossexual. Para tanto, Wood analisa quatro histórias de "sair do armário", elicitadas de trinta e quatro

membros em grupo de correspondência eletrônica. Todas as histórias foram escritas por lésbicas incentivadas a contribuírem através da seguinte solicitação no grupo: “envie sua história de ‘sair do armário’”.

Para a realização da análise, Wood assim como Liang (op.cit) parte de uma abordagem tradicional que examina a estrutura da narrativa, frequentemente associada ao modelo analítico laboviano (LABOV e WALETZKY, 1967; LABOV 1972). De acordo com esse modelo, uma narrativa bem formada consiste dos elementos, na seguinte ordem: Resumo, Orientação, Complicação, *Avaliação*, *Resultado/Resolução* e *Coda*.

No entanto, Wood percebe que o quadro analítico proposto por Labov aplica-se apenas na caracterização estrutural, mas não funcional das narrativas. Por conta disso, a autora recorre a algumas proposições de Ishikawa (1991, apud. WOOD, op.cit), as quais sugerem que o sentido não surge do conteúdo semântico da forma em si, mas que as formas linguísticas podem sinalizar significado interativo além do que a estrutura em si possa indicar. Em outras palavras, Wood observa que nas histórias de “sair do armário” algumas sequências da narrativa, em particular da *Resolução* e *Coda*, ao invés de sinalizar o fim ou a plenitude da narrativa, também cumprem o papel de retratar tais narrativas como histórias que estão sempre em progresso.

Na maioria das vezes quando as histórias em questão pareciam ter um encerramento por conta das introduções sequenciais da *Resolução*/*Coda*, elas, não apenas traziam o ouvinte ao fim, ao tempo presente da narrativa, mas também desencadeavam mais narrativas. Isso se evidenciou pela presença de estruturas sintáticas e lexicais, como: o uso de expressões adverbiais de tempo que transmitem a ideia de continuidade e a utilização em inglês do Presente Perfeito que indica a continuidade de um processo iniciado no passado e ainda contínuo. Vale ressaltar que essas observações feitas nas histórias enviadas, também foram notadas em outras histórias na sua versão oral. A pesquisadora apenas menciona essa similaridade, mas opta por analisar as histórias extraídas pela internet e não por fazer uma análise comparativa.

Apesar dessa necessidade na pesquisa de Wood (op.cit), seu trabalho propiciou contribuições no que tange à característica processual das histórias de “sair do armário” e, em especial, à aplicação do quadro analítico de Labov nas mesmas. Isso nos chama atenção sobre

as possíveis limitações que o modelo laboviano possa apresentar, já que a macro-organização das histórias analisadas nesta pesquisa, como veremos na próxima seção, baseia-se também no mesmo quadro descritivo de Labov. Vale ressaltar que, em nossas análises, estamos lidando com formas de (re)contar experiências em contextos diferentes dos contextos de Wood: os sujeitos desta pesquisa são do sexo masculino, brasileiros e as histórias são extraídas oralmente. Ainda assim, os resultados obtidos por Wood (op.cit), são dados relevantes para o nosso trabalho.

Sobre a natureza processual das histórias do "sair do armário", recorre-se a um estudo sociológico realizado na Noruega por Hegna (2007), que descreve o processo de identificação de um individuo *gay*, em particular, de um jovem de 19 anos. Hegna objetiva compreender os riscos que se corre ao se assumir a identidade sexual *gay* na sociedade norueguesa. Para tanto, Hegna apóia-se, tanto na Sociologia quanto na Psicologia, para tentar relacionar certos tipos de riscos que um jovem homossexual corre quando sua subjetividade *gay* está em processo de constituição.

Uma das principais contribuições de Hegna foi diagnosticar que o processo do "tornar-se *gay*" pode ocorrer em quatro estágios na vida de um individuo homossexual. Baseado na narrativa de Michael (um jovem de 19 anos que se descobriu *gay* na idade de 12 anos), a socióloga percebe que a primeira noção da identidade gay se acentua pela importância de sua experiência homossexual a partir de um repertório particular de possíveis práticas sexuais. Dentro da Sociologia, esse primeiro processo de identificação do jovem *gay*, vista do ponto "essencialista da assunção" é vinculado à exibição de "consequências necessárias" e de performances.

Já o segundo momento da subjetivação do jovem gay, considera-se como "a "destipificação" da categoria social *gay*[5]". O que antes fora descrito como *gay* pelas frequentes relações sexuais, nesse segundo momento, tem-se o entendimento de tal figura já articulada em todas as atividades sociais, não mais apenas sexuais. Michael percebe que é possível também "ser *gay*" em todos os contextos diários. Embora Michael seja deparado a outras possibilidades de "ser *gay*", ele ainda se firma ao comportamento *gay* estereotipado da

[5] Traduçao livre: The detypification of the social category "gay" (HEGNA, 2007, p.590)

sociedade igualado à feminilidade. Isso se justifica por ser comum no desenvolvimento da identidade de um adolescente *gay*.

Já o terceiro processo de identificação do jovem *gay* em questão está relacionado a uma subjetivação determinada pelos valores culturais da comunidade *gay*. Esse momento está muito atrelado à necessidade do "sair do armário" e entrar a um círculo de amizades dentro dos ambientes sociais gays (*coming out, coming into what?* entrar em um particular grupo social).

Quanto ao quarto processo de identificação, Hegna percebe uma rejeição do rótulo *gay* por parte dos homossexuais. A socióloga problematiza se a destituição da categoria *gay* e lésbica é decorrente de um projeto político e teoricamente motivado, em vez de ser intrinsecamente relacionado à experiência real de vida ou se há uma tentativa de se ater a uma posição de homem heterossexual, fazendo incompreensível e invisível. Parece ser visto que a rejeição de categorias representa uma nova possibilidade de ações.

A relevância em apresentar o trabalho de Hegna se dá ao fato de que ela fornece contribuições pertinentes acerca do processo de identificação do indivíduo *gay*. Tendo isso em mente, é possível perceber que o "sair do armário" não é representado apenas pelo ato de assumir-se publicamente, mas pode-se configurar desde a primeira prática sexual, a auto-aceitação, a aceitação dos outros, até a inserção de um grupo. Desta forma, será possível mapear os posicionamentos-atitudinais do homossexual em assumir sua identidade sexual por vários estágios da sua constituição identitária.

Um estudo referencial, realizado antes de Hegna (op.cit), que chega mapear as posições dos homossexuais em relação à "saída do armário" é o de King e Summer (2005). O estudo tem como objetivo examinar como aspectos do "sair do armário" influenciam o Desenvolvimento de Personalidade (Ego) e o Bem-Estar Subjetivo em relação à vida íntima, à vida social e à experiência de vida. Para tal, as pesquisadoras examinam tais comportamentos psíquicos a partir do construto teórico específico da Psicologia acerca do Desenvolvimento do Ego (doravante DE), o qual se refere "às complexidades com as quais um indivíduo é capaz de experienciar o mundo.[6]" (KING & SUMMER, op.cit, p.279).

[6] Tradução livre: "ED refers to the complexity with which a person is able to experience him or herself the world."

Os procedimentos para a escolha dos sujeitos assim como a coleta de dados, no estudo de King e Summer, foram os mais variados possíveis. Primeiramente, os participantes, cidadãos americanos, foram recrutados por meio de anúncios em dois jornais *gays* da cidade de Dallas e por meio de panfletos postados em uma livraria *gay* e em um bar, cujo público alvo era as lésbicas. Nas duas formas de anúncios, havia uma oferta de vinte dólares ($20) para os *gays* e as lésbicas que participassem na maior parte do programa de estudo. Com isso, a amostra de dados se totalizou em 107, incluindo 65 de homens, 39 de mulheres e 3 não identificados. Para fazer tal exame, as pesquisadoras elaboraram algumas atividades para mensurar o DE assim como o Bem-Estar Subjetivo. Primeiramente, os sujeitos foram submetidos a um questionário, no qual os *gays* e as lésbicas subjetivamente avaliavam a satisfação com a vida e o senso de coerência numa escala de 1 a 5, partindo do mais negativo para o mais positivo. Em seguida, eles passaram por um teste de conclusão de frases. Os sujeitos eram submetidos a uma serie de frases incompletas, nas quais foram completadas pelos *gays* e lésbicas individualmente. Tais frases, muita das vezes, se referiam à assuntos relacionados ao tema de pesquisa, isto é, à vida íntima e social e à experiência de vida. E por fim, os participantes foram solicitados a escrever sobre suas experiências do "sair do armário".

Após a organização dos dados assim como sua análise, as pesquisadoras trouxeram contribuições relevantes acerca da questão "sair do armário" para os homossexuais em geral. Elas objetivaram examinar como o processo de assumir uma identidade sexual afeta diretamente o psicológico do ser humano: o Desenvolvimento da Personalidade (Ego) e o Bem-Estar Subjetivo. Com os dados obtidos, puderam mapear o Ego e o Bem-Estar Subjetivo em três dimensões da vida, as quais são categorizadas pela "moção íntimas", "moção do poder" e "momentos difíceis"[7] (KING e SUMMER, op.cit, p. 281-282).

Segundo King e Summer, entende-se como "moção íntima" uma preocupação permanente com comprometimento de ter relações ou encontros íntimos com outras pessoas. Contudo, as relações íntimas não se restringem apenas à prática sexual. Essa moção é vista também como indivíduos procurando e 'curtindo' um amor, uma amizade ou sendo pertencente a uma família ou comunidade. Já a "moção de poder" se refere a uma recorrente preocupação do indivíduo em ter sua identidade sexual como *gay* ou lésbica impactante em

[7] Tradução livre: intimacy motive, Power motive and difficult times.

determinado ambiente social. Para as autoras, assumir-se para outros requer uma negociação de poder que, às vezes, pode ser facilitada ou dificultada dependendo da esfera social em que o homossexual transita. Quanto aos “momentos difíceis”, esses consistem nas experiências de vida da auto-aceitação e da reação social que, muitas das vezes, são marcadas pelo conflito.

Uma das principais conclusões dessa pesquisa foi detectar que indivíduos que descrevem suas experiências de “sair do armário” com tom positivo tendem a ser felizes e maduros. Por exemplo, se tais experiências estão associadas ao contexto de amor ou apoio de amigos ou sendo assertivos dos seus valores em relação aos outros, não apenas constituem histórias de indivíduos felizes. Isso em relação a ambos os sexos. Dessa forma, pode-se ver que quando “a moção íntima” está atrelada à experiência positiva, o desenvolvimento da personalidade (DE) e o Bem-Estar Subjetivo se mostram bastante altos, refletidos na felicidade e maturidade. As psicólogas justificam esse resultado pelo fato de, segundo elas, isso indicar um crescimento psicológico através do relacionamento de não só ser pertencente a um grupo, mas também à descoberta da auto-capacidade para o amor (KING e SUMMER, 2005, p.294).

Em contrapartida, em relação à “moção de poder”, essa se mostrou altamente desconexa ao Desenvolvimento da Personalidade e negativamente relacionada ao Bem-Estar Subjetivo. Segundo as psicólogas, isso pode ocorrer porque, por partes dos homossexuais, há uma tentativa de controlar o desejo e há uma reação social emocionalmente contrária no que tange à aceitação dos homossexuais na sociedade. Muitas das vezes, o poder mais frequente exercido sobre o indivíduo homossexual é aquele exercido pelos pais ou amigos, tentando mudar a orientação sexual do indivíduo homossexual (KING e SUMMER, 2005, p.292).

Em relação aos “momentos difíceis”, o Desenvolvimento da Personalidade (Ego) se mostrou diferente em relação aos gays e lésbicas ao assumir sua identidade sexual. Particularmente, a reação social negativa afetou positivamente as mulheres, enquanto que a mesma prejudica intimamente o Desenvolvimento da Personalidade (Ego) dos homens. Isso se deve ao fato de as lésbicas se considerarem como heroínas em suas experiências do “sair do armário”, o que reflete uma difícil jornada dentro do cenário social, ao passo que para os homens o baixo índice do ego está ligado à aceitação interna do gay, além da incorporação da rejeição social (KING e SUMMER, 2005, p.292).

Baseado nas conclusões de King e Summer, pode-se observar que o “sair do armário” pode ser entendido com uma dinâmica que abarca uma série de negociações de ordens simbólicas e práticas, podendo ocorrer em diversos níveis – da auto-aceitação ao desenvolvimento de um relacionamento até à negociação da identidade sexual com outra pessoa. Além disso, vê-se o “sair do armário” como um processo de transição de vida que implica diretamente ao comportamento psíquico emocional do indivíduo. Por conta disso, considera-se o trabalho das psicólogas importantes, pois nos ilumina como as emoções do homossexual podem oscilar, dependendo de qual esfera social o processo de “sair do armário” esteja ocorrendo

No âmbito brasileiro, um recente trabalho importante que trata a questão do “sair do armário” é o de Saggese (2009), que procura compreender as maneiras pelas quais os indivíduos considerados homossexuais “se descobrem” atraídos por pessoas do mesmo sexo e buscam meios de lidar com esse desejo. Ao mesmo tempo, procura entender como essa “diferença” se desloca do plano subjetivo e “fala de si”, um processo que ocorre de forma descontínua e incompleta, à medida que estratégias de manipulação e ocultação da identidade sexual frequentemente se mostram necessárias perante diversos círculos de sociabilidade, como: família, ambiente de trabalho e amigos. Saggese (op.cit) fundamenta-se majoritariamente no ramo da sócio-antropologia, o que permitiu depreender a existência, por partes dos homossexuais, de anseios por reconhecimento, aceitação e respeito e, além disso, um “mapeamento” das preocupações com a aparência, controle de gestos e trocas afetivas em lugares tidos como hostis a fim de reduzir os riscos de discriminação e violência.

Metodologicamente, Sagesse (op.cit) utiliza a entrevista semi-estruturada, conduzida entre os meses de abril de 2008 e outubro de 2009 com homens homossexuais entre vinte e seis e quarenta e dois anos de idade, oriundos da camada média baixa do Rio de Janeiro e adjacências. A seleção dos entrevistados foi realizada primeiramente por indicação.

Uma das mais principais contribuições de Saggese (op.cit) é identificar que a esfera familiar é um dos mais importantes nichos onde a gestão da homossexualidade aparece como problema central, ajudando muitas vezes a moldar a percepção que se tem de si mesmo (Saggese, 2007, p.54). Percebe-se que a questão de “assumir-se” é fortemente problematizada no ambiente familiar. Com isso, as estratégias adotadas para manipular o processo de “sair do armário” se fazem geralmente pela necessidade de ocultar desejos e práticas homossexuais.

Em contrapartida, Saggese (op.cit) constatou que, diferente à família, os círculos de amizade e o ambiente profissional parecem constituir nichos onde assumir a homossexualidade é possível e, em alguns casos, até mesmo desejável com diferentes objetivos (2009, p.70). O autor ainda aponta que os mecanismos adotados para manipular a "saída do armário" na esfera escolar e educacional eram marcados pela "des-aprendizagem", no qual o individuo estigmatizado decide não mais encobrir o seu segredo após um longo aprendizado de ocultação; pela solidariedade entre grupos de amigos, especificamente homossexuais, para a construção de um sentimento de menor hostilidade em relação à opressão do ambiente externo, permitindo uma integração e uma manutenção da identidade do grupo; e por fim, a "auto-afirmação", sem permitir a chance de ser "desmoralizado" por constrangimentos inesperados.

A partir de um plano mais geral, Saggese (op.cit) mapeia as manipulações adotadas para minimizar os riscos, tais como: de violência física e de comentários discriminatórios e preconceituosos. Primeiramente, observa que os homossexuais vivem em uma constante mutação nas relações a fim de transitar no espaço público e privado; evitam lugares onde há restrições quanto a beijar e abraçar o companheiro. Além disso, ponderam na aparência assim como controlam gestos em maior ou menor grau de afetação. E, assim, manter uma aparência de masculinidade.

Destaca-se a importância do estudo de Saggese (op.cit), pois, além de trabalhar com a questão do "sair do armário" com brasileiros, especificamente do Rio de Janeiro, ele fornece uma mapeamento de quais esferas da vida social o "ser *gay*" é marcado por conflito e pela problematização.

Finalmente, voltando aos estudos linguísticos, um trabalho relativamente recente sobre "sair do armário" é o de Balocco (2005), o qual se debruça sobre os estudos de gêneros textuais com base na perspectiva discursivo-semiótica de Kress, a fim de configurar as histórias de "sair do armário" como um recurso representacional.

Para tanto, a autora aborda algumas ideias fundamentais de Kress e as aplica em histórias de experiência pessoal de indivíduos do sexo feminino que revelaram sua orientação homossexual. Entretanto, por conta das limitações de espaço do artigo, é analisada apenas uma narrativa, a qual faz parte de uma matéria de capa publicada na revista Época, n.22, 19 de agosto de 2002, intitulada "As homossexuais brasileiras ocupam espaço público e afirmam sua orientação sexual com dignidade". Dessa forma, Balocco inicia por situar o trabalho de

Kress numa perspectiva histórica em relação à Análise Crítica do Discurso. Posteriormente, analisa uma pequena narrativa baseada no quadro de referência para o estudo de gêneros textuais, proposto pelo autor, buscando discutir as relações entre gênero e identidade. Por fim, são feitas algumas considerações sobre os direcionamentos da teoria, indexando de que forma a teoria articula-se com outros estudos inseridos nos debates sobre os gêneros textuais.

Uma das principais contribuições do aporte teórico utilizado por Balocco (op.cit) é a noção de que os textos, de modo geral, são condicionados por outros discursos e gêneros. Na narrativa analisada em questão, as posições dos sujeitos emergem não apenas das relações sociais que se estabelecem no interior de determinado evento social, mas também de significados mais amplos de determinada cultura.

Nessa perspectiva, é visto como os atores sociais (sujeitos) criam novos recursos representacionais e novas subjetividades. Uma narrativa de "sair do armário", segundo Balocco (op.cit), pode ser vista como um recurso representacional que constrói não apenas um novo sujeito do discurso, mas também uma nova forma de representação de uma determinada categoria social. Em outras palavras, o indivíduo, ao relatar uma história, se constitui como sujeito do seu próprio discurso e, também, representa vários sujeitos que tiveram uma experiência similar a ser narrada. Portanto, as histórias analisadas por Balocco não somente simbolizam a experiência pessoal de uma mulher que resolveu assumir sua orientação sexual o seu próprio discurso no ato, mas também remetem a um discurso mais amplo, de um grupo social que tiveram a mesma experiência, isto é, das mulheres em questão.

O estudo de Balocco é importante nesta dissertação porque me ajuda a ver que as histórias narradas para nossa pesquisa são discursos que representam não só aos sujeitos da pesquisa, como também os deslocam a um determinado grupo. Assim, há co-construção de identidades: a do sujeito homoerótico masculino, morador da zona norte do Rio de Janeiro e a de uma comunidade, onde um grupo de pessoas compartilha determinados valores e ideologia.

Foi visto que, por esse breve percurso, muitos trabalhos têm discutido diversos aspectos das histórias de "sair do armário" e demonstrado que tal prática não é apenas assumir publicamente uma identidade. Outras séries de questões estão envolvidas nesse ato. A começar pelo processo de identificação de um *gay* que é refletido nas suas histórias de "sair do armário": auto-aceitação, revelação para os outros, a inserção em um grupo. Além disso,

há as diversas oscilações de emoções pelas quais o indivíduo passa, dependendo de qual esfera social sua identidade sexual está sendo revelada.

Além dos aspectos estruturais e discursivos das histórias de “sair do armário”, há de mencionar as contribuições fornecidas a esta pesquisa pelos estudos em tela para reflexão sobre o instrumento para a coleta de dados e análise da organização dos mesmos. Foi mostrado em um dos estudos que um dos métodos de coleta apropriados pode ser a ‘entrevista semi-estruturada’ ou a ‘elicitação’ em algum grupo de correspondência eletrônica. Quanto ao modelo analítico para a organização das histórias, foi visto no estudo Wood (op.cit), que o modelo laboviano nem sempre pode ser eficaz funcionalmente ao detectar os propósitos dos elementos da narrativa, especialmente no que tange ao posicionamento dos outros participantes da narrativa.

Embora todos os estudos até aqui mostrados nos fornecerem subsídios de como desenvolver uma análise sobre narrativas de “sair do armário”, esta pesquisa fornece contribuições não somente de como conduzir uma análise dessa natureza, mas, sobretudo, por analisar de forma holística essas narrativas de tema polêmico no contexto brasileiro no século XXI. Portanto, ressalto os propósitos desta pesquisa que visa mapear os padrões recorrentes da organização nas histórias “sair do armário”, mas também lançar um olhar micro à linguagem da avaliação contida nas mesmas.

Antes de prosseguir com o enlace analítico das histórias em questão, será descrito, no capítulo seguinte, o percurso da execução deste estudo, provendo um detalhamento do método utilizado para coleta de dados, dos procedimentos analíticos e a natureza desta pesquisa.

2 METODOLOGIA E APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Conforme mencionado anteriormente, este capítulo destina-se a apresentar os dados, assim como descrever os métodos e os procedimentos analíticos utilizados para a realização desta pesquisa. Serão sinalizadas aqui as decisões tomadas no decorrer do estudo para adequar algumas propostas teórico-metodológicas, com os objetivos subjacentes a este trabalho. Assim, nesta seção, será apresentada a descrição do *corpus*, o instrumento para a coleta de dados e o passo a passo da condução analítica.

2.1 Corpus

O *corpus* desta pesquisa consiste de 7 (sete) depoimentos de homossexuais assumidos do sexo masculinos, oriundos da cidade do Rio de Janeiro. Os depoimentos foram obtidos por meio de Entrevista Narrativa (EN) e submetidos a três etapas de análise: uma para mapear a organização, uma para radiografar os itens lexicais e outra para analisar os aspectos avaliativos dos itens lexicais predominantes. Em outras palavras, comecei por olhar o texto em seu nível macro, descendo a um nível do léxico, mas me concentrando naquele léxico mais frequente nos sete textos. Após isso, investiguei que tipo de linguagem avaliativa estaria porventura presente nesse léxico.

Contudo, é importante ressaltar que o primeiro passo da pesquisa, isto é, a coleta dos dados, não foi uma tarefa fácil. Antes da EN ser efetivamente escolhida como método de coleta de dados, passaram-se quase dois meses, tentando, em vão, obter os dados através de coleta pela internet, através do blog chamado *Minha Vida Gay*.

O uso da internet para obtenção dos dados para compor meu *corpus*, ao contrário do que eu esperava, não deu o resultado positivo esperado. Inicialmente, pensei na criação de um espaço virtual, no qual homossexuais em questão pudessem escrever suas histórias de “sair do armário”. Assim sendo, seriam economizados tempo e esforços na coleta de dados, além de ter garantida anonimidade para os depoentes.

Foi conseguida a permissão de usarmos o blog *Minha Vida* Gay, um blog dedicado a discussão das questões *gays*. Com o apoio do blogueiro dono do Blog, que relatou a sua própria experiência, começaram a surgir narrativas pessoais escritas. Entretanto, o material

colhido não continha qualquer indicação de faixa etária ou da localização dos depoentes, o que impunha ao material muitas variáveis para análise. Passei a divulgar o blog através de e-mails e em rede sociais, e até com uso de panfletos circulados na universidade, na qual fazia o curso de mestrado, onde explicava que haveria anonimidade, mas que era necessária a identificação da idade e localização.

Para minha decepção, passaram-se duas semanas, um mês, dois meses de divulgação, e apenas um depoimento foi escrito no ambiente digital. Finalmente optei por outro método de coleta, a Entrevista Narrativa.

Foi pertinente a exposição dessa etapa da pesquisa para salientar que o uso da internet para obtenção de narrativas pessoais pode não ser o melhor caminho, para quem objetiva colher histórias de cunho sensível, por conta do resultado incipiente obtido quando instados a contribuir com material pessoal. Optei pela Entrevista Narrativa para, de fato, ter a experiência do "sair do armário" narrada em sua íntegra, ainda que o processo de transcrição fosse mais trabalhoso. Portanto, no item a seguir, a Entrevista Narrativa será explicada e serão descritas as etapas de sua condução de modo geral.

2.1.1 Entrevista Narrativa

A Entrevista Narrativa (doravante EN) visa criar uma situação que encoraje e estimule o entrevistado a contar uma história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social (JOVCHELOVITCH e BAUER, 2008, p.90). Seu princípio básico é reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes, tão integralmente quanto possível.

A EN pode ser utilizada como uma alternativa às entrevistas semi-estruturadas (FLICK, 2009, p.164). Essa técnica parte do ceticismo de até que ponto é possível obter as experiências subjetivas no esquema de perguntas e respostas das entrevistas tradicionais, ainda que esse seja de uma forma flexível. Com uso de narrativas, o pesquisador tem a possibilidade de abordar o mundo empírico até então estruturado do informante, de forma abrangente.

Esse método para coleta de dados é introduzido, em um manuscrito não publicado, pelo sociólogo alemão Schütze por volta dos anos 70. O sociólogo desenvolve uma proposta

sistemática para criar narrativas com fins de pesquisa social. Suas propostas difundiram-se abrangentemente como uma literatura não oficial e se tornaram foco de um verdadeiro método de pesquisa em comunidade na Alemanha.

No âmbito nacional, o método de Schütze surge, especialmente, através de dois capítulos referenciais neste trabalho para decorrer sobre EN: “Entrevista Narrativa” de Jovchelovitch e Bauer, presente no manual organizado por Bauer e Gaskell (2002) e “Narrativas” de Flick em *Introdução à pesquisa qualitativa* (2009). Ambos os capítulos apresentam brevemente características e os procedimentos da técnica EN assim como algumas considerações sobre a estrutura da narrativa do conhecimento.

A EN se processa por meio de quatro estágios: iniciação, narração, questionamento e fala conclusiva. Contudo, antes dessas fases, o entrevistador deve ter preparado uma “pergunta gerativa de narrativa” (RIEMANN e SCHÜTZER, 1987, p.353 *apud* FLICK, op.cit, p.165). Como o próprio nome da pergunta já diz, ela é a questão que vai gerar a narrativa. De acordo com Jovchelivitch e Bauer (op.cit, p.97), a pergunta gerativa tem a natureza exmanente, ou seja, refere-se ao tópico de estudo e estimula a narrativa principal do entrevistado. Em outras palavras, a pergunta exmanente cumpre o papel de expor ao entrevistado uma formulação convincente do tópico central, designado a provocar uma narrativa reportável.

No decorre da EN, ocorrem dois tipos de pergunta: exmanente e imanente. Primeiramente, inicia-se com a pergunta exmanente para apresentar o tema e começar narrativa. Em seguida, quando a narrativa chega ao seu desfecho, aplicam-se as perguntas imanentes. Essas são perguntas que convidam o narrador a voltar em algum ponto da narrativa que não ficou claro no contexto global da narração. Elas são formuladas exclusivamente a partir da própria linguagem do entrevistado e acionadas logo após da narração, na fase do questionamento.

A fase da narração é a produção do relato espontâneo do entrevistado sobre sua vida, isto é, o evento importante que interessa ao entrevistador. Nesse momento, a intervenção do entrevistador é a mais mínima possível, com o apoio não verbal ou para-linguísticos (“hmmm”, “sim”, “sei”), até a indicação de finalização por parte do narrador *“Coda”*.

Entretanto, a intervenção, no decorrer na narração, só é necessária quando o entrevistador não é capaz de compreender o conteúdo relatado, quando então, pede esclarecimentos.

Na fase do questionamento, as perguntas imanentes entram em ação. Mas, antes de iniciar os questionamentos, o entrevistador tenta investigar algo mais com as possíveis perguntas: “É tudo o que você gostaria de me contar?” ou “Haveria ainda alguma coisa que gostaria de me dizer?” (JOVCHELOVITCH e BAUER, op.cit, p.99), para comprovar com clareza o fim da narrativa central. Posteriormente, o entrevistador, com a utilização da própria linguagem do informante, lança algumas perguntas referentes a potenciais narrativos da história contada, que se revelam em alusões, ambiguidades, e passagens implausíveis. Perguntas potenciais são: “Que aconteceu então quando ...?”; O que você quis dizer com ...?”; “Não compreendi quando você disse ...”.

Em seguida, formulam-se também perguntas descritivas sobre situações vividas, sobre outras pessoas, sobre relações sociais e etc. Por exemplo, são elaboradas perguntas como: “Como as pessoas faziam para ... naquele tempo?”; Como lidavam com ...”?; “Como eram relações entre ... naquela situação?”.

No momento de questionar, Jovchelovitch e Bauer (op.cit, p.99) ainda sugerem que se evitem perguntas do tipo “por que?”, que não se façam perguntas diretamente sobre opiniões e atitudes e não se apontem contradições na narrativa para evitar um clima de investigação detalhada. Além de reiterar algo mal compreendido na narrativa, os autores supracitados caracterizam também a fase do questionamento como um momento para eliciar material novo ou adicional além do esquema auto-gerador da história.

Por fim, na fase da fala conclusiva, o entrevistador cessa a gravação e faz perguntas que interessam ao pesquisador. Nesse momento, são permitidas perguntas do tipo “por quê” para gerar respostas de argumentação, racionalização e teorização. Os narradores costumam revelar teorias e explicações sobre si mesmos e de ações sob a forma de comentários argumentativos.

Resumidamente, as fases principais da Entrevista Narrativa se estruturam das seguintes formas, como mostrado no Quadro 1. Salienta-se que para cada uma dessas fases, é sugerido um determinado número de regras. As regras não são tanto para induzir um compromisso cego de tais, mas elas propõem um guia e orientação com fim de obter uma

narração rica sobre um tópico de interesse, assegurando o distanciamento do esquema pergunta-resposta da entrevista. O acompanhamento dessas regras certamente garante ao entrevistador uma situação isenta de constrangimento, o que manterá a disposição do entrevistado de contar uma história de acontecimentos importantes.

Fases	Regras
Preparação	Formulação da questão exmanente
1. Iniciação	Formulação do tópico inicial pra narração
2. Narração central	Não interromper Somente encorajamento não verbal para continuar a narração Esperar para os sinais de finalização (“coda”)
3. Questionamento	Somente “Que aconteceu então?” Não dar opiniões ou fazer perguntas sobre atitudes Não discutir sobre contradições Não fazer perguntas do tipo “por que?” Ir de pergunta exmanente para imanentes
4. Fala conclusiva	Para de gravar São permitidas perguntas do tipo “por que?” Fazer anotações imediatamente depois da entrevista.

Quadro 1 – Fases da entrevista narrativa adaptado de Jovchelovitch e Bauer (op.cit, p.97)

2.2 **Participantes da pesquisa**

Após a escolha do instrumento para coletar os dados, foram escolhidos os sujeitos para entrevista: foram selecionados indivíduos homossexuais do sexo masculino que já tinham passado pela experiência de assumir sua identidade, ou seja, “sair do armário.” No quadro abaixo, traça-se um perfil sucinto sobre cada membro desse grupo, atribuindo-lhes

classificações de **Sujeito. #**, a fim de resguardar suas verdadeiras identidades. Vale ressaltar que o número após de **Sujeito.** (depoente ou depoimento) refere-se à ordem em que o sujeito foi entrevistado.

Número de Sujeitos	Idade	Origem do Rio de Janeiro	Grau de escolaridade	Profissão	Realização da Entrevista	Duração da entrevista
Sujeito. 1	25	Zona Norte	Nível Superior	Professor	Jun/2012	17’38’’
Sujeito. 2	25	Zona Norte	Nível Superior	Instrutor de Artes	Jun/ 2012	19’ 41’’
Sujeito. 3	28	Zona Norte	Nível Superior	Professor	Jun/ 2012	36’ 35’’
Sujeito. 4	28	Zona Norte	Nível Superior	Policial / Professor	Jun/2012	59’ 50’’
Sujeito. 5	27	Zona Norte	Nível Superior	Professor	Set/ 2012	15’ 43’’
Sujeito. 6	23	Zona Norte	Nível Superior	Universitário	Nov/ 2012	22’ 20’’
Sujeito. 7	30	Zona Norte	Nível Superior	Produtor teatral	Nov/ 2012	36’ 28’’

Quadro 2 – Perfil dos participantes da pesquisa

Com base no quadro acima, infere-se que os sujeitos desta pesquisa têm a idade entre os vinte e trinta anos, são moradores da zona norte do Rio de Janeiro, têm nível superior completo, tendo participado da entrevista no ano de 2012 com uma variação de tempo entre aproximadamente de 15 minutos a 1 hora.

Após ter já em mente os indivíduos que seriam submetidos à entrevista, o passo seguinte foi realizá-la com algumas adaptações a serem narradas e justificadas na próxima seção.

2.3 **Realização da EN e Suas Adaptações**

Apesar de nunca ter tido uma experiência como entrevistador, ainda mais de forma científica, procurei me esforçar para que as entrevistas fossem realizadas da melhor maneira possível. Para tal, estabeleci alguns critérios básicos: primeiramente, que todas fossem executadas em lugar silencioso, de modo que ruídos externos não interferissem na compreensão posterior do que estava sendo gravado. Acrescido a isso, todos os entrevistados foram informados acerca do tema geral da pesquisa, e me coloquei à disposição para qualquer esclarecimento que porventura desejassem, oferecendo inclusive uma cópia da dissertação após o término da mesma e o convite para assistirem à defesa. Em todos os casos, o primeiro contato foi por telefone. À medida que entrevistava um, sempre havia, por parte do entrevistado, indicações de outros sujeitos. Facilmente, entrei em contato com os indicados, pois faziam parte do mesmo círculo de amizade.

Na maioria das vezes, consegui realizar as entrevistas da maneira que esperava: em ambientes tranquilos e com pouca interferência de ruídos externos (na minha casa ou no meu trabalho, com exceção da primeira entrevista).

A primeira entrevista ocorreu na rua, especificamente, no portão da casa do entrevistado. A segunda, a terceira e a quarta entrevista foram realizadas no meu ambiente de trabalho, em um local silencioso. Já a última ocorreu na minha casa inesperadamente. Certo dia, um amigo me fez uma visita para jogar conversa fora e, no decorrer do papo, perguntei-lhe se ele gostaria de me contar sua experiência do “sair do armário”. Ele aceitou o convite na hora.

Em todas as entrevistas, todas as etapas foram baseadas nas fases da EN, porém com algumas adaptações nas abordagens. Primeiramente, expliquei brevemente o tema da pesquisa, a qual tratava de narrativas de “sair do armário”. Optei por não entrar em detalhes sobre o objetivo da pesquisa para não influenciar a forma que eles contariam as histórias.

Em seguida, introduzi a pergunta gerativa de narrativa (PGN), conforme o Quadro 3:

Quero que me conte uma história que faz parte da sua vida, especificamente, o momento em que você assumiu sua opção sexual, isto é, “saiu do armário”. A melhor maneira de fazer isso seria você começar pelo momento em que você viu a necessidade de “sair do armário”, e, então, passar a contar todas as coisas que aconteceram, uma após a outra, até o dia de hoje. Você pode levar o tempo que for preciso para isso, podendo também dar detalhes, pois tudo que for importante para você me interessa.

Quadro 3 – Pergunta Gerativa Narrativa

Após apresentação da PGN, a narrativa foi iniciada assim como a gravação. Na fase da narração, intervim o mínimo possível, apenas em casos que havia muitos participantes na narrativa e precisava, então, perguntar a quem estava se referindo. Outro momento de intervenção ocorreu quando eu utilizava a técnica do “*eco*”, isto é, a repetição dos últimos vocábulos ou de todo o último enunciado, para ora o informante dar prosseguimento na narrativa ora para explicar alguma proposição que não estava clara.

No decorrer da narração, outros recursos utilizados para manter o fluxo da narrativa foram constantes expressões paralinguísticas (“hmmm”, “sei”, “sim”) junto às faciais (espanto, curiosidade, felicidade etc.). Quando o entrevistado chegava ao fim de sua narrativa, eu perguntava se tinha algo mais para contar: “Tem mais alguma coisa?”

Como a EN é um método passível de adaptações, algumas modificações foram feitas a partir da fase de narração. A maioria dos entrevistados se dispôs a dar a entrevista geralmente num horário muito curto de seus tempos livres. Por conta disso, não podia me estender muito com a entrevista e, assim, algumas alterações foram feitas no modo de como conduzir a fase questionamento e fala conclusiva.

Como a preocupação maior era a obtenção das narrativas, não me preocupei muito com os questionamentos e as falas conclusivas. Entretanto, quando essas fases foram realizadas, em especial a do questionamento, era hora para voltar em algum ponto da narrativa que não foi compreendido ora para pedir ao entrevistado para fazer uma reflexão de sua vida atual após a “saída do armário”. Ressalta-se que essas adaptações foram realizadas em função do tempo disponível dos participantes da pesquisa.

2.3.1 Limitações da EN

Como qualquer método de investigação, a EN também apresenta algumas limitações em sua utilização. São restrições que partem desde suas considerações acadêmicas, de modo geral, como um método até na hora de sua realização. No entanto, seus aspectos negativos referentes às proposições da EN como instrumento de coleta de dados são facilmente argumentados.

Conforme visto nas adaptações feitas no decorrer do uso da EN, um aspecto negativo em conduzi-la refere-se à incompatibilidade de tempo/agenda entre o entrevistado e o entrevistador. Muitas das vezes, encontrava-me livre para realizar a entrevista enquanto os meus entrevistados estavam com suas agendas comprometidas ou vice e versa. Algumas vezes, a entrevista era marcada com antecedência, mas desmarcada no dia por fatores profissionais ou particulares.

Outra limitação, de cunho mais teórico, está relacionada à veracidade dos fatos relatados. Segundo Flick (2009, p.171), um problema que dificulta a realização de algumas alegações em relação à validade dos dados é a suposição de que a estrutura da narração e a experiência vivida se relacionam de forma análoga. Na verdade, deve-se partir do pressuposto de que a narrativa é construída de uma forma específica durante o processo de narração. Assim, conforme salientam Jovchelovicht e Bauer (op.cit, p.101)

> O entrevistador deve, pois, ser sensível ao fato de que a história que ele obterá é, até certo ponto, uma comunicação estratégica, isto é, uma narrativa com o propósito tanto de agradar ao entrevistador, quanto de afirmar determinado ponto, dentro de um contexto político complexo que pode estar sendo discutido.

Ainda sobre a questão da validade dos dados, ressalta-se que mesmo o entrevistador fale sobre algum evento vivido de forma estratégica, ele pode dar pistas linguísticas de como ele organiza e avaliar tal experiência. Para esta pesquisa, é essa organização e avaliação que estão em cheque, quando os sujeitos são solicitados a falar sobre sua experiência de “sair do armário”, portanto, há que se tomar o maior cuidado para não influenciar o entrevistado.

Outro problema, de caráter mais prático, diz respeito à mera quantidade de material textual nas transcrições de EN. Por conta da entrevista não seguir uma estruturação das entrevistas semi-estruturadas, a textura da narrativa apresenta estruturação menos óbvia, como

por áreas por tópicos ou por perguntas do entrevistador. Flick (op.cit, p.171) ainda afirma que "a massa pura de texto não-estruturado gera problemas em sua interpretação."

Para esse último aspecto negativo, é um dos fatores que torna este trabalho desafiador, já que um dos seus objetivos é verificar de que maneira as histórias de "sair do armário" são organizadas e se há padrões recorrentes tanto na organização da narrativa quanto na utilização do léxico. Essa discussão será esmiuçada no capítulo 3 referente à organização da narrativa. No entanto, antes de prosseguir com as análises, será descrito o passo a passo dos procedimentos analíticos.

2.4 **Procedimentos Analíticos**

Por conta da extensão das narrativas obtidas pela EN, a grande dificuldade foi saber de que forma o *corpus* poderia ser explorado. O grande número de possíveis maneiras de olhar para a narrativa é também um fator importante para vê-la como campo fértil de estudo (SHEPHERD, 1988, p.2). Por essa razão, inúmeros modelos análiticos são elaborados para investigar a narrativa a partir de um específico ângulo que a mesma pode ser observada, conforme o Quadro 4:

O narrador → quem conta a história
O narratário → quem escuta/ler a história
O evento → o que acontece na história
Os atores → sobre quem é a história
A estrutura → o possível padrão que liga os eventos

Quadro 4 – Ângulos de análise para narrativas baseado em Shepherd (op.cit)

Com base nas possibilidades de análise sinalizadas por Shepherd (op.cit), esta pesquisa apoiu-se nos modelos analíticos destinados à organização da narrativa, ao narrador, ao evento e aos atores, já que uns dos objetivos deste trabalho é mapear a estrutura genérica narrativa das histórias de "sair do armário" e de que forma tais experiências são avaliadas pelos *gays*. Contudo, o Quadro 4 não sinaliza a possibilidade de uma análise lexical em massa, mostrando-se incompleto para este estudo. Por conta disso, o quadro foi atualizado, incluindo uma nova possibilidade de observar narrativas. Trata-se de uma análise digital do

léxico que compõe tais histórias, que indiretamente leva às atitudes do narrador. Assim o quadro de Shepherd pode ser reescrito como:

O narrador → quem conta a história
O narratário → quem escuta/ler a história
O evento → o que acontece na história
Os atores → sobre quem é a história
A estrutura → o possível padrão que liga os eventos
O léxico → possível atitude do narrador

Quadro 5 – Atualização dos ângulos de análise para narrativas

Portanto, não perdendo de vista as perguntas de pesquisa, a análise focou em quatro ângulos, dividindo-se em três etapas: a organização para mapear os possíveis padrões narrativos nas histórias de "sair do armário", **o léxico**, para verificar a frequência e densidade lexical das histórias e o **narrador** e os **atores**, para analisar os posicionamentos atitudinais dos participantes de tal experiência. Os procedimentos tomados para as três etapas analíticas são descritos nos sub-itens a seguir:

2.4.1 Organização das Histórias de "Sair do Armário"

Com o intuito de mapear a organização narrativa genérica nas histórias de "sair do armário", essa seção procurou dar lhes um tratamento sistemático para identificar que padrões narrativos as caracterizam. Para tanto, primeiramente, contemplou-se o tradicional quadro téorico-descritivo de Labov e Waletzky (1967) e Labov (1972), por ser vastamente usado nas análise das ditas narrativas de experiência pessoal (*narrative of personal experience*).

As histórias orais foram gravadas e posteriormente, ao serem transcritas, foram segmentadas por unidades de informação e numeradas em ordem crescente. É importante ressaltar que, ao transcrever, não houve preocupação com regras de transcrição de prosódia, pois, uma análise que envolvesse esses aspectos extrapolaria o tempo permitido para o término de uma dissertação de mestrado. Dessa forma, as histórias foram transcritas da maneira que foram proferidas, incluindo-se apenas alguns marcadores que facilitassem a compreensão e a análise, a saber: a) aspas, quando se tratava de discurso direto; b) vírugulas,

pontos finais, pontos de interrogação e pontos de exclamação, que foram usados com as regras de lingua escrita para indicar perguntas, surpresas e pequenas pausas.

Após, todas as histórias serem transcritas, foram então segmentadas em termos das categorias labovianas – *Resumo, Orientação, Complicação, Avaliação, Resolução* e *Coda*. Como exemplo, podemos citar o recorte a seguir:

227	E até foi interessante porque eu conheci uma menina que ela sentiu que eu era gay, né,	**Or/Av**
278	e ela ficou comigo mesmo assim.	**Av**
279	Eu achei super bacana, assim.	**Av**
280	Mas eu não consegui enganá-la, né.	**C**
281	Eu tava vendo que ela estava gostando de mim de verdade.	**C**
282	Eu também estava gostando dela,	**C**
283	mas não ia rolar nada porque não tinha como ser namorado dela.	**C**
284	Não tinha, cara.	**C**
285	Eu ia, eventualmente, ficar com outros caras	**C**
286	ou pelo menos sentir muita atração	**C**
287	e eu não ia conseguir fazer isso escondido dela, sabe.	**C**
288	Acharia muita hipocrisia.	**Av**
289	Então, eu simplesmente, falei para ela: “olha, não dá”	**Res/Av**
290	“não dá para a gente ficar junto”.	**Res/Av**
291	Foi chato para ela.	**Av**
292	Eu não pude fazer nada.	**Av**
293	Eu fiquei chateado também.	**Av**
294	Se eu fosse realmente heterossexual, eu gostaria que desse certo, assim.	**Av**
295	Hoje em dia, ela é a minha melhor amiga	**Co**
296	Sempre quando tenho problemas, converso com ela	**Co**

Cada uma das histórias foi segmentada, com as categorias de Labov, muito foi iluminado no que tange à macro-organização das histórias de “sair de armário”. Contudo, o modelo de Labov perdeu de vista determinadas relações nessas histórias. Em nenhum momento, o modelo de Labov permite que se atribua a outros Atores que não ao narrador uma reponsabilidade pela Complicação, Resolução e pelas *Avaliações* tanto interna ou externa das histórias. Por conta disso, este trabalho recorreu a um quadro téorico chamado de Padrões Textuais. (HOEY, 1983; 2001) e principalmente a um padrão chamado Problema-Solução, que forneceu a possibilidade de atribuição de responsabilidade para cada uma das fases da narrativa: quem complica, quem resolve, quem avalia.

O Padrão Problema-Solução é responsável em organizar e descrever certos tipos de discurso, em especial, o discurso narrativo. Esse padrão parte do princípio de que o discurso narrativo geralmente se materializa por meio de orações que descrevem uma Situação, que indicam um Problema, resolvido por uma Solução, seguida por uma Avaliação Positiva, e nesse caso o padrão finda, ou Negativa, e nesse caso o padrão se recicla.

Para um primeiro nível de organização de dados de análise, cada sentença ortográfica, em todos os discursos, foi numerada por facilidade de referência (HOEY, 1983, p.63). Assim, o *corpus* organiza-se conforme no exemplo, a seguir:

(211) E quando fiquei com uma menina (212) E até foi interessante porque eu conheci uma menina que ela sentiu que eu era gay, né? (213) e ela ficou comigo mesmo assim. (214) Eu achei super bacana, assim. (215) Mas eu não consegui enganá-la, né? (216) Eu tava vendo que ela estava gostando de mim de verdade. (217) Eu também estava gostando dela, mas não ia rolar nada porque não tinha como ser namorado dela. (218) Não tinha, cara. (219) eu ia, eventualmente, ficar com outros caras ou pelo menos sentir muita atração e eu não ia conseguir fazer isso escondido dela, sabe. (220) Acharia muita hipocrisia. (221) Então, eu simplesmente, falei para ela: "olha, não dá, não dá para a gente ficar junto". (222) Foi chato para ela. (223) Eu não pude fazer nada. (224) Eu fiquei chateado também.

Após de ter as sentenças numeradas, foram criados, de forma hierárquica, quadros tematizados, classificando as orações com base nas categorias referentes ao Padrão Problema-Solução (Situação, Problema, Solução e Avaliação) como ilustrado na figura abaixo:

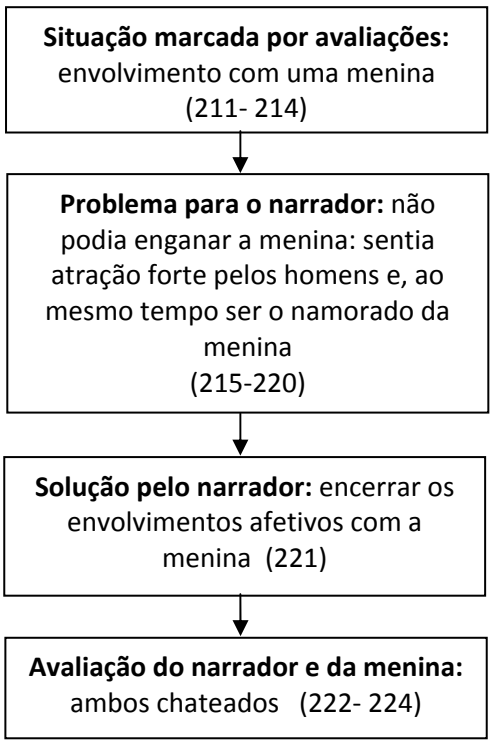


Figura 1- Modo de organizar dados no Padrão Problema-Solução.

A análise por meio desses dois quadros teórico-descritivos, muito foi enriquecida no que tange à organização das histórias de “sair do armário”, vista por uma perspectiva macro-organizacional com uso do modelo laboviano e por uma micro-organizacional com a aplicação do Padrão Problema-Solução. Um exemplo a ser dado é de haver certos padrões narrativos recorrentes nas histórias sob investigação. A análise e os resultados podem ser vistos no capítulo 3 correspondido à “A organização das histórias de “sair do armário”: uma análise organizacional sob os esquemas de Labov e Hoey.”

Ainda na micro-análise, houve o interesse de investigar quais itens lexicais referentes aos participantes seriam recorrentes nas setes histórias em questão. Isso porque na transcrição notou-se que os narradores se referiam repetidamente a determinados atores. Tratou-se, então, de uma análise à nivel do léxico, cobrindo sua frequência e densidade. Para essa etapa analítica, o procedimento é descrito no sub-item a seguir:

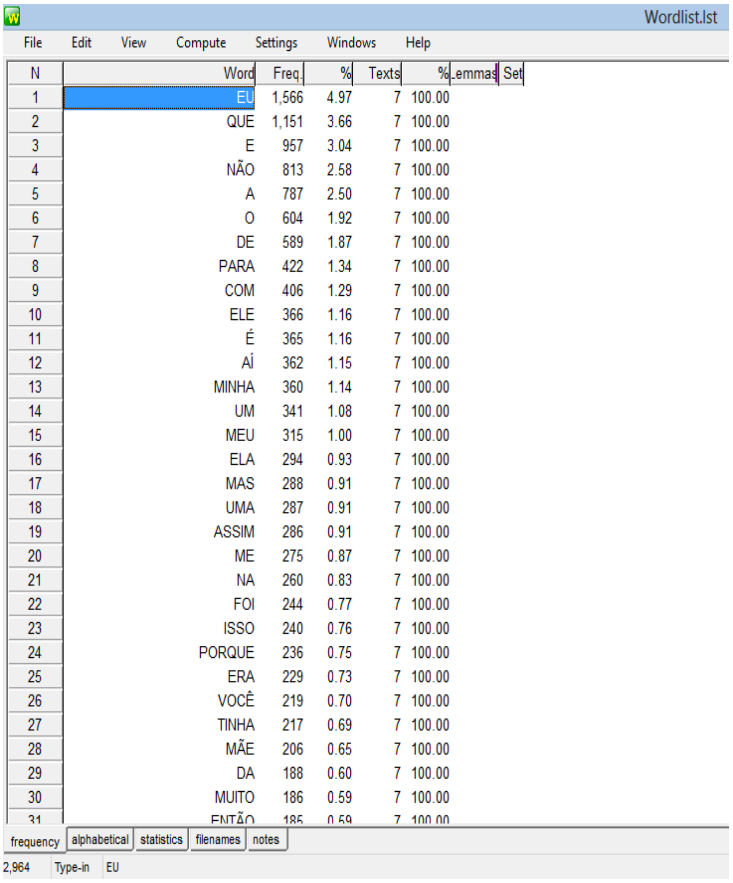
2.4.2 Análise Lexical das Histórias de “Sair do Armário”

Com uso do conjunto de programas chamado *Wordsmith Tools* versão 5.0 foi possível explorar eletronicamente a grande quantidade de textos já transcritos, possibilitando uma análise coletiva das histórias em pouco tempo. Para realização dessa análise, os textos, que antes estavam em formato *Word*, foram covertidos em *txt* para serem rodados no programa. Após convertidas as histórias, elas foram salvas individualmente e nomeadas como **story#**, sendo o sinal *hashtag* o número da ordem em que o depoimento foi colhido. Há de se ressaltar que, ainda, nessa preparação de análise, preferiu-se também não seguir regras de trancrições rígidas, pois o *corpus* submetido a esse programa computacional é sensível a certos símbolos de transcrições de dados orais, por exemplo, os sinais de maior e menor “< >”que apagam qualquer sequência linguística que estiver entre os mesmos.

Feito isso, o próximo passo foi entender a função do conjunto de ferramentas disponíveis no *WordSmith 5.0*. Esse programa disponibiliza três tipos ferramenta digitais que observam como as palavras se comportam em textos (SCOTT, 2010, p.2), a saber: *Wordlist*, que computa os mais frequentes itens lexicais ou grupos lexicais, sentenças e paragráfos, fornecendo dados estatísticos para cada um desses itens; *Concord*, que fornece qualquer item lexical de busca acompanhado do seu contexto; *keyword*, que permite identificar as palavras-

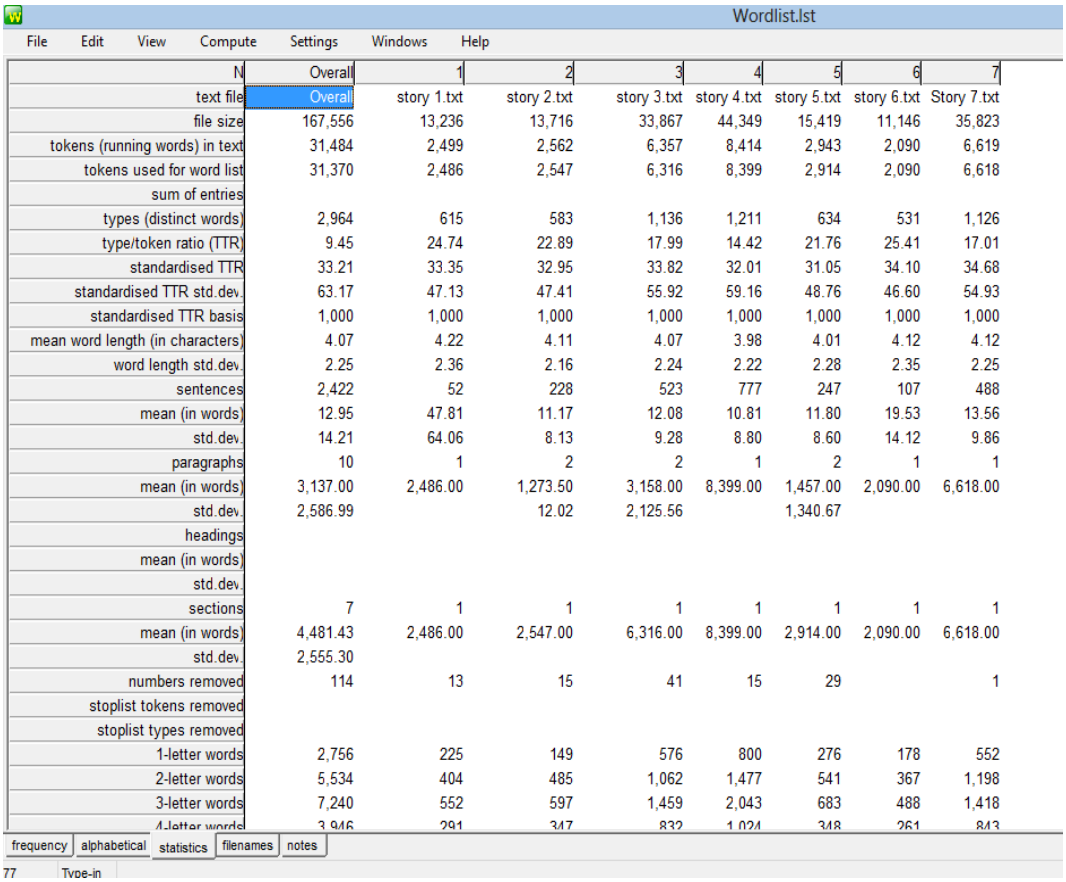
chaves que representa uma determinada coletânia de textos. Para este trabalho, foram apenas utilizadas as duas primeiras ferramentas.

Decidido quais ferramentas seriam acionadas, foi feita a inserção dos dados em *txt* para rodá-los no programa. Primeiramente foram extraídas listas de palavras, através da ferramenta *Worlist*, que computou as palavras mais frequentes e forneceu informações estatísticas a respeito de cada história individualmente, como podem ser vistas, respectivamente nas Figura 2 e Figura 3, mas discutidas no Capítulo 4:



N	Word	Freq.	%	Texts	%.emmas	Set
1	EU	1,566	4.97	7	100.00	
2	QUE	1,151	3.66	7	100.00	
3	E	957	3.04	7	100.00	
4	NÃO	813	2.58	7	100.00	
5	A	787	2.50	7	100.00	
6	O	604	1.92	7	100.00	
7	DE	589	1.87	7	100.00	
8	PARA	422	1.34	7	100.00	
9	COM	406	1.29	7	100.00	
10	ELE	366	1.16	7	100.00	
11	É	365	1.16	7	100.00	
12	AÍ	362	1.15	7	100.00	
13	MINHA	360	1.14	7	100.00	
14	UM	341	1.08	7	100.00	
15	MEU	315	1.00	7	100.00	
16	ELA	294	0.93	7	100.00	
17	MAS	288	0.91	7	100.00	
18	UMA	287	0.91	7	100.00	
19	ASSIM	286	0.91	7	100.00	
20	ME	275	0.87	7	100.00	
21	NA	260	0.83	7	100.00	
22	FOI	244	0.77	7	100.00	
23	ISSO	240	0.76	7	100.00	
24	PORQUE	236	0.75	7	100.00	
25	ERA	229	0.73	7	100.00	
26	VOCÊ	219	0.70	7	100.00	
27	TINHA	217	0.69	7	100.00	
28	MÃE	206	0.65	7	100.00	
29	DA	188	0.60	7	100.00	
30	MUITO	186	0.59	7	100.00	
31	ENTÃO	185	0.59	7	100.00	

Figura 2 – Palavras mais frequentes das sete histórias de “sair do armário”



N	Overall	1	2	3	4	5	6	7
text file	Overall	story 1.txt	story 2.txt	story 3.txt	story 4.txt	story 5.txt	story 6.txt	Story 7.txt
file size	167,556	13,236	13,716	33,867	44,349	15,419	11,146	35,823
tokens (running words) in text	31,484	2,499	2,562	6,357	8,414	2,943	2,090	6,619
tokens used for word list	31,370	2,486	2,547	6,316	8,399	2,914	2,090	6,618
sum of entries								
types (distinct words)	2,964	615	583	1,136	1,211	634	531	1,126
type/token ratio (TTR)	9.45	24.74	22.89	17.99	14.42	21.76	25.41	17.01
standardised TTR	33.21	33.35	32.95	33.82	32.01	31.05	34.10	34.68
standardised TTR std.dev.	63.17	47.13	47.41	55.92	59.16	48.76	46.60	54.93
standardised TTR basis	1,000	1,000	1,000	1,000	1,000	1,000	1,000	1,000
mean word length (in characters)	4.07	4.22	4.11	4.07	3.98	4.01	4.12	4.12
word length std.dev.	2.25	2.36	2.16	2.24	2.22	2.28	2.35	2.25
sentences	2,422	52	228	523	777	247	107	488
mean (in words)	12.95	47.81	11.17	12.08	10.81	11.80	19.53	13.56
std.dev.	14.21	64.06	8.13	9.28	8.80	8.60	14.12	9.86
paragraphs	10	1	2	2	1	2	1	1
mean (in words)	3,137.00	2,486.00	1,273.50	3,158.00	8,399.00	1,457.00	2,090.00	6,618.00
std.dev.	2,586.99		12.02	2,125.56		1,340.67		
headings								
mean (in words)								
std.dev.								
sections	7	1	1	1	1	1	1	1
mean (in words)	4,481.43	2,486.00	2,547.00	6,316.00	8,399.00	2,914.00	2,090.00	6,618.00
std.dev.	2,555.30							
numbers removed	114	13	15	41	15	29		1
stoplist tokens removed								
stoplist types removed								
1-letter words	2,756	225	149	576	800	276	178	552
2-letter words	5,534	404	485	1,062	1,477	541	367	1,198
3-letter words	7,240	552	597	1,459	2,043	683	488	1,418
4-letter words	3,946	291	347	832	1,024	348	261	843

Figura 3 – Informações numéricas sobre cada história de “sair do armário”

Embora a descrição de informações estatíticas sejam geralmente escritas logo após as suas mostragens, destaca-se que as informações dessas duas figuras acima são feitas em um capítulo específico que aborda sobre análise lexical das histórias de “sair do armário”. Elas fazem parte dessa seção merameмente para ilustrar como os dados foram tratados sob uma análise eletrônica de textos, em especial, em busca de lista de palavras e informações estatísticas das mesmas.

Além disso, particularizam-se as informações obtidas pelas ferramentas digitais, por ser um dos poucos, a não ser o primeiro, a trabalhar com narrativas orais por meio de análise eletrônica de textos. Essas informações são comumente expostas na seção de metodologia. Porém, este trabalho destaca as informações em um capítulo específico, já que apresenta um aspecto inovador de como analisar narrativas (orais) por meio do léxico.

Ainda sob a investigação eletrônica dos textos, foi feita uma busca de concordância, por meio da ferramenta *Concord*, das primeiras palavras significativas, referentes às pessoas

que são recorrentes em todas histórias em questão, por exemplo a o léxico “mãe”, como na Figura 4**.**

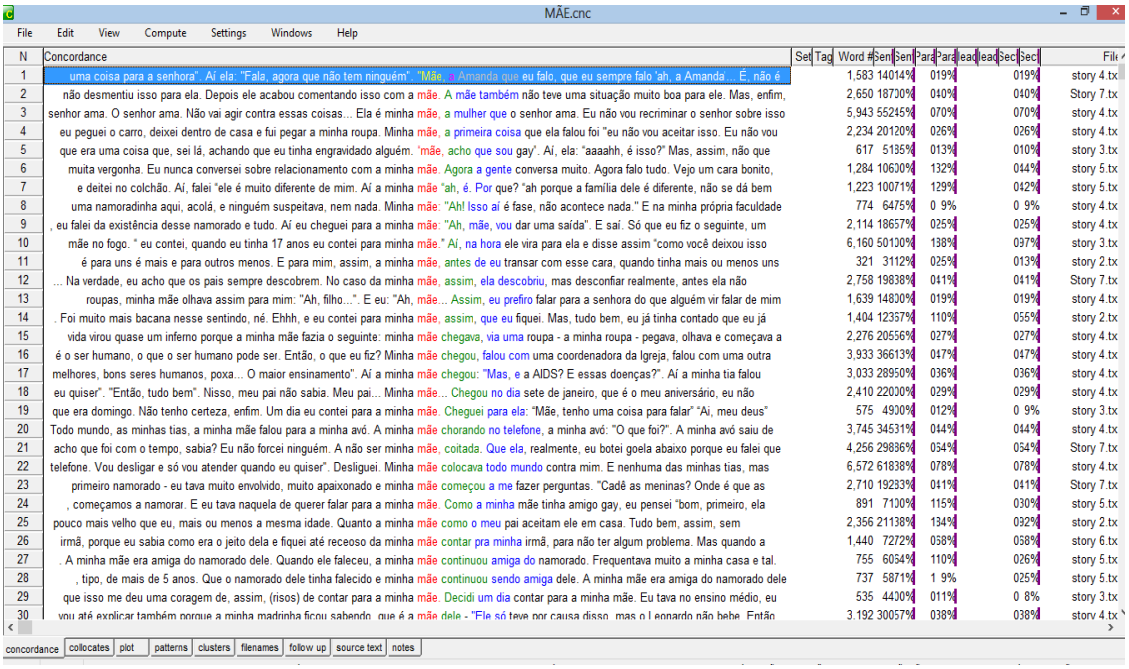


Figura 4 – Lista de concordância com o item lexical “mãe”

Com o auxílio dessa ferramenta, não foi apenas possível ter uma noção de quais itens lexicais, relacionados a ser humano, são predominantes nas sete histórias, como também foi possível observar em quais contextos e com quais palavras tais itens predominantes estão acompanhadas.

Ressalta-se que, ainda, com base nas palavras que acompanham os itens lexicais predominates, foi possível realizar um recorte de quais participantes seriam pertinentes fazer uma análise do posicionamento atitudinal, isto é, das avaliações em relação à experiência do “sair do armário”, além dos homossexuais em questão. O procedimento analítico dessa etapa é descrito no sub-item a seguir.

2.4.3 Posicionamento Atitudinal dos Participantes

Para realização dessa análise, ainda com auxílio das ferramentas digitais, foi feita uma busca de concordância, pelo *Concord*, do itens lexicais predominantes. Em seguida, foi feita manualmente uma análise dos itens léxico-gramaticais que indexam a posicionamentos ou atitudes do item predominante em questão. Identificadas, então, as pistas linguísticas de

avaliação, essas foram interpretadas sob as categorias semânticas da Teoria da *Avaliatividade*, em especial, Atitude.

As categorias semânticas que descrevem Atitude do falante, isto é, seu posicionamente se dividem em três: Afeto, que corresponde às emoções do falante em relação a algo ou alguém; Julgamento, que está relacionado ao juizo de valor feito em relação ao comportamento das pessoas; Apreciação, que cobre as avaliações de um determinado objeto ou fenômeno da natureza. Para todas essas categorias, há de ter suas sub-categorias, que serão mais detalhadas no capítulo 5. Por ora, basta apenas saber de qual sistema analítico partem a descrição dos posicionamentos atitudinais ou avaliações dos principais atores das histórias de “sair do armário”.

Definidas, então, quais categorias semânticas a ser usadas e quais formas linguísticas a ser analisadas, foi feito manualmente, no próprio programa computacional, uma classificação das instâncias que eram marcadas por posicionamentos. O meio usado foi etiquetação conforme a Figura 5. Utilizaram-se as iniciais das categorias semânticas, sendo o “A” maísculo referenre à Afeto, o “J” em correspodência à Julgamento e o “a” fazendo referência à Apreciação.

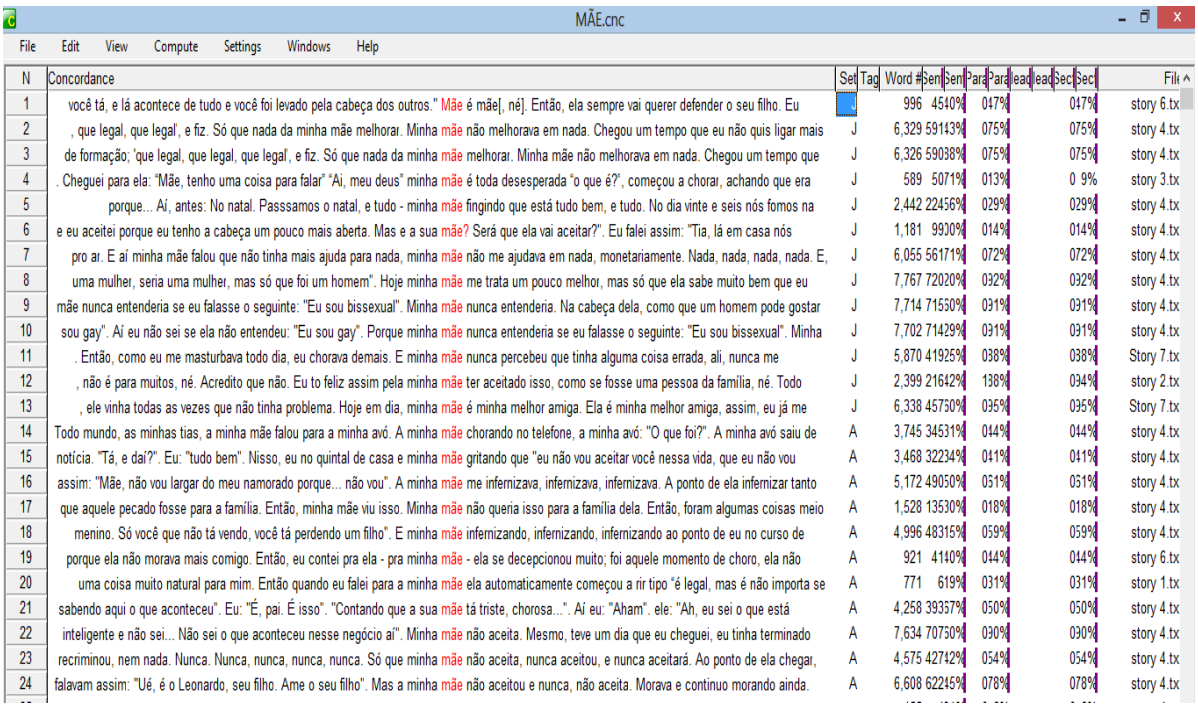


Figura 5 - Ilustração do processo de etiquetação baseado nas categorias semânticas de Atitude da Teoria da *Avaliatividade*.

Realizadas essas classificações discursivas, as instâncias classificadas foram separadas e postas num planilha do *Excel*. Feito isso, as instâncias ainda foram classificadas com base nas sub-dimensões de cada categoria semântica, marcando a polaridade positiva ou negativa.

Embora pareça um procedimento um tanto complexo, não seria possível realizá-lo sem o auxílio das ferramentas digitais. A orientação de todos os quadros téoricos-descritivos proporcionaram medidas imensuravelmente úteis para os objetivos que subjazem a esta pesquisa: isto é, uma analise holística das sete historias.

Nos seguintes capítulos serão apresentadas as análises e os resultados. Contudo, um pouco diferente dos trabalhos acadêmicos, essas seções se organizam de forma peculiar. A apresentação das análises e dos resultados são sempre precedidas pela descrição do construto teórico que as análises se baseiam. Optou-se por essa organização retórica para evitar o distanciamento das teorias com os dados de análise. Assim, a seção analítica está dividida em três capítulos que são introduzidos, cada um, pelo recorte teórico que os ampara.

3 A ORGANIZAÇÃO DAS HISTÓRIAS DE “SAIR DO ARMÁRIO”: UMA ANÁLISE ORGANIZACIONAL SOB OS ESQUEMAS DE LABOV E HOEY.

Esse capítulo inicia o processo de análise das narrativas orais sobre o tema “sair do armário” que falam da experiência de indivíduos *gays* que assumiram sua identidade sexual. A análise, nesse momento, centra-se no aspecto organizacional de tais narrativas, sob a orientação das seguintes perguntas:

- Quando contadas oralmente, de que maneira as histórias de “sair do armário” costumam ser organizadas por seus narradores?

- Há alguma recorrência de padrões narrativos compartilhados pelos narradores que sugira uma estrutura genérica narrativa ao contar essa experiência vivida?

A análise tem como fundamentação os estudos de Labov e Waletsky (1967) e Labov (1972) além de Hoey (1983; 2001) sobre o discurso narrativo, em particular, da sua organização por meio do Padrão Problema-Solução.

Portanto, este capítulo se inicia com uma seção, apresentando os conceitos teóricos sobre narrativa e seus possíveis modelos de análise e prossegue com a aplicação dos modelos nas histórias de “sair do armário”.

3.1 Narrativas

A narrativa é uma capacidade inerente aos seres humanos usada na maioria das interações sociais consciente ou inconscientemente. É inevitável participar de uma atividade comunicativa sem ao menos contar uma história. Narrativas são contadas muitas vezes no dia e em todos os dias de nossa vida. Elas são construídas a partir do momento que começamos a pôr as palavras juntas. Basta colocar um Verbo após um Sujeito, que há uma grande chance de estarmos engajados no discurso narrativo (ABBOTT, 2002, p.1).

Dada a presença da narrativa em quase toda atividade discursiva, há alguns teóricos que posicionam a mesma próxima à linguagem por ser um traço distintivo dos seres humanos

(ABBOTT, op.cit). Assim como a linguagem, o uso da narrativa restringe-se apenas aos seres humanos e está presente em qualquer comunidade linguística.

Segundo Abbott (op.cit, p.2), a habilidade narrativa se mostra no indivíduo entre os três aos quatro anos de idade, quando ele coloca verbos juntos com substantivos. Essa capacidade se desenvolve coincidentemente com as primeiras manifestações mnemônicas retidas pelo adulto sobre sua infância, ou seja, o adulto só consegue lembrar as experiências da infância a partir do momento em que ele, enquanto criança, consegue narrar os eventos. Isso significa que a memória em si não é independente da capacidade narrativa. Em outras palavras, nós não temos nenhum registro mental de quem somos, enquanto a narrativa não se faz presente como uma forma de armadura, dando forma a esse registro (ABBOTT, op.cit, p.3). Portanto, pode-se dizer que a definição de seres humanos está intimamente ligada às histórias que eles contam, sejam sobre suas vidas e/ou o universo sócio-cultural em que estão inseridos.

Além dessa capacidade de permitir aos seres humanos armazenar lembranças, "a narrativa é a principal forma pela qual nossa espécie organiza a sua compreensão do tempo"[8](ABBOTT, op.cit, p.3). Obviamente, há outras formas de organizar e expressar o tempo, por exemplo: o relógio. Entretanto, essas duas formas operam de maneiras distintas. O tempo cronológico é organizado fisicamente, onde se marca um instante inicial e a partir deste a contagem é feita, adicionando-se a unidade de tempo: segundo, minuto, e hora. Já o tempo narrativo se relaciona às ações, ou seja, expressa uma noção de tempo por meio da ordem dos eventos ocorridos. Abbott (op.cit, p.4) exemplifica bem essa distinção organizando o tempo com as seguintes ações abaixo:

> A criança caiu. Depois de um tempo ela se levantou e correu, até que finalmente visse sua mãe, ela se debulha em lágrimas: "Eu caí", ela chorou. "Não, não", disse a mãe. "Isso deve ter doído."[9]

O tempo, mensurado por meio de narrativa, é expressado por uma sucessão de eventos apreendidos sequencialmente pelas seguintes ações: o cair; o levantar-se; o ver a mãe, o

[8] Tradução Livre: "narrative is the principal way in which our species organizes its understanding of time" (ABBOTT, 2002, p.3).

[9] Tradução livre: The child fell down. After a while she got up and ran, until at last seeing her mother, she burst into tears: "I fell down," she cried. "There, there", said her mother. "That must have hurt." (Abbott, 2002, p.4)

debulhar-se em lágrimas; o que ela disse; o que mãe disse. O tempo em forma de narrativa se torna "humanizado", pois, da mesma forma que ela retrata o tempo, toma-se conhecimento da existência do ser humano. Caracteriza-se, então, um retrato da "existência temporal" (ABBOTT, op.cit 4).

As narrativas são infinitas em sua variedade e são encontradas em todo lugar. Uma das melhores citações acerca da universalidade da narrativa entre os seres humanos é a de Barthes (2009, p.19):

> Inumeráveis são as narrativas do mundo [...] [a narrativa] está presente no mito, na lenda, na fábula, no conto, na novela, na epopeia, na história, na tragédia, no drama, na comédia, na pantomima, na pintura, no vitral, no cinema, nas histórias em quadrinhos, no fait divers, na conversação. Além disso, sob estas formas quase infinitas, a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há em parte algum povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas [. . .] a narrativa está ai , como a vida.

Por conta de sua onipresença em quase todos os gêneros textuais, não há uma definição clara e objetiva do que seja narrativa. De acordo com Reissman (2008, p.3), "o termo narrativa carrega vários significados e é usado em uma variedade de formas por diferentes disciplinas, frequentemente associado à história."[10]. Contudo, de modo geral, a narrativa se caracteriza em eventos conectados sequencialmente que desencadeiam outras ações. Essas ações são avaliadas, selecionadas, e organizadas para serem contadas para um determinado público (REISSMAN, op.cit, p.3). Portanto, o que se tem de uma determinada história é apenas uma fração da realidade, isto é, uma versão dos fatos por uma perspectiva.

Baseado no aspecto seletivo, Abbott (op.cit, p.12) considera "narrativa *uma representação de um ou de uma série de eventos*"[11], ou seja, uma exposição verbal ou escrita por meio da mente daquilo do que é visto, sentido ou vivenciado. Para isso, ele estabelece uma diferença imensamente importante entre representação e apresentação dos eventos. A distinção se acentua na ideia de que a apresentação dos eventos é vivenciada imediatamente

[10] Tradução livre: The term narrative carries many meanings and is used in a variety of ways by different disciplines, often synonymously with story (Reissman, 2008, p.3).
[11] Tradução livre: Simply put, narrative is *the representation of an event or a series of events* (Abbott, 2002, p.12)

no presente, ao passo que a representação é o evento transmitido por outras pessoas que vivenciaram a experiência. Em outras palavras, a apresentação dos eventos são ações que, de fato, ocorreram no presente. Já a representação dos mesmos são as ações de um determinado evento, sendo contada por diferentes perspectivas.

Continuando esse raciocínio, Abbott (op.cit, p.14) classifica a apresentação dos eventos como história e a sua representação como discurso narrativo (narrativa). Uma distinção clara dessas duas classificações reside no tipo de tempo e ordem dos eventos. Na história, o tempo e a ordem envolvida é a do acontecimento em si, isto é, a dos fatos que foram imediatamente vivenciados. Já, na narrativa, têm-se duas formas de tempo e ordem. Quando lemos ou escutamos uma narrativa, nós estamos cientes do tempo e a ordem que as coisas são lidas ou ouvidas e, paralelamente, do tempo e a ordem dos eventos que aconteceram. Portanto, há o tempo e a ordem do momento da narração e das ações a serem contadas.

Outro aspecto que distancia a história do discurso narrativo é a infinita flexibilidade do tempo e da ordem narrada. Ao narrar um dia cheio de eventos, pode-se contá-los apenas em uma sentença. Já a história em si segue uma lógica temporal e sequencial dos eventos, que prossegue cronologicamente do começo ao fim. Portanto, a ordem e a duração dos eventos da história são bastante diferentes em comparação ao discurso narrativo.

Além da questão sequencial e temporal, outro ponto importante que difere a história da narrativa deve-se ao fato da primeira ser mediada pelo discurso narrativo. Segundo Abbott (op.cit, p.17-18), a história só ganha vida a partir do momento que ela é narrada, como se a ela tivesse uma existência separada, situada em um “mundo virtual” enquanto o discurso narrativo empenha-se para comunicá-la. Um fator que marca a subordinação da história diante a narrativa é a sua adaptação, ou seja, um determinado evento contado por diferentes pessoas não segue integralmente a ordem dos fatos ocorridos. Cada um vai privilegiar o que acha necessário a ser narrado.

Isso significa que uma determinada história não pode ser real? De acordo com Abbott (op.cit, p.19), não há narrativas reais, ou melhor, elas não são fiéis à realidade. Todo o nosso entendimento não-ficcional, desde anedota às histórias, biografias, até as histórias contada pela ciência não se referem a um “mundo real”. Elas são meramente representações de como a

“realidade dos fatos” é narrada por diferentes ângulos. Isso varia de acordo com quem narra e para quem é narrado. Assim, a história é única, mas o discurso usado para narrá-la se diferencia de indivíduo, de grupo social e de cultura.

Ressalta-se que a intenção em desdobrar essa distinção entre história e narrativa não se atém em dizer que as narrativas dos homossexuais em análise para esta pesquisa são irreais. Na verdade, privilegia-se o termo *representação* adotado por Abbot, por conta do efeito sócio-representativo subjacente através da prática de contar. Segundo Reissman (op.cit, p.7), “a narrativa tem uma vida robusta além do indivíduo”.[12] À medida que as pessoas constroem história de experiência, elas realizam na fala a identidade de grupos, comunidades, nações e etc. Identidades são narrativas, as histórias que as pessoas contam sobre quem são. A identidade flui no processo de contar, “sempre se produzindo por meio dos processos de ser e tornar-se, pertencer e querer fazer parte”[13] de um grupo (REISSMAN, op. cit, p.8).

Nos últimos anos, o estudo da narrativa volta despertar o interesse de muitos pesquisadores em várias áreas do conhecimento – Sociologia, Psicologia, Linguística, etc – em decorrência da crescente consciência do papel que o contar histórias desempenha no entendimento de fenômenos sociais.

Conforme mencionado no capítulo anterior, pode-se analisar as narrativas por diferentes vieses. Inicialmente, já teve seu foco na estrutura. Depois, com a evolução dos estudos, a análise se centrou nos eventos e nos atores. Em seguida, focou-se atenção naqueles que as contam, os narradores, e até naqueles que as leiam/escutam, os narratários. Por este capítulo se interessar em fazer uma observação na organização das histórias de “sair do armário”, análise preconiza estudos que focam sua atenção na estruturação ou organização da narrativa, em especial os de Labov e Waletsky (op.cit) Labov (op.cit) e os de Hoey (op.cit), os quais são descritos nos subitens a seguir.

3.1.1 Modelo Analítico de Labov

Em seus estudos sobre língua vernácula, Labov e Waletsky (op.cit) e Labov (op.cit) desenvolveram um quadro geral de análise para narrativas orais em entrevista face a face.

[12] Tradução livre: narrative has a robust life beyond the individual (2008,p.7)

[13]Traduçao livre: always producing itself throug the combined processes of being and becoming, belonging and longing to belong (Reissman, 2008, p.8)

Essas narrativas concentram-se em experiência pessoal de um grupo de falantes do *Black English*, residentes no Harlem. O tema das narrativas era sobre o "Perigo da Morte", abordado da forma mais natural possível.

A configuração do modelo analítico da narrativa surgiu como resultado da pesquisa sobre variação linguística, a qual o pretexto em usar a narrativa como fonte de dados foi desvencilhavar o sujeito praticamente de qualquer preocupação com a forma e regras da língua. Assim, o entrevistado contaria sua história sem muito monitoramento do sistema linguístico. Após ter visto os aspectos variacionais da língua, Labov e colaboradores observaram que as tais narrativas colhidas sobre o tema "Perigo da Morte" seguiam determinadas similaridades estruturais, as quais eles puderam propor uma definição e uma estruturação genérica das narrativas, tidas como de experiência pessoal.

Para Labov e Waltesky (op.cit, p. 13), a narrativa corresponde a "um método para recapitular uma experiência passada, mapeando uma sequência verbal de orações a uma sequência de eventos que aconteceram realmente.[14]", isto é, uma recapitulação de algo vivido comparando uma sequência de proposições cronologicamente ordenadas com a ordem de eventos que de fato ocorreram.

Essa estrutura narrativa sequencialmente ordenada é estabelecida pela existência de uma juntura temporal *(temporal juncture)* que formalmente "se caracteriza por duas proposições narrativas, temporalmente ordenadas, de tal forma que uma mudança em sua ordem resulta uma alteração na sequência temporal da interpretação semântica original[15]" (LABOV e WALETSKY, op.cit. p.20). Assim, entende-se narrativa como um processo de recapitulação da experiência e sua unidade mínima se realiza por meio de qualquer sequência de orações que contém pelo menos uma juntura temporal. Para fins ilustrativos de uma unidade narrativa, veja o exemplo a seguir, o qual percebe-se que se houver alguma mudança de ordem em "pegar chorando" e "chegar a perguntar" altera a interpretação semântica da ordem dos eventos realmente ocorridos.

49 a minha mãe me **pegou chorando**

[14] tradução livre: "one method of recapitulating past experience by matching a verbal sequence of clauses to the sequence of events that actually occurred."
[15] tradução livre: "two clauses are ordered with respect to each other cannot be interchanged without change in the temporal sequence of the original semantic interpretation."

50 Chorando bastante, bastante, bastante: “eu não quero ser gay”
51 e **chegou a me perguntar**

Quanto ao quadro geral de análise da narrativa, Labov e Waltezky (1967) e Labov (1972) apresentam seis macro-proposições, conforme o esquema abaixo:

(Resumo)^(#Orientação#)^[Complicação^#Avaliação#^Resolução]^(Coda)

Figura 6 – Representação do quadro geral de análise da narrativa baseado em Eggins e Martin (1997, p.241)

Como base na Figura 6, Labov propõe uma estrutura narrativa de seis elementos sequenciados, os quais são divididos em optativos e obrigatórios. Entendem-se os elementos optativos aqueles que estão envolvidos entre os parênteses, ou seja, são elementos *Resumo*, *Orientação* e *Coda* que podem ocorrer ou não na narrativa. Já os elementos obrigatórios são aqueles inseridos dentro dos colchetes, ou seja, os elementos *Complicação, Avaliação* e *Resolução* são os elementos compulsórios para garantir o *status* de um texto como narrativa. O símbolo # indica que tais elementos, os quais estão entre ele, podem estar contidos nos outros elementos, isto é, a *Complicação* pode ser Orientada assim como a *Resolução* pode ser imbuída de *Avaliação*. Mas, que função dados elementos desempenham na narrativa?

De acordo com Labov (op.cit), o *Resumo* se refere a uma ou mais proposições que revelam sumariamente do que se trata a história. Já a *Orientação* é empregada para orientar o ouvinte no que tange ao lugar, tempo, aos personagens e sua atividade ou a situação. Contudo, Labov e Waltesky salientam que nem toda narrativa será composta por uma seção de orientação e que esta pode ocorrer em outras posições do texto por meio de frases ou itens lexicais com a mesma função.

Após apresentação do contexto, segue-se com a *Complicação*. Os autores caracterizam essa parte como o corpo principal da narrativa, pois, “essa geralmente inclui uma série de eventos ou ações que visam modificar o estado inicial e que dá inicio à narrativa propriamente dita” (VIEIRA, 2001, p. 602). A narrativa, então, culmina no momento em que ação transforma a nova situação provocada pela complicação ou por uma “*Avaliação”*.

A "*Avaliação*", para os autores, "é definida como a parte que revela a atitude do narrador com respeito à narrativa, enfatizando a importância relativa de algumas unidades narrativas comparadas às outras."[16] (LABOV e WALETSKY, op.cit, p. 32). Como as narrativas são geralmente contadas em resposta a algum estímulo e para estabelecer algum interesse, o sujeito, quando inquirido, se encontra numa posição de "auto-engrandecimento", na qual deve demonstrar ao narratário a importância da sua história. Em suma, essa seção implica no modo usado pelo narrador para indicar a razão de ser da narrativa, sua "*raison d'être*": porque ela foi contada e a que ponto quer chegar o narrador.

O grau de incorporação da avaliação pode se manifestar do modo mais interno – uma ação simbólica ou a avaliação de uma terceira pessoa – ao mais externo – uma declaração direta do narrador sobre os seus sentimentos no momento da história. Com isso, os autores classificam vários recursos que podem ser usados para estabelecer o ponto avaliativo da narrativa. Podem ser por:

1º- *Imbricamento*: o narrador "dramatiza" a história para 'criar um clima'. Isso ocorre quando o narrador cita seu sentimento ou de outro, ou cita a si próprio falando com alguém, ou introduz uma terceira pessoa que avalia as ações do antagonista, como no exemplo destacado:

49 a minha mãe me pegou **chorando**
50 **Chorando** bastante, bastante, bastante: **"eu não quero ser gay"**
51 e chegou a me perguntar

2º- *Ação Avaliativa*: o narrador diz o que as pessoas fizeram e não o que disseram, como no exemplo a seguir:

189 E aí, quando eu cheguei em casa.
190 Eu falei para minha mãe
191 eu lembro meio que aquela coisa de filme, sabe?
192 Quando a pessoa está sentada no sofá,
193 não foi exatamente assim porque,
194 tem aquela luz de cabeceira assim.

[16] Tradução livre: "The evaluation of a narrative is defined by us as that part of the narrative that reveals the attitude of the narrator towards the narrative by emphasizing the relative importance of some narrative units as compared to others."

195 **Ela meio que**
196 **olhou para mim**
197 e vi na cara dela que ela sabia.

3º- *Avaliação por suspensão da ação*: o narrador suspende a ação em um momento crítico para chamar a atenção do narratário e iniciar o resultado da história com ênfase. Foi impossibilitado marcar as *Avaliações por suspensão* devido ao desinteresse em usar as regras rígidas de transcrição de áudio. Portanto, esse item se isenta de exemplos retirados do *corpus*.

4º- *Externa*: o narrador pode parar a narrativa virar para o narratário e lhe dizer a razão de ser daquilo tudo que está sendo contado ou porque determinado fato afetou emocionalmente.

114 Mas, **agora** eu sei que **eu me senti mal por causa da ressaca moral**.
115 Porque **aqueles valores todos**, quanto da sociedade tanto da família, foram, né,
116 foram passado para a gente mesmo sem a gente ter consciência ainda das coisas,
117 **então era ressaca moral.**

Após as Avaliações, tem-se a categoria designada como *Resultado* ou *Resolução*. Funcionalmente, segundo Labov e Waltesky, essa seção estabelece um novo estado, diferente do estado inicial da estória. Isso se justifica pelo o "desequilíbrio" presente na seção da "*Ação Complicadora"*, ocasionando, então, uma assimetria no estado da narrativa. Desta forma, entende-se, conforme aponta Todorov (1971, p.124), que:

> uma narrativa ideal começa por uma situação estável que uma força qualquer vem perturbar. Daí resulta um estado de desequilíbrio; por ação de uma força dirigida em sentido inverso, o equilíbrio é restabelecido; o segundo equilíbrio é semelhante ao primeiro, mas os dois nunca são idênticos.

Por fim, tem-se a *Coda* (moral). Para Labov e Waltesky, essa seção se refere a "um recurso funcional para retornar a perspectiva verbal para o presente momento."[17]. Isso se corresponde a uma pergunta potencial, como: "E aí, o que aconteceu depois disso?" ou "Como estão agora?"

296 **Hoje em dia**, eu **estou namorando**
297 com um rapaz um pouco mais velho que eu, mais ou menos a mesma idade.

[17] Tradução livre: "[The coda is] a functional device for returning the verbal perspective to the present moment."

298 **Quanto a minha mãe como o meu pai aceitam ele** em casa.
299 Tudo bem, assim, sem problemas.

Numa tentativa de resumir todas essas categorias organizacionais da narrativa, Labov formula seis perguntas para tentar identificar tais categorias:

Resumo – é sobre o quê?

Orientação – quem, quando, o que, aonde?

Ação Complicadora – o que aconteceu então?

Avaliação – e aí?

Resultado/Resolução – o que finalmente aconteceu?

3.1.2 Modelo Analítico de Hoey

Outra maneira de organizar e descrever certos tipos de discurso, em especial o discurso narrativo, é por meio do Padrão Problema Solução (PPS). Segundo Hoey (op.cit, p.11) o texto é definido como a produção mais evidente de que há uma interação intencional auto-contida entre um ou mais autores ou leitores. Essa interação pode ser estabelecida por uma série de perguntas hipotéticas que o leitor faz ao escritor, as quais deveriam fornecer respostas, ambas frasais ou discursivas, podendo ser precedidas e, portanto, conhecida pelo escritor e leitor. Hoey prefere explicar esse fenômeno por meio do que se chama popularmente de padrões de organização.

Esses padrões são caracterizados por uma organização de certos elementos que são mais frequentes do que outros e pela inexistência de combinações inadequadas. Os padrões textuais têm sido descritos com o objetivo de mapear a forma como orações/cláusulas ou grupos de orações/cláusulas se relacionam entre si no discurso. Dentre os vários padrões textuais descritos por Hoey, McCarthy (1996) observa que os estudos sobre organização textual apontam a soberania de três padrões, a saber: Geral-Particular, Hipotético-Real e, o mais prevalente, Problema-Solução.

O Padrão Problema-Solução (PPS), o mais representativo de narrativas de experiência pessoal, surge como um resultado do processamento mental do escritor/falante, respondendo a

uma série de perguntas previsíveis que refletem o relacionamento das frases do texto (HOEY, 2001, p. 140). A ordem que tais perguntas são respondidas não é, contudo, fixa. As perguntas mais simples são:

1- "Qual é/foi o problema?",

2- "O que é/foi feito sobre isso?"

3- "Qual foi o resultado, positivo ou negativo?".

O esquema básico do PPS estrutura-se conforme é apresentado na Figura 7:

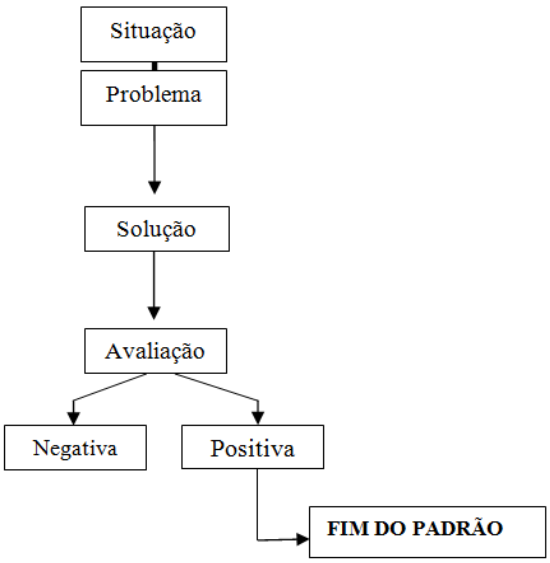


Figura 7 – Estrutura do Padrão Problema-Solução, readaptado de Hoey (2001)

O texto organizado pelo PPS, em particular o texto narrativo, apresenta uma Situação, na qual são fornecidas as informações "pano de fundo" sobre o tempo-espaço e sobre os participantes, contidos na história. Em seguida, ou concomitantemente o texto apresenta o Problema, que corresponde a um aspecto da Situação exigindo uma Solução (HOEY,op.cit), podendo estar também marcado na Situação e caracterizando-a como "Situação marcada por Problema". Assim sendo, o texto prossegue com a Solução, que se refere à resposta dada para cessar o aspecto problemático. Por fim, o texto exibe as Avaliações sobre a resposta, podendo essas ser positivas ou negativas. Caso a Solução tenha sido eficaz, por conseguinte, avaliada positivamente, o padrão se encerra. Veja o seguinte fragmento, retirado do *corpus*, para

melhor compreensão do PPS. Os números precedidos das sentenças foram adicionados com o propósito de facilitar a referência.

3.1[18]

(1) O meu maior problema foi o meu pai ficou na implicância comigo. (2) Ele falava para a minha mãe que ia vir atrás de mim, ia me seguir (3) e se me visse agarrado como homem ia me matar. (4) O meu pai me pressionou muito. (5) meu pai me tirou muita coisa. (6). Na época 17 e18 anos eu não trabalhava ainda. (7) eu pedia dinheiro e não me dava. (8) aí comecei a perceber que teria que ter minha vida. (9) então falei assim "oh pai, estou saindo de casa. (10) Vou morar com uma pessoa." (11) e fui para campo grande.(12) E aí esse tempo que eu fiquei longe ele começou a rever os conceitos dele. (13) Pedia para eu voltar para casa e ele falava que ele não ia ter preconceito comigo.(14) Foi a melhor coisa ter saído de casa. (15) Assim, não bato de frente com meu pai.

Conforme observado no fragmento *3.1*, esse pequeno texto narrativo se inicia com a Situação (1-7) que descreve a relação entre pai e filho. Com base nas perguntas para buscar a relação de Problema-Solução no texto, observa-se que a Situação já é marcada como Problema, inclusive no léxico usado pelo narrador (meu maior problema). O Problema se estende também pelas frases (2), (3), (4), (5), (6) e (7), que configuram o pai não aceitar a condição sexual do filho, querendo, portanto matá-lo e desprovê-lo de ajuda financeira. A Solução (9), (10) e (11) encontrada pelo filho, então, é querer ter sua própria vida, sair de casa e ir para Campo Grande. Solução essa que é avaliada negativamente pelo pai em (13) e (14), mas positivamente pelo narrador em (15), quando aí se fecha o padrão.

Esse exemplo ilustra a possibilidade esperada do PPS, que tem as Avaliações positivas encerrando o padrão. No entanto, há ainda as Avaliações negativas que podem acompanhar a Solução, isso quando as providências tomadas para os aspectos problemáticos não apresentam eficácia. Para isso, Hoey (op.cit, p. 130) identifica dois possíveis movimentos do padrão, conforme na Figura 8:

[18] As seguintes cores foram usadas para facilitar a visualização dos elementos do PPS.
Verde – Situação / Vermelho – Problema / Azul – Solução /Amarelo - Avaliação

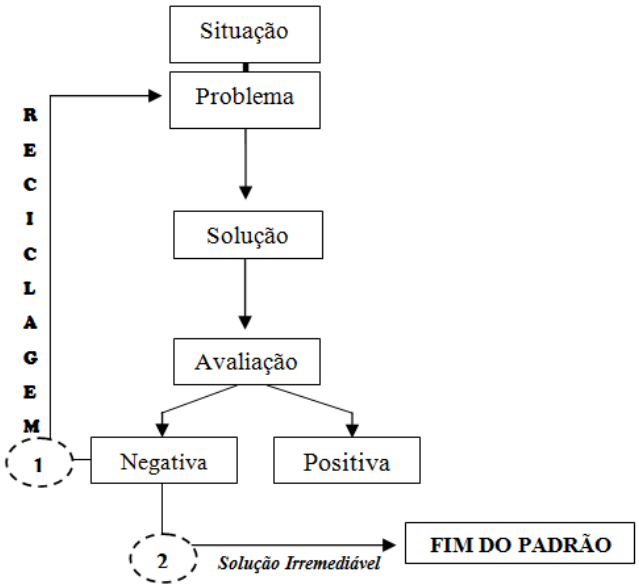


Figura 8 - Possíveis movimentos do PPS sob Avaliações negativas Hoey (op.cit, p. 130).

A Figura 8 mostra que os movimentos do PPS seguem por ‘reciclagem’ ou pela Solução Irremediável. A ‘reciclagem’ ocorre quando a Solução acrescida de Avaliações negativas não obtém a recuperação do Problema logo de primeira. O mesmo passa por um processo de redefinição, até achar uma Solução adequada. O fragmento *4.2* é um exemplo da ‘reciclagem’ do Problema.

3.2

(1) Na puberdade começou um desejo mais forte por homens.(2) Comecei a me masturbar pensando em homens e aquilo para mim foi muito ruim, né? (3) Então, ficava naquela de ficar me masturbando pensando em homens e fazendo força para pensar em mulheres, sabe? (4) Então, era meio que eu mesmo me punia (5) Eu era muito rígido comigo mesmo. (6) Então, foi um processo meio doloroso para mim.

Observa-se, no fragmento *3.2*, que (1) se apresenta como Situação pura e simples. O Problema (2) corresponde à estimulação sexual promovida pelos pensamentos voltados à figura masculina, que é avaliado negativamente (aquilo foi muito ruim, né?). A Solução proposta, então, é vincular a imaginação à figura feminina. Entretanto, a Solução (4), (5) e (6) não apresenta eficácia, visto que o resultado da resposta é expresso por Avaliações negativas, realizando, portanto a redefinição do Problema.

Já o segundo movimento, que se refere ao fim do padrão pela Solução Irremediável, que acontece quando a Solução não alcança o estágio de recuperação, encerrando o padrão sem corrigir os aspectos problemáticos. Suponha-se que o Problema instaurado do fragmento *3.*1, após de inúmeras tentativas de solucioná-lo, inclusive com a Solução de sair de casa, não

tivesse êxito e ambos continuassem a viver em “pé de guerra”, teríamos um exemplo, no qual o padrão termina com Soluções Irremediáveis.

Além das perguntas mentalmente projetadas para identificar a relação das orações por meio de Problema-Solução, Hoey (op.cit, p.128) ressalta que o reconhecimento do PPS é provocado pelas marcas linguísticas, quais ele classifica como BASE para conformar a existência dos elementos do PPS. Por exemplo, no fragmento *3.1*, os recursos Base do Problema são: o próprio uso do “problema” e “implicância” em (1), relacionado ao “pai”; o recurso “pai” associado à “matar”, “pressionar”, respectivamente em (3) e (4). A Solução é sinalizada pela estrutura *“eu fiz X”*, como na estrutura em (8), que inicia a Solução até (11). A Avaliação é marcada pelos recursos que marcam a mudança de atitude do pai, como “rever os conceitos” “pedir para voltar” “não ter preconceito” e o uso de qualificadores, como em “a melhor coisa” para avaliar a Solução.

Os elementos que compõem o PPS podem ser atribuídos pelos participantes do texto (HOEY, op.cit, p.133). O Problema pode ser reconhecido por *X*, solucionado por *Y* e avaliado por *Z*. É importante frisar, especialmente sobre o componente Problema, que algo identificado como tal, não significa que isso reflita consenso geral, ou seja, como se todo mundo considerasse um determinado fato problemático. Por exemplo, tem-se a própria questão da identidade *gay*, que é avaliada negativa ou positivamente dependendo do tempo e do espaço. Na maioria dos países da Europa, a identidade sexual do indivíduo não interfere nas relações sociais, ao passo que na maioria do continente africano, com exceção da África do sul, a relação homossexual é considerada um crime. (SANTOS, 2012, p.320). Na Grécia antiga o conceito de homossexualidade não existia. Portanto, tem de se pensar que os elementos do PPS podem ser atribuídos pela perspectiva dos participantes do texto.

Para ilustra a atribuição dos componentes do PPS pelos participantes, veja o fragmento *3.3:*

3.3

(1) Ele (pai) achou que ia me botar na psicóloga e a mulher ia me curar, né? (2) E a psicóloga foi muito a minha amiga. (3) ela falou assim: “Meu filho”, olha só, eu percebi que na sua casa, a melhor pessoa resolvida sexualmente na sua casa é você.”(4)”Então, a primeira coisa que você tem que fazer é conseguir independência financeira para você se livrar dos seus pais e poder dar dinheiro em casa para eles pararem de cobrar aonde você vai e com quem você está dormindo.” (5) E eu segui o conselho dela. (6) E ela foi muito importante.(7) Porque ela me ajudou.(8) Ela foi uma boa psicóloga

Percebe-se, no fragmento *3.3*, que o Problema em ser *gay* é originado pelo pai e é solucionada por duas perspectivas: a do pai e a da psicóloga. O pai põe o filho em tratamento psicológico, pensando na possibilidade de "curar" o filho da "possível" doença de ser *gay*. Já a psicóloga soluciona a questão pela busca da independência financeira. Solução essa que avaliada positivamente pelo sujeito que decide seguir o conselho dela e a elogia. A topologia na Figura 9 é uma tentativa de demonstrar as atribuições dos constituintes do PPS pelas perspectivas dos participantes do fragmento *3.3*.

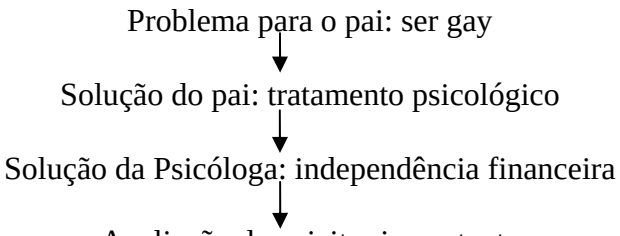


Figura 9 – Topologia das atribuições dos elementos do PPS pela perspectiva dos participantes

De acordo com Shepherd (1988, p.54), a aplicação do Padrão Problema-Solução parece ser bem sucedida para explicar a organização e o atrativo das narrativas em histórias infantis. Em geral, todos os padrões textuais de Hoey focam nos textos escritos. Eles foram desenvolvidos com o intuito de facilitar a análise textual no que tange à organização e à leitura/interpretação do texto. O PPS, em particular, organiza não somente as narrativas em histórias de criança como também um grande número de narrativas encontradas em diversas produções textuais.

Com enfoque do PPS em textos escritos, a utilização desse aspecto de organização textual em narrativas orais é um dos fatores que torna esta pesquisa, ao mesmo tempo, pertinente e desafiadora. Portanto, este capítulo prossegue com a seção de análise, propriamente dita, com base não somente no modelo de Hoey, mas o de Labov, para verificar de que maneira são organizadas as histórias de "sair do armário" e se há recorrência de padrões narrativos.

3.2 **A Organização Das Histórias De “Sair Do Armário”: Um Enlace Analítico**

A partir desta seção, dedica-se verificar de que maneira as histórias de “sair do armário” costumam ser organizadas e se há alguma recorrência de padrões narrativos ao contar essa experiência vivida. Para tanto, a análise apoiou-se nos esquemas analíticos propostos por Labov e Walestsky (op.cit), Labov (op.cit) e Hoey (op.cit). Para fins ilustrativos da análise, selecionou-se qualitativamente uma das sete histórias, a qual é designada narrativa ‘matriz’. Chama-se narrativa ‘matriz’ por conter eventos comuns que estão presentes nas histórias coletadas e por seguir relativamente características similares das outras narrativas.

3.2.1 Organização pelo Modelo “Laboviano”

Em uma primeira tentativa de visualizar arquétipo organizacional das histórias de “sair do armário”, as macro-proposições labovianas contribuíram para a identificação de um molde ‘não-canônico’ em sua estrutura. Mesmo as histórias seguindo um fluxo de começo, meio e fim, elas dificilmente se macro-organizam pelos segmentos: *Resumo*, *Orientação*, *Complicação*, *Avaliação*, *Resolução* e *Coda*. Portanto, isso significa que as categorizações de Labov parecem apresentar certas limitações em verificar a organização das histórias de “sair do armário” em sua plenitude.

No entanto, os aspectos ‘não-canônicos’, observados nas histórias, fornecem interpretações da sua possível organização. As histórias não são compostas de uma narrativa principal, que conte objetivamente: “saí do armário assim, aconteceu isso e agora estou assim”. Na verdade, por conta dos momentos de divagações e mudanças na linha de raciocínio, as histórias de “sair do armário” são compostas, ao longo da sua narração, de um conjunto de micro-eventos imbuídos de Avaliação e aspectos complicadores.

Por conta da sobreposição de histórias para se referir ao único evento, “sair do armário”, as narrativas puderam ser fragmentadas em estágios episódicos, nas quais são classificadas qualitativamente em: ‘relações com homens’ ‘relações com mulheres’, ‘auto-aceitação’, ‘declaração aos pais’ e ‘pós-revelação’. É importante salientar que a ordem desses eventos foi com base na narrativa ‘matriz’, aquela escolhida para elucidar o enlace analítico. No entanto, são também esses episódios, não necessariamente nessa ordem, compulsoriamente pautados nas histórias coletadas para esta pesquisa.

A recapitulação da experiência narrada de forma episódica sugere que a “saída do armário” não ocorre instantaneamente, como algo que o indivíduo se perceba *gay* de uma hora para outra. Sua emergente identidade é marcada por um processo que envolve desde uma aceitação interna (‘auto-aceitação’) à aceitação externa (‘declaração aos pais’). Assim, pode-se dizer que as histórias de “sair do armário” tendem possuir uma natureza processual.

A organização dos micro-eventos é a fase complexa em adequar integralmente às categorias de Labov. Os micro-eventos, com o mínimo de unidade narrativa que indica a *Complicação*, são ricos de orações que orientam e avaliam o evento e o estado emocional do sujeito, conforme é visto no recorte a seguir. A numeração à esquerda indica as linhas narrativas e revela em que altura do texto foi feito o recorte; as siglas à direita apresentam de forma abreviada as categorias labovianas.

Recorte 1

1	A primeira fez que fiz sexo com um homem eu tinha 18 anos.	or
2	Eu já sentia atração antes por homens	c
3	e eu transei com ele, né?	c
4	foi uma coisa assim de ocasião	av
5	Eu conhecia	or
6	Ele trabalhava numa galeria	or
7	e ele era muito mais velho que eu.	or
8	Aí, eu fui transei com ele, né?	c
9	Na verdade foi só um sexo oral que eu fiz, né?	av
10	e eu tipo depois disso senti uma culpa muito grande, né?	re
11	senti uma ressaca moral, sabe?	re/av
12	Aquela coisa de, caraca, porra que merda eu fiz e tal.	re/av
13	Chorei muito chorei no meio da rua	re/av

	assim.	
14	Logo que sai, tava arrasado e chorei.	re/av
15	Escolhi um cantinho assim mais	or
16	mas mesmo assim quem passava assim via.	or
17	Foi aquela rua que fica perto assim da rua principal da Saens Peña.	or
18	É uma rua mais deserta com árvores assim	or
19	Eu vi que não tinha ninguém	or
20	mas eu não consegui conter.	re
21	Eu tava muito arrasado mesmo.	re/av

Esse recorte corresponde a um dos episódios referentes à ‘relações com homem’, especialmente a primeira experiência sexual do sujeito com uma pessoa do mesmo sexo. Observa-se que essa passagem é essencialmente marcada pela *Orientação* e *Avaliação.* Inicialmente, o sujeito orienta o tempo e com quem a primeira prática sexual foi realizada. Em seguida, introduz a *Complicação* pela unidade narrativa em (2), (3) e (8), acionada pela conjugação pretérita de ‘sentir atração por homens’ e ‘transar com ele’. Depois disso, ele apresenta a *Resolução* da ação complicadora, impregnada de *Avaliações*, as quais reproduzem suas ações ‘emotivas’ após a *Complicação.* Por fim, o sujeito volta orientar o cenário, em especial aonde ele expressa suas emoções resultantes da ação praticada, e finaliza o episódio com resolução da ação, enfatizada pela emoção negativa.

Mesmo não havendo a presença da categoria *Resumo* no início e da *Coda* no final, essa passagem parece ter sido conduzida pelo fio narrativo, uma vez que é composta dos elementos principais da narrativa: [*Complicação^Avaliação^Resolução*]. Contudo, essa combinação parece não ocorrer com tanta frequência no decorrer dos outros episódios. Para ilustrar essa evidência, disponha-se de um evento, do qual é isento de unidade narrativa para expressar a *Complicação.*

Recorte 2

104	Ah, não! Desculpa.	av
105	Antes disso, eu contei para os meus pais que eu tinha transado com este homem.	res
106	Cheguei a contar para eles.	res
107	Antes de eu falar assim: “ah, eu sou gay”, eu falei para eles “eu transei com esse cara”.	av
108	Eu não falei quem era, eu não.	av
109	Eu só disse que transei com ele e era mais velho pronto.	av
110	E eles disseram: “bom, então, Leo assim você, beleza, aconteceu isso, então foi, né?	av
111	E eu, eu não sei, eu não me lembro se eu falei que eu tinha me sentindo mal e tal.	av
112	Mas, eu achava que eu tinha me sentido mal	av
113	porque esse não era o caminho certo.	av
114	Mas, agora eu sei que eu me senti mal por causa da ressaca moral.	av
115	Porque aqueles valores todos, quanto da sociedade tanto da família, foram, né,	av
116	foram passados para a gente mesmo sem a gente ter consciência ainda das coisas,	av
117	então, era ressaca moral.	av
118	A ressaca moral é devido à moral vigente na sociedade, né?	av
119	O que é certo o que é errado.	av
120	Isso é passado para você desde pequeno, sabe?	av
121	Menino gosta de azul; Menina gosta de rosa, sabe? Menino não pode.	av
122	Hoje em dia, essas coisas estão mais um pouquinho.	co
123	Mas, na época que eu era criança, na década de 80, no final na década de 80, essas divisões eram ainda muito	co

definidas, né?

Esse recorte se refere ao episódio ‘declaração aos pais’, o qual o sujeito conta aos seus pais sua prática homossexual e, consequentemente, revela sua identidade sexual. Observa-se que o recorte é constituído das categorias de Labov, com exceção da *Complicação.* O sujeito inicia esse evento com *Avaliação* em (104), no qual ele chama atenção do entrevistador à importância desse evento, interrompendo o anterior. Em seguida, ele antecipa que o evento a ser narrado vai ser sobre o momento em que ele revela aos pais sua prática homossexual como em (105-106). Depois, ele prossegue o evento, se apropriando das *Avaliações imbricadas*, das *Ações Avaliativas* e das *Avaliações Externas*, finalizando com a *Coda* com o emprego linguístico “Hoje em dia” em (122).

Nota-se, ainda no recorte 2, que são as estruturas do discurso reportado (direto e indireto), em (107-110), características da *Avaliação*, responsáveis em conduzir o fio narrativo desse evento; função essa delegada à categoria *Complicação*. O que se observa, na verdade, é o uso excessivo de recursos da *Avaliação* para desencadear os eventos da narrativa. Uma estratégia talvez justificável para garantir a reportabilidade da história, uma vez que, segundo Labov (op.cit), são os recursos avaliativos que marcam a “razão de ser” da narrativa.

Contudo, percebe-se que, mesmo que haja a ausência da *Complicação*, os recursos avaliativos, especialmente em (114-121), são configurados de aspectos complicadores, que movem o fluxo da narrativa e afetam o estado emocional do sujeito. O modelo de Labov se mostra limitado nesse ponto, pois tais aspectos complicadores não são devidamente classificados pela categoria *Complicação*, uma vez que não são materializados pela unidade narrativa.

Para dar conta desses outros aspectos complicadores que não se englobam na categoria *Complicação*, a análise se apropria de mais um modelo analítico que abarca integralmente os aspectos complicadores do discurso narrativo, mesmo que esses não ocorram de construções cronologicamente ordenadas, como é prescrito por Labov (op.cit). Esse modelo utilizado é

formado pelo Padrão Problema-Solução, cuja execução na narrativa ‘matriz’ é descrito no subitem a seguir.

3.2.2 Organização da História de “Sair do Armário” pelo Padrão Problema-Solução (PPS).

A aplicação do Padrão Problema-Solução (PPS) permitiu ter uma leitura mais aguçada sobre a organização das histórias de “sair do armário”. Tal padrão examinou de que forma as orações ou grupos de orações se relacionam semanticamente entre si. A análise, portanto, não partiu da macro-estruturação da narrativa, mas da relação semântica estabelecida entre o grupo de proposições.

Com base nas categorias de PPS, observou-se que as histórias de “sair do armário” se organizam por meio de Problemas em constante ‘reciclagem’. Ao contar sua experiência de “sair do armário”, os sujeitos tendem construir sua narrativa em meio de situações problemáticas com inúmeras Soluções, muitas das vezes ineficazes, para cumprir seu objetivo principal, que é assumir sua emergente identidade sexual. A constante reciclagem do Problema sugere que para o indivíduo homossexual “sair do armário”, isto é, assumir-se *gay*, não parece ser uma tarefa tão fácil.

Quando há a ‘reciclagem’ do Problema, o sujeito prossegue sua narrativa com outra Situação, marcada por Problema e Solução, permitindo segmentar as histórias em seções episódicas. A ‘reciclagem’ ocorre com a presença de Avaliações negativas ora direcionadas ao Problema ora à Solução. O seguinte recorte é um exemplo concreto de como ocorre, na narrativa, a redefinição do Problema pelas Avaliações negativas.

Recorte 3

(1) A primeira fez que fiz sexo com um homem eu tinha 18 anos. (2) Eu já sentia atração antes por homens e eu transei com ele. (3) foi uma coisa, assim, de ocasião. (4) Eu conheci. (5) Ele trabalhava numa galeria e ele era muito mais velho que eu. (6) Aí, eu fui transei com ele, né? (7) Na verdade foi só um sexo oral que eu fiz, né? (8) Eu, tipo depois disso, senti uma culpa muito grande né? (9) senti uma ressaca moral, sabe? (10) Aquela coisa de, “caraca porra que merda eu fiz” e tal. (11) Chorei muito chorei no meio da rua assim. (12) Logo que sai, tava arrasado e chorei. (13) Escolhi um cantinho assim, mas mesmo assim quem passava, assim, via. (14) Foi naquela rua que fica perto assim da rua principal da Seans Peña. (15) É uma rua mais deserta com árvores. (16) Eu vi que não tinha ninguém, mas eu não consegui conter. (17) Eu tava muito arrasado mesmo. (18) E assim, eu comecei a sentir atração por homens desde que eu era novo assim. (19) Não tinha muita noção disso. (20) Eu via os homens nus assim nos vestiários e tal quando era pequenininho. (21) Só que eu não tinha muita noção do que era aquilo, né? (22) Só via, achava bonito, ficava pensando naquilo, mas enfim. (23) E aí, quando virei adolescente, né? (24) Na puberdade começou um desejo mais forte. (25) Comecei a me masturbar pensando em homens e aquilo para mim foi muito ruim, né? (26) Porque eu tinha para mim que eu não podia ser gay. (27) Não podia mesmo. (28) Aquilo, né tipo, estava fora de cogitação, né? (29) Então, ficava naquela de ficar me masturbando pensando em homens e fazendo força para pensar em mulheres, sabe? (30) Então, era

meio que eu mesmo me punia e fazia um. (31) Eu era muito rígido comigo mesmo. (32) Então, foi um processo meio doloroso para mim, assim né? (33) Acho que para todo mundo é para uns é mais e para outros menos.

Conforme pode ser visto, esse fragmento faz parte do início da história, na qual o sujeito fala sobre sua primeira relação homossexual e o processo da sua 'auto-descoberta'. A história é iniciada com a Situação (1-5), apresentando quem e quando foi realizada a prática sexual. Em seguida, Problema é atribuído (6-7) às relações íntimas com a pessoa do mesmo sexo. Tais relações se configuram como um aspecto problemático, pois as avaliações do sujeito sobre tal prática sexual são expressas pelos recursos negativos Base da Avaliação, sublinhados em (8-17), inaugurando a primeira 'reciclagem' do Problema para atingir o seu objetivo de "sair do armário"

Após ter reciclado o Problema, o sujeito inicia mais um episódio que remete ao momento da 'auto-descoberta', no qual o sujeito percebe ter uma inclinação ao desejo homossexual. Inicialmente, o sujeito situa a época em que ele "se descobre" sentir atração por homens, em um período que envolve a infância e a adolescência como em (18-24). Em seguida, ele marca o Problema (25) 'se masturbar pensando em homens', visto que essa prática é seguida de Avaliação negativa, conforme expressa na mesma frase pelo recurso 'ruim' e pelos recursos sublinhados em (26-28). O sujeito ainda propõe uma Solução – "se masturbar pensando em mulheres" (29) –, aparentemente ineficaz, já que as Avaliações (32) voltadas para a Solução são também negativas, reciclando mais uma vez o problema de "sair do armário". Desta forma, de acordo com as categorias proposta por Hoey, pode-se esquematizar a reciclagem dos Problemas da história da seguinte forma:

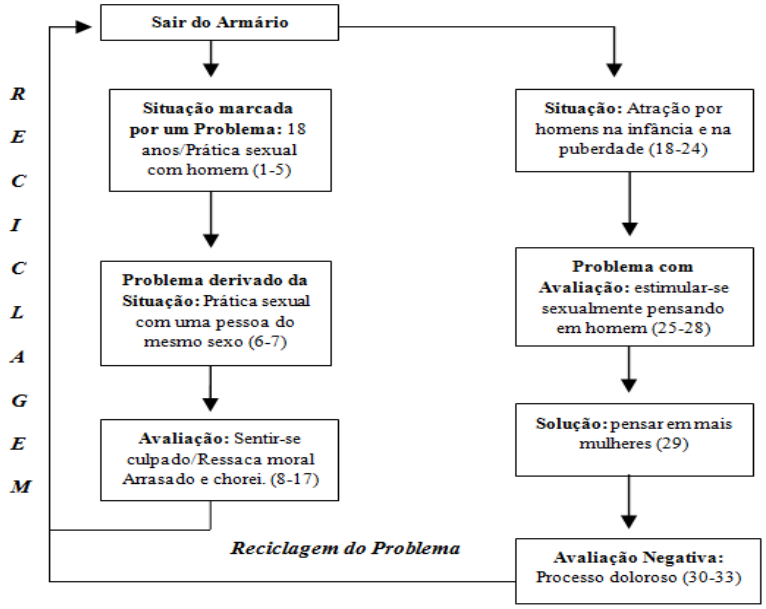


Figura 10 – Reciclagem do Problema entre o episódio prática sexual com homem e o episódio da "auto-descoberta".

Esse movimento prevalece ao longo da história, dando continuidade à narrativa com outra Situação, marcada por Problema. Contudo, é importante salientar que a 'reciclagem' do Problema não é a única responsável por desenrolar os eventos da narrativa. As Soluções também desencadeiam os outros episódios, conforme é observado, no Recorte 4, onde a Solução de se concentrar mais em figuras femininas resulta na experiência do sujeito em se relacionar sexualmente com mulheres.

Recorte 4

(33) E para mim, assim, a minha mãe, antes de eu transar com esse cara, quando tinha mais ou menos uns 15 anos, a minha mãe me pegou, assim , fazendo, fazendo não, desculpa, a minha mãe me pegou chorando,chorando bastante, bastante, bastante: "eu não quero ser gay." (34) chegou a me perguntar e eu disse isso "eu não quero ser gay" (35) "Eu não quero ser isso e tal". (36) Aí, ela falou: "tudo bem, meu filho, mas você sente atração?" (...) (41) Eu falei que não. (42) Mas, era mentira, né (43) Eu menti para ela. (44) Eu disse que não. (45) Porque era tão doloroso para eu aceitar que eu não queria que ela soubesse, né. (46) Mas, para mim mesmo, eu não sei se eu pensava que era uma fase. (47) acho que não pensava isso não. (48) Eu pensava que era uma, era . é, era talvez seja uma fase. (49) isso vai passar. (50) Só eu me concentrar mais em mulheres e me relacionar mais com mulheres que vai acabar acontecendo.

O sujeito inicia esse episódio com a Situação marcada pelo Problema da mãe o pegar chorando por conta da dificuldade da 'auto-aceitação', em (33-35). Além da Situação problemática, o sujeito marca o Problema derivado da Situação, em (36), pela curiosidade da mãe em querer saber se ele sente atração por pessoas do mesmo sexo. O Problema gerado pela

indagação é solucionado pela mentira, no momento em que o sujeito diz que não sente atração por pessoas do mesmo sexo em (41-44), pelo pensamento de estar vivendo uma “fase”, em (46-49), e pela insistência de veicular seus pensamentos à imagem feminina, sendo esta última solução responsável em dá prosseguimento à narrativa com o episódio posterior, ‘relações com as mulheres’. Veja a Figura 11 para melhor visualização da continuidade da narrativa derivada da Solução:

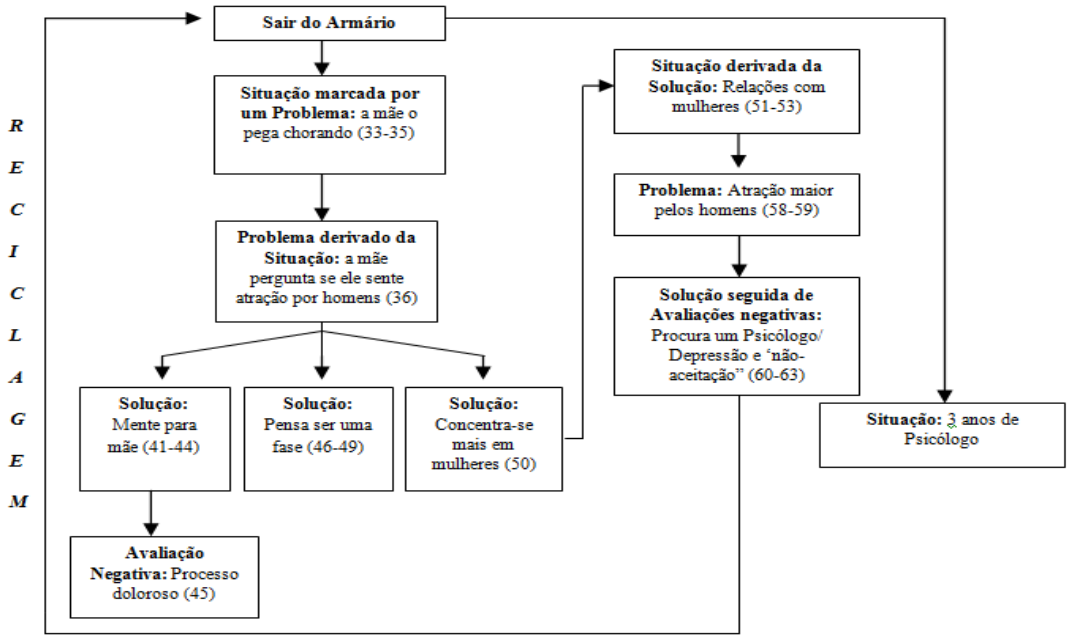


Figura 11 - Reciclagem do Problema por meio da Solução entre o episódio da ‘auto-aceitação’ e o episódio ‘relações com as mulheres’

No episódio ‘relações com as mulheres’, o sujeito organiza esse evento bem nos moldes PPS, conforme pode ser visto no

Recorte 5:

Recorte 5

(51) Eu sempre fiquei com meninas até um tempo, né. (52) E antes de eu transar com esse cara, eu também já ficava com meninas e até antes de transar com ele. (52) eu fiquei, assim, transei com uma mulher, né. (53) Eu tinha 16 e ela era mais velha do que eu também. (...) (58) Mas a minha atração por homens era muito maior, sempre foi. (59) E aí, eu vi que não podia negar isso. (60) Fui para o psicólogo quando eu tinha uns 17 anos. (61) Eu vi que estava precisando de ajuda mesmo, né. (62) Tava muito deprimido, né. (63) Não conseguia aceitar isso em mim.

No fragmento acima, a Situação (51-53) é sobre a experiência do indivíduo com as mulheres, em especial com uma mulher mais velha quando ele tinha seus 16 anos. O Problema desse episódio (58-59) é marcado pela sua atração pela figura masculina ainda ser mais forte e não poder negar isso. Sua Solução, portanto, é procurar um psicólogo, por estar precisando de auxílio para lidar com sua depressão e 'não-aceitação', conforme sinalizadas linguisticamente pelos recursos Base das Avaliações negativas em (61-63), reciclando mais uma vez o Problema e inserindo mais um episódio na sua narrativa, o qual se refere à Situação de ter ido ao psicólogo, como visto na Figura 11.

Com o problema reciclado, o sujeito prossegue a história com episódio sobre sua "ida ao psicólogo", gerado a partir da Solução imbuída de Avaliação negativa do episódio anterior. Esse novo episódio caracteriza-se na Solução, sendo responsável em desencadear dos eventos, conforme observado no recorte a seguir:

Recorte 6

(64) Aí fui a um psicólogo. (65) Aí foram alguns anos, né, dos 17 aos 20 mais ou menos assim. (66) Foi quando eu, nos três anos de adaptação, **não aceitando**, mas ao mesmo tempo, vendo qual é. **(67) E eu ainda chorava bastante depois de me masturbar. (68) Nem sempre eu chorava. (69) Mas tinha momentos, assim, que eu, sabe, não tenho como fugir disso.** (70) Era isso que eu pensava. (71) Não tem como, eu sinto muita atração, uma coisa meio inegável. (72) Aí beleza, fui, né, aos poucos aceitando isso.

O sujeito inicia esse episódio situando o período de suas idas ao psicólogo. Essa Situação é marcada pelo Problema da "auto-aceitação" que instaura o efetivo Problema (67-69) relacionado ao fato de chorar depois de se estimular sexualmente, pensando em figuras masculinas. Por avaliar negativamente tal Problema como um fato "inegável", em (70-71), visto que sua atração por pessoas do mesmo sexo era muito forte, sua Solução é, finalmente, aceitar sua condição sexual. Solução essa que, conforme visualizado na Figura 12, faz a ligação entre o episódio "Ida ao psicólogo" com o próximo, mais uma vez, sobre as relações com homens.

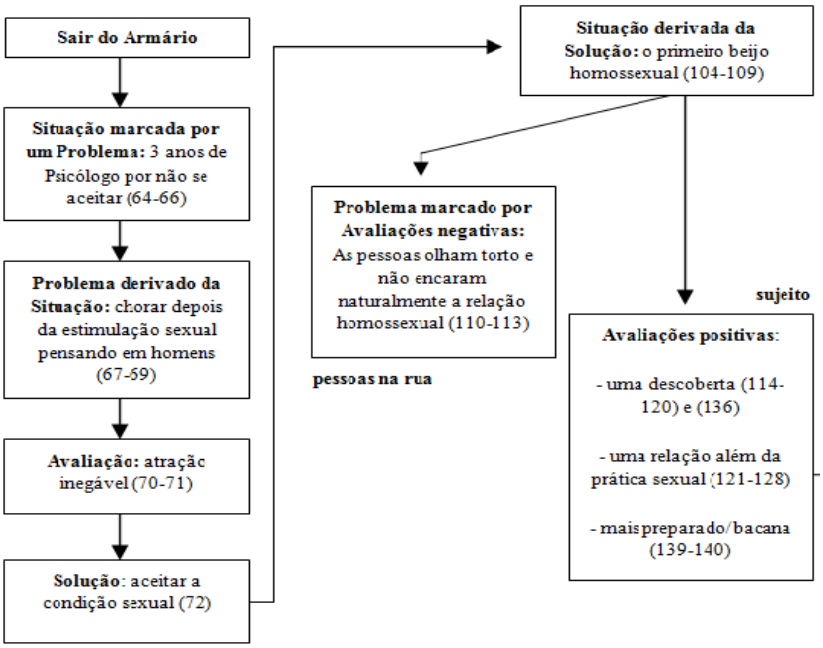


Figura 12 - Ligação do episódio “Ida ao psicólogo” com o episódio “primeiro beijo homossexual” por meio da Solução.

A Situação derivada da Solução se refere ao episódio em que o sujeito vive a experiência do seu “primeiro beijo” homossexual. Esse episódio se organiza diferentemente em relação aos expostos até agora, pois os elementos do PPS, [Situação/Problema – Solução – (Avaliação)], não são determinados pela perspectiva do narrador. Há, na verdade, a conjugação de perspectivas que configuram o episódio, como pode ser lido, a seguir:

Recorte 7

(104) Quando eu tinha mais ou menos os meus 21 anos, beijei o primeiro menino, né. (105) Até então eu só tinha beijado meninas. (106) Então, beijei o primeiro menino. (107) Conheci pela internet. (108) E o beijei no meio da rua, né. (109) Eu fiquei com ele numa rua pouquinho deserta. (110) mas mesmo assim algumas pessoas passaram e ficaram olhando torto assim, né, porque ainda hoje não é natural. (111) Seis anos atrás também não era. (112) Então, as pessoas não encaram isso de um modo, sempre olham torto. (113) Se fosse um casal heterossexual, não iam fazer nada. **(114) A gente não tava, assim, se esfregando, pegando aqui pegando ali, só foi um beijo, uns beijinhos, sabe? (115) Coisinha de adolescente mesmo, sabe? (116) Ele era mais experiente que eu. (120) Para mim, foi mais uma descoberta.** *(121) porque a transa que tive com o cara, transei mais de uma vez com aquele cara, né. (122) porque as vezes eu fiquei meio que aficcionado com isso, né (...) (124) Não namorei, não. (125) Nem beijava na boca. (126) Nem ficava. (127) era só uma pegação mesmo, sexo mais descarga, como dizia até o meu psicólogo. (128) Ele dizia que era um prazer de descarga.* (...) (136) Eu estava negando até aquela hora nos meus 21 anos, me negando a essa descoberta. (...) (139) Eu estava muito mais preparado. (140) Foi muito mais bacana nesse sentindo, né.

O episódio, no Recorte 7, se inicia orientando o tempo, o local e a pessoa com quem o primeiro beijo foi trocado em (104-109). Em seguida, o Problema não é mais determinado

pelo sujeito da narrativa, mas, sim, pelas pessoas na rua que presenciaram a realização do beijo. O Problema se materializa através dos recursos Bases das avaliações negativas, sublinhadas entre as frases 110 e 111. O sujeito em si avalia positivamente tal experiência. Para tanto, ele: a) associa sua experiência a uma "descoberta", equiparada à de dois adolescentes que descobrem e vêem o beijo como o gesto mais inocente na relação entre as pessoas, em (114-120 e 136); b) considera ser uma relação que vai além da prática efetivamente sexual, comparando-a ao da sua primeira experiência, contada no início da narrativa, que se caracteriza em uma "transa", "sexo mais descarga" e "um prazer de descarga", conforme em (121-128); c) se considera mais "mais preparado" e qualifica a experiência como "bacana", em (139).

As Avaliações positivas, aparentemente, encerram o Problema do "sair do armário" no tocante a sua própria aceitação em ter relações homoafetivas. Entretanto, são essas mesmas avaliações que interligam tal momento ao momento em que ele se declara homossexual para os pais, como é representado na Figura 13

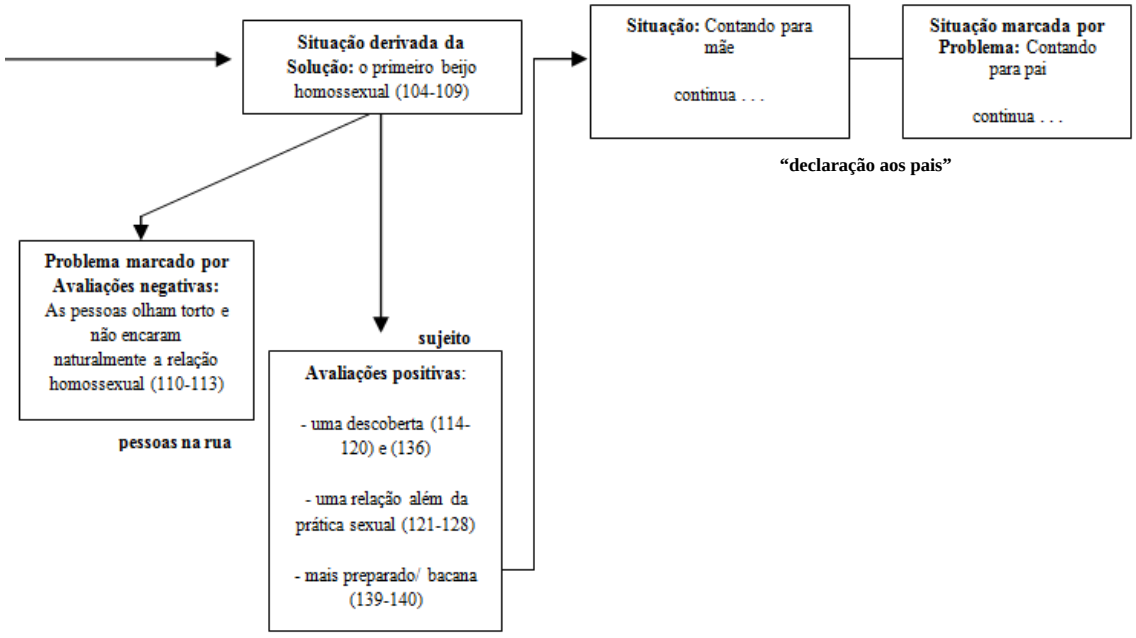


Figura 13 – Episódio "declaração aos pais" a partir das Avaliações positivas do episódio "relações com homens/primeiro beijo homossexual".

O episódio "declaração aos pais", derivado das Avaliações positivas, se divide em dois momentos: o primeiro, contando para a mãe, é visto no Recorte 8:

Recorte 8

(141) e eu contei para minha mãe, assim, que eu fiquei. (...) (144) E aí com esse menino transei com ele, né. (145) Aí quando eu voltei para casa. (146) Porque eu falei para ela que eu ia sair numa festa, comemoração de final de ano, ano de 2006, que eu ia ficar na casa de uns amigos e depois ia voltar (147) e não foi isso que aconteceu. (148) Eu fui e transei e fui embora. (149) Transei com esse menino de 18. (150) E aí, quando eu cheguei em casa, eu falei para minha mãe.(151) Ela meio que olhou para mim. (152) e vi na cara dela que ela sabia. (153) Não precisava falar nada. (154) Eu não contei a ela que eu ia fazer isso. (155) mas ela sabia. (156) Eu falei para ela o que tinha acontecido. (157) E aí, ela fez uma cara tipo "Fudeu! é isso mesmo, né?". (158) E aí, foram seis meses assim mais ou menos, ela me deu gelo total para ela aceitar. (159) Mas eu não aceitava que ela não aceitasse. (...) (174) Aí, né, depois assim, depois mais ou menos de um ano, eu comecei a namorar, né. (175) Comecei a namorar um rapaz que conheci pela internet também. (176). (184) Ele também até foi lá em casa. (185) Ele foi lá em casa até depois de ter terminado. (186) Isso que achei legal da minha mãe. (187) Eu comecei a perceber que ela estava aceitando mesmo. (188) Estava difícil para ela, mas ela começou né "ah, não, esse é meu filho eu amo ele", enfim.

Esse momento se organiza pelos elementos do PPS, atribuídos pelos participantes presentes no texto. A Situação (141-156) é apresentada pelo sujeito, marcada como Problema pela perspectiva da mãe, não apenas por ter sido enganada em (146-149), mas, sobretudo, pela certeza de saber que seu filho é realmente homossexual, como é expresso avaliativamente em 157 e 159. Portanto, a Solução da mãe é "dar um gelo", isto é, rejeitar o filho por um tempo. Solução essa que é vista como Problema (159) na perspectiva do sujeito e solucionado em levar o "namorado" em casa (174-185) que resulta na aceitação da mãe (186-188) no tocante à orientação sexual do filho.

Já o segundo momento da "declaração aos pais" se refere ao momento em que a identidade sexual é revelada para o pai, conforme é narrado no recorte a seguir:

Recorte 9

(204) E o meu pai, assim, o meu pai, foi bem difícil também para ele aceitar. (205) Mas, eu acho que, para mim, pareceu, para ele, mais fácil, porque ele estava longe, ele tava viajando. (206)Então, eu falava com ele por telefone, né. (207) Ele, mesmo depois eu de ter ficado com esse menino, ainda sentia um pouco de culpa. (208) Ele sentia um pouco de culpa, ele falava assim. (209) Aí, eu, "não pai, pode deixar que, sabe, eu não sou gay, não sei que lá. (210) Eu tava mentindo para ele, mas para mim mesmo, porque eu acreditava ainda que eu podia mudar isso.

Esse momento é marcado por Problema pela perspectiva do Pai, justificado pelas Avaliações negativas, as quais marcam a dificuldade do pai em aceitar a emergente identidade sexual do filho e o sentimento de culpa pelo filho ser relacionar com pessoas do mesmo sexo, como em (204-208). Tais Avaliações negativas são consideradas como Problema pela perspectiva do sujeito, o qual solucionado pela mentira de dizer ao pai que não é *gay* e por acreditar que poderia mudar as circunstâncias, derivando, assim, mais uma Situação, que se

refere à “relação com uma menina”. A Figura 14 mostra diagramaticamente a interseção do Padrão.

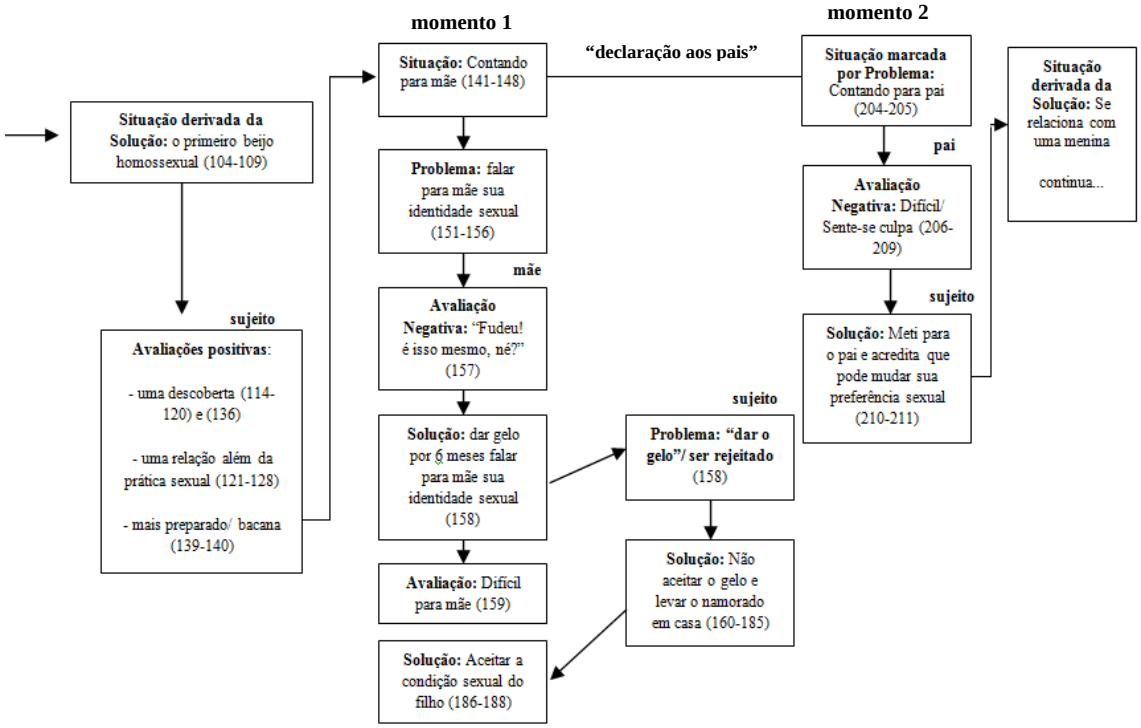


Figura 14 – Os dois momentos do episódio “declaração aos pais”, derivando mais uma Situação por meio de Solução.

A Situação derivada da Solução no **momento 2** se remete à Situação em que o sujeito se relaciona com uma menina a fim de solucionar o Problema gerado pelo Pai. Contudo, sua solução não tem êxito, conforme mostra o Recorte 10.

Recorte 10

(212) E até foi interessante porque eu conheci uma menina que ela sentiu que eu era gay, né . (213) e ela ficou comigo mesmo assim. (214) Eu achei super bacana, assim. (215) Mas eu não consegui enganá-la, né. (216) Eu tava vendo que ela estava gostando de mim de verdade. (217) Eu também estava gostando dela, mas não ia rolar nada porque não tinha como ser namorado dela. (218) Não tinha, cara. (219) eu ia, eventualmente, ficar com outros caras ou pelo menos sentir muita atração e eu não ia conseguir fazer isso escondido dela, sabe? (220) Acharia muita hipocrisia (221) Então, eu simplesmente, falei para ela: “olha, não dá” “ não dá para a gente ficar junto”. (222) Foi chato para ela. (223) Eu não pude fazer nada. (224) Eu fiquei chateado também.

O sujeito inicia o episódio apresentando a menina com quem teve relações, avaliando tal Situação como ‘bacana’, como em (214), pois, mesmo a menina ter percebido sua preferência sexual, ela se relacionou com ele. Em seguida, ele apresenta o Problema (215-219), atribuído ao fato de não conseguir namorar a menina, por conta da sua forte atração pela

figura masculina, podendo ocasionar a situação de ter relações com a menina e com outros rapazes conjuntamente. O sujeito avalia o Problema como uma “hipocrisia”. Por conta disso, ele soluciona o Problema terminando a relação com a menina, conforme em (221). Ambos, o sujeito e a menina, avaliam negativamente a Solução, acarretando a ‘reciclagem’ do Problema e conduzindo a narrativa à outra Situação, conforme visualizado na Figura 15.

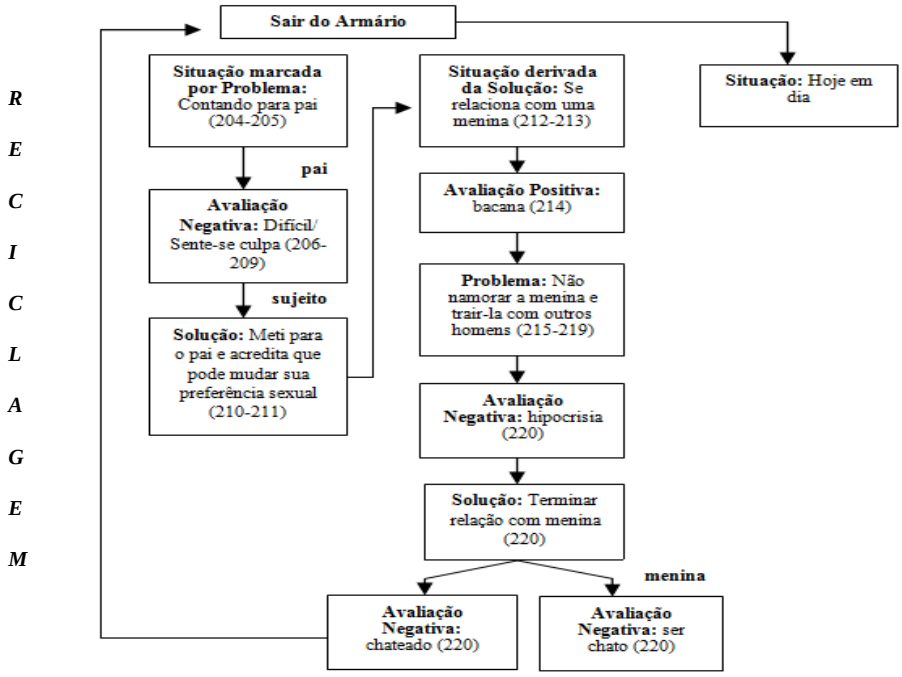


Figura 15 - Episódio “relação com mulheres”, derivado da Solução do segundo momento do episódio “declaração aos pais”.

Após a tentativa frustrada de se relacionar com mulheres, o sujeito termina sua narrativa, contando como se sente e como sua identidade sexual é tratada no âmbito social, até o momento em que sua entrevista foi realizada. Leia o episódio “pós-revelação” no recorte a seguir:

Recorte 11

(227) Hoje em dia, eu to namorando um rapaz um pouco mais velho que eu, mais ou menos a mesma idade. (228) Quanto a minha mãe como o meu pai aceitam ele em casa. (229) Tudo bem, assim, sem problemas. (230) Ele dorme até no meu quarto. (...) (233) Eu to feliz assim pela minha mãe ter aceitado isso, como se fosse uma pessoa da família, né. (234) Todo mundo gosta dele, meu pai, minha mãe, minha irmã, até os gatos lá de casa gostam dele. (235) Então, isso, assim, esse problema, né, que era um problema para mim, ser gay, na verdade, agora para mim é a solução. (236) Eu gosto muito mesmo de quem eu sou, de como isso funciona na minha vida. (237) Eu gosto muito do universo gay assim. (238) Eu não acho que, sabe, as pessoas falam “ah, é muito promíscuo, é muito...”. (239) Cara, é um pouco sim promiscuo, sabe. (240) Mas, que universo também pode não ser? (241) o heterossexual também pode ser. (242) Tem muitos caras que inclusive são casados e traem as mulheres com outros homens, né (243). Isso não é, isso é sabido assim entres os gays. (245) Então, eu acho que é

isso.(246) Estou feliz com a minha condição e acho que é um dos menores problemas que tenho na minha vida hoje em dia.

Observa-se que o Recorte 11 corresponde ao episódio em que o sujeito conta como se sente e como sua identidade sexual é tratada no âmbito social depois que declarada. O episódio se inicia com a Situação (227) do sujeito de estar namorando, sendo avaliado positivamente pelos pais por gostar e aceitar o filho e sua relação dentro de casa. O sujeito ainda se descreve feliz em ser *gay*, alegando que sua identidade sexual é a "Solução" dos seus Problemas. Entretanto, pela perspectiva da sociedade, tal condição sexual é considerada como Problema, relacionando-a à promiscuidade. Problema esse solucionado pelo sujeito em pensar que esse tipo de comportamento não é exclusivo às relações homossexuais, podendo haver nas heterossexuais também. Assim, o sujeito se avalia muito feliz e alega que sua identidade é dos menores problemas para sua vida, o que faz chegar ao fim do padrão. O episódio final pode ser esquematizado da seguinte forma:

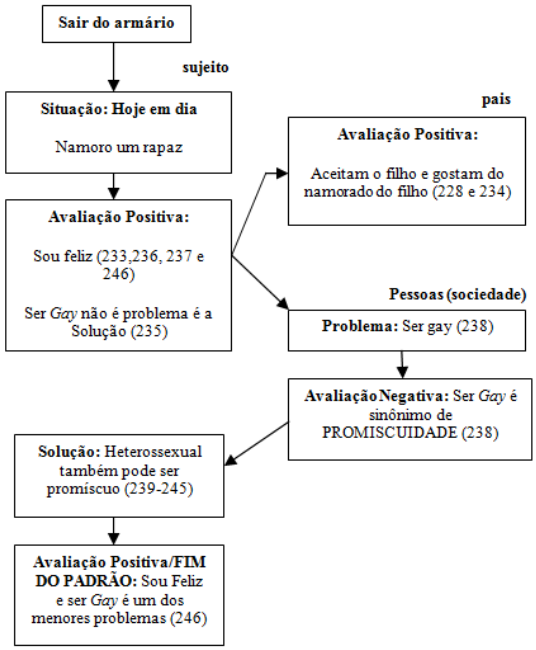


Figura 16– Episódio 'pós-revelação', finalizando o Padrão Problema-Solução.

Dessa forma, com o modelo proposto por Hoey, o PPS, vimos que a estrutura das histórias de "sair do armário" se realiza por meio de Problema-Solução. O sujeito apresenta

inúmeros Problemas e Soluções para atingir o seu objetivo principal, que é cessar seu descontentamento, tristeza e ressaca moral em não aceitar aquilo que é.

3.3 **Algumas Considerações**

Este capítulo promoveu uma análise da organização das histórias de "sair do armário", e se há a presença de algum padrão narrativo, compartilhado nas sete histórias coletadas para esta pesquisa. Para demonstrar o enlace analítico, selecionou-se qualitativamente uma das histórias, a qual foi designada "matriz", por conter a vivência de eventos compartilhados nas histórias produzidas e por seguir características narrativas relativamente semelhantes às demais.

A análise foi calcada em dois pressupostos teóricos por serem clássicos nos estudos sobre a organização do discurso narrativo e por fornecerem modelos analíticos privilegiados, até hoje, quando o foco é a análise da narrativa. Mesmo tendo observado limitações do modelo de Labov com relação aos dados empíricos desta dissertação, a análise pel ótica laboviana sugere que a história de "sair do armário" não é composta por um único evento que configurasse a metáfora da "saída do armário". Na verdade, observando as histórias contadas pela comunidade *gay* sobre a experiência de assumir-se como tal, vimos que elas são compostas de eventos, os quais o sujeito vivencia para realizar efetivamente um rito episódico de passagem.

Ao mesmo tempo, com o modelo proposto por Hoey, identificou-se que o contar das histórias de "sair do armário" se realiza por diversas composições do padrão Problema-Solução. O sujeito apresenta inúmeros Problemas e Soluções para atingir o seu objetivo principal, que é sair do armário. Tal forma de contar a história sugere a idéia de que "sair do armário", para um *gay*, além de um rito episódico, não é uma tarefa fácil.

As histórias de "sair do armário" são ricas em Avaliação. Portanto, esse trabalho separa um capítulo sobre a análise discursiva, que visa identificar como a "saída do armário" é atitudinalmente. Além desse interesse, tem-se em vista a contribuição de introduzir uma nova forma de analisar narrativas orais, já que uma análise lexical pode colaborar ao desenvolvimento do estado da arte. Portanto, este trabalho prossegue com uma análise lexical das histórias orais que compõem o *corpus* de pesquisa.

4 HISTÓRIAS DE “SAIR DE ARMÁRIO”: UMA ANÁLISE LEXICAL POR MEIO DE INSTRUMENTOS ELETRÔNICOS.

Este capítulo objetiva analisar as histórias de “sair do armário” a partir do léxico, a fim de responder duas das perguntas que norteiam esta pesquisa, a lembrar:

- Há um léxico mais frequente nas histórias de “sair do armário”, investigadas nesta pesquisa?

- Se há um léxico mais frequente, esse forma padrões nessas histórias?

Sabendo que a contagem manual dos itens lexicais não funcionais mais predominantes, isto é, substantivos, pronomes, verbos lexicais, etc, não apenas em uma, mas nas sete histórias de forma coletiva, seria uma atividade árdua e propícia ao erro, recorremos a ferramentas eletrônicas para sua realização. Conforme mencionado no capítulo 2, o programa computacional adotado é o *WordSmith Tools 5.0*, comumente usado por um ramo da linguística denominado Linguística de *Corpus.*

Com a utilização de determinadas ferramentas do programa, além de quantificarem os itens lexicais, também auxiliam na observação de certos padrões lexicais, fraseológicos e discursivos, especialmente, em relação aos recursos linguísticos recorrentes. Apesar dos resultados dessa análise se resumirem em números, muito é iluminado no tocante ao caminho que a análise deve prosseguir, visto no capítulo 5. Por ora, apresenta-se apenas um procedimento padrão da Linguística de *Corpus*, e serve de análise preliminar, feito por um *software*, dos léxicos que compõem as histórias de “sair do armário”.

Contudo, antes das seções analíticas serem apresentadas, faz-se necessário uma introdução de certos posicionamentos e, principalmente, técnicas da análise eletrônica de textos. Portanto, este capítulo estrutura-se em duas seções, iniciando com alguns preceitos importantes da Linguística de *Corpus*, prosseguidos da seção analítica.

4.1 Linguística de Corpus: Preceitos e Técnicas da Análise Eletrônica de Textos

A prática de análise eletrônica de textos é comumente associada a um ramo dos estudos da linguagem designado Linguística de *Corpus* (LC). Conforme define Berber-Sardinha (2004, p.3):

> A Linguística de *Corpus* ocupa-se da coleta e da exploração de *corpora*, ou conjuntos de dados linguísticos textuais coletados criteriosamente, com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística. Como tal, dedica-se à exploração da linguagem por meio de evidências empíricas, extraídas por computador.

Com base nisso, é visto que o funcionamento da língua pode ser compreendido a partir de uma abordagem que privilegie o uso real da língua. Diferente das abordagens de cunho mentalista, a LC compreende questões linguísticas com base em um alicerce empírico no qual os resultados advêm da observação de exemplos reais, minimizando a dependência de intuição do pesquisador em relação ao modo como a língua opera.

Com o auxílio do computador, é possível explorar grandes coleções de textos sem muito gasto de tempo na realização das tarefas. A análise linguística, que por muito tempo era com base do conhecimento intuitivo do linguista, passou a ser fundamentada em grande número de evidências empíricas. Assim, os estudos da linguagem baseiam-se no sistema probabilístico que investiga a provável ocorrência de uma forma linguística com outra através do uso, abolindo os exemplos dedutivos para verificar as possibilidades da língua.

Por conta do caráter coletor e explorador da LC, há discussões sobre seu *status* como método ou teoria. Dentro desse paradigma, há alguns linguistas de *corpus* (TOGNINI BONELLI, 2001; McENERY e HARDIE, 2011) que estabelecem duas abordagens de estudo, a saber: aquela dirigida pelo *corpus* (*corpus-driven)* e aquela baseada no *corpus (corpus-based).*

A distinção básica entre as duas abordagens corresponde ao modo pelo qual chegam aos resultados. Os estudos dirigidos pelo *corpus* procuram o uso exclusivo dos dados, sem nenhuma categorização linguística prévia, para chegar à linguagem. Em outras palavras, os dados são levantados e analisados à parte de conjugação teórica, para se ter um retrato real do funcionamento da língua. Trata-se de uma interpretação extrema no qual “nada além do

corpus pode ser usado como recurso sobre o conhecimento da linguagem"[19] (McENERY e HARDIE, 2011, p.148), possível de generalizações explanatórias.

Já os estudos baseados em *corpus* alcançam os resultados a partir da aplicação de esquemas teóricos, de qualquer área dos estudos da linguagem, no *corpus* tratado eletronicamente. Na realidade, trata-se de uma metodologia que considera o *corpus* um recurso de dados empíricos, implantados em outra disciplina linguística, para auxiliar, exemplificar teorias ou refutar qualquer teoria explanatória da linguagem (McENERY e HARDIE, 2011, p.148-49).

Embora haja essa dicotomia bem definida e consagrada na prática da LC, a distinção entre elas pode ser inútil. Conforme salienta McEnery e Hardie (2011, p.161), ainda que a abordagem dirigida pelo *corpus* seja isenta de qualquer teoria pré-existente, "é impossível abordar um *corpus* sem nenhuma pré-concepção de língua". Similarmente, na abordagem baseada no *corpus*, é difícil realizar uma entrada de análise nos dados com teorias já pré-existentes sem modificar categorias analíticas em confrontação às evidências do *corpus*. Nesse último caso, o surgimento ou a refutação de certos esquemas teóricos pode caracterizar tal prática como estudo também ditado pelo *corpus*, pois tais modificações de esquema teórico resultam exclusivamente das evidências empíricas. Por esta razão, a isenção ou da implantação de qualquer quadro teórico na análise do *corpus* torna-se mais uma questão de 'grau' (McENERY e HARDIE, op.cit). Portanto, a questão levantada ao examinar um estudo de *corpus* é *o quanto* de conhecimento pré-existente da língua é invocado nas análises, ao invés de *se* o conhecimento pré-existente está invocado.

Faz-se necessário a exposição dessas suposições, pois muito foi difícil enquadrar esta pesquisa em qual abordagem na prática da LC. Ao saber que um estudo de *corpus* pode ser mais ou menos provido de teorias pré-existentes, este trabalho oscila nos dois extremos polos de um contínuo. Primeiramente, com intuito de investigar a frequência e, por conseguinte, a densidade lexical assim com os padrões linguísticos nas histórias de "sair do armário', este estudo reside no polo menos provido de teorias, realizando um estudo estatístico, isento de qualquer conhecimento teórico fora do escopo da LC. Em seguida, com auxílio do ferramental da LC, a segunda etapa analítica localiza-se no extremo mais provido de esquemas teóricos,

[19] Tradução livre: an extreme interpretation that nothing but corpus data can be used as a source of knowledge about the nature of language.

os quais serão abordados no capítulo a seguir. Por enquanto, concentrar-se-á na primeira fase de análise com base nos preceitos da LC, em especial, as propriedades de um *corpus*, os procedimentos de análise com *software* e os padrões linguísticos.

4.1.1 As Propriedades de um *corpus* na Linguística de *Corpus*

Um conceito básico da LC nesta seção é o de *corpus* que necessita de uma (re)definição ainda que breve. Esse termo, nas pesquisas linguísticas, é comumente associado aos dados que estão sob análise. Entretanto, dentro dos estudos da LC, o *corpus* engloba vários fatores importantes para a investigação da linguagem, conforme aponta Sanchez (*apud.* BERBER-SARDINHA, 2004, p.17):

> Um conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso linguístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise.

Duas das características mais heurísticas dessa definição do *corpus* são relacionadas ao seu tamanho e a sua representatividade da linguagem em uso que se quer investigar. Em relação ao tamanho, o que vem a ser um *corpus* considerado grande ou pequeno? Berber-Sardinha (2003), em sua pesquisa sobre o tamanho de *corpus*, realizou um levantamento dos corpora efetivamente usados em projetos de pesquisa num período de alguns anos. Com base nessa apuração, foi possível calcular a extensão da variação de tamanho de corpora empregados na área e estimar graus de aceitabilidade mantidos pela comunidade da LC. A classificação relativa do tamanho do *corpus* de acordo com o tamanho em palavras é vista na

Quadro 6:

Tamanho em palavras	**Classificação**
Menos de 80 mil	Pequeno

80 a 250 mil	Pequeno-médio
1 milhão a 10 milhões	Médio-grande
10 milhões ou mais	Grande

Quadro 6– Classificação relativa do tamanho de *corpus* com base em Sardinha (2003, p. 119)

Baseado no quantitativo de palavras levantado no Quadro 6, o *corpus* deste trabalho enquadra-se na classificação de pequeno com apenas 31.484 mil palavras.

Quanto à representatividade, o segundo fator de importância para qualquer análise eletrônica significativa, o presente trabalho compilou um corpus extremamente significativo com variáveis controladas. O corpus é composto de histórias contadas a partir da mesma pergunta narrativa, perguntada pelo mesmo narratário, histórias essas contadas voluntariamente por adultos de faixa etária semelhante, vivendo na cidade do Rio de Janeiro. Esse corpus, portanto, apesar de pequeno, pode ser considerado representativo do discurso que nos propomos a analisar nesta dissertação.

4.1.2 Ferramental da LC: As Possibilidades Analíticas por Ferramentas Computacionais

Para esta pesquisa, utilizou-se a versão 5.0 do conjunto de programas Wordsmith Tools (SCOTT, 2011) e apenas suas ferramentas ‘gerador de listas de palavras’ e ‘concordanciador’, visto que alguns dos propósitos deste estudo concentram-se na busca de frequência e densidade lexical das histórias de “sair do armário” compiladas e os padrões linguísticos das formas mais recorrentes encontradas no gerador de lista de palavras.

Para compilar uma lista de palavras, o usuário do WST tem disponível a ferramenta *Wordlist*. Ela tem a função de fazer um levantamento de todas as formas que aparecem em um *corpus* junto com a indicação quantitativa de suas instâncias. Observe a Figura 17 para melhor visualização do resultado dessa função:

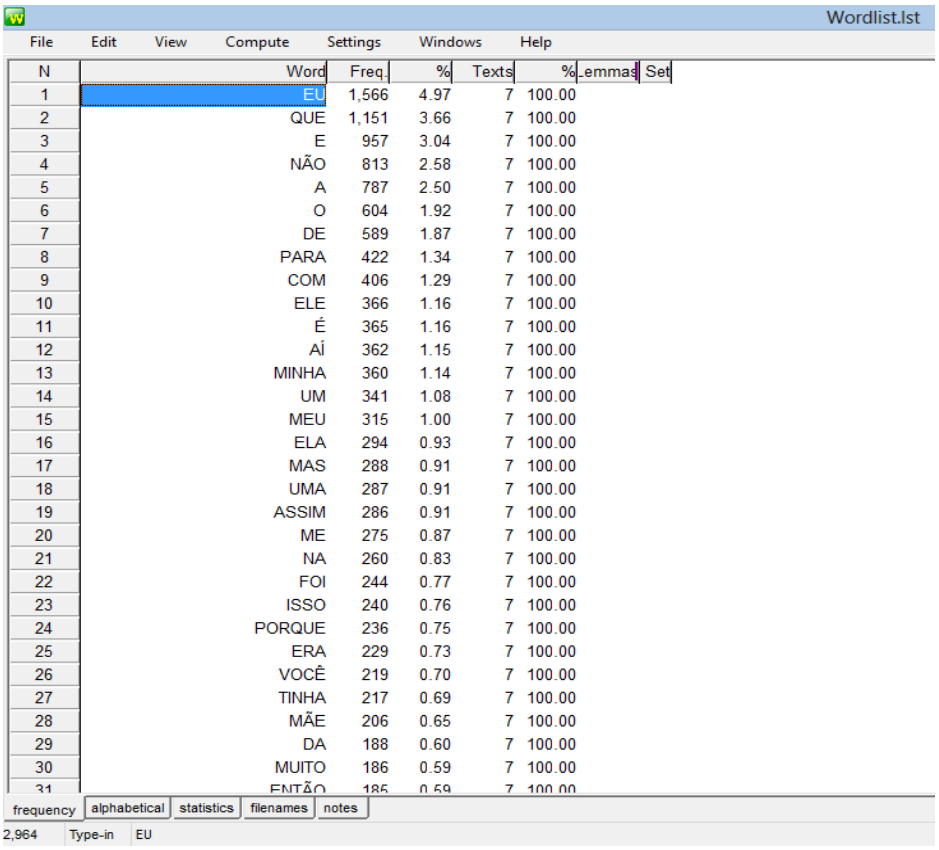


Figura 17- Ilustração da função gerador de lista de palavras mais frequentes pelo *Wordlist.*

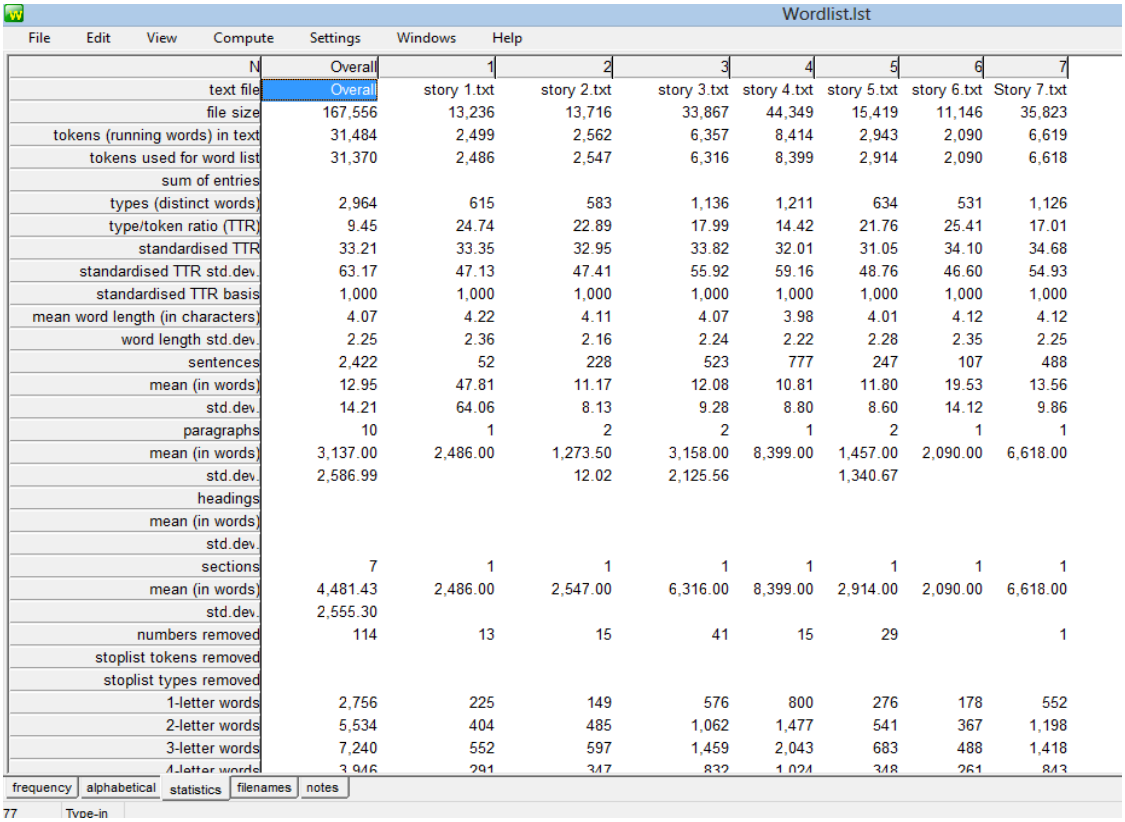
A primeira coluna indica a ordenação dos resultados com apenas as 31 primeiras palavras. Essas, por sua vez, são apresentadas na segunda coluna, prosseguidas por suas respectivas frequências. Por exemplo, tem-se a forma lexical “eu” mais recorrente nessa coletânea de textos, tendo sido empregada 1.566 vezes, o que corresponde a 4.97% de todas as palavras empregadas no *corpus*.

Embora as colunas “Freq.” e “ %” indicarem valores frequenciais, elas reportam o número de instâncias de formas diferentes. Na coluna “Freq.”, tem-se a quantidade bruta (*raw frequency*, em inglês), que se refere com exatidão uma contagem de todas as vezes que uma determinada palavra foi efetivamente identificada no *corpus*. Já na coluna seguinte “%”, o cálculo de ocorrências de uma dada forma é expresso em valores percentuais. O resultado, portanto, corresponde a uma frequência relativa que se refere ao número de instância de uma forma a cada grupo *x* de itens.

Vale ressaltar que esses resultados têm que abranger todos os textos que compõem um *corpus*. Não adianta um recurso linguístico ser altamente frequente, se essa frequência não abarca toda a coletânea de textos. O fato de uma determinada forma não abranger o *corpus*

como um todo, ser específico de um texto, isso pode consistir de ser um traço estilístico de um determinado autor. Assim, não basta um item lexical ser frequente, tem que ser abrangente.

A ferramenta geradora de lista de palavras do WST possibilita também fazer diversos levantamentos quantitativos acerca do *corpus* com qual se trabalha. Resultados esses designados Estatísticas (*statistics*), encontrados na terceira aba na direção da esquerda para direita, na parte debaixo da tela do programa, conforme visualizado na Figura 18.



N	Overall	1	2	3	4	5	6	7
text file	Overall	story 1.txt	story 2.txt	story 3.txt	story 4.txt	story 5.txt	story 6.txt	Story 7.txt
file size	167,556	13,236	13,716	33,867	44,349	15,419	11,146	35,823
tokens (running words) in text	31,484	2,499	2,562	6,357	8,414	2,943	2,090	6,619
tokens used for word list	31,370	2,486	2,547	6,316	8,399	2,914	2,090	6,618
sum of entries								
types (distinct words)	2,964	615	583	1,136	1,211	634	531	1,126
type/token ratio (TTR)	9.45	24.74	22.89	17.99	14.42	21.76	25.41	17.01
standardised TTR	33.21	33.35	32.95	33.82	32.01	31.05	34.10	34.68
standardised TTR std.dev.	63.17	47.13	47.41	55.92	59.16	48.76	46.60	54.93
standardised TTR basis	1,000	1,000	1,000	1,000	1,000	1,000	1,000	1,000
mean word length (in characters)	4.07	4.22	4.11	4.07	3.98	4.01	4.12	4.12
word length std.dev.	2.25	2.36	2.16	2.24	2.22	2.28	2.35	2.25
sentences	2,422	52	228	523	777	247	107	488
mean (in words)	12.95	47.81	11.17	12.08	10.81	11.80	19.53	13.56
std.dev.	14.21	64.06	8.13	9.28	8.80	8.60	14.12	9.86
paragraphs	10	1	2	2	1	2	1	1
mean (in words)	3,137.00	2,486.00	1,273.50	3,158.00	8,399.00	1,457.00	2,090.00	6,618.00
std.dev.	2,586.99		12.02	2,125.56		1,340.67		
headings								
mean (in words)								
std.dev.								
sections	7	1	1	1	1	1	1	1
mean (in words)	4,481.43	2,486.00	2,547.00	6,316.00	8,399.00	2,914.00	2,090.00	6,618.00
std.dev.	2,555.30							
numbers removed	114	13	15	41	15	29		1
stoplist tokens removed								
stoplist types removed								
1-letter words	2,756	225	149	576	800	276	178	552
2-letter words	5,534	404	485	1,062	1,477	541	367	1,198
3-letter words	7,240	552	597	1,459	2,043	683	488	1,418
4-letter words	3,946	291	347	832	1,024	348	261	843

Figura 18 – Estatísticas associadas à lista de palavras do *corpus* desta pesquisa.

Cada coluna corresponde a um conjunto diferente de dados, referido logo na primeira coluna “N”. A segunda coluna faz uma referência do cálculo total do corpus, tido pelo nome *overall*. Já as outras colunas reportam os resultados para cada um dos textos existentes no *corpus*. No caso dos dados para esta pesquisa, o programa apresenta um tabela com 8 colunas: uma para cada textos das 7 histórias de “sair do armário” além de uma coluna totalizadora.

A Figura 18 ainda reporta a existência de 31.370 itens (*tokens*) e 2.964 formas (*types*). Com base nesses quantitativos, a ferramenta *Wordlist* indica a relação entre a quantidade de

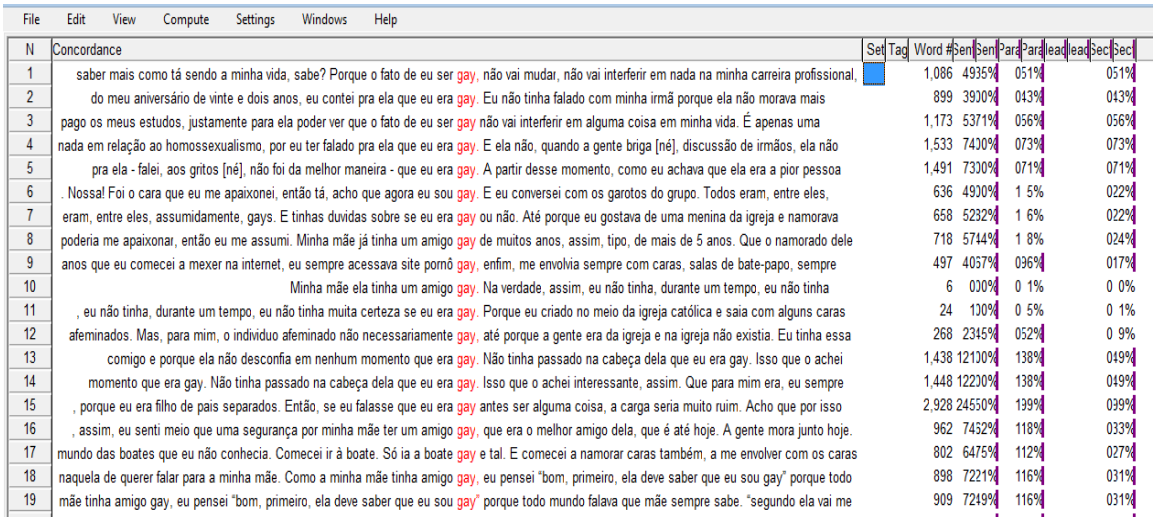
palavras distintas e o número total de palavras no *corpus*, que é visto na categoria razão forma/item (*type/token ratio*). O seu cálculo é efetuado a partir da divisão do número de formas pelo número de itens, multiplicando o resultado por 100. Assim, o valor é encontrado em termos percentuais, dando a entender que a densidade lexical do material linguístico de um texto, isto é, sem nenhuma palavra repetida, seria aquele que tivesse sua razão forma/item próxima de 100%. Salienta-se que o valor da razão dever ser interpretada em termos relativos.

É importante ressalvar que fiz o uso das funções “lista de frequência” e “Estatísticas” da ferramenta *Wordlist*, por elas conciliarem com o primeiro propósito desse capítulo analítico, que aborda sobre a frequência e densidade lexical.

A ferramenta concordanciador, também disponível no WST como *Concord*, é geralmente aproveitada para consolidar as análises iniciais realizadas pelo gerador de lista de palavras. O concordanciador possibilita realizar uma observação mais qualitativa no sentido de verificar o comportamento de um determinado item lexical, levantado pelo *Wordlist*, na coletânea de textos sob análise.

Os resultados expostos pelo *Concord* são arrumados em linhas de concordância, nas quais são fragmentos dos textos do *corpus*, contendo a palavra de busca que o pesquisador tem interesse em investigar. As linhas de concordância comumente usadas na LC é o que apresenta a palavra de busca no centro da linha de modo que ela seja facilmente vista pelo pesquisador. O tipo de *layout* é denominado de ‘*key word in context’* (KWIC), cuja tradução é palavra-chave em contexto. Embora a concordância seja apresentada no formato KWIC, os praticantes da LC evitam usar esse termo, substituindo ‘palavra-chave’ para palavra de busca (*search word)* e ‘contexto’ para ‘co-texto’. Assim, o pesquisador busca um item lexical de interesse, preferencialmente já levantado pelo *Wordlist*, para verificar o seu co-texto, isto é, entorno linguístico que tal palavra se apresenta. Para fins ilustrativos, na

Figura 19, buscou-se a palavra *gay* na compilação de textos para esta pesquisa:



File Edit View Compute Settings Windows Help

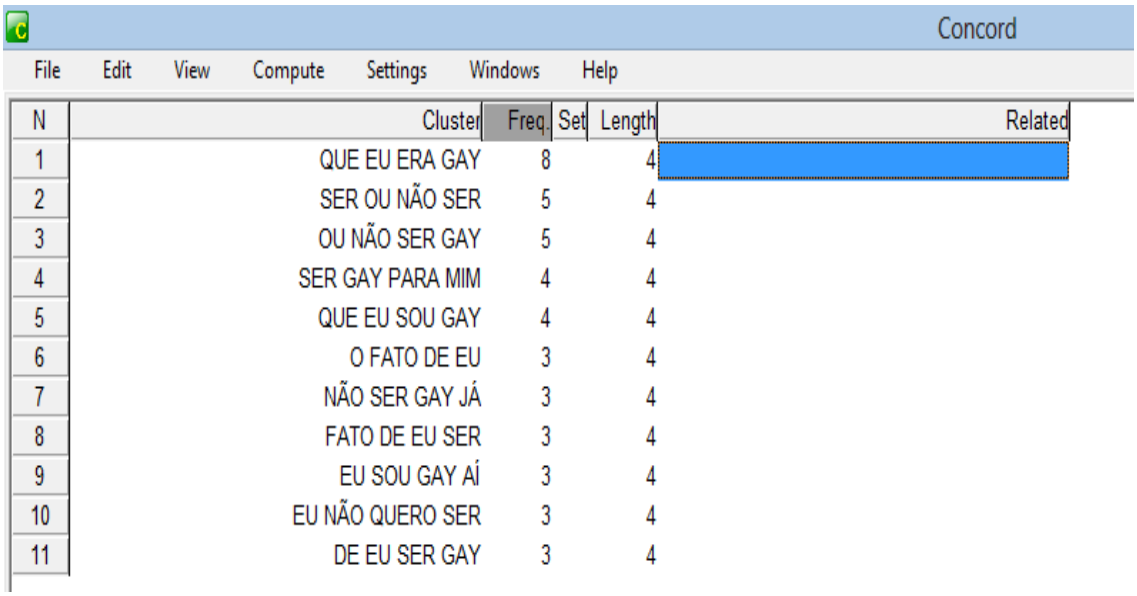
N	Concordance	Set	Tag	Word #	Sent	Sent	Para	Para	lead	lead	Sect	Sect
1	saber mais como tá sendo a minha vida, sabe? Porque o fato de eu ser gay, não vai mudar, não vai interferir em nada na minha carreira profissional,			1,086	4935%		051%				051%	
2	do meu aniversário de vinte e dois anos, eu contei pra ela que eu era gay. Eu não tinha falado com minha irmã porque ela não morava mais			899	3900%		043%				043%	
3	pago os meus estudos, justamente para ela poder ver que o fato de eu ser gay não vai interferir em alguma coisa em minha vida. É apenas uma			1,173	5371%		056%				056%	
4	nada em relação ao homossexualismo, por eu ter falado pra ela que eu era gay. E ela não, quando a gente briga [né], discussão de irmãos, ela não			1,533	7400%		073%				073%	
5	pra ela - falei, aos gritos [né], não foi da melhor maneira - que eu era gay. A partir desse momento, como eu achava que ela era a pior pessoa			1,491	7300%		071%				071%	
6	. Nossa! Foi o cara que eu me apaixonei, então tá, acho que agora eu sou gay. E eu conversei com os garotos do grupo. Todos eram, entre eles,			636	4900%		1 5%				022%	
7	eram, entre eles, assumidamente, gays. E tinhas duvidas sobre se eu era gay ou não. Até porque eu gostava de uma menina da igreja e namorava			658	5232%		1 6%				022%	
8	poderia me apaixonar, então eu me assumi. Minha mãe já tinha um amigo gay de muitos anos, assim, tipo, de mais de 5 anos. Que o namorado dele			718	5744%		1 8%				024%	
9	anos que eu comecei a mexer na internet, eu sempre acessava site pornô gay, enfim, me envolvia sempre com caras, salas de bate-papo, sempre			497	4057%		096%				017%	
10	Minha mãe ela tinha um amigo gay. Na verdade, assim, eu não tinha, durante um tempo, eu não tinha			6	000%		0 1%				0 0%	
11	, eu não tinha, durante um tempo, eu não tinha muita certeza se eu era gay. Porque eu criado no meio da igreja católica e saia com alguns caras			24	100%		0 5%				0 1%	
12	afeminados. Mas, para mim, o individuo afeminado não necessariamente gay, até porque a gente era da igreja e na igreja não existia. Eu tinha essa			268	2345%		052%				0 9%	
13	comigo e porque ela não desconfia em nenhum momento que era gay. Não tinha passado na cabeça dela que eu era gay. Isso que o achei			1,438	12100%		138%				049%	
14	momento que era gay. Não tinha passado na cabeça dela que eu era gay. Isso que o achei interessante, assim. Que para mim era, eu sempre			1,448	12200%		138%				049%	
15	, porque eu era filho de pais separados. Então, se eu falasse que eu era gay antes ser alguma coisa, a carga seria muito ruim. Acho que por isso			2,928	24550%		199%				099%	
16	, assim, eu senti meio que uma segurança por minha mãe ter um amigo gay, que era o melhor amigo dela, que é até hoje. A gente mora junto hoje.			962	7452%		118%				033%	
17	mundo das boates que eu não conhecia. Comecei ir à boate. Só ia a boate gay e tal. E comecei a namorar caras também, a me envolver com os caras			802	6475%		112%				027%	
18	naquela de querer falar para a minha mãe. Como a minha mãe tinha amigo gay, eu pensei "bom, primeiro, ela deve saber que eu sou gay" porque todo			898	7221%		116%				031%	
19	mãe tinha amigo gay, eu pensei "bom, primeiro, ela deve saber que eu sou gay" porque todo mundo falava que mãe sempre sabe. "segundo ela vai me			909	7249%		116%				031%	

Figura 19 – Linhas de concordância para '*gay*' do próprio *corpus* de pesquisa.

O concordanciador apresenta os resultados com a palavra de busca no centro de cada um das linhas de concordância e com uma cor diferente do seu co-texto de modo a auxiliar e facilitar a investigação de padrões linguísticos. As outras colunas indicam detalhadamente a posição de cada uma das instâncias de '*gay*' no *corpus* em questão.

Como o foco não se concentra na compreensão de idéias, o processo de leitura dos resultados não é estritamente linear da esquerda para direita, da primeira para última linha. O procedimento de leitura pelo concordanciador deve ser iniciado pela palavra de busca, observando as palavras empregadas à esquerda e à direita (ou vice-versa) em busca de algum tipo de padronização, isto é, os itens lexicais recorrentes ao lado ou pelo entorno da palavra de busca.

Além da busca de padrões linguísticos pela lista de concordância, há uma seção no próprio *Concord* que provê os agrupamentos lexicais (*clusters*), isto é, um levantamento de sequências lexicais mais recorrentes no *corpus*. O pesquisador pode procurar uma sequência lexical com um número de palavras e frequência mínima de ocorrência. Na prática da LC, preconizam-se as construções de até quatro palavras, pois, como sugere Hyland (2008, p.8), elas oferecem uma gama de estrutura e funções mais claras no discurso. Já a frequência fica a respeito dos objetivos do pesquisador. Para ilustrar os agrupamentos lexicais, foi feito uma busca para a palavra 'gay', conforme na Figura 20:



N	Cluster	Freq.	Set	Length	Related
1	QUE EU ERA GAY	8		4	
2	SER OU NÃO SER	5		4	
3	OU NÃO SER GAY	5		4	
4	SER GAY PARA MIM	4		4	
5	QUE EU SOU GAY	4		4	
6	O FATO DE EU	3		4	
7	NÃO SER GAY JÁ	3		4	
8	FATO DE EU SER	3		4	
9	EU SOU GAY AÍ	3		4	
10	EU NÃO QUERO SER	3		4	
11	DE EU SER GAY	3		4	

Figura 20 – Agrupamentos lexicais de quatro palavras com '*gay*', extraídos do próprio *corpus* de pesquisa.

Como base nos agrupamentos lexicais da palavra busca no *corpus* em questão, é possível perceber uma tendência de padronização gramatical da palavra '*gay*' com itens lexicais como 'eu' e 'ser' (suas variações). Isso revela que '*gay*' é um recurso linguístico utilizado para identificar, em especial, a identidade sexual dos autores das histórias de "sair do armário".

Baseado nos procedimentos apresentados, tanto o para gerador de lista de palavras e o concordanciador, a análise lexical fica bem mais facilitada. Destaca-se o último por permitir o pesquisador empreender uma observação mais qualitativa dos dados existentes em um *corpus*, analisando o co-texto de uma palavra de busca e os prováveis padrões linguísticos. Nos fundamentos da LC, a palavra forma padrão por três tipos de extensões, a ser explicitados no subitem a seguir.

4.1.3 Padrões Linguísticos

Dentro dos conceitos da LC, um padrão linguístico refere-se a uma relativa associação de duas palavras, chamado de *colocação*. Esse conceito, introduzido por Firth (1957) e aprimorado por Sinclair (2004), corresponde à co-ocorrência padrão entre duas formas linguísticas que ocorrem frequentemente em proximidade, mas não necessariamente adjacente ou de forma fixa (McENERY e HARDIE, 2011, p.123). Esse termo *colocação* denota a ideia

de que o significado de uma palavra não está contido na mesma em sim, mas na relação que essa assenta com as outras palavras do seu entorno linguístico. Essa relação estabelece-se nos diversos níveis da língua: léxico-gramatical, semântico e pragmático.

A forma mais abrangente das relações recorrentes entre as palavras é tida como *colocação*, equivalendo de *léxico+léxico*. Já no nível léxico-gramatical, tem-se o termo *coligação* refere-se à co-ocorrência de uma determinada palavra com categorias gramaticais. Por exemplo, na Figura 20, a palavra de busca '*gay*' coliga frequentemente com as categorias gramaticais 'eu' (pronome pessoal) e ser (verbo), estabelecendo uma identificação do 'eu' com o 'gay'.

Já no âmbito semântico, tem-se o conceito de *preferência semântica*. Esse conceito está relacionado à qual campo semântico uma dada forma linguística está empregada. Parte-se de uma observação de ver a recorrência de uma determinada palavra em um contexto específico. Por exemplo, veja, nos recortes a seguir, os campos semânticos em que a palavra '*gay*' e 'homossexual' são empregadas:

```
14:        no mapa dos destinos preferidos do turismo gay. Desde as regiões vinícolas de Barossa e
15:    e conta com cidades emblemáticas para o público gay como São Francisco. Mas o melhor destino
16:      8) Paris, França A França aprovou o casamento gay neste ano, fazendo justiça a uma tradição
17: estaurantes do descolado bairro do Marais, reduto gay parisiense. 9) Kyoto, Japão Jovem e
18:     floridas. Apesar de não reconhecer o casamento gay, o Japão é um dos países mais tolerantes da
19:     Antony se diz disposto a protagonizar 1º beijo gay da Globo Tailândia e África do Sul: veja 15
20:      - Como o marketing pode ser "agressivo" Grupo gay dos EUA protesta em Times Square contra
21:        Fale Conosco Participe Quem Somos RSS Grupo gay dos EUA protesta em Times Square contra
22:      por admin em 28 Agosto, 2013 - 14:38 Um grupo gay de Nova York, o Queer Nation NY, fará hoje
23: iscriminação Atleta dos EUA homenageia comunidade gay e se arrisca a ir preso na Rússia Grupo

 4:   ESTILO ECONOMIA CLIMA TERRA TV ASSINE Casamento homossexual ganha espaço na América Latina 5 de
 5:    2013 | 20h25 | atualizado às 20h57 O casamento homossexual ganha espaço na América Latina
 6:  câncer terminal, se tornou o primeiro matrimônio homossexual registrado no país. No Brasil, o
 7: iniciativa que buscava a legalização do casamento homossexual, e deixou vigente uma figura que
 8:  Justiça. A capital do México permite o casamento homossexual, mas ativistas ainda pressionam
 9:       Rico e Venezuela não contemplam o casamento homossexual. De acordo com associações LGBT, o
10:          já se manifestam favoravelmente à união homossexual Baseado em artigo de Daniel Fowler
11:  11h45 Embora não permita legalmente o casamento homossexual, o Colorado possibilita, com base em
12:     entre os cônjuges. Curiosamente, o casamento homossexual ainda não é legal no Colorado,
```

Quadro 7 - Exemplos de concordâncias da forma linguística '*gay*' e 'homossexual' extraído do WebCorp.[20]

Com base nos exemplos acima, a palavra 'homossexual' tende a co-ocorrer com a palavra casamento e suas relacionadas como: matrimônio ou união, nos contextos referidos a legalização da união civil dos homossexuais. Em contrapartida, a palavra casamento + 'gay'

[20] Exemplos extraídos do *WebCorp* em 29/08/2013.

parece não ter a mesma frequência, havendo apenas duas instâncias. O uso de ‘*gay*’ está ligado à referência de grupo (público, comunidade, grupo) e ato (beijo). Portanto, os exemplos sugerem que os dois termos aparentemente sinônimos ocorrem em contextos distintos.

No nível pragmático, tem-se o conceito de *prosódia semântica*, definida por Louw (1993, p.157), como ‘uma áurea consistente de significado que uma forma está imbuída pelos seus colocados e que esses últimos têm a função de colorir tal forma. Em outras palavras, os colocados de uma palavra acabam conferindo a ela um valor positivo, negativo ou neutro. Para melhor compreensão, veja, abaixo, os colocados próximos de ‘*gay*’, nos exemplos retirados do próprio *corpus* de pesquisa:

N	Concordâncias
1	u disse isso “**eu não quero ser** gay” “**Eu não quero ser is**so e tal
2	para mim que **eu não podia se** gay. **Não podia mesmo**. Aquilo,né? tipo
3	e gay está relacionado **doença**, gay está relacionado a **marginalidade**
4	armário. Para mim, o que era o gay? Era o **cara afetado**, que falava fino
5	rbio, é muito machista, de que gay está relacionado **doença**,
6	não tinha filho porque eu era gay. Por isso. "**Meu filho morreu**."
7	enfim, é **a mulherzinha**, sabe? Gay só dá, gay quer ser a mulher
8	sim? Eu com o mito de que sexo gay pega **AIDS**, “aí peguei **AIDS**,peguei AIDS
9	pessoa **toma porrada** só por ser gay?". Não faz parte da minha vida
10	mas, "E daí o Leonardo ser gay? **O problema** é se fosse com o irmão dele

Quadro 8 – Colocados do item lexical ‘*gay*’, extraído do *corpus* de pesquisa.

Nos colocados destacados no lado esquerdo (azul) e direito (verde), observa-se que a forma linguística ‘*gay*’ carrega conotação negativa, ou prosódia semântica negativa. Com base nesses exemplos, tem-se a impressão de que ‘*gay*’ é a figura relacionada à doença, à marginalidade, à auto-rejeição, à morte, a problema. Assim, os significados de ‘*gay*’, ativados pelo seu entorno linguístico (seu co-texto), são expressos de forma negativa. O mesmo não ocorre com o léxico ‘homossexual’.

São esses conceitos de padrões linguísticos que a LC viabiliza aos praticantes de análise eletrônica de textos. Desde a utilização do ferramental computacional até a observação dos traços conceituais, a análise textual é enriquecedora. Portanto, passe-se efetivamente para seção analítica, a qual mapeia a frequência e densidade lexical e examina os padrões linguísticos dos itens lexicais predominantes nas histórias de “sair do armário” sob análise.

4.2 História de “Sair do Armário”: Um Enlace Analítico Sob uma Ótica Lexical.

A partir desta seção, procura-se responder às questões lançadas na introdução deste capítulo. Inicialmente, concentra-se na pergunta: há um léxico significativo predominante nas histórias de “sair do armário”, contadas pelos homossexuais do sexo masculino? Em seguida, com as informações obtidas pela primeira questão, busca-se resposta para segunda pergunta lançada no início: se há uma predominância lexical significativa, que padrão linguístico é estabelecido com esse léxico em tais histórias?

Para o desenvolvimento da primeira resposta, o *corpus* foi submetido a uma análise eletrônica mediada pela ferramenta computacional *Wordlist*, cuja uma das funções foi realizar um levantamento dos itens lexicais mais recorrentes na coletânea de textos aqui sob análise. Entretanto, antes mesmo de fazer essa apuração lexical, preferiu-se fazer uma análise estatística do quantitativo de formas linguísticas que os sujeitos dessa pesquisa utilizaram para expressar suas experiências do “sair do armário”.

Conforme observado na Figura 18 (ver subitem 4.1.2), a quantidade total de itens (*tokens – running words – in text*) nas sete histórias é de 31.484. Entretanto, o número de itens lexicais efetivamente contabilizadas foi de 31.370 (*tokens used for word list*) , pois o programa não discrimina números ou símbolos como palavra. Ainda nessa seção de palavras contabilizadas, verifica-se que a história que utilizou mais itens lexicais foi *story 4.txt* com 8.399 dos mesmos, seguida da *story3.txt* com *6.316* palavras. A *story 6. txt* tem menos formas linguísticas.

Contudo, realizando o cálculo para obter o percentual de formas distintas que cada sujeito utiliza para falar sobre experiência do “sair do armário”, os resultados mostram-se reveladores. Dividindo o número de formas (*types*) pelo número de item (*tokens)* e multiplicado o resultado por 100 – *types/tokens* x 100 – chega-se ao valor percentual de palavras distintas utilizadas pelos sujeitos. Conforme aponta o Gráfico 1, é possível ver a diferença:

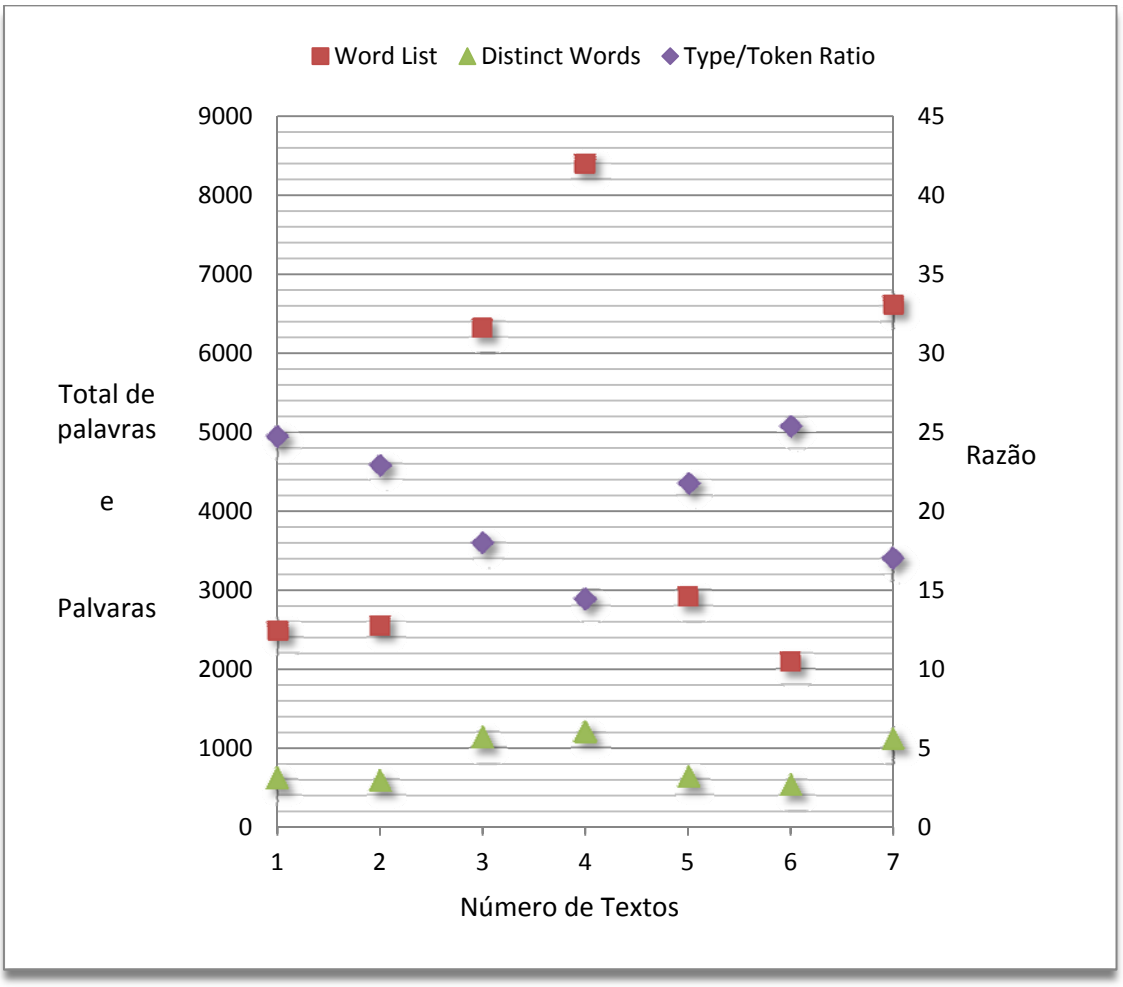


Gráfico 1- Distribuição de palavras totais, palavras distintas e a razão de palavras distintas/totais.

Com base nas informações do Gráfico 1**,** observa-se que apesar do sujeito da *story 4.txt* utilizar mais itens lexicais (8,399) para contar sua história, conforme indica o quadrado vermelho na direção vertical do número de textos 4, o mesmo depoente é quem apresenta menor percentual (14,42%) de formas distintas, isto é, palavras diversificadas para expressar sua experiência – como pode ser visto pelo losango roxo na direção vertical do número de textos 4. Isso sugere que, ao contar sua história, o narrador lance mão de mais itens repetidos para tal. Em contrapartida, a história que tem menos itens lexicais (*story 6.txt* – 2.090*)* apresenta um percentual de formas distintas maior (25,41%) em relação a todas as histórias, tendo logo ao seu abaixo *story 1.txt* com 24,74% de palavras distintas utilizadas para contar tal experiência. Desta forma, baseado nos cálculos expostos, pode-se sugerir que a experiência de "sair do armário", isto é, assumir sua identidade sexual *gay*, é verbalizada lexicalmente de forma distinta e única para cada um dos sujeitos, pois os recursos linguísticos usados para

expressar tal variam quantitativamente entre eles. Abro aqui um parêntese para enfatizar que as histórias foram contadas sem tempo marcado, ou seja, no tempo de cada depoente. Igualmente, não foram quantificadas as pausas intra-depoimentos.

Diferenças lexicais a parte, contudo, no tocante que léxico mais frequente, as sete histórias parecem se aproximar. Para o levantamento das palavras mais frequentes no *corpus* de pesquisa, utilizou-se o gerador de lista de palavras. Veja apuração na Tabela 1:

N	Palavra	Freq.	%	Texto	%	N	Palavra	Freq.	%	Texto	%
1	EU	1,566	4.97	7	100.00	22	FOI	244	0.77	7	100.00
2	QUE	1,151	3.66	7	100.00	23	ISSO	240	0.76	7	100.00
3	E	957	3.04	7	100.00	24	PORQUE	236	0.75	7	100.00
4	NÃO	813	2.58	7	100.00	25	ERA	229	0.73	7	100.00
5	A	787	2.50	7	100.00	26	VOCÊ	219	0.70	7	100.00
6	O	604	1.92	7	100.00	27	TINHA	217	0.69	7	100.00
7	DE	589	1.87	7	100.00	28	MÃE	206	0.65	7	100.00
8	PARA	422	1.34	7	100.00	29	DA	188	0.60	7	100.00
9	COM	406	1.29	7	100.00	30	MUITO	186	0.59	7	100.00
10	ELE	366	1.16	7	100.00	31	ENTÃO	185	0.59	7	100.00
11	É	365	1.16	7	100.00	32	NO	185	0.59	7	100.00
12	AÍ	362	1.15	7	100.00	33	SE	183	0.58	7	100.00
13	MINHA	360	1.14	7	100.00	34	MAIS	182	0.58	7	100.00
14	UM	341	1.08	7	100.00	35	DO	179	0.57	7	100.00
15	MEU	315	1.00	7	100.00	36	EM	169	0.54	7	100.00
16	ELA	294	0.93	7	100.00	37	GENTE	153	0.49	7	100.00
17	MAS	288	0.91	7	100.00	38	SÓ	148	0.47	7	100.00
18	UMA	287	0.91	7	100.00	39	JÁ	136	0.43	7	100.00
19	ASSIM	286	0.91	7	100.00	40	PAI	135	0.43	5	71.43
20	ME	275	0.87	7	100.00	41	FALEI	133	0.42	7	100.00
21	NA	260	0.83	7	100.00	42	GAY	132	0.42	7	100.00

Tabela 1 – Lista de palavras frequentes nas histórias de “sair do armário” sob análise.

Conforme já visto nas informações estatísticas, o *corpus* é composto de 2.964 de itens lexicais. No entanto, selecionaram-se apenas as 42 ocorrências por já mostrar informações relevantes no que tange ao prosseguimento analítico. Como é observado na Tabela 1, o item lexical mais frequente é ‘eu’. Não surpreendentemente esperava tal marca linguística pelo fato de o *corpus* conter histórias de experiência pessoal, narradas na primeira pessoa. Entretanto,

as palavras que a seguem são itens léxico-gramaticais, os quais por si só não fazem sentido, ou seja, elas são marcas gramaticais, como preposições, advérbios e conjunções.

O item lexical (não-gramatical) mais frequente acha-se na posição 28, ‘mãe’. A forma ‘mãe’ é o primeiro item lexical que por si só se faz sentido, ou seja, a figura feminina que tem filhos. Em seguida, na posição 40 tem-se o item ‘pai’, que também por si só faz sentido, a figura masculina que tem filhos. Portanto, pode-se dizer que os itens lexicais significativos predominantes são ‘mãe’ e pai’

Entretanto, há duas formas linguísticas anteriores aos itens significativos, a saber: ‘ele’ na posição 10 e ‘ela’ na posição 16. Numa busca rápida desses itens pelo concordanciador, percebeu que ‘ele’ e ‘ela’ fazem referência além de ‘pai’ e ‘mãe’, revelando a presença de outros participantes nas histórias. A forma ‘ele’ indexava a mais cinco participantes além do ‘pai’, conforme mostra o Gráfico 2:

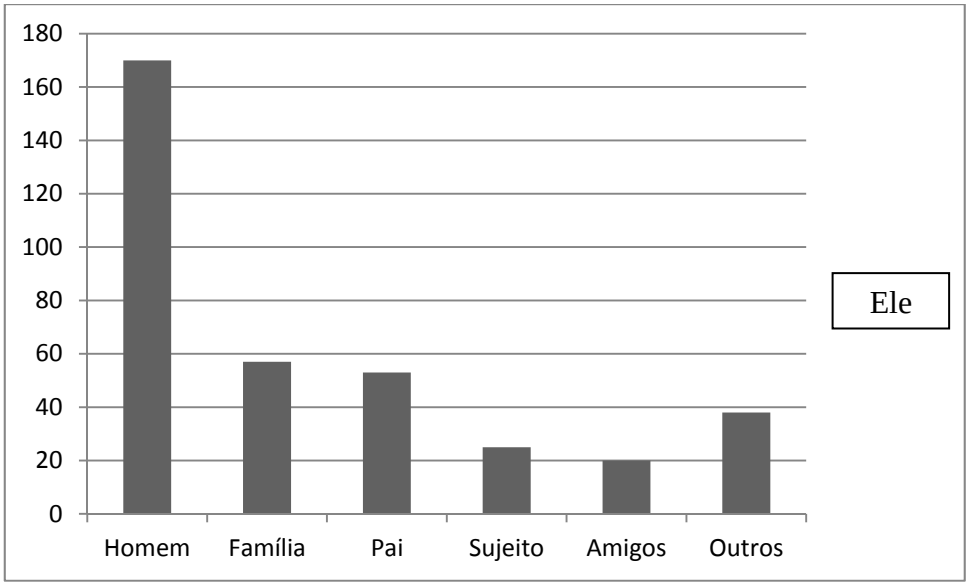


Gráfico 2- Distribuição de ‘ELE’ nas histórias de “sair do armário”

A maior referência que ‘ele’ tem é à categoria Homem que se refere aos namorados ou aos rapazes com os quais os entrevistados tiveram alguma relação. Em seguida, tem-se a categoria Família, sendo algum parente do sexo masculino, exceto o pai. Depois, tem-se a referência de ‘Pai’, prosseguida da categoria Sujeito, correspondendo ao próprio sujeito de pesquisa, quando é referido por outras pessoas nas histórias. Por fim, tem-se a referência de

‘ele’ para Amigos dos sujeitos e a Outros, pessoas ou coisas que ficam fora o escopo da pesquisa.

Quanto ao item ‘ela’ percebe-se uma referência de mais três participantes além de ‘mãe’, como mostra o Gráfico 3:

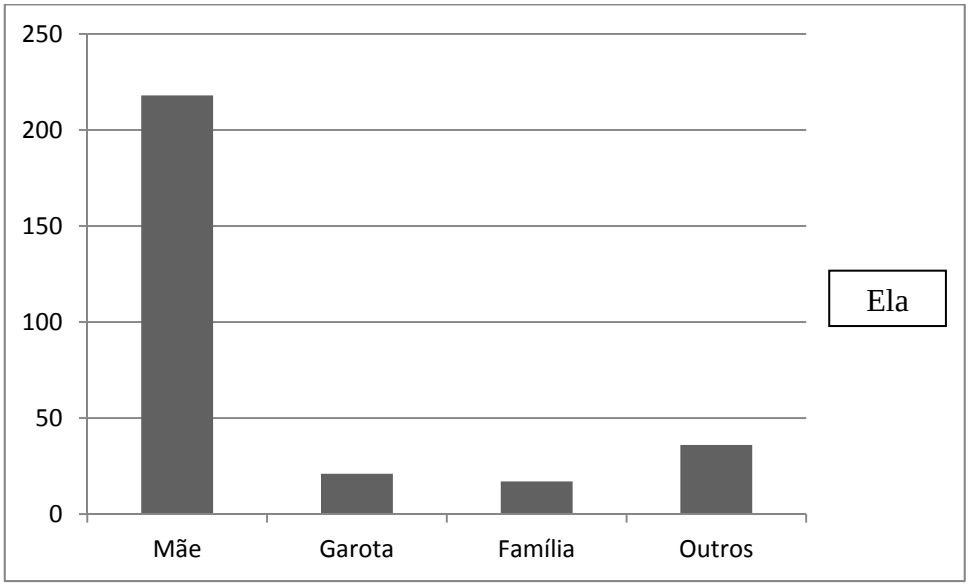


Gráfico 3 – Distribuição de ‘ELA’ nas histórias de “sair do armário”

A mais referida com uso de ‘ela’ é o item lexical ‘mãe’. Em seguida, aparece a categoria Outros, referindo-se a alguém ou coisa que não é de interesse para análise. Depois, tem-se a categoria garota prosseguida da categoria família, correspondendo a alguma menina com quem os entrevistados tentaram ter alguma relação e a membros da família do sexo feminino, respectivamente.

Baseado no Gráfico 3, fica nítido que o item ‘mãe’ é o mais mencionado nas histórias, ao passo que o ‘ele’ faz referencia menos ao item ‘pai’, perdendo-o de vista para as recorrentes referências de ‘ele’ para a categoria Homem. Entretanto, apesar de o item ‘pai’ ser menos referido pelo traço gramatical ‘ele’, considera-se, ainda assim, a forma linguística ‘pai’ uma dos mais frequentes nos textos. Por estas razões, além do item lexical ‘eu’ na primeira posição da lista, considera-se ‘mãe’ e ‘pai’ como as formas mais recorrentes nas histórias de “sair do armário” em questão.

Agora, faz-se necessário observar quais recursos linguísticos formam padrões com ‘mãe’ e ‘pai’. Para tanto, utiliza-se o concordanciador do WST por já automatizar as padronizações linguísticas. Com base nas informações nos agrupamentos lexicais obtidos pela ferramenta *Concord*, foi possível observar que, nas histórias em análise, o item lexical ‘mãe’ tende a coligar ao pronome adjetivo ‘minha’ e ao processo verbal ‘contar’, conforme Lista 1:

N	Agrupamento lexical de 5 palavras	Freq.	length
1	CONTEI PARA A MINHA MÃE	5	5
2	EU CONTEI PARA A MINHA	4	5
3	CONTAR PARA A MINHA MÃE	4	5

Lista 1 – Agrupamentos lexicais para ‘mãe’

Observado nas construções lexicais para ‘mãe’, percebe-se que a legitimação da “saída do armário” dá-se a partir do momento que o sujeito conta para figura mãe. Contrariamente à figura do pai, parece que não são formados padrões dessa natureza para o item lexical ‘pai’, conforme mostrado na Lista 2:

N	Agrupamento lexical de 4 palavras	Freq.	Length
1	PARA O MEU PAI	6	4
2	MEU PAI MEU PAI	6	4
3	FAMÍLIA DO MEU PAI	5	4
4	QUE O MEU PAI	4	4
5	PARA O SEU PAI	4	4

Lista 2 – Agrupamentos lexicais para ‘pai’

Sabendo-se que agrupamentos a partir de quatro palavras (HYLAND, op.cit) são sugeridos para estudos em discurso, por apontarem para sentido completo no discurso, a busca de padrões lexical foi, portanto, da quantidade de quatro palavras com frequência de 4% de repetição. Com base nos agrupamentos lexicais para ‘pai’, observou-se a ausência de padrões significativos semelhantes às formas ocorridas para o item lexical ‘mãe’. Portanto, os resultados obtidos apontam que, holisticamente, olhando-se o total das sete histórias, a figura materna, em relação à figura paterna, é a mais mencionada.

4.3 **Algumas Considerações**

Este capítulo foi proposto com vistas a atender à necessidade de inaugurar uma análise lexical em narrativas na modalidade oral e sobre experiências pessoais. As histórias sob um exame lexical refletem os conteúdos que os indivíduos homossexuais contam para compartilhar suas experiências de “sair do armário”, isto é, assumir sua identidade sexual.

As análises calcadas em conceitos e procedimentos analíticos mediados por ferramentas computacionais procuraram dar um tratamento quantitativo e estatístico aos itens lexicais utilizados para expressar a experiência do “sair do armário” em todas as histórias do *corpus*, algo que seria impossível fazer manualmente. Uma das principais evidências foi a caracterização lexical da “saída do armário” como experiência diferente para cada sujeito homossexual, visto que o comprimento da história e as palavras distintas para contá-la, varia consideravelmente de sujeito para sujeito.

Apesar de a experiência vivida ser diferenciada entre os sujeitos, um item lexical significativo pareceu ser predominante nas sete histórias de “sair do armário” sob investigação. Com auxílio do gerador de lista de palavras, evidenciou-se que o item lexical ‘mãe’ predomina significantemente nas histórias em questão. Isso é nítido através dos agrupamentos lexicais levantados para a forma linguística ‘mãe’, tendo a maioria os processos verbais, do tipo ‘contar’ em seu entorno linguístico.

Como base nessas análises iniciais, no capítulo a seguir, a análise prossegue focando-se apenas nos itens lexicais significativos predominantes referentes aos participantes das histórias, preferencialmente ‘eu’ e ‘mãe’ e seu referencial ‘ela’ para os posicionamentos-atitudinais dos mesmos em relação à experiência do “sair armário”.

5 **HISTÓRIAS DE "SAIR DO ARMÁRIO": UMA ANÁLISE DISCURSIVA SOB A ÓTICA DA LINGUAGEM ATITUDINAL.**

Este capítulo dá prosseguimento a análise das histórias de "sair do armário", a partir do nível discursivo, a fim de responder a seguinte pergunta: Os itens lexicais frequentes sinalizam linguagem de 'avaliação', principalmente se considerados os aspectos de Afeto, Julgamento e Apreciação?

Com o intuito de mapear a linguagem da *avaliação* no corpus, recorreu-se à Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), mais especificamente à macrofunção Interpessoal através da Teoria da *Avaliatividade* (MARTIN e WHITE, 2005), em especial ao seu subsistema de Atitude. Esse subsistema é subdividido em categorias semântico-discursivas que indicam avaliações baseadas ou em Afeto, ou Julgamento ou Apreciação, categorias compostas de recursos linguísticos que textos/falantes utilizam para expressar, negociar e naturalizar particulares posições intersubjetivas e fundamentalmente ideológicas. Como os itens predominantes são 'eu' e 'mãe/ela[21]', a análise, portanto, se dirige à descrição dos posicionamentos-atitudinais de/sobre tais atores sociais, a partir da leitura que os sujeitos desta pesquisa fazem em relação à experiência do "sair do armário", isto é, assumir (publicamente) sua identidade sexual.

Este capítulo divide-se em duas seções, iniciando-se com alguns conceitos e termos utilizados por estudiosos da linguagem da avaliação e prosseguindo com a seção da análise propriamente dita.

5.1 **Linguagem da Avaliação**

De acordo com Hunston e Thompson (2000, p.5), *Avaliação* é um termo amplo referente à "expressão da atitude ou posicionamento do texto/falante, ao seu ponto de vista, ou aos sentimentos sobre entidades ou proposições sobre as quais está falando[22]." Os autores ainda identificam três funções inerentes ao uso da *Avaliação*, podendo operar simultaneamente no texto: expressar a opinião do falante/escritor, construir e manter relações entre o texto/falante e o seu interlocutor e organizar o discurso.

[21] O pronome pessoal utilizado apenas em referência à "mãe"

[22]Tradução Livre: evaluation is the broad cover term for the expression of the speaker or the writer's attitude or stance towards, viewpoint on, or feelings about the entities or propositions that he or she is talking about.

A primeira e mais óbvia das funções é expressar a opinião do falante/escritor, revelando o sistema de valores do sujeito e de sua comunidade. Em outras palavras, identificar o que o texto/falante pensa é, além de saber o seu ponto de vista, pôr em evidência um sistema de valores compartilhado socialmente. Esse sistema de valores é um componente da ideologia que pode estar por trás do texto. A ideologia não existe em silêncio e muito menos expressa de maneira evidente; ela é construída e transmitida através dos textos, de onde sua natureza é revelada (HUNSTON e THOMPSON, op.cit, p.8). Portanto, descobrir o que o texto/falante julga é revelar a ideologia da comunidade social em que o texto é produzido.

A segunda função é construir e manter relações entre o texto/falante e o seu interlocutor. Essa função é percebida na apropriação de recursos linguísticos, como por exemplo, os modalizadores do discurso, para estabelecer algum tipo de relação, seja ela por meio da manipulação ou no ajuste de valor da verdade ou certeza em uma informação. O uso da *Avaliação* para manipular corresponde em persuadir o interlocutor de ver as coisas de uma determinada forma. Hoey (1983, p.95) exemplifica tal função com a consideração de uma situação como um problema, determinada por um ponto de vista. Ele alega que "um Problema pode ser visto como tal apenas por uma pessoa, entretanto se houver duas, há potencialmente não um, mas dois possíveis Problemas."[23] Em outras palavras, expressar algo como problemático pode dificultar o interlocutor não aceitá-lo.

A terceira função é organizar o discurso. A relação estabelecida entre o texto/falante e seu interlocutor não existe somente em termos do conteúdo do texto, mas em termos do texto em si (HUNSTON e THOMPSON, op.cit, p.10). Em outras palavras, o autor do texto não somente fala 'foi isso que aconteceu e essa é a minha opinião', mas também informa ao seu interlocutor o início do texto, como os argumentos se adaptam e o fim da interação. A *Avaliação*, tanto na produção escrita como oral, tende ocorrer no ponto de fronteira do discurso, proporcionando assim uma pista de 'monitoração' da sua organização.

Em uma busca dos estudos sobre *Avaliação*, encontrei, primeiramente, uma tradição bem estabelecida que considera tal fenômeno linguístico um elemento semântico ou estrutural da narrativa (LABOV e WALETSKY,1967; LABOV, 1972; HOEY, 1983; 2001). Ainda

[23]TraduçãoLivre: A Problem can only be a Problem for someone. Consequently if there are two participants , there are pontetially not one but two Problems possible.

diferentes rótulos são encontrados, dependendo da prioridade que cada estudo propõe. Por exemplo, na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), tem-se *Modalidade* (HALLIDAY, 1994) que corresponde ao recurso interpessoal utilizado para expressar significados relacionados ao julgamento por parte do falante em diferentes graus. Para tanto, Halliday fala na categoria gramatical *Modalidade*, dividida em: i) *Modalização*, que se refere às proposições e subdivide-se nas categorias de Probabilidade e Usualidade, e ii) *Modulação*, que se refere às propostas (bens e serviços), classificadas pelas categorias de Obrigação e Inclinação.

Como expansão do trabalho seminal de Halliday sobre *Modalidade*, destaca-se a pesquisa de seus colaboradores que recebeu em português o rótulo de *Avaliatividade* (MARTIN, 2000; MARTIN e WHITE, 2005). *Avaliatividade* integra os dois subsistemas, Comprometimento e Atitude, tratados separadamente dentro de *Modalidade*, e estuda os diferentes tipos de Atitude – Afeto, Julgamento e Apreciação, associando-os a diferentes graus de intensidade, mapeado pelo sub-sistema Gradação. Outro fator que difere essa abordagem da hallidayana é a ênfase não apenas nos recursos gramaticais, mas também lexicais, especialmente aqueles recursos imbuídos de avaliação. Assim, a *Avaliatividade* desenvolve uma "perspectiva complementar", baseada na léxico-gramática da língua.

Além disso, o que se enfatiza pela *Avaliatividade* é extrair sentido de avaliação, como: o sentimento dos interlocutores, os julgamentos que eles fazem e o valor garantido nos diversos fenômenos de suas experiências (MARTIN, 2000, p.144), alinhados à comunidade social em que estão inseridos ou não. Portanto, das três funções da *Avaliação* propostas por Hunston e Thompson (op.cit), parece que a *Avaliatividade* preconiza a função ideológica e conservadora de relações, já que análises calcadas nas avaliações atitudinais são importantes.

Por conta dessa dupla habilidade em articular opiniões e alinhamentos, os modelos analíticos desenvolvidos na Teoria da *Avaliatividade*, em particular do subsistema Atitude, é o modelo adequado para mapear os posicionamentos-atitudinais dos sujeitos *gay*, autores do depoimento e de sua mãe em relação à experiência relatada de "sair do armário".

Portanto, passa-se, a seguir, à descrição da Teoria da *Avaliatividade*.

5.1.1 Teoria da *Avaliatividade*

A Teoria da *Avaliatividade* (ou *Appraisal*) trata-se de "uma abordagem que se preocupa em explorar, descrever e explicar de que forma a língua é usada para avaliar, assumir posições, construir *personas* textuais e lidar com as relações e os posicionamentos interpessoais."[24]. Como já mencionado, tal teoria situa-se na metafunção interpessoal do nível semântico do discurso, uma vez que intenciona mapear as interações sociais, sobretudo, os sentimentos compartilhados.

A Teoria da *Avaliatividade* divide-se em três sistemas: Gradação, Engajamento e Atitude. O primeiro relaciona-se à capacidade do falante de aumentar ou diminuir o a força de sua asserção a um dado fenômeno. O segundo sistema está associado aos recursos de posicionamento baseado em outras vozes/opiniões no discurso. Já o sistema Atitude corresponde aos sentimentos, em particular, as reações emocionais, julgamento de comportamento e avaliações de coisas ou fenômenos. Embora tais fenômenos operem simultaneamente em qualquer realização linguística, minha análise restringe-se apenas ao sistema Atitude, visto que um dos objetivos desta pesquisa é verificar como os itens predominantes 'eu' e 'mãe/ela', ou seja, os principais participantes das narrativas em tela e também, porque empreender uma análise completa incluindo Gradação e Engajamento constituiria outro trabalho de dissertação. A Teoria de Avaliatividade se subdivide em três aspectos complementares, espelhados pelo parêntese, sendo que Atitude se subdivide em três aspectos excludentes, isto é, quando fazemos avaliações, ou o fazemos pelo ângulo do Afeto, ou do Julgamento ou da Apreciação – sinalizado pelo colchete.

[24]Tradução livre: [Appraisal is] a particular approach to exploring, describing and explaining the way language is used to evaluate, to adopt stances, to construct textual personas and to manage interpersonal positionings and relationships. <http://www.grammatics.com/appraisal/AppraisalGuide/UnFramed/Appraisal-Overview.htm>

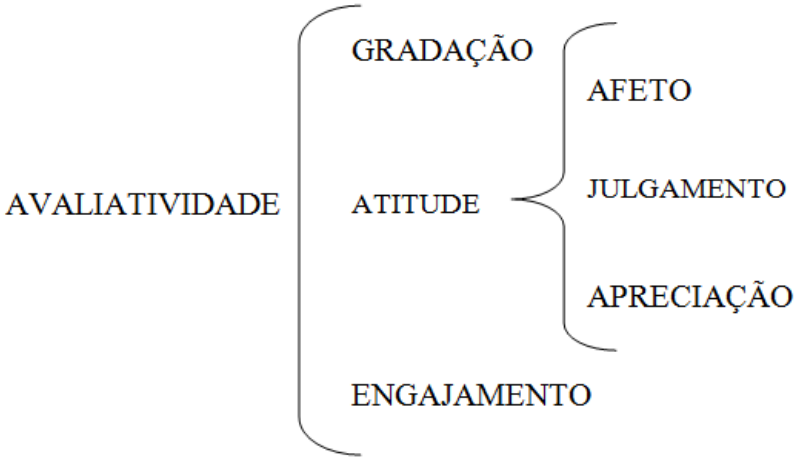


Figura 21– Representação sistemática da Teoria da *Avaliatividade* e as subdivisões do sistema Atitude (MARTIN e WHITE, op.cit).

Entende-se como *sistema* uma série de opções linguísticas disponíveis ao falante/escritor, cobrindo significados que podem ser ou são tipicamente expressos em um determinado contexto (MARTIN, op.cit, p.142). Por exemplo, o falante/escritor pode manifestar sua Atitude diante a um determinado evento por meio de uma das três regiões semânticas: Afeto, Julgamento ou Apreciação. Isso significa dizer que, dentre os recursos disponíveis na língua, o falante escolhe itens léxicos gramaticais específicos de uma região para emitir o seu juízo de valor.

Atitude corresponde aos "valores os quais falantes transmitem para julgar e associar respostas afetivas a indivíduos, processos e coisas[25]", isto é, refere-se aos recursos usados para fazer avaliação positiva ou negativa de algum fenômeno. Conforme visto na Figura 21, a Atitude se ramifica em três categorias semântico-discursivas: Afeto, Julgamento e Apreciação. Estas dimensões se relacionam, respectivamente, à **emoção**, à **ética** e à **estética** e constituem escolhas feitas pelos falantes para comunicar suas avaliações. Em outras palavras, quando se fala/escreve sobre algo, ou se faz isso através do Afeto, ou da Apreciação, ou do Julgamento. Além disso, podemos falar de Afeto, Julgamento ou Apreciação inscrito (explícito) ou evocado (implícito). Uma avaliação inscrita é quando naquele texto e naquela cultura, não há dúvida quanto ao que se está querendo dizer, ao passo que evocada é quando

[25]Tradução livre: [Attitude]"values by which speakers pass judgments and associate affectual responses with participants and processes."

algo está nas entrelinhas. Por exemplo, os dois itens léxico-gramaticais para expressar as emoções negativas de Afeto da ‘mãe’:

A categoria Afeto está relacionada aos sentimentos expressos pelos falantes/escritores, pontuando avaliações emotivas em relações às pessoas, às coisas e aos acontecimentos. Esses sentimentos podem ser registrados de forma positiva ou negativa, atendendo as seguintes perguntas: “sinto-me feliz ou triste, confiante ou ansioso, interessado ou entediado?” (MARTIN, op.cit, p.42).

Mediante essas perguntas, Martin e White (op. cit, 45-52) destacam uma variável que categoriza emoções por Afeto em três grandes grupos. A primeira variável, (IN)Felicidade compreende “sentimentos de felicidade ou de tristeza e a possibilidade de dirigir estes sentimentos a um estímulo de gostar ou desgostar”[26].Para melhor compreensão, observem, na Figura 22 e Figura 23 , os exemplos de Afeto/ (IN)Felicidade, retirados do nosso *corpus*:

1	e não é para todos, não é para muitos, né. Acredito que não. Eu to feliz assim pela minha mãe ter aceitado isso, como se
280	nhora". Ela: "Pode falar". Só que antes, na semana anterior, eu acordava, chorava. Dormia, chorava. Acordava, chorava. D
296	l porque esse não era o caminho certo. Mas, agora eu sei que eu me senti mal por causa da ressaca moral. Porque aqueles
310	to mesmo de quem eu sou,de como isso funciona na minha vida. Eu gosto muito do universo gay assim. Eu não acho que, sabe
381	versa, e aí, eu fui para um retiro de igreja. E nesse retiro eu conheci um garoto e me apaixonei por ele. Foi nas primei

Figura 22 - Exemplos inscritos de Afeto/(IN)Felicidade

308	então eu comecei nunca aceitei dentro de mim que era gay aí eu ficava com mulher normal nunca me aceitei até os 17 anos
372	eu não quero ser gay" chegou a me perguntar e eu disse isso "eu não quero ser gay" "Eu não quero ser isso e tal". Aí, el
363	issional, que eu já era. Ter a minha independência porque se eu sofri essa certa rejeição dos meus pais sendo o que eu s

Figura 23 – Exemplos evocados de Afeto/(IN)Felicidade

As avaliações realizadas por meio de Afeto, de modo geral, se diversificam numa variedade de estruturas léxico-gramaticais. Com auxílio da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), essas realizações que se materializam através de processos mentais de afeto e processos comportamentais, pelos adjuntos de modo e, principalmente, pelos qualificadores.

[26]Tradução livre: [it involves the moods of] “feelings happy or sad, and the possibility of directing these feelings at a trigger by liking or disliking it” <http://www.grammatics.com/appraisal/index.html>

Observa-se, na Figura 22, que os recursos explícitos que marcam a Felicidade do produtor do texto são formalizados pelo epíteto **‘feliz’**, em 1; e pelos processos ‘**gostar**’ e ‘**apaixonar-se’**, respectivamente em 310 e 381. Já a Infelicidade está inscrita pelos processos comportamentais ‘**chorar**’ e ‘**sentir-se mal**’. Essas escolhas linguísticas são recursos que marcam diretamente a subcategoria (IN)Felicidade.

Em contrapartida, na Figura 23, os recursos acionados marcam a Infelicidade mesmo na ausência de léxicos que expressam diretamente o sentimento do falante. Primeiramente, A Infelicidade é evocada pela estrutura negativa dos processos ‘**aceitar**’ e ‘**querer**’, tendo em mente daquilo que não é aceito ou querido, provavelmente não se gosta ou não traz felicidade. Há ainda a item ‘**sofrer**’ que evoca tal sentimento com ideia de quem sofre, normalmente não está feliz.

A variável (IN)Segurança envolve os sentimentos ligados à autoconfiança e à forma como as pessoas se relacionam com o meio. Os recursos dessa variável também podem ser expressos de forma inscrita ou evocada, como exemplificados nas Figura 24 e Figura 25, a seguir:

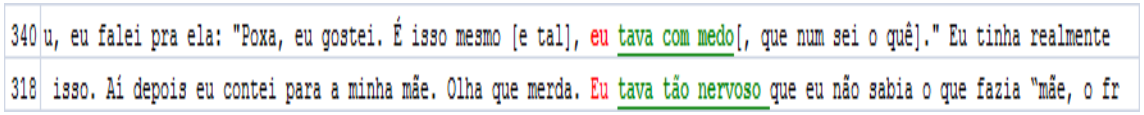


Figura 24 – Exemplos inscritos de Afeto/(IN)Segurança

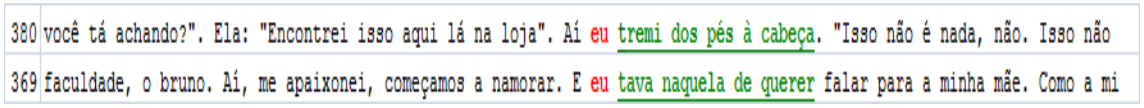


Figura 25- Exemplos evocados de Afeto/(IN)Segurança

Repara-se, no recorte acima, que a (IN)Segurança inscrita é representa pelo recurso léxico-gramatical ‘**estar com medo/nervoso**’(Figura 24), ao passo que a mesma emoção é evocada pelos significados ideacionais ‘**tremer dos pés à cabeça**’ e ‘**estava naquela de querer**’ (Figura 25)

A variável (IN)Satisfação abrange as emoções referentes à conquista ou fracasso pessoais em busca de objetivos – tédio, irritação, curiosidade, respeito, por exemplo: “ele estava irritado/absorto”. O mesmo fenômeno de realizações diretas ou indiretas ocorre nessa

variável. Observem os exemplos de (IN)Satisfação inscrito e evocado nas Figura 26 e Figura 27.

302	rado" do Fábio. A palavra 'namorado' talvez ela não use, mas eu me sinto muito tranquilo, muito livre. E com ela também,
303	te, que tava o mais certo - de ter feito essa decisão certa. Eu me sinto aliviado de ter contado isso realmente pra minh
304	a conversar o fato do Fábio ser gay era um assunto em pauta. Eu me senti muito bem porque realmente não houve afastamento

Figura 26- Exemplos inscritos de Afeto/Satisfação

398	esse namoro[, né], e lógico e ela ter me perguntado[, né], e eu acabei explodindo e falando e ela depois do quarto dia,

Figura 27- Exemplos evocados de Afeto/(IN)Satisfação

Observa-se, na Figura 26, que as colocações do processo '**sentir-se**' com '**tranquilo**', '**livre**', '**aliviado**' e '**bem**' marcam explicitamente a sensação de 'satisfeito' do narrador, ao passo que o significado ideacional de '**acabar explodindo**', na Figura 27, expressa a Insatisfação de forma indireta.

Portanto, chega-se a essas subdivisões da categoria semântica Afeto, conforme reproduzido na Figura 28:

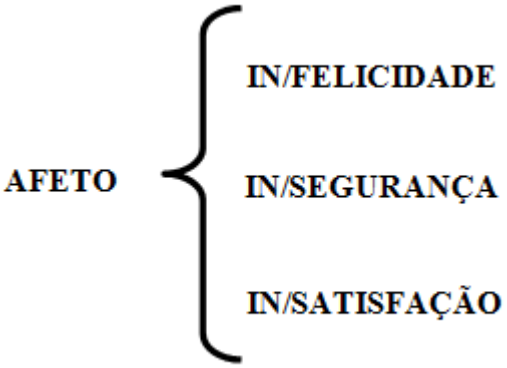


Figura 28 – As subdivisões da categoria Afeto

Segundo Martin e White (op.cit, p. 52), há ainda as avaliações que o falante/ escritor faz acerca do comportamento, por exemplo, a opinião do caráter de uma pessoa. Para esse tipo de posicionamento, os autores consideram avaliações pela categoria Julgamento. Em outras

palavras, essa categoria pode ser entendida como normas de comportamento que indicam como as pessoas devem ou não agir. Em geral, o Julgamento pode ser orientado pela *Estima Social* ou pela *Sanção Social*.

Julgamento de *Estima* está relacionado ao juízo de valor que o falante/escritor tem do seu comportamento ou de outros sem implicações legais, policiados pela cultura oral, como nas fofocas, nos boatos, nas brincadeiras e histórias de vários tipos. Esse tipo de Julgamento se divide em:

(A)Normalidade: o comportamento do indivíduo é mais ou menos normal, comum, usual o comportamento do indivíduo é, com base nos códigos sociais estabelecido em um determinado grupo social? Os itens destacados, na Figura 29, ilustram esse de tipo de Julgamento.

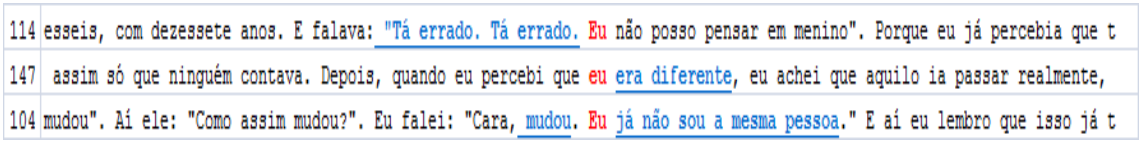


Figura 29 - Exemplos de Julgamento/Normalidade

(IN)Capacidade: O indivíduo apresenta competência naquilo que realiza? Tem-se competência prática ou cognitiva, ou seja, apresenta facilidade de fazer ou de entender alguma coisa? As instâncias da Figura 30 exemplificam esse tipo de Julgamento.

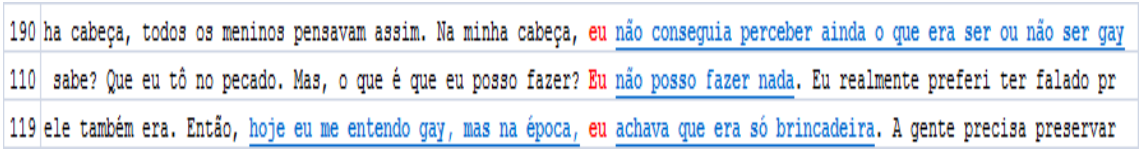


Figura 30 - Exemplos de Julgamento/CAPACIDADE

Tenacidade/(IN)Determinação: O indivíduo é confiável em realizar algo, pode-se contar com ele, está determinado? Esse tipo de avaliação é encontrado no recorte abaixo:

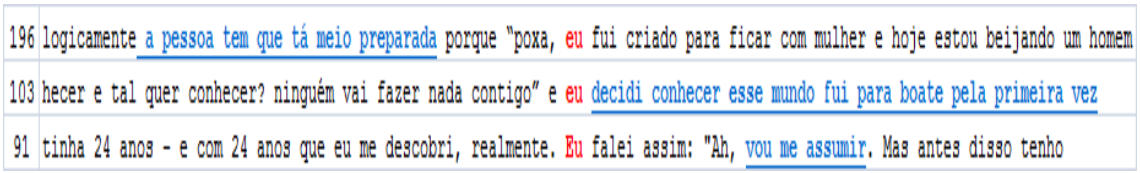


Figura 31 - Exemplos de Julgamento/Tenacidade

Há ainda Julgamento de *Sanção*, o qual pode ser visto em forma de escrita como éditos, regras e leis de como se comportar de acordo com a Igreja ou Estado, por exemplo. Esses geralmente implicam em elogios e condenações, com complicações legais (ALMEIDA, 2010, p.106). Essas avaliações, portanto, dependem da visão institucional daquele que fala e se estabelecem no domínio do certo e do errado. Julgamentos de *Sanção Social* podem ser divididos em dois tipos:

Veracidade: O indivíduo apresenta honestidade do que diz e faz? Ele é verdadeiro nas suas atitudes? Os exemplos da Figura 32 mostram avaliações desse tipo.

143	u tinha uns 13 anos. Eu falei que não. Mas, era mentira, né. Eu menti para ela. Eu disse que não. Porque era tão doloros
136	i verdadeiro com todo mundo. Se eu sou verdadeiro com todos, eu tenho que ser verdadeiro comigo mesmo". Eu já me aceitava
126	udável. E viver a verdade, cara, é muito libertadora. Então, eu não preciso ficar fingindo para os meus pais. Eu não fin

Figura 32 - Exemplos de JULGAMENTO/VERACIDADE

Propriedade: O indivíduo apresenta uma postura ética, age de acordo ou em desacordo com as regras de convívio social? Os recursos destacados na Figura 33 exemplificam esse tipo de Julgamento.

170	esligar e só vou atender quando eu quiser". Desliguei. Minha mãe colocava todo mundo contra mim. E nenhuma das minhas ti
82	ão chateado desse lance do gelo antes né, que eu falava para ela "que preconceituosa de merda" tirava ela de coisas be
169	to, tanto, tanto, mas tanto. Antes do meu pai ficar sabendo, ela fazia chantagem. "Ah, mãe, tô indo pra praia". Aí ela d

Figura 33 - Exemplos de Julgamento/Propriedade

Sistematicamente, a categoria semântica Julgamento se estrutura assim:

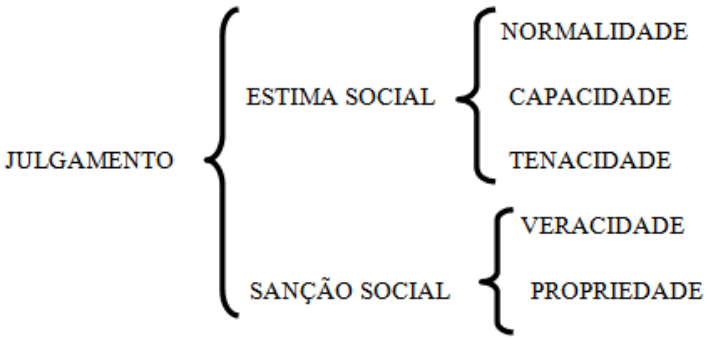
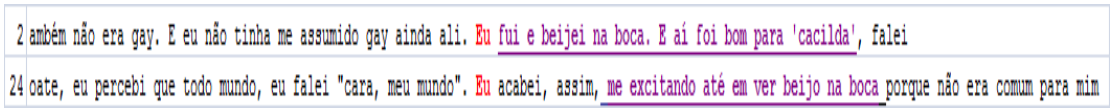


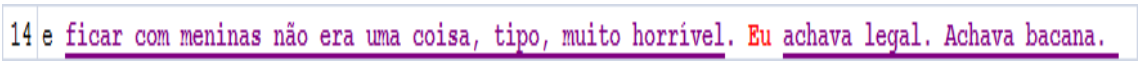
Figura 34-As subdivisões da categoria Julgamento

A categoria semântica que mapeia as avaliações das coisas, especialmente das coisas que nós fazemos, e fenômenos naturais é chamada de Apreciação. Entretanto, Droga e Humphrey (2002, p.82) salientam que “pessoas também podem ser foco da Apreciação, mas não quando a avaliação se relaciona ao seu comportamento”[27], e sim, às descrições físicas.

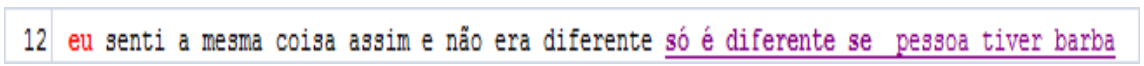
De acordo com Martin e White (op.cit, p.56), a avaliação por meio de Apreciação pode ser manifestada por três grandes variáveis. A primeira é pela Reação que as coisas ou algum fenômeno avaliados causam nas pessoas. A Reação pode ser subdividida em Impacto e Qualidade. A Reação/Impacto se refere diretamente à comoção que algo causa, como nas instâncias 2 e 24 a seguir:



Observa-se, nos exemplos, o que está sob o foco de Reação/Impacto é o ‘beijo’ entre dois homens. ‘O beijo’ é avaliado positivamente pelos recursos ‘**ser bom para cacilda**’ e ‘**excitar-se**’. A Reação também pode ser manifestada pela Qualidade, quando objeto chama atenção ou agrada o avaliador. Por exemplo, a experiência de um *gay* em ter relações com mulheres, é avaliada como ‘**não ser horrível**’ ‘**legal**’ e ‘**bacana**’, como na instância (14), a seguir:



Tem-se também a variável Composição que corresponde à avaliação da organização, da elaboração e da forma de como os objetos avaliados foram construídos, sob a percepção de proporcionalidade e detalhe em um texto/processo. Esse tipo de avaliação leva em consideração o Equilíbrio das formas no objeto avaliado e Complexidade da formação do objeto ou processo. Um exemplo de Equilíbrio é em (12), em que marcar o ‘beijo’ em homem ‘**diferente**’ em relação da em uma mulher, se aquele tiver barba.



Um exemplo de Complexidade é fato de um *gay* atribuir a assunção da sua identidade sexual como ‘complicado’ em (25), marcando, então esse processo como complexo.

[27]Traduçãolivre: “People can be the focus of Appreciation but not when the assessment relates to their behavior”

25 adeira. A gente precisa preservar essas pessoas. E aí depois eu conto porque também é complicado o 'se assumir', enfim,

Há ainda a Apreciação pelo Valor que o objeto/fenômeno pode possuir na comunidade social que é inserido. É, portanto, uma avaliação da significação social de uma determina coisa, tratando de sua importância no contexto. Por exemplo, o uso de '**sério**' e '**libertação**', respectivamente em 20 e 27, marcam, para os *gays*, a importância de revelar sua identidade sexual.

20 s mil e dez, antes do natal de dois mil e dez. Ela: "Entra". Eu: "Eu tenho que falar uma coisa com a senhora e é sério".
27 so em adotar. Então, essa transição do ser gay para mim foi, eu chamo mais de libertação, né. Porque por mais que lá,

Desta forma, as subdivisões e os subtipos de avaliação por meio de Apreciação se organizam do modo a seguir:

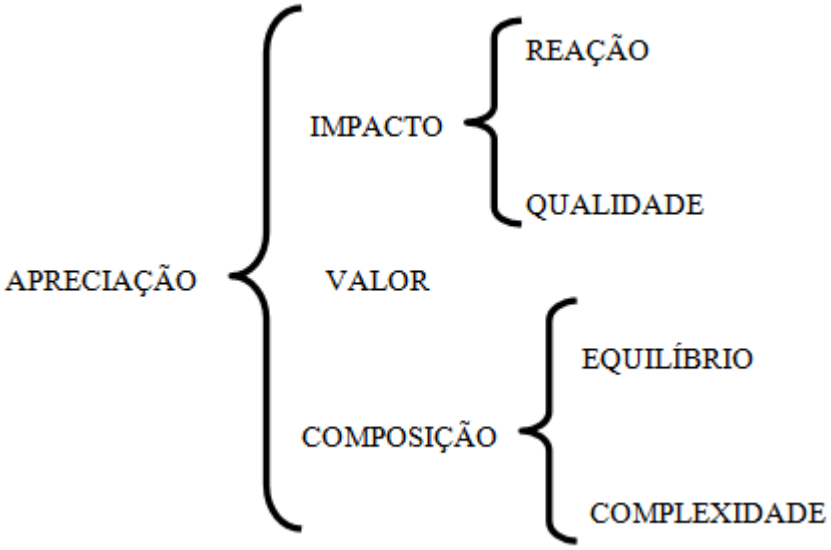


Figura 35 - As subdivisões da categoria Apreciação

Apresentada, ainda que de forma resumida, parte da teoria que fundamenta a análise discursiva dos dois itens lexicais frequentes nas sete histórias "sair do armário", passo para as análises propriamente ditas.

5.2 **A Avaliação da Experiência do “Sair do Armário”: Um Exame Discursivo Sob o Sistema Atitude.**

O capítulo 4 mostrou que, nas sete histórias narradas, há uma predominância dos seguintes itens lexicais: ‘eu’ e ‘mãe’/‘ela’[28], fazendo referência aos principais atores de tais narrativas. Esta seção apresenta a análise propriamente dita de tais itens predominantes com base nas categorias semântico-discursivas do sistema Atitude - de Afeto, Julgamento e Apreciação - da Teoria da *Avaliatividade*, para mapear a forma que o ‘eu’ e ‘mãe/ela’ sinalizam linguagem de 'avaliação', a partir da leitura que os *gays* deste trabalho fazem em relação à experiência do “sair do armário.

Para realizar a busca dos itens lexicais mais frequentes, usei a ferramenta *Concord* do programa *WordSmith Tools 5.0* (SCOTT, 2010), que me ajudou a fazer um levantamento de todas as instâncias que tais itens foram empregados. Em seguida, realizei manualmente a busca apenas das realizações linguísticas avaliativas nos quais os itens em questão estavam envolvidos, em particular daquelas referentes ao processo de “sair do armário”.

O concordanciador eletrônico fornece parte da sentença nas quais os itens de busca estão presentes. A partir disso, as instâncias, então, já selecionadas e semi-categorizadas foram transferidas para uma planilha do *Excel* para o seu melhor manuseio em termos de ‘etiquetação’ das partes contendo avaliação. Assim, as instâncias, daqui para frente, serão apresentadas da mesma forma como foi feito com item lexical ‘eu’ e seus colocados em relação à categoria Afeto, conforme a Figura 36:

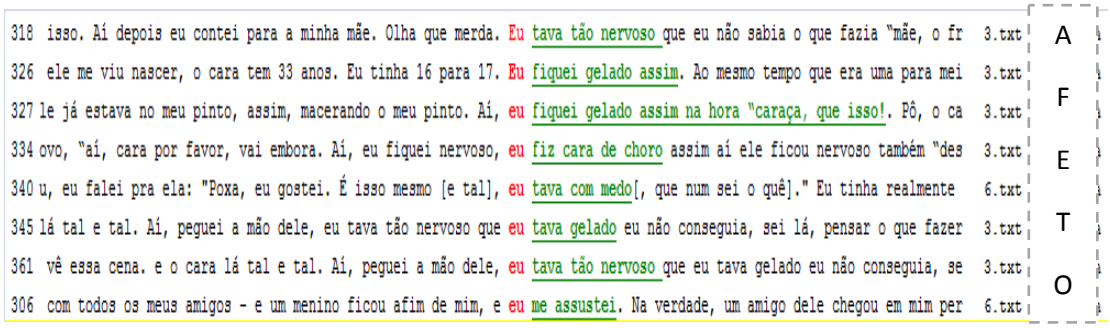


Figura 36 - Forma de apresentação de dados: “eu” em categoria Afeto

[28]Tal forma linguística utilizada apenas em referência à ‘mãe’

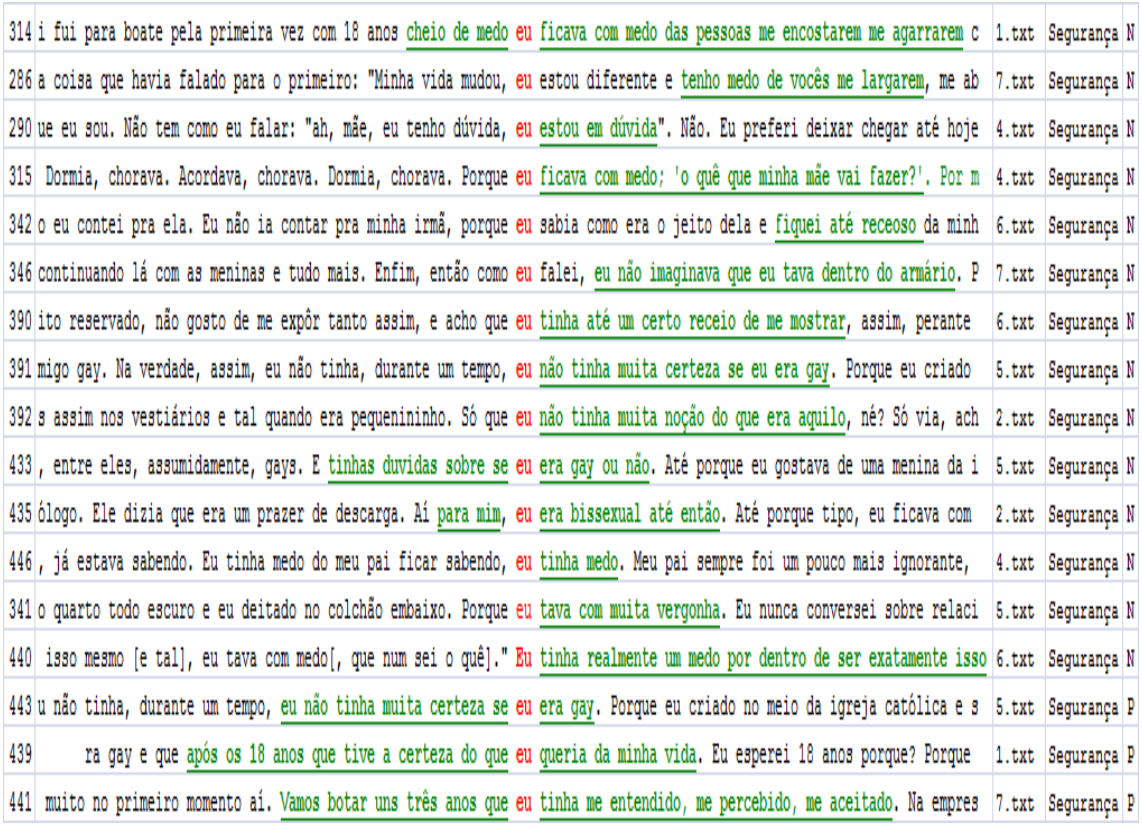
Com o intuito de facilitar a identificação de cada categoria, para posterior contabilização, foram usadas cores distintas para destacar Afeto, Julgamento e Apreciação. A cor verde foi usada para realçar as instâncias onde há recursos linguísticos expressando Afeto. A cor azul para destacar os exemplos da categoria Julgamento e a cor roxa para casos nos quais avaliações são feitas por Apreciação.

Explicitada a maneira usada para distinguir as categorias, iniciei, então, a descrição analítica de cada item ‘eu’, ‘mãe’, e ‘ela’ com base no sistema Atitude. A descrição partiu do mais ao menos item ocorrente. Portanto, o item ‘eu’ abre as análises, abarcando todas as categorias de tal sistema. Em seguida, o item ‘mãe’/‘ela’ prossegue com a etapa analítica. Todas essas formas linguísticas e sujeitos principais das histórias em questão são postas a escrutínio para mapear os padrões discursivos usados para avaliar a experiência do “sair do armário”.

5.2.1 Posicionamentos Atitudinais de ‘eu’ nas Histórias de “Sair do Armário”

Por conta do caráter processual da experiência do “sair do armário” (ver capítulo 3, seção 3.2), os sujeitos se posicionam em diversas fases da narrativa. As fases fazem referência às situações, nas quais a identidade sexual dos sujeitos é assumida, a saber: auto-descoberta, relações com homens e mulheres, declaração aos pais e o pós-revelação.

Na fase da ‘auto-descoberta’, isto é, quando os sujeitos percebem que há uma tendência homoerótica na sua orientação sexual, a maioria das narrativas examinadas, exceto a *3.txt*, avalia tal fase negativamente e a marca por emoções de medo e dúvida, conforme expressas nas instâncias na Figura 37:



314	i fui para boate pela primeira vez com 18 anos cheio de medo eu ficava com medo das pessoas me encostarem me agarrarem c	1.txt	Segurança	N
286	a coisa que havia falado para o primeiro: "Minha vida mudou, eu estou diferente e tenho medo de vocês me largarem, me ab	7.txt	Segurança	N
290	ue eu sou. Não tem como eu falar: "ah, mãe, eu tenho dúvida, eu estou em dúvida". Não. Eu preferi deixar chegar até hoje	4.txt	Segurança	N
315	Dormia, chorava. Acordava, chorava. Dormia, chorava. Porque eu ficava com medo; 'o quê que minha mãe vai fazer?'. Por m	4.txt	Segurança	N
342	o eu contei pra ela. Eu não ia contar pra minha irmã, porque eu sabia como era o jeito dela e fiquei até receoso da minh	6.txt	Segurança	N
346	continuando lá com as meninas e tudo mais. Enfim, então como eu falei, eu não imaginava que eu tava dentro do armário. P	7.txt	Segurança	N
390	ito reservado, não gosto de me expôr tanto assim, e acho que eu tinha até um certo receio de me mostrar, assim, perante	6.txt	Segurança	N
391	migo gay. Na verdade, assim, eu não tinha, durante um tempo, eu não tinha muita certeza se eu era gay. Porque eu criado	5.txt	Segurança	N
392	s assim nos vestiários e tal quando era pequenininho. Só que eu não tinha muita noção do que era aquilo, né? Só via, ach	2.txt	Segurança	N
433	, entre eles, assumidamente, gays. E tinhas duvidas sobre se eu era gay ou não. Até porque eu gostava de uma menina da i	5.txt	Segurança	N
435	ólogo. Ele dizia que era um prazer de descarga. Aí para mim, eu era bissexual até então. Até porque tipo, eu ficava com	2.txt	Segurança	N
446	, já estava sabendo. Eu tinha medo do meu pai ficar sabendo, eu tinha medo. Meu pai sempre foi um pouco mais ignorante,	4.txt	Segurança	N
341	o quarto todo escuro e eu deitado no colchão embaixo. Porque eu tava com muita vergonha. Eu nunca conversei sobre relaci	5.txt	Segurança	N
440	isso mesmo [e tal], eu tava com medo[, que num sei o quê]." Eu tinha realmente um medo por dentro de ser exatamente isso	6.txt	Segurança	N
443	u não tinha, durante um tempo, eu não tinha muita certeza se eu era gay. Porque eu criado no meio da igreja católica e s	5.txt	Segurança	P
439	ra gay e que após os 18 anos que tive a certeza do que eu queria da minha vida. Eu esperei 18 anos porque? Porque	1.txt	Segurança	P
441	muito no primeiro momento aí. Vamos botar uns três anos que eu tinha me entendido, me percebido, me aceitado. Na empres	7.txt	Segurança	P

Figura 37- Concordância de ‘eu’ para categoria Afeto/(IN)Segurança para auto-descoberta

Observa-se que uma gama de recursos linguísticos atrelada à categoria Afeto/(IN)Segurança é acionada para marcar a falta de certeza e confiança em relação à identidade sexual *gay*. Isso é nítido pelo uso dos itens léxico-gramaticais destacados no quadro abaixo:

Itens léxico-gramaticais	**Categoria Afeto/(IN)Segurança**
cheio de medo eu ficava **com medo** fiquei até **receoso** tinha um certo **receio** tinha**medo** tinha um **medo**	Medo

estou em **dúvida**	
eu**não imaginava que estava dentro do armário**	
eu não tinha muita **certeza se era gay**	
não tinha certeza do que era aquilo	Incerteza
tinha dúvidas se eu era gay ou não	
para mim **eu era bissexual** até então	

Quadro 9 - Instâncias da categoria Afeto/(IN)Segurança

Apesar da última instância "para mim **eu era bissexual** até então" no quadro de 'incerteza' não ter formas inscritas de Insegurança, o uso do '**era bissexual até então**' dificulta o sujeito da narrativa *2.txt* se enquadrar na identidade *gay*, já que era possível para ele se relacionar com homens e mulheres. Assim, nesse contexto, o uso de '**bissexual**' com o pretérito imperfeito evoca uma ideia de incerteza em relação à sua orientação sexual.

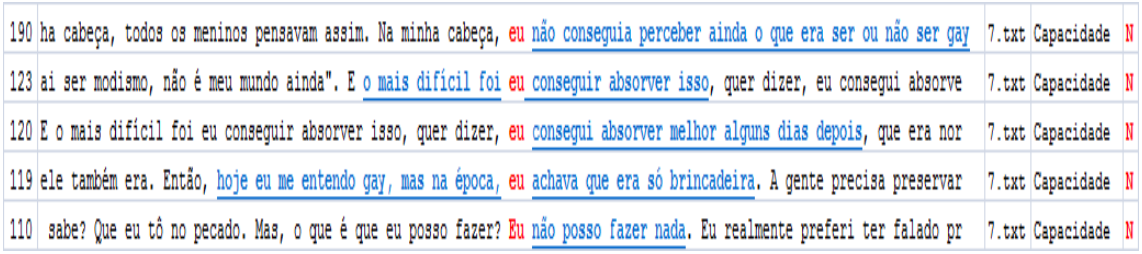
Com o uso de índices de incerteza atrelados ao 'eu' do narrador em relação à auto-descoberta, pode-se sugerir que a conscientização da identidade *gay* pelos sujeitos entrevistados foi realizada ao longo do tempo, ratificando-se, então, sua natureza processual. Isso ainda se evidencia através das instâncias 439 e 441 na Figura 37. Tais exemplos marcam positivamente o posicionamento dos sujeitos de *1.txt* e *7.txt* voltado à identidade *gay*, tida com certeza a condição sexual que ambos se encontram, conforme as realizações linguísticas no quadro abaixo:

Realizações Linguísticas	**Categoria Afeto/Segurança**
após os 18 anos que **tive certeza** que eu queria da minha vida **Vamos botar uns três anos** que eu **tinha me entendido**, **me percebido**, me aceitado	Certeza inscrita evocando Segurança

Quadro 10. Instâncias da Categoria Afeto/Segurança evocada.

Sobre o tempo levado para a conscientização identitária, o processo da 'auto-descoberta' também é refletido no comportamento. Com uso do repertório linguístico da categoria Julgamento/(IN)Capacidade, os sujeitos, em especial o da narrativa *7.txt*, marcam a incapacidade e a dificuldade em discernir esse estágio de sua identidade sexual, evidenciando,

mais uma vez, que a configuração da identidade sexual não ocorre de maneira incidental. Observem-se as instâncias destacadas na Figura 38 a seguir para melhor compreensão:

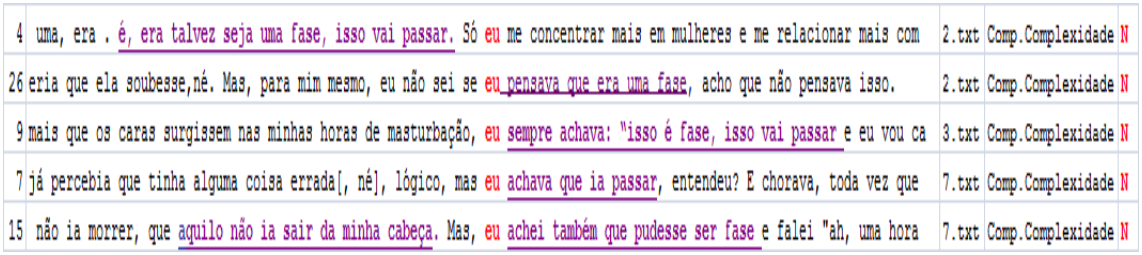


190	ha cabeça, todos os meninos pensavam assim. Na minha cabeça, eu não conseguia perceber ainda o que era ser ou não ser gay	7.txt	Capacidade	N
123	ai ser modismo, não é meu mundo ainda". E o mais difícil foi eu conseguir absorver isso, quer dizer, eu consegui absorve	7.txt	Capacidade	N
120	E o mais difícil foi eu conseguir absorver isso, quer dizer, eu consegui absorver melhor alguns dias depois, que era nor	7.txt	Capacidade	N
119	ele também era. Então, hoje eu me entendo gay, mas na época, eu achava que era só brincadeira. A gente precisa preservar	7.txt	Capacidade	N
110	sabe? Que eu tô no pecado. Mas, o que é que eu posso fazer? Eu não posso fazer nada. Eu realmente preferi ter falado pr	7.txt	Capacidade	N

Figura 38 - Concordâncias de ‘eu’ para categoria Julgamento/(IN)Capacidade para fase ‘auto-descoberta’.

Percebe-se, na Figura 38, que as escolhas linguísticas para expressar diretamente a Incapacidade são compostas de estruturas negativas de ‘**conseguir perceber**’, ‘**conseguir absorver**’ e o uso negativo do modal ‘**poder**’ indicativo de incapacidade, conforme vistos, respectivamente, nas instâncias 190, 123, 120, 110. Há ainda uma forma implícita que expressa a dificuldade de compreensão da opção sexual por parte do sujeito da narrativa 7.*txt*. Atualmente, esse sujeito compreende-se *gay*, mas, na época inicial das suas práticas sexuais com pessoas do mesmo sexo, ele avalia tal comportamento como “**brincadeira**”, dando a entender que tais relações não afetavam sua heterossexualidade. A construção “**eu achava que era uma brincadeira**” deixa claro Incapacidade do sujeito em discernir a sua verdadeira identidade sexual no início da ‘auto-descoberta’.

A dificuldade em discernir a identidade sexual, no momento da ‘auto-descoberta’, não é expresso apenas por meio de avaliações voltadas ao comportamento. Os recursos linguísticos da categoria Apreciação/Composição marcam também essa complexidade de se “auto-afirmar”, conforme nas instâncias na Figura 39:



4	uma, era . é, era talvez seja uma fase, isso vai passar. Só eu me concentrar mais em mulheres e me relacionar mais com	2.txt	Comp.Complexidade	N
26	eria que ela soubesse,né. Mas, para mim mesmo, eu não sei se eu pensava que era uma fase, acho que não pensava isso.	2.txt	Comp.Complexidade	N
9	mais que os caras surgissem nas minhas horas de masturbação, eu sempre achava: "isso é fase, isso vai passar e eu vou ca	3.txt	Comp.Complexidade	N
7	já percebia que tinha alguma coisa errada[, né], lógico, mas eu achava que ia passar, entendeu? E chorava, toda vez que	7.txt	Comp.Complexidade	N
15	não ia morrer, que aquilo não ia sair da minha cabeça. Mas, eu achei também que pudesse ser fase e falei "ah, uma hora	7.txt	Comp.Complexidade	N

Figura 39 - Concordâncias de ‘eu’ para categoria Apreciação/Composição na fase “auto-descoberta”

Observa-se, no recorte acima, que as avaliações se dirigem aos desejos homoeróticos que os sujeitos *2.txt, 3.txt* e *7.txt* perceberam no início da 'auto-descoberta'. Eles associam a inclinação homoerótica a uma 'fase', a atração por homens que em alguma hora seria cessado. Tal posicionamento é representado explicitamente pela conjugação da expressão '**ser uma fase**' nas instâncias 4, 9, 26 e 15 ou, implicitamente pelo significado ideacional '**isso vai passar**' ou '**eu achava que ia passar**', presentes nas instâncias 4, 7 e 9. Essas escolhas léxico-gramaticais demonstram o quão complexo é a configuração da identidade sexual de tais sujeitos *gays*.

Ainda sobre o processo da 'auto-descoberta', outra evidência que sugere a protelação da afirmação sexual decorre da decisão que precisa ser tomada pelos sujeitos – em particular das narrativas *1.txt, 2.txt, 4.txt e 7.txt* – para afirmar-se sexualmente. Essa interpretação foi realizada com base nos recursos linguísticos usados da categoria Julgamento/Tenacidade, destacados na Figura 40, a seguir:

103	hecer e tal quer conhecer? ninguém vai fazer nada contigo" e eu decidi conhecer esse mundo fui para boate pela primeira vez	1.txt	Tenacidade	P
107	à mesma boate; eu conhecia algumas boates. E na quinta vez, eu acabei me permitindo ficar com um cara. Isso porque a bo	7.txt	Tenacidade	P
145	inos para ver o que acontece, entendeu?" "ver como é que é". Eu estava muito mais preparado. Foi muito mais bacana nesse	2.txt	Tenacidade	P
196	logicamente a pessoa tem que tá meio preparada porque "poxa, eu fui criado para ficar com mulher e hoje estou beijando um homem	1.txt	Tenacidade	N
91	tinha 24 anos - e com 24 anos que eu me descobri, realmente. Eu falei assim: "Ah, vou me assumir. Mas antes disso tenho	4.txt	Tenacidade	P

Figura 40 - Concordâncias de 'eu' para categoria Julgamento/Tenacidade para fase 'auto-descoberta'.

As escolhas linguísticas revelam o quão decidido e preparado estavam os sujeitos para aceitar sua identidade sexual. As formas inscritas de Tenacidade são materializadas pela conjugação dos processos '**decidir**' e '**estar preparado**' do sujeito *1.txt* e *2.txt*, em 103, 145 e 196 na Figura 40, indicando o posicionamento dos sujeitos no tocante à 'auto-descoberta'. As formas evocadas são realizadas pelas expressões '**acabar se permitindo**' e pela conjugação "**vou me assumir**". Tais recursos acentuam que os sujeitos, aparentemente, se planejam e tomam as decisões para se assumir. Portanto, percebe-se que a fase 'auto-descoberta' não ocorre de forma incidental.

Além da (IN)Segurança, Complexidade e da busca de Tenacidade para assumir a identidade sexual, os sujeitos, exceto da narrativa *3.txt* e *5.txt*, parecem não poupar o uso de recursos linguísticos negativos para expressar as emoções em relação a ser *gay*, como observado na Figura 41 :

308	então eu comecei nunca aceitei dentro de mim que era gay aí eu ficava com mulher normal nunca aceitei até os 17 anos at	1.txt	Felicidade	N
421	menininha não é por isso então foi mais ou menos assim então eu no começo nunca aceitei dentro de mim que era gay aí eu fi	1.txt	Felicidade	N
372	eu não quero ser gay" chegou a me perguntar e eu disse isso "eu não quero ser gay" "Eu não quero ser isso e tal". Aí, el	2.txt	Felicidade	N
377	hegou a me perguntar e eu disse isso "eu não quero ser gay" "Eu não quero ser isso e tal". Aí, ela falou: "tudo bem, meu	2.txt	Felicidade	N
378	ãe me pegou chorando Chorando bastante, bastante, bastante: "eu não quero ser gay" chegou a me perguntar e eu disse isso	2.txt	Felicidade	N
406	a chorei chorava bastante depois de me masturbar. Nem sempre eu chorava, mas tinha momentos assim que eu, sabe, não tenh	2.txt	Felicidade	N
412	guns anos, né. Dos 17 aos 20 mais ou menos assim. Foi quando eu, nos três anos de adaptação, não aceitando, mas ao mesmo	2.txt	Felicidade	N
414	daptação, não aceitando, mas ao mesmo tempo, vendo qual é. E eu ainda chorei chorava bastante depois de me masturbar. Ne	2.txt	Felicidade	N
442	pau duro e tal. Mas, a minha atração maior era por meninos. Eu estava negando até aquela hora nos meus 21 anos, me nega	2.txt	Felicidade	N
388	te, bastante: "eu não quero ser gay" chegou a me perguntar e eu disse isso "eu não quero ser gay" "Eu não quero ser isso	2.txt	Felicidade	N
424	carro para eu bater e morrer. Já pensei, mas foi porque eu não me aceitava. Foi porque eu não estava aguentando mais	4.txt	Felicidade	N
280	nhora". Ela: "Pode falar". Só que antes, na semana anterior, eu acordava, chorava. Dormia, chorava. Acordava, chorava. D	4.txt	Felicidade	N
371	adeiro com todos, eu tenho que ser verdadeiro comigo mesmo". Eu já me aceitava há muito tempo, sempre me aceitei. Não so4	4.txt	Felicidade	P
383	não tava no mundo certo, eu acho que eu chorava muito porque eu não queria ser diferente. Eu não queria ser sacaneado, s	7.txt	Felicidade	N
400	a, porque... Tá aí, cara, uma pergunta que você fez, por que eu chorava? Porque se era diferente, se eu imaginava que ta	7.txt	Felicidade	N
401	nha alguma coisa errada, eu chorei para cacilda. Masturbação eu chorava; quando eu me masturbava, eu caia em prantos e d	7.txt	Felicidade	N
403	, que aquilo ia, que eu não tava no mundo certo, eu acho que eu chorava muito porque eu não queria ser diferente. Eu não	7.txt	Felicidade	N
404	va eu sempre chorava. Então, como eu me masturbava todo dia, eu chorava demais. E minha mãe nunca percebeu que tinha alg	7.txt	Felicidade	N
405	is, eu ia me masturbar. E por eu ter pensado naquele menino, eu chorava. E falava: "Isso tá errado". Isso já com dezesse	7.txt	Felicidade	N
410	ra cacilda. Masturbação eu chorava; quando eu me masturbava, eu caia em prantos e depois eu falava, sacava "não, não vai	7.txt	Felicidade	N
423	quando eu comecei a perceber que tinha alguma coisa errada, eu chorei para cacilda. Masturbação eu chorava; quando eu m	7.txt	Felicidade	N
437	va diferente, que aquilo ia, que eu não tava no mundo certo, eu acho que eu chorava muito porque eu não queria ser diferente	7.txt	Felicidade	N

Figura 41 – Concordâncias de ‘eu’ para categoria Afeto/(IN)Felicidade para ‘auto-descoberta’

Como pode ser visto, na Figura 41, ‘chorar’ e ‘não querer’ parecem saltar aos olhos, marcando negativamente o momento da ‘auto-descoberta’ na maioria dos *gays* entrevistados. Nesse conjunto linguístico, as realizações referentes à categoria Afeto/Infelicidade se materializam de forma inscrita e evocada.

Realizações linguísticas	**Categoria Afeto/(IN)Felicidade**
por que eu **chorava**? eu **chorava**; quando eu me masturbava, eu **caia em prantos** eu **chorava** muito porque não queria ser diferente eu **chorava** demais eu ainda **chorei**, **chorava** depois de me masturbar	(IN)Felicidade (inscrita)

eu **chorei** para cacilda	(IN)Felicidade (inscrita)
eu acordava, **chorava**, dormia, acordava **chorava**	
Eu **não quero** ser gay	(IN)Felicidade (evocada)
eu **não quero** ser isso	
eu **não quero** ser isso e tal	
eu **não queria** ser diferente	
(eu) **nunca aceitei** até os 17 anos	
eu, nos três anos de adaptação, **não aceitando**	
eu no começo **nunca aceitei** dentro de mim que era gay	
eu **não me aceitava**	
eu estava **negando** até aquela hora nos meus 21 anos	

Quadro 11 - Instâncias inscritas e evocadas da categoria Afeto/(IN)Felicidade

Como observado no **Quadro 11**, as formas inscritas são nitidamente as instâncias com o processo ‘chorar’ e o relacionado como ‘cair em prantos’. As escolhas léxico-gramaticais descrevem a tristeza dos sujeitos em relação a sua condição sexual. Já a Infelicidade evocada é marcada pelos processos ‘querer’, ‘aceitar’, na forma negativa, e ‘negar’. Tais formas, nesse contexto, são usadas para expressar implicitamente a infelicidade da maioria dos sujeitos entrevistados, pois, não querer assumir ou negar a identidade *gay* é uma das razões pelas quais entristecem.

É importante observar que nem todos *gays* parecem ter dificuldades em se aceitar como tal, conforme demonstra o sujeito da narrativa *4.txt*, visto na Figura 41 na concordância 371. Para ele, sua identidade sexual parece ter sido sempre aceita. Entretanto, na última semana anterior de revelar a sua mãe sua homossexualidade, as escolhas linguísticas para descrever seu comportamento emocional são realizadas de forma interessante através de processos comportamentais como ‘**dormir**’ e ‘**acordar**’, intercaladas com o processo comportamental ‘**chorar**’, conforme a instância 280 na Figura 41. Tal modo de contar a

experiência pode levar a crer que, mesmo havendo uma facilidade na ‘auto-aceitação’, reconhecer-se *gay* é marcado por uma tristeza ou infelicidade inerente à vida do dia a dia.

A dificuldade em reconhecer-se *gay*, provavelmente, se justifique pelo fato de ‘ser *gay*’ corresponder a um comportamento divergente ao padrão pré-estabelecido na comunidade social em que os sujeitos se inserem. As justificativas são realizadas por meio dos recursos linguísticos da categoria Julgmento/Normalidade, organizados na Figura 42:

212	r', enfim, e tudo mais. Então, passado esse tempo aí, quando eu comecei a perceber que tinha alguma coisa errada, eu cho	7.txt	Normalidade
114	esseis, com dezessete anos. E falava: "Tá errado. Tá errado. Eu não posso pensar em menino". Porque eu já percebia que t	7.txt	Normalidade
129	o mesmo que eu estou entendendo?". Eu falei: "Eu acho que é, eu sou diferente de vocês". Aí ele começou a chorar, chorar	7.txt	Normalidade
147	assim só que ninguém contava. Depois, quando eu percebi que eu era diferente, eu achei que aquilo ia passar realmente,	7.txt	Normalidade
192	uém contava. Depois, quando eu percebi que eu era diferente, eu achei que aquilo ia passar realmente, vai acabar. Uma ho	7.txt	Normalidade
207	zessete anos, uns dezesseis, dezessete anos - que era quando eu comecei a perceber que tinha algo diferente, mas eu ache	7.txt	Normalidade
197	que por mais que lá, voltando um pouquinho, na adolescência, eu só percebi que tinha algo diferente aí com vamos botar u	7.txt	Normalidade
104	mudou". Aí ele: "Como assim mudou?". Eu falei: "Cara, mudou. Eu já não sou a mesma pessoa." E aí eu lembro que isso já t	7.txt	Normalidade
129	o mesmo que eu estou entendendo?". Eu falei: "Eu acho que é, eu sou diferente de vocês". Aí ele começou a chorar, chorar	7.txt	Normalidade
198	na televisão que era 'chincalhado'. Na minha cabeça, então, eu não fazia parte desse mundo. Eu não me via assim; eu não	7.txt	Normalidade
415	foi muito ruim, né? Porque eu tinha para mim que eu não podia ser gay. Não podia mesmo. Aquilo, né tipo, est	2.txt	Normalidade
134	sando em homens e aquilo para mim foi muito ruim, né? Porque eu tinha para mim que eu não podia ser gay. Não podia mesmo	2.txt	Normalidade
375	homem, gosto do meu corpo masculino, gosto de homens, eu não quero ser mulher e eu uso meu pinto bastante nas min	3.txt	Normalidade
206	do'. Na minha cabeça, então, eu não fazia parte desse mundo. Eu não me via assim; eu não me via desmunhecando, não me vi	7.txt	Normalidade
189	im: "Agora eu gosto de meninos, mas só que eu sou um menino. Eu sou um homem. Nunca serei igual a uma mulher". Aí ele: "	4.txt	Normalidade

Figura 42 - Concordâncias de ‘eu’ para Categoria Julgamento/Normalidade na fase ‘auto-descoberta’.

Nota-se, no recorte acima, que as escolhas léxico-gramaticais, ‘**ter alguma coisa errada/ algo diferente**’, ‘**ser diferente**’ e ‘**estar errado**’, respectivamente presentes nas instâncias 212, 114, 129, 147, 192, 207 e 197, marcam negativamente o fato de ‘ser *gay*’, especialmente para o sujeito da narrativa *7.txt*. Tais recursos inscritos da categoria Julgamento/Normalidade revelam que a prática homossexual é considerada distante e diversa ao comportamento esperado de um indivíduo do sexo masculino.

Ainda na Figura 42, a avaliação em ‘ser *gay*’ como um comportamento negativo não se limita às formas inscritas. Assim como na história *7.txt*, as narrativas *2.txt, 3.txt* e *4.txt* descrevem negativamente tal comportamento através de significados ideacionais para evocar Julgamento por Normalidade. O sujeito *7.txt*, em 104, 198 e 206, diz que sua vida **mudou**, **não é mais a mesma pessoa**, **não faz parte do mundo *gay***, e associa o comportamento do

gay a **desmunhecar.** O sujeito *2.txt* marca o comportamento *gay* como divergente através do uso do modal na negativa com em **‘não podia ser gay’**, nas instâncias 415 e 134**,** exercendo uma forma proibição por parte dele mesmo. Os sujeitos *3.txt e 4.txt* enfatizam o comportamento *gay* como fora do ‘padrão’, relacionando-o ao comportamento feminino, visto que são as mulheres que costumam gostar de indivíduos do sexo masculino. O sentido construído, nas instâncias 375 e 189, “sou homem, gosto de meninos, mas não sou mulher”, confirma que o comportamento *gay*, no contexto social dos entrevistados, é representado como Anormal, já que não é esperado um homem gostar ou sentir atração por uma pessoa do mesmo sexo.

Se o momento da auto-descoberta é, para maioria dos sujeitos entrevistados, avaliado por meio de incerteza, sofrimento e anormalidade, as avaliações voltadas para ‘relações com homens e mulheres’ não se distanciam de tais posicionamentos. Tais relações dizem respeito às interações, sejam afetivas e sexuais, que os sujeitos vivenciaram no processo de “sair do armário”. As relações com outros rapazes são, inicialmente, restritas à prática sexual. Para esse momento, alguns entrevistados marcam negativamente tal experiência, acionando recursos linguísticos da categoria Afeto/(IN)Segurança, vistos na Figura 43:

318	isso. Aí depois eu contei para a minha mãe. Olha que merda. Eu tava tão nervoso que eu não sabia o que fazia "mãe, o fr	3.txt	Segurança	N
326	ele me viu nascer, o cara tem 33 anos. Eu tinha 16 para 17. Eu fiquei gelado assim. Ao mesmo tempo que era uma para mei	3.txt	Segurança	N
327	le já estava no meu pinto, assim, macerando o meu pinto. Aí, eu fiquei gelado assim na hora "caraça, que isso!. Pô, o ca	3.txt	Segurança	N
334	ovo, "aí, cara por favor, vai embora. Aí, eu fiquei nervoso, eu fiz cara de choro assim aí ele ficou nervoso também "des	3.txt	Segurança	N
340	u, eu falei pra ela: "Poxa, eu gostei. É isso mesmo [e tal], eu tava com medo[, que num sei o quê]." Eu tinha realmente	6.txt	Segurança	N
345	lá tal e tal. Aí, peguei a mão dele, eu tava tão nervoso que eu tava gelado eu não conseguia, sei lá, pensar o que fazer	3.txt	Segurança	N
361	vê essa cena. e o cara lá tal e tal. Aí, peguei a mão dele, eu tava tão nervoso que eu tava gelado eu não conseguia, se	3.txt	Segurança	N
306	com todos os meus amigos - e um menino ficou afim de mim, e eu me assustei. Na verdade, um amigo dele chegou em mim per	6.txt	Segurança	N

Figura 43 - Concordâncias de ‘eu’ para categoria Afeto/(IN)segurança para fase ‘relações com os homens’

As escolhas léxico-gramaticais, no recorte acima, revelam que os sujeitos, em especial de *3.txt* e *6.txt*, se posicionam de forma insegura no momento em que eles têm relações sexuais com outros homens. Tal comportamento emocional se materializa por meio dos seguintes recursos inscritos e evocados, destacados no quadro a seguir:

Realizações linguísticas	Categoria Afeto/(IN)Segurança
Eu tava tão **nervoso**	Insegurança (inscrita)
Eu fiquei gelado assim	
Eu tava com **medo**	
Eu tava tão **nervoso**	
Eu fiquei gelado assim na hora: “caraca, que isso!”	Insegurança (evocada)
Eu tava gelado	
Eu me **assustei**	
Eu fiz cara de choro	

Quadro 12 - Instâncias da Categoria Afeto/Segurança para fase ‘relações com homens’.

A atração sexual é óbvia nas relações dos sujeitos com outros homens. As escolhas linguísticas para expressar emoções de tais relações estão, em algumas narrativas, voltadas ao campo semântico do ‘sexo’, de acordo com as oito primeiras instâncias na Figura 44:

195	seguia ter tesão pelas mulheres, eram poucas com as mulheres eu sentia tesão. E eu tinha tesão especificamente em homens	5.txt	Felicidade	N
282	nho como fugir disso. Era isso que eu pensava. Não tem como, eu sinto muita atração, uma coisa meio inegável. Ehhh aí be	2.txt	Felicidade	N
301	Desde o ensino fundamental eu percebia que eu sentia atração pelos meninos tanto que eu não conseguia t	3.txt	Felicidade	N
283	y entendeu desde o momento que encostava nos meus primos que eu gostava. não sentia vontade assim de brincar com homem pa	1.txt	Felicidade	N
319	A primeira fez que fiz sexo com um homem eu tinha 18 anos. Eu já sentia atração antes por homens e eu transei com ele f	2.txt	Felicidade	N
393	Desde o ensino fundamental eu percebia que eu sentia atração pelos meninos tanto que eu	3.txt	Felicidade	N
429	las mulheres, eram poucas com as mulheres eu sentia tesão. E eu tinha tesão especificamente em homens e não coseguia me a	5.txt	Felicidade	N
389	s sexuais fora do casamento. Então, acho que até os 18 anos, eu não tinha me apaixonado por nenhum homem, só tinha tesão	5.txt	Felicidade	N
324	até então, eu nunca tive falado para o meu pai assim: "Agora eu gosto de meninos, mas só que eu sou um menino. Eu sou um	4.txt	Felicidade	N
381	versa, e aí, eu fui para um retiro de igreja. E nesse retiro eu conheci um garoto e me apaixonei por ele. Foi nas primei	5.txt	Felicidade	P
382	ionamento homossexual, que foi muito importante pra mim, que eu ainda sou muito apaixonado por ele. Mas hoje em dia, eu	6.txt	Felicidade	P
367	uar sendo homem". Aí eu: "Não, pai, é isso o que eu entendo. Eu só gosto de meninos, mas só que..." - até então, eu nunc	4.txt	Felicidade	P
370	inuei ficando de vezes em quando com mulher mas nada de mais eu gostava de homem gosto de homem então primeira vez	1.txt	Felicidade	P
336	Minha mãe ficou assim... "Como assim?". "É, mãe, eu sou gay, eu gosto de meninos". Fomos numa loja de comprar roupas, mi	4.txt	Felicidade	P
322	ada. E eu contei pra ela e ela viu, eu falei pra ela: "Poxa, eu gostei. É isso mesmo [e tal], eu tava com medo[, que num	6.txt	Felicidade	P
350	do esse negócio com meu tio, já sabia que de fato é isso que eu gostava mesmo, porque fiquei excitado com o cara pegando	3.txt	Felicidade	P
359	s do meu primo ter me molestado, molestado não, porque enfim eu gostei, é não posso falar nada disso para ela, mas. Aí,	3.txt	Felicidade	P
365	mecei a namorar, namorar com homem - meu primeiro namorado - eu tava muito envolvido, muito apaixonado e minha mãe começ	7.txt	Felicidade	P
422	mos rapidinho e [tipo,] foi a minha primeira experiência. Aí eu "vibrei"[, né?]. Contei pra minha amiga, que por sinal é	6.txt	Felicidade	P
296	l porque esse não era o caminho certo. Mas, agora eu sei que eu me senti mal por causa da ressaca moral. Porque aqueles	2.txt	Felicidade	N
321	lembro se eu falei que eu tinha me sentindo mal e tal. Mas, eu achava que eu tinha me sentido mal porque esse não era o	2.txt	Felicidade	N
335	ressaca moral, sabe? Aquela coisa de caraca porra que merda eu fiz e tal. Chorei muito chorei no meio da rua assim. Log	2.txt	Felicidade	N
348	u isso, então foi, né? E eu, eu não sei, eu não me lembro se eu falei que eu tinha me sentindo mal e tal. Mas, eu achava	2.txt	Felicidade	N
366	es. Eu vi que não tinha ninguém, mas eu não consegui conter. Eu tava muito arrasado mesmo. E assim, eu comecei a sentir	2.txt	Felicidade	N
445	falei que eu tinha me sentindo mal e tal. Mas, eu achava que eu tinha me sentido mal porque esse não era o caminho certo	2.txt	Felicidade	N

Figura 44 - Concordâncias de ‘eu’ para categoria Afeto/(IN)Felicidade para fase ‘relações com homens’

Observa-se que ‘**sentir atração/tesão**’ ou ‘**ter tesão**’ são também algumas das marcas léxico-gramaticais utilizadas para expressar o sentimento de gostar em relação a outro homem. São marcas que, nesse contexto, consideram-se negativas, já que os autores de manifestam certa Infelicidade e Insegurança pelo fato de ser *gay*.

Contudo, isso não significa que não possam ocorrer emoções positivas referentes a ter relações com outros homens. Os sujeitos das narrativas *4.txt, 5.txt, 6.txt* e *7.txt* utilizam processos mentais de Afeto para descrever tais interações, conforme podem ser visualizados no quadro abaixo:

Realizações linguísticas	Categoria Afeto/Felicidade
Eu conheci um garoto e **me apaixonei** por ele	Felicidade
Eu ainda **sou apaixonado** por ele	
Eu **gostava** de homem, **gosto** de homem	
Eu **gosto** de meninos	
Poxa, **eu gostei**. É isso mesmo.	
já sabia que de fato é **isso** que eu **gostava** mesmo	
meu primeiro namorado **eu** estava muito **envolvido**, muito **apaixonado**	
foi a minha primeira experiência. Aí, **eu vibrei**, né?	
Eu nunca tive falado para o meu pai assim: "Agora **eu gosto** de meninos, mas só que eu sou um menino.	

Quadro 13- Instâncias da Categoria Afeto/Felicidade para fase ‘relações com homens’.

Os elementos linguísticos da categoria Afeto/Felicidade são majoritariamente inscritos, representados pelos processos ‘**gostar**’ e ‘**apaixonar-se**’. A maioria das expressões revela positivamente o ‘**gostar de homens**’ para os sujeitos entrevistados. Há também o uso do significado ideacional para evocar a Felicidade em relação à experiência sexual, com uso do processo ‘vibrar’ em: “foi a minha primeira experiência. “Aí, eu **vibrei**, né?”, subentendendo, nesse contexto, uma ‘vibração de alegria’.

No entanto, a última instância do Quadro 13 parece denunciar ainda um problema em relação a nutrir sentimentos afetivos por outra pessoa do mesmo sexo. Com a presença da adversativa ‘**mas**’, pode-se inferir que um indivíduo que goste de uma pessoa do mesmo sexo é problemático. Tal posicionamento vai além das avaliações do sentimento gostar ou não, e sim, passa a julgar o comportamento impróprio do sujeito. Portanto, destaca-se, nessa última instância, uma avaliação inscrita por Afeto e evocada por Julgamento, já que um juízo de valor ao comportamento humano está emitido.

Isso ainda fica claro através das escolhas linguísticas que o sujeito da narrativa *2.txt* utiliza para tecer suas avaliações e justificar as razões pelas quais se sentiu mal depois que teve sua experiência sexual, conforme visto no quadro a seguir:

Realizações linguísticas	Categoria Afeto/Infelicidade
Eu me senti mal por causa da **ressaca moral** Eu fiz e tal. **Chorei** muito, **chorei** no meio da rua, assim. Eu falei que **eu tinha me sentindo mal** e tal **Eu tava** muito **arrasado** mesmo **Eu** achava que **tinha me sentido mal** porque **esse não era o caminho certo**	Infelicidade

Quadro 14 - Instâncias da Categoria Afeto/Infelicidade para fase ‘relações com homens’.

No recorte linguístico acima, percebe-se que o sujeito da narrativa *2.txt* lança mão de recursos linguísticos do tipo ‘**sentir-se mal**’, ‘**chorar**’ e ‘**estar arrasado**’ para compor negativamente as suas emoções. Ele também justifica esse sentimento por acreditar que sua prática sexual com uma pessoa do mesmo sexo não condiz com o que é esperado na sociedade em que vive, pois ele revela ter tido sua moralidade abalada após tal experiência.

Em busca de avaliações refletidas pelo comportamento, os sujeitos da narrativa *3.txt, 5.txt, 6txt e 1.txt* também expressam seu posicionamento no tocante às ‘relações com os homens’, como pode ser visto na figura a seguir:

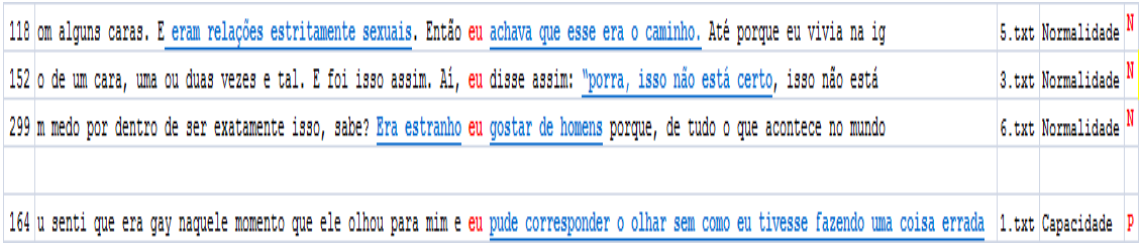
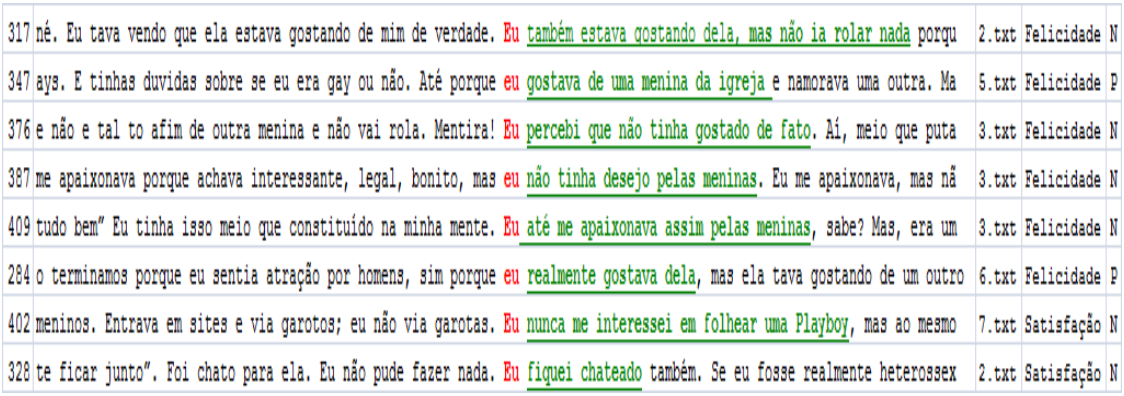


Figura 45- Concordâncias de ‘eu’ para categoria Julgamento/Normalidade e Capacidade na fase ‘relações com os homens.’

Observa-se, na Figura 45, que ter relações com pessoas do mesmo sexo é considerado divergente à conduta masculina e é baseado estritamente ao sexo. O sujeito *3.txt*e *6.txt* utilizam os itens léxico-gramaticais “**isso não está certo**” e “**era estranho eu gostar de homens**”, para emitir seu juízo de valor ao fato de relacionar com pessoas do mesmo sexo. Mesmo quando havia alguma relação, o sujeito *3.txt* revela que esse envolvimento não podia ser além de relações sexuais, conforme em 118. As escolhas linguísticas dos sujeitos sugerem

a interpretação de que ter relações com pessoas do mesmo sexo transgridem os padrões esperados pelos indivíduos do sexo masculino e quando as mesmas ocorriam, não podiam incorporar relações afetivas, já que não consideravam como comum dois homens compartilharem afetos.

Quanto às ‘relações com mulheres’, cinco dos sete sujeitos pautaram tal experiência em suas narrativas. Em sua maioria, recursos linguísticos da categoria Afeto/Infelicidade e Afeto/Insatisfação são utilizados para avaliar negativamente ‘as relações com mulheres’, como é visto no recorte a seguir:



317	né. Eu tava vendo que ela estava gostando de mim de verdade. Eu também estava gostando dela, mas não ia rolar nada porqu	2.txt	Felicidade	N
347	ays. E tinhas duvidas sobre se eu era gay ou não. Até porque eu gostava de uma menina da igreja e namorava uma outra. Ma	5.txt	Felicidade	P
376	e não e tal to afim de outra menina e não vai rola. Mentira! Eu percebi que não tinha gostado de fato. Aí, meio que puta	3.txt	Felicidade	N
387	me apaixonava porque achava interessante, legal, bonito, mas eu não tinha desejo pelas meninas. Eu me apaixonava, mas nã	3.txt	Felicidade	N
409	tudo bem" Eu tinha isso meio que constituído na minha mente. Eu até me apaixonava assim pelas meninas, sabe? Mas, era um	3.txt	Felicidade	N
284	o terminamos porque eu sentia atração por homens, sim porque eu realmente gostava dela, mas ela tava gostando de um outro	6.txt	Felicidade	P
402	meninos. Entrava em sites e via garotos; eu não via garotas. Eu nunca me interessei em folhear uma Playboy, mas ao mesmo	7.txt	Satisfação	N
328	te ficar junto". Foi chato para ela. Eu não pude fazer nada. Eu fiquei chateado também. Se eu fosse realmente heterossex	2.txt	Satisfação	N

Figura 46 – Concordâncias de ‘eu’ para categoria Afeto/(IN)Felicidade e Afeto/(IN)Satisfação para fase ‘relações com as mulheres’

Com base nas instâncias na Figura 46, a experiência dos sujeitos com mulheres é representada pelas formas inscritas de Afeto, conforme destacadas no quadro a seguir:

Realizações linguísticas	**Categoria Afeto/(IN)Felicidade e Afeto/(IN)Satisfação**
Eu também estava **gostando dela**, **mas não ia rolar** **Eu gostava de uma menina** na igreja e **namorava uma outra** **Eu** percebi que **não tinha gostado** de fato **Eu não tinha desejo pelas meninas** **Eu até me apaixonava pelas meninas**	(IN)Felicidade

Eu realmente **gostava dela**	
Eu nunca me interessei em folhear uma Playboy	
Eu fiquei chateado	(IN)Satisfação

Quadro 15- Instâncias da Categoria Afeto/(IN)Felicidade e Afeto/Insatisfação para fase ‘relações com mulheres’.

Para os sujeitos, é possível nutrir sentimentos afetivos com as mulheres, evidenciados pelas marcas léxico-gramaticais ‘**gostar**’ e ‘**apaixonar-se**’. Entretanto, esses sentimentos não se estendem ao desejo sexual. Isso é nítido pelas marcas “**não ter desejo pelas meninas**”, “**nunca interessar-se em folhear uma Playboy**”, “**não gostar**”. Além disso, a não-correspondência do desejo sexual às mulheres, para um dos sujeitos (*2.txt)*, parece afetar o seu emocional. Por não haver retribuição dos verdadeiros desejos, o sujeito da narrativa *2.txt* sente-se insatisfeito com a situação, conforme a instância “**eu fiquei chateado**”.

As avaliações por meio de comportamento salientam que mesmo os sujeitos, em especial da narrativa *2.txt*, *4.txt* e *7.txt*, não tenham desejo sexual em relação às mulheres, eles foram capazes de manter relações para alguns sexuais para outros afetivas, ou das duas formas, quando passaram por tal experiência. Para avaliar essa experiência, os sujeitos lançam mão do repertório linguístico da categoria Julgamento/Incapacidade, conforme na Figura 47:

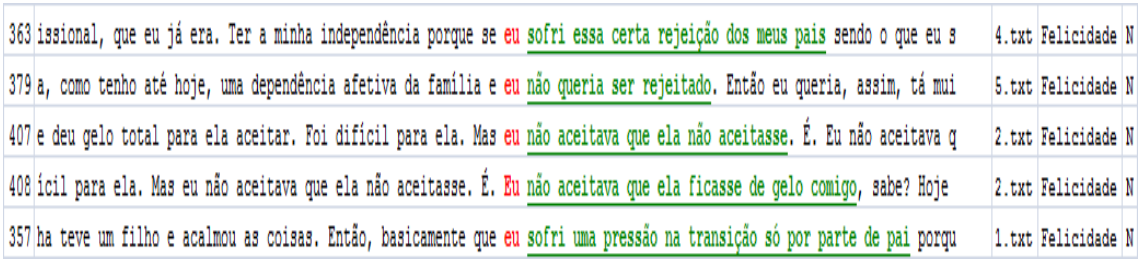
121	mais velha do que eu também. E foi bacana assim, eu gostei.	Eu	consegui ficar excitado.	Acho que o prazer, o toque, não	2.txt	Capacidade P
128	fase, não acontece nada." E na minha própria faculdade mesmo	eu	ficava com as meninas,	não tinha nenhum problema. Então	4.txt	Capacidade P
153	o, quanto mais que estivesse lá dentro. No primeiro momento,	eu	saía com meninas, eu ficava com mulheres, eu tinha namoradas		7.txt	Capacidade P
122	nca me interessei em folhear uma Playboy, mas ao mesmo tempo	eu	conseguia transar com menina.	Para mim, não tinha outra	7.txt	Capacidade P

Figura 47- Concordâncias de ‘eu’ para categoria Julgamento/(IN)Capacidade na fase ‘relações com mulheres’

Percebe-se, na Figura 47, que a Capacidade de se relacionar sexualmente com as mulheres, os sujeitos *2.txt* e *7.txt*, em 121 e 122, respectivamente, se materializa experiência através da construção léxico-gramatical “**conseguir ficar excitado**”, “**conseguir transar com menina**” sendo a forma direta da categoria. Já a Capacidade de se relacionar de maneira possivelmente afetiva dos sujeitos *4.txt* e *7.txt* é realizada por meio de significados ideacionais como “**ficar com as meninas/mulheres**”, “**sair com meninas**” e “**ter namoradas**”,

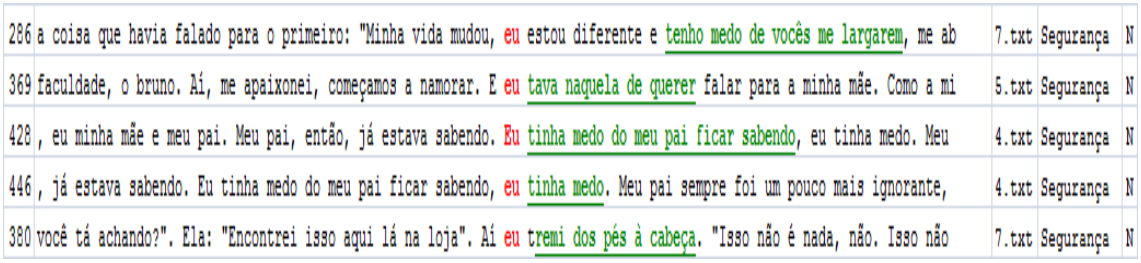
conjugados no modo do pretérito imperfeito. Destaca-se a função desse tempo verbal, que indica a realização de uma ação no passado de forma contínua, que não é exercida mais. Portanto, o uso desse tempo verbal sugere que, nas instâncias 128 e 153, as interações sexuais fazem parte da experiência iterativa dos sujeitos, que não ocorrem mais.

A fase ‘declaração aos pais’, legitimadora da saída do armário, é representada pelos recursos linguísticos das três subcategorias de Afeto. As subcategorias Infelicidade, Insegurança e Insatisfação são acionadas majoritariamente por itens léxico-gramaticais negativos, como podem ser vistos respectivamente nas figuras a seguir:



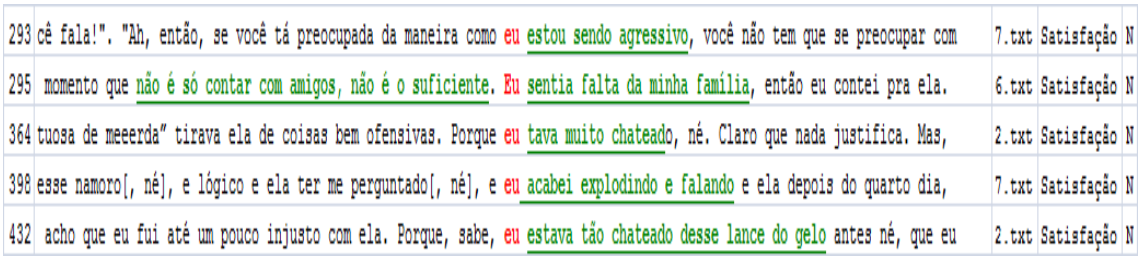
363	issional, que eu já era. Ter a minha independência porque se eu sofri essa certa rejeição dos meus pais sendo o que eu s	4.txt	Felicidade	N
379	a, como tenho até hoje, uma dependência afetiva da família e eu não queria ser rejeitado. Então eu queria, assim, tá mui	5.txt	Felicidade	N
407	e deu gelo total para ela aceitar. Foi difícil para ela. Mas eu não aceitava que ela não aceitasse. É. Eu não aceitava q	2.txt	Felicidade	N
408	ícil para ela. Mas eu não aceitava que ela não aceitasse. É. Eu não aceitava que ela ficasse de gelo comigo, sabe? Hoje	2.txt	Felicidade	N
357	ha teve um filho e acalmou as coisas. Então, basicamente que eu sofri uma pressão na transição só por parte de pai porqu	1.txt	Felicidade	N

Figura 48 - Concordâncias de ‘eu’ para categoria Afeto/(IN)Felicidade para fase ‘declaração aos pais’



286	a coisa que havia falado para o primeiro: "Minha vida mudou, eu estou diferente e tenho medo de vocês me largarem, me ab	7.txt	Segurança	N
369	faculdade, o bruno. Aí, me apaixonei, começamos a namorar. E eu tava naquela de querer falar para a minha mãe. Como a mi	5.txt	Segurança	N
428	, eu minha mãe e meu pai. Meu pai, então, já estava sabendo. Eu tinha medo do meu pai ficar sabendo, eu tinha medo. Meu	4.txt	Segurança	N
446	, já estava sabendo. Eu tinha medo do meu pai ficar sabendo, eu tinha medo. Meu pai sempre foi um pouco mais ignorante,	4.txt	Segurança	N
380	você tá achando?". Ela: "Encontrei isso aqui lá na loja". Aí eu tremi dos pés à cabeça. "Isso não é nada, não. Isso não	7.txt	Segurança	N

Figura 49- Concordâncias de ‘eu’ para categoria Afeto/(IN)Segurança para fase ‘declaração aos pais’



293	cê fala!". "Ah, então, se você tá preocupada da maneira como eu estou sendo agressivo, você não tem que se preocupar com	7.txt	Satisfação	N
295	momento que não é só contar com amigos, não é o suficiente. Eu sentia falta da minha família, então eu contei pra ela.	6.txt	Satisfação	N
364	tuosa de meeerda" tirava ela de coisas bem ofensivas. Porque eu tava muito chateado, né. Claro que nada justifica. Mas,	2.txt	Satisfação	N
398	esse namoro[, né], e lógico e ela ter me perguntado[, né], e eu acabei explodindo e falando e ela depois do quarto dia,	7.txt	Satisfação	N
432	acho que eu fui até um pouco injusto com ela. Porque, sabe, eu estava tão chateado desse lance do gelo antes né, que eu	2.txt	Satisfação	N

Figura 50 - Concordâncias de ‘eu’ para categoria Afeto/(IN)Satisfação para fase ‘declaração aos pais’

Como observado na Figura 48, a Infelicidade dos sujeitos é explicitamente marcada pela forma léxico-gramatical ‘**sofrer**’, em especial, ‘**rejeição**’ ou ‘**pressão**’ por partes dos pais, conforme nas instâncias 357 e 363. Há ainda a forma implícita dessa emoção

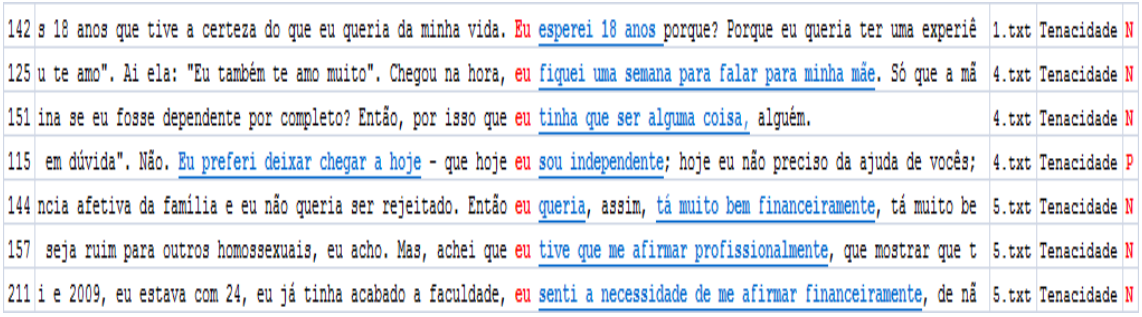
materializada pelas estruturas negativas com ‘**querer**’ e ‘**aceitar**’, em 379, 407, 408. Essas instâncias indicam o quão sofrido pode ser, para os *gays*, revelar sua identidade sexual para os pais.

Além do sofrimento, a fase de contar para os pais também é descrita por meio da Insegurança, em especial de ‘medo’ e ‘incerteza’, conforme na Figura 49. O ‘medo’ é marcado explicitamente pelas formas conjugadas de ‘**ter medo’** e, implicitamente, pelo significado ideacional de ‘**tremer dos pés à cabeça**’. Os sujeitos da *4.txt* e *7.txt* temem as consequências de terem sua opção sexual revelada aos pais. Por exemplo, o medo de não serem aceitos ou sofrer algum tipo destrato por não compreenderem tal circunstância, como nas instâncias 286, 428 e 446 na Figura 49. A ‘incerteza’ é representada pela expressão ideacional, “**tava naquela de querer falar para minha mãe**”. Nesse recorte, é possível depreender que falar sobre identidade não é natural no âmbito familiar, ocasionando, então, uma certa insegurança em abordar o assunto.

Os recursos linguísticos da subcategoria Insatisfação expressam o posicionamento dos sujeitos no tocante às reações dos pais após a revelação. Os sujeitos, em especial da narrativa *2.txt* e *7.txt*, deixam claro seu aborrecimento com dificuldade dos pais em lidar com opção sexual do filho ou até à rejeição do mesmo. Os sujeitos demonstram sua irritação ou insatisfação através dos itens léxico-gramaticais ‘**ser agressivo**’, ‘**estar chateado’** e ‘**acabar explodindo’**, conforme utilizados nas instâncias 293, 364, 398 e 432 na Figura 50. Tais recursos indexam o *ennui* dos sujeitos em relação às circunstâncias pós-revelação.

Ainda na Figura 50, utilizam-se recursos da subcategoria Insatisfação, como “**sentir falta**”, para marcar o quanto é necessário a presença da família quando o *gay* “sai do armário”. Tal item léxico-gramatical, na instância 295, expressa o incômodo que a falta da família faz no momento em que a identidade *gay* é revelada. Na realidade, essa instância ressalta a importância da família na legitimação da identidade sexual dos sujeitos. Embora o âmbito familiar possa ser, para alguns dos entrevistados, um local conflitante para discutir a homossexualidade, é nesse ambiente que a revelação da identidade *gay* se faz primordial. O sujeito da narrativa *6.txt* alega que assumir-se *gay* para os amigos não é o suficiente. Mas, é contar para família que parece autenticar definitivamente a passagem de “sair do armário”.

Ainda sobre a fase ‘declaração aos pais’, parece que os sujeitos não são facilmente resolutos em revelar sua identidade sexual aos seus pais. Por não ser um assunto naturalmente abordado no seu contexto familiar, os sujeitos, em especial *1.txt*, *4.txt* e *5.txt*, protelam sua decisão em falar para os pais, evidenciado no recorte na Figura 51, a seguir:



142	s 18 anos que tive a certeza do que eu queria da minha vida. Eu	esperei 18 anos	porque? Porque eu queria ter uma experiê	1.txt Tenacidade N
125	u te amo". Ai ela: "Eu também te amo muito". Chegou na hora, eu	fiquei uma semana para falar para minha mãe	. Só que a mã	4.txt Tenacidade N
151	ina se eu fosse dependente por completo? Então, por isso que eu	tinha que ser alguma coisa,	alguém.	4.txt Tenacidade N
115	em dúvida". Não. Eu preferi deixar chegar a hoje - que hoje eu	sou independente	; hoje eu não preciso da ajuda de vocês;	4.txt Tenacidade P
144	ncia afetiva da família e eu não queria ser rejeitado. Então eu	queria	, assim, tá muito bem financeiramente	, tá muito be 5.txt Tenacidade N
157	seja ruim para outros homossexuais, eu acho. Mas, achei que eu	tive que me afirmar profissionalmente	, que mostrar que t	5.txt Tenacidade N
211	i e 2009, eu estava com 24, eu já tinha acabado a faculdade, eu	senti a necessidade de me afirmar financeiramente	, de nã	5.txt Tenacidade N

Figura 51 – Concordâncias de ‘eu’ para categoria Julgamento/Tenacidade na fase “declaração aos pais”.

Observa-se, na Figura 51, que recursos linguísticos da categoria Julgamento/ Tenacidade são acionados para expressar a falta de determinação e decisão na fase “declaração aos pais”. Tais posicionamentos são materializados de forma evocada por meio dos significados ideacionais, como ‘**esperar até os 18 anos**’, ‘**ficar uma semana para falar**’, ‘**ter que ser alguma coisa, alguém**’, ‘**ser independente**’, ‘**querer estar bem financeiramente**’, ‘**ter que se afirmar profissionalmente**’ e ‘**sentir a necessidade de se afirmar financeiramente**’. Com base nas escolhas léxico-gramaticais, tem-se a impressão de que, além de haver a dificuldade em falar sobre a identidade sexual, o indivíduo *gay*, antes de se assumir para os pais, tem que se afirmar financeira e profissionalmente, o que acaba, portanto, dificultando ou protelando sua decisão em “sai do armário” no ambiente familiar.

Embora o momento ‘declaração aos pais’ tenha sido marcado por sofrimento, medo, irritação e indecisões, as emoções dos sujeitos, ‘pós-revelação’, são descritas positivamente. As escolhas linguísticas sugerem a interpretação de que, a partir do momento em que a identidade do *gay* é aceita e assumida para si mesmo e no âmbito familiar, o sujeito sente-se feliz e satisfeito com sua própria condição sexual, conforme observado nos recortes a seguir:

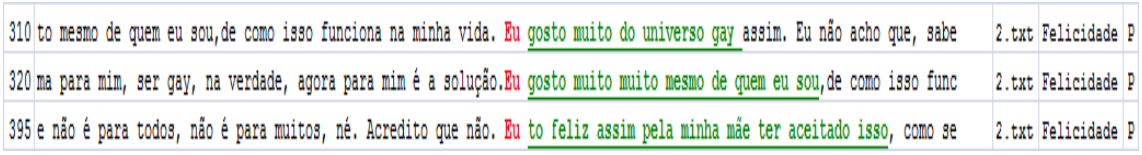


Figura 52 – Concordâncias de ‘eu’ para categoria Afeto/Felicidade para fase ‘após revelação’

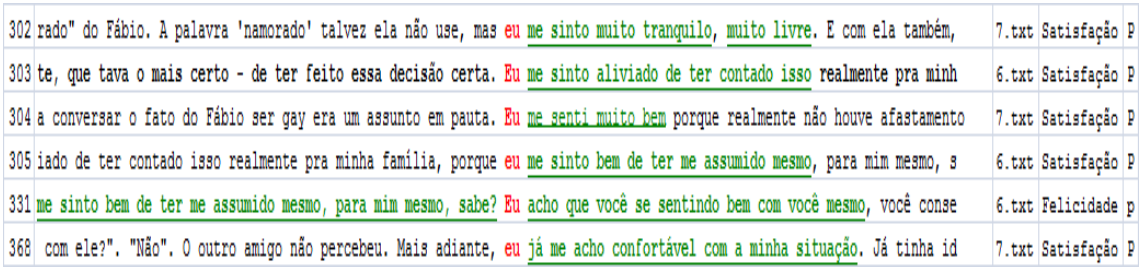


Figura 53 – Concordâncias de ‘eu’ para categoria Afeto/Satisfação para fase ‘após revelação’

Para avaliar a fase ‘pós-revelação’, recursos léxico-gramaticais das subcategorias Felicidade e Satisfação são acionados. A subcategoria Felicidade é representada de forma inscrita pelas construções ‘**gostar do universo gay/ de si próprio**’ e ‘**estar feliz**’ em razão de ser aceito pela mãe. Particularizam-se essas instâncias do sujeito *2.txt,* por serem representativas na mudança de emoções dentre as sete narrativas. A subcategoria Satisfação é composta pelo processo mental ‘**sentir**’, seguido dos léxicos: ‘**tranquilo**’, ‘**aliviado**’, ‘**livre**’, ‘**bem**’. Há ainda o léxico ‘**confortável**’ empregado na instância 368 na Figura 53. Todos esses recursos linguísticos, além de registrarem as emoções positivas, marcam a sensação de alívio após assumir-se *gay*

As avaliações não se limitam apenas às emoções. Além da Felicidade e Satisfação, os sujeitos, como os das narrativas *1.txt, 3.txt* e *4.*txt, parecem associar o fato de “sair do armário”, isto é, assumir-se *gay*, a um ser ‘honesto’, como pode ser interpretado na coleção linguística da categoria Julgamento/Veracidade na Figura 54:

136	i verdadeiro com todo mundo. Se eu sou verdadeiro com todos, eu tenho que ser verdadeiro comigo mesmo". Eu já me aceitava	4.txt	Veracidade	P
213	dessa maneira. Mas eu automaticamente eu botei porque quando eu assumi que era gay deixei a minha vida um livre aberto e	1.txt	Veracidade	P
132	o falar tudo sobre a minha vida ser uma pessoa aberta porque eu acho que foi isso que fez as pessoas não comentassem de	1.txt	Veracidade	P
202	do eu assumi que era gay deixei a minha vida um livre aberto eu nunca me policiei com nada eu sempre falei "sou isso e a	1.txt	Veracidade	P
126	udável. E viver a verdade, cara, é muito libertadora. Então, eu não preciso ficar fingindo para os meus pais. Eu não fin	3.txt	Veracidade	P
138	y para mim não vai falar que eu seja uma pessoa boa ou ruim. Eu que tenho que ser um ser humano bom. O que eu faço com a	4.txt	Veracidade	P
95	h.... Não. Sou gay. Sou. Ser gay para mim não vai falar que eu seja uma pessoa boa ou ruim. Eu que tenho que ser um ser	4.txt	Veracidade	P

Figura 54 - Concordância de ‘eu’ para categoria Julgamento/Veracidade na fase ‘pós-revelação’.

Percebe-se, na Figura 54, que recursos léxico-gramaticais são materializados de forma inscrita e evocada. A forma mais explícita da Veracidade é ‘**ser verdadeiro**’, como em 136. A honestidade também é expressa pelos significados ideacionais, como ‘**deixar a minha vida um livro aberto**’, ‘**ser uma pessoa aberta**’, ‘**nunca se policiar**’ com o fato de ser gay, ‘**não precisar ficar fingindo**’ ‘**tem ser um ser humano bom**’, respectivamente em 213, 132, 202, 126, 138. As escolhas linguísticas revelam que “saída do armário” torna o indivíduo *gay* verdadeiro consigo mesmo e com a sociedade.

Com base em todos os recursos linguísticos levantado da análise, a “saída do armário” pode ser considerado um “mal necessário”, por parte dos sujeitos desta pesquisa. Desde a fase da ‘auto-descoberta’ até ‘declaração aos pais’, o processo de “sair do armário” é, majoritariamente, marcado por posicionamentos negativos, resumido em palavras de sofrimento, incapacidade, indecisão gerando incerteza, dentre outros. Contudo, o que chama atenção é o fato dos *gays* precisarem falar sobre sua sexualidade, em especial para os pais (mãe), para ter, de fato, sua identidade consolidada publicamente. Isso dá a entender que a “saída do armário” se consolida no ambiente familiar. Tendo, portanto, revelado nesse contexto, os *gays* parecem se sentir mais libertos e seguros para interagir naturalmente na sociedade em que se inserem, sem ter a necessidade de viver uma vida escondida, isto é, uma vida dentro do “armário”.

Como foi visto que o ambiente familiar, ou melhor, a figura da mãe, cumpre um papel fundamental na consolidação identitária do indivíduo *gay*, a próxima seção concentra-se ainda num exame discursivo sobre o item lexical ‘mãe/ela’, para aferir de que forma essa figura é avaliada nas histórias de “sair do armário”, contadas pelos sujeitos desta pesquisa.

5.2.2 Posicionamentos Atitudinais sobre a ‘mãe’ nas Histórias de “Sair do Armário”.

Os posicionamentos da figura ‘mãe’ são nitidamente expressos nas duas últimas fases do processo de “sair do armário”, a lembrar: ‘declaração aos pais’ e pós-revelação’. As avaliações da figura materna, a respeito da “saída do armário”, ou seja, da revelação da identidade sexual dos sujeitos são representadas especialmente pelas categorias Afeto e Julgamento. Portanto, os sujeitos das narrativas, ao avaliar a atitude da ‘mãe’, emitem juízo de valor referente às suas emoções e ao seu comportamento.

Na fase ‘declaração aos pais’, o momento em que os sujeitos desta pesquisa assumiram sua identidade sexual no âmbito familiar, a figura ‘mãe’ das histórias, com exceção à narrativa *1.txt*, foi expressa por emoções negativas, como pode ser observado, na Figura 55**,** a co-ocorrência do forma lexical ‘mãe/ela’ com itens léxico-gramaticais negativos:

73	ela: "Mãe, tenho uma coisa para falar" "Ai, meu deus" minha mãe é toda desesperada "o que é?", começou a chorar, achand	3.txt	Felicidade	N
50	as minhas tias, a minha mãe falou para a minha avó. A minha mãe chorando no telefone, a minha avó: "O que foi?". A minh	4.txt	Felicidade	N
53	o que aconteceu". Eu: "É, pai. É isso". "Contando que a sua mãe tá triste, chorosa...". Aí eu: "Aham". ele: "Ah, eu sei	4.txt	Felicidade	N
234	só para saber, porque a Priscila era muito a minha amiga. E ela chorou a noite inteira por medo do que poderia acontecer	5.txt	Felicidade	N
70	rava mais comigo. Então, eu contei pra ela - pra minha mãe - ela se decepcionou muito; foi aquele momento de choro, ela	6.txt	Felicidade	N
128	Aí, eu falei: "Tá bom". Bom, não trazia namorado para perto, ela não gostava, sabe? Ela não curtia esse meu primeiro nam	7.txt	Felicidade	N
136	Bom, não trazia namorado para perto, ela não gostava, sabe? Ela não curtia esse meu primeiro namoro. E também não teve	7.txt	Felicidade	N
164	amos conversar, bater papo; olha, fica no seu momento." Não, ela foi agressiva. Assim, tipo: "EU TÔ ACHANDO UMA COISA DE	7.txt	Felicidade	N
233	, não". "Tô achando isso". Aí, eu: "O que você tá achando?". Ela começou a me pressionar, mas agressivamente. Ela não me	7.txt	Felicidade	N
137	a ela aceitar. Foi difícil para ela. Mas eu não aceitava que ela não aceitasse. É. Eu não aceitava que ela ficasse de ge	2.txt	Felicidade	N
143	o um filho gay". E aí, foram seis meses assim mais ou menos, ela me deu gelo total para ela aceitar. Foi difícil para el	2.txt	Felicidade	N
66	não sei... Não sei o que aconteceu nesse negócio aí". Minha mãe não aceita. Mesmo, teve um dia que eu cheguei, eu tinha	4.txt	Felicidade	N
174	a e fui pegar a minha roupa. Minha mãe, a primeira coisa que ela falou foi "eu não vou aceitar isso. Eu não vou aceitar"	4.txt	Felicidade	N
58	u, nem nada. Nunca. Nunca, nunca, nunca, nunca. Só que minha mãe não aceita, nunca aceitou, e nunca aceitará. Ao ponto d	4.txt	Felicidade	N
95	veu em outra época, ela é do interior, então eu já sabia que ela poderia não aceitar; tanto a minha irmã, que ela é muit	6.txt	Felicidade	N
60	ecado fosse para a família. Então, minha mãe viu isso. Minha mãe não queria isso para a família dela. Então, foram algum	4.txt	Felicidade	N
156	que sou gay". Aí, ela: "aaaahh, é isso?" Mas, assim, não que ela levou numa boa. Mas assim, ela achou uma coisa tipo: mã	3.txt	Felicidade	N
52	daí?". Eu: "tudo bem". Nisso, eu no quintal de casa e minha mãe gritando que "eu não vou aceitar você nessa vida", que e	4.txt	Felicidade	N
142	ta, nunca aceitou, e nunca aceitará. Ao ponto de ela chegar, ela me infernizou tanto. Mas, tanto, tanto tanto, tanto, ta	4.txt	Felicidade	N
54	ó você que não tá vendo, você tá perdendo um filho". E minha mãe infernizando, infernizando, infernizando ao ponto de eu	4.txt	Felicidade	N
48	dia, quando eu cheguei em casa, o meu 'parabéns' foi a minha mãe falando que, para ela, eu estava morto, que ela não tinha	4.txt	Felicidade	N
184	ia que passava, minha mãe era assim, uma coisa de, de manhã, ela falar o seguinte: "Prefiro você morto, prefiro não ter mais filho	4.txt	Felicidade	N
67	coisa que ela falou pra mim foi muito séria: "Olha, eu como mãe eu gostaria que na minha frente tivesse uma filha. Uma	4.txt	felicidade	N

Figura 55 – Concordâncias de ‘mãe/ela’ para categoria Afeto/(IN)Felicidade na fase ‘declaração aos pais’

Nota-se, no recorte acima, que recursos linguísticos inscritos e evocados são utilizados para expressar a Infelicidade da ‘mãe’ no tocante à identidade sexual de seus filhos. A Infelicidade inscrita é composta pelos processos ‘**chorar**’ e ‘**estar triste**’, pelo qualificador ‘**chorosa**’ e pela nominalização ‘**momento de choro**’, como nas instâncias 73, 50, 53, 234 e 70. Há ainda a estrutura negativa de ‘**gostar**’ e ‘**curtir**’ e a expressão de modo ‘**agressiva**’, como em 128, 136, 164 e 233, respectivamente. As escolhas linguísticas sugerem que algumas mães se sentem infelizes com o fato de os filhos serem *gays.*

A Infelicidade também é evocada, em especial nas narrativas *2.txt*, *4.txt* e *6.txt*, pela estrutura negativa de ‘**aceitar**’ como em 137, 66, 58, 95, e pelas expressões ‘**dar uma gelo para aceitar**’, ‘**não levar numa boa**’ e ‘ **não querer isso (um *gay*) na família**’ como nas instâncias 60, 143 e 156 na Figura 55. Ainda sobre a Infelicidade implícita, particularizam-se as instâncias 48, 52, 54, 142, 48, 184 e 67 por conta da variedade de léxico-gramática em uso para expressar o quão negativo é o posicionamento da ‘mãe’ na narrativa *4.txt*. A mãe é representada como aquela figura que ‘**grita**’ o ‘**não vai aceitar**’, ‘**inferniza**’ e ‘**prefere um filho morto ou ter uma filha**’, menos um filho *gay*. Todos esses recursos linguísticos marcam a Infelicidade da mãe em relação à identidade sexual do filho *gay*. Essas escolhas linguísticas também exemplificam o porquê pode ser conflitante a “saída do armário” no contexto familiar.

Além da Infelicidade, a figura ‘mãe’ é também marcada pelas emoções de Insegurança, em especial de ‘medo’ e ‘desespero’, conforme visto na seguinte Figura:

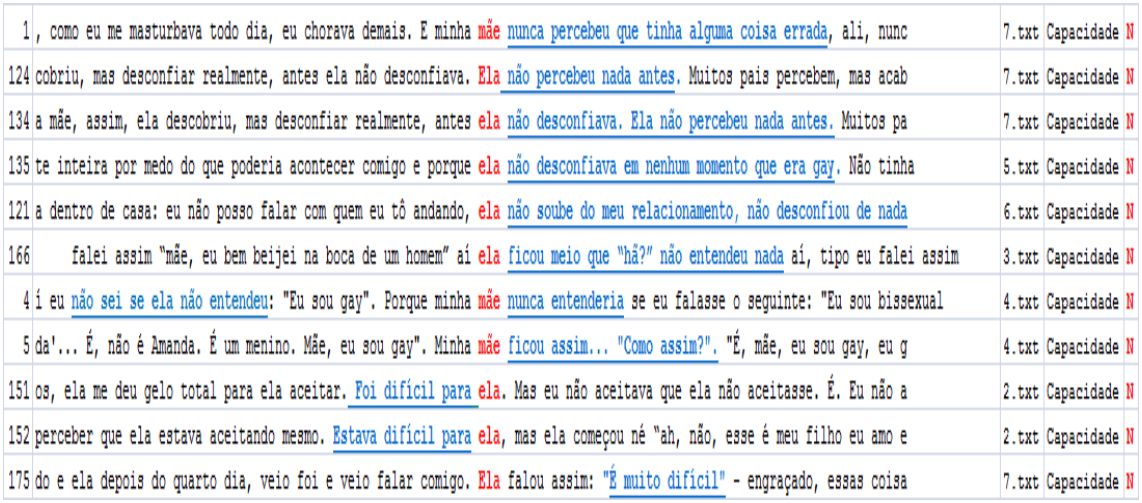
55	ho, por que você está fazendo isso comigo?", né? E eu vi que ela tinha bastante medo de que acontecesse alguma coisa com	2.txt	Segurança	N
49	se risco. Que é por ponto e risco". Tudo certo. E aí a minha mãe ficou desesperada, a minha mãe foi um dia numa... Nós v	4.txt	Segurança	N
47	oral de jovens - e continuo sendo. Para o desespero da minha mãe, o padre chegou e falou o seguinte para mim: "Quem sou	6.txt	Segurança	N
158	i que, só pensar de eu já ter falado que sou homossexual pra ela já foi um susto. E eu respeito isso. Poxa, minha mãe te	5.txt	Segurança	N

Figura 56 – Concordâncias de ‘mãe/ela’ para categoria Afeto/(IN)Segurança na fase ‘declaração aos pais’

Observa-se que, nas narrativas *2.txt*, *4.txt*, *5.txt* e *6.*tx, as sensações de Insegurança da ‘mãe’, no momento da declaração, são materializadas pelas formas inscritas ‘**ter medo**’ e ‘**ser um susto**’, em referência ao ‘medo’, e pela forma ‘**ficar desesperada**’ e a nominalização ‘**desespero**’ em referência ao ‘desespero’. Os recursos linguísticos deixam em evidência que

o fato de ser *gay* pode ser algo que assusta as mães. Percebe-se que a revelação da identidade sexual não é recebida de forma positiva por parte da figura materna.

As emoções de Infelicidade e Insegurança, no posicionamento da ‘mãe’, provavelmente, se manifestam por conta da dificuldade de ‘perceber’ ou ‘compreender’ a condição sexual do seu filho, conforme evidenciado pelo uso negativo dos recursos linguísticos da categoria Julgamento/(IN)Capacidade na Figura 57:

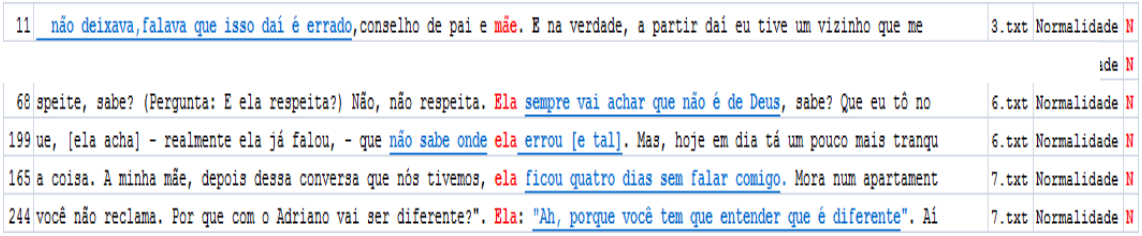


1	, como eu me masturbava todo dia, eu chorava demais. E minha mãe nunca percebeu que tinha alguma coisa errada, ali, nunc	7.txt	Capacidade	N
124	cobriu, mas desconfiar realmente, antes ela não desconfiava. Ela não percebeu nada antes. Muitos pais percebem, mas acab	7.txt	Capacidade	N
134	a mãe, assim, ela descobriu, mas desconfiar realmente, antes ela não desconfiava. Ela não percebeu nada antes. Muitos pa	7.txt	Capacidade	N
135	te inteira por medo do que poderia acontecer comigo e porque ela não desconfiava em nenhum momento que era gay. Não tinha	5.txt	Capacidade	N
121	a dentro de casa: eu não posso falar com quem eu tô andando, ela não soube do meu relacionamento, não desconfiou de nada	6.txt	Capacidade	N
166	falei assim "mãe, eu bem beijei na boca de um homem" aí ela ficou meio que "hã?" não entendeu nada aí, tipo eu falei assim	3.txt	Capacidade	N
4	í eu não sei se ela não entendeu: "Eu sou gay". Porque minha mãe nunca entenderia se eu falasse o seguinte: "Eu sou bissexual	4.txt	Capacidade	N
5	da'... É, não é Amanda. É um menino. Mãe, eu sou gay". Minha mãe ficou assim... "Como assim?". "É, mãe, eu sou gay, eu g	4.txt	Capacidade	N
151	os, ela me deu gelo total para ela aceitar. Foi difícil para ela. Mas eu não aceitava que ela não aceitasse. É. Eu não a	2.txt	Capacidade	N
152	perceber que ela estava aceitando mesmo. Estava difícil para ela, mas ela começou né "ah, não, esse é meu filho eu amo e	2.txt	Capacidade	N
175	do e ela depois do quarto dia, veio foi e veio falar comigo. Ela falou assim: "É muito difícil" - engraçado, essas coisa	7.txt	Capacidade	N

Figura 57 - Concordâncias de ‘mãe/ela’ para categoria Julgamento/(IN)Capacidade na fase ‘declaração aos pais”

O conjunto linguístico, acima, revela que a (IN)Capacidade da figura materna, nas narrativas *5.txt*, *6.txt* e *7.txt*, é explicitada pelas estruturas negativas de ‘**perceber**’**,** ‘**desconfiar**’**,** ‘**saber**’ ou‘**entender**’ a inclinação homossexual dos seus filhos, como nas instâncias 1, 124, 134, 135, 121, 166, 166 e 4. De forma indireta, a (IN)Capacidade também se manifesta pela presença da pergunta “**Como assim?**” na instância 5, expressando incompreensão na sentença anteriormente proferida “eu sou *gay*”. Há ainda na nas três últimas instâncias na Figura 57 a expressão conjugada de ‘**ser/estar difícil**’, expressando a dificuldade da mãe de aceitar e compreender a identidade sexual dos sujeitos da narrativa *2.txt* e *7.txt*. A preferência de tal conjunto léxico-gramatical sugere que a figura da ‘mãe’, nas histórias de “sair do armário” analisadas reagiram emocionalmente de forma negativa por conta da (IN)Capacidade em discernir a emergente condição sexual dos filhos.

As emoções negativas podem também estar atreladas ao fato do comportamento homossexual ser considerado anormal na conduta do indivíduo do sexo masculino, como observado na Figura 58, a seguir:

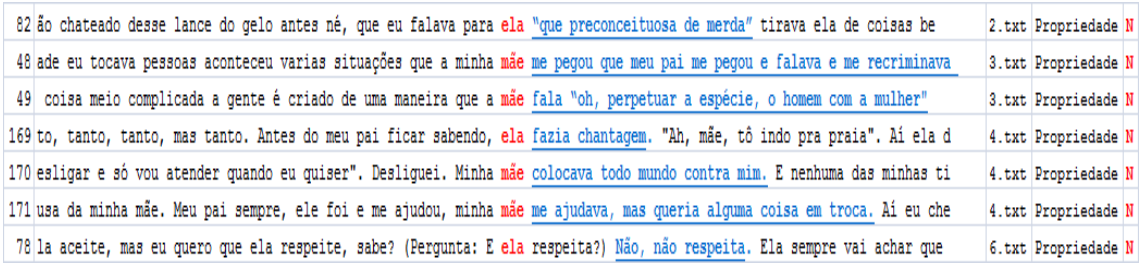


11	não deixava,falava que isso daí é errado,conselho de pai e mãe. E na verdade, a partir daí eu tive um vizinho que me	3.txt	Normalidade	N
			ıde	N
68	speite, sabe? (Pergunta: E ela respeita?) Não, não respeita. Ela sempre vai achar que não é de Deus, sabe? Que eu tô no	6.txt	Normalidade	N
199	ue, [ela acha] - realmente ela já falou, - que não sabe onde ela errou [e tal]. Mas, hoje em dia tá um pouco mais tranqu	6.txt	Normalidade	N
165	a coisa. A minha mãe, depois dessa conversa que nós tivemos, ela ficou quatro dias sem falar comigo. Mora num apartament	7.txt	Normalidade	N
244	você não reclama. Por que com o Adriano vai ser diferente?". Ela: "Ah, porque você tem que entender que é diferente". Aí	7.txt	Normalidade	N

Figura 58 - Concordâncias de ‘mãe/ela’ para categoria Julgamento/(A)Normalidade na fase ‘declaração aos pais’

O posicionamento das ‘mães’ sobre a conduta anormal, em especial das narrativas *3.txt*, *6.txt* e *7.txt*, é materializado pelo recurso ‘**ser errado**/**diferente**’ em 11 e 244 e pelo processo ‘**errar**’ em 199. Há ainda o uso do significado ideacional como ‘**não ser Deus**’, para evocar o sentido de ‘errado’ em tal comportamento. Tais escolhas linguísticas vêm enfatizar a consideração de que relações afetivas ou sexuais com pessoas do mesmo sexo são avaliadas divergentes à prática heterossexual, socialmente esperada nas relações entres os indivíduos.

Além dos posicionamentos voltados à (IN)Capacidade e (A)Normalidade, a figura da ‘mãe’ é representada pelos recursos linguísticos que materializam a violação dos preceitos éticos, especialmente dirigidos às escolhas individuais do ser humano. Tal violação é acionada pela léxico-gramática da categoria Julgamento/Propriedade destacada na Figura 59, a seguir:



82	ão chateado desse lance do gelo antes né, que eu falava para ela "que preconceituosa de merda" tirava ela de coisas be	2.txt	Propriedade	N
48	ade eu tocava pessoas aconteceu varias situações que a minha mãe me pegou que meu pai me pegou e falava e me recriminava	3.txt	Propriedade	N
49	coisa meio complicada a gente é criado de uma maneira que a mãe fala "oh, perpetuar a espécie, o homem com a mulher"	3.txt	Propriedade	N
169	to, tanto, tanto, mas tanto. Antes do meu pai ficar sabendo, ela fazia chantagem. "Ah, mãe, tô indo pra praia". Aí ela d	4.txt	Propriedade	N
170	esligar e só vou atender quando eu quiser". Desliguei. Minha mãe colocava todo mundo contra mim. E nenhuma das minhas ti	4.txt	Propriedade	N
171	usa da minha mãe. Meu pai sempre, ele foi e me ajudou, minha mãe me ajudava, mas queria alguma coisa em troca. Aí eu che	4.txt	Propriedade	N
78	la aceite, mas eu quero que ela respeite, sabe? (Pergunta: E ela respeita?) Não, não respeita. Ela sempre vai achar que	6.txt	Propriedade	N

Figura 59- Concordâncias de ‘mãe/ela’ para categoria Julgamento/Propriedade na fase ‘declaração aos pais’

Os sujeitos analisados recorrem a itens léxico-gramaticais que o desrespeito da ‘individualidade humana’ é observada pelas atitudes tomadas pela figura materna, após saber a identidade dos seus filhos. Por exemplo, na narrativa *2.txt*, tem-se a expressão ‘**preconceituosa**’, sinalizando o posicionamento discriminativo da ‘mãe’. Na narrativa *3.txt*, a conjugação do processo ‘**recriminar**’ e apropriação do discurso científico ‘**perpetuar a espécie, o homem com a mulher**’ reforçam a imposição da escolha socialmente estabelecida, das relações do sexo oposto, violando as escolhas individuais. Tem-se, na narrativa *4.txt*, as atitudes da ‘mãe’, como ‘**fazer chantagem**’, ‘**colocar todos contra o sujeito**’ e ‘**ajudá-lo com alguma coisa em troca**’, que desrespeitam o “livre arbítrio” do sujeito *4.txt* de realizar suas escolhas. Na narrativa *6.txt*, o desrespeito se materializa pela estrutura negativa de ‘**respeitar**’. Essas escolhas linguísticas vêm sugerir que a maioria das ‘mães’, em particular das narrativas *2.txt*, *3.txt*, *4txt* e *6.txt*, não aceita facilmente a emergente identidade sexual do seu filho.

Dentre todas as histórias sob exame, chame-se atenção à narrativa *1.txt* por abrir uma exceção de todo o posicionamento negativo por parte da figura materna, levantado na análise até então. A figura ‘mãe’ da narrativa *1.txt* foi isenta de descrições atitudinais por Afeto, mas seu posicionamento foi expresso positivamente pela forma que a relação homossexual é avaliada. As avaliações dirigidas ao comportamento *gay* são materializadas pela categoria Julgamento/Normalidade, como mostra a seguinte Figura 60:

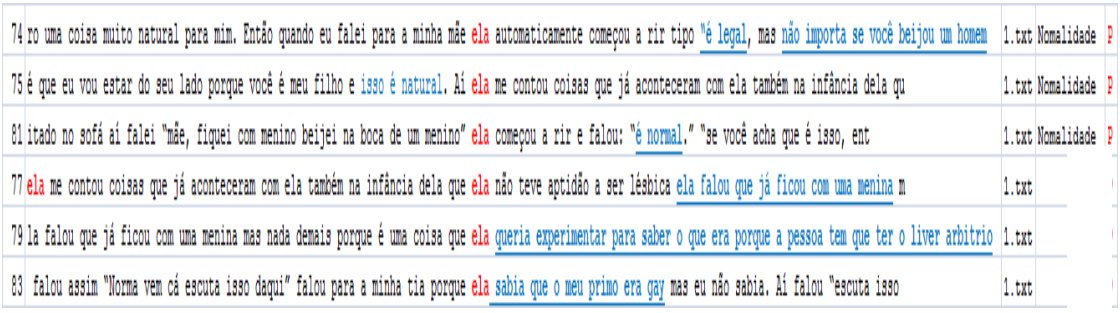


Figura 60- Concordâncias de ‘mãe/ela’ para categoria Julgamento/Normalidade na fase ‘declaração aos ‘pais’ em narrativa *1.txt*

Observa-se, nas instâncias 74, 75 e 81, que o posicionamento reportado da mãe é representado pelos seguintes itens léxico-gramaticais: ‘**é legal**’, ‘**não importa se você beijou um homem**’, ‘**isso é natural**’, e ‘**é normal**’. Tais escolhas linguísticas revelam que, para ela, a experiência homossexual é vista como um comportamento dentro da Normalidade do ser

humano. Em uma observação nas razões pelas quais essa mãe se posiciona de tal forma, foi verificado que ela, na sua infância, também vivenciou a prática homossexual, conforme evidenciado nas instâncias 77 e 79, alegando que a pessoa tem que ter o livre arbítrio para as experiências. Além disso, a experiência em ter um filho homossexual não está distante da sua realidade, já que ela tem um sobrinho na mesma condição sexual do filho. Esses dois fatos podem sugerir que, a partir do momento que há uma experiência compartilhada entre o sujeito *gay* e sua mãe ou a realidade em ter um filho *gay* próxima, a identidade *gay* do filho tende ser encarada com mais Normalidade. Isso não significa que a 'mãe' precisa ter necessariamente experiências homossexuais para aceitar ou entender a condição sexual do filho, mas só de estar próxima aos comportamentos do universo *gay* poderia facilitar o processo de aceitação da emergente identidade sexual.

Sobre o processo de aceitação, curiosamente, as mesmas 'mães' que se posicionaram negativamente na fase 'declaração aos pais', mudaram sua atitude com o passar do tempo, como observado na fase 'pós-revelação'. Os recursos linguísticos da categoria Afeto/Felecidade, Julgamento/Normalidade e Julgamento/Veracidade foram acionados para expressar tal mudança atitudinal.

196	Isso que achei legal da minha mãe. Eu comecei a perceber que ela estava aceitando mesmo. Estava difícil para ela, mas el	2.txt	Felicidade	P
229	que ela estava aceitando mesmo. Estava difícil para ela, mas ela começou né "ah, não, esse é meu filho eu amo ele", enfi	2.txt	Felicidade	P
71	is velho que eu, mais ou menos a mesma idade. Quanto a minha mãe como o meu pai aceitam ele em casa. Tudo bem, assim, se	2.txt	Felicidade	P
61	pessoa da família, né. Todo mundo gosta dele, meu pai, minha mãe, minha irmã, até os gatos lá de casa gostam dele. Então	2.txt	Felicidade	P
249	lugar para eu poder namorar. Ainda demorou um pouquinho para ela aceitar, mas ela acabou entendendo e logo depois meu na	7.txt	Felicidade	N

Figura 61– Concordâncias de 'mãe/ela' para categoria Afeto/Felicidade na fase 'pós-revelação'

Nota-se, na Figura 61, que a mudança atitudinal expressada por Afeto é marcada pelos significados ideacionais que evocam o sentimento de Felicidade. Na narrativa *2.txt*, esse sentimento é representado, primeiramente, através do processo '**aceitar**' conjugado na forma contínua, conforme na instância 196. Em seguida, a Felicidade é materializada pela construção léxico-gramatical de '**começar aceitar**', estando o processo '**aceitar**' camuflado pela expressão "**ah, não, esse é o meu filho e eu amo ele.**" Ainda, na narrativa *2.txt*, a Felicidade é manifestada não apenas pelo fato de aceitar e amar o filho, mas também pelo fato dos membros da família, em especial a mãe, gostarem e aceitarem o namorado do filho em casa, expressado pela construção '**minha mãe e meu pai aceitam ele em casa**' e '**todo**

mundo gosta dele', respectivamente em 71 e 61. Similarmente, a representação da mudança atitudinal da figura 'mãe' na narrativa *7.txt* também é realizada pelo processo '**aceitar**'.

Além dessa semelhança do uso lexical, como '**aceitar**', nas duas narrativas, chama-se atenção à construção gramatical que tal item é empregado. Com uso da conjugação contínua de '**aceitar**', da construção subentendida '**começar aceitar'** e '**aceitar**' complementando o sentido do processo 'demorar', é percebido que a aceitação da identidade sexual *gay* do filho, por parte da figura materna, pode ocorrer de forma gradativa. Isso significa dizer que os *gays* podem levar um tempo para conquistar a aceitação materna.

É fato que, para alguns sujeitos desta pesquisa, a aceitação por parte da mãe é conquistada. Contudo, foi muito difícil determinar a natureza desse ato, já que o processo 'aceitar' pode ser usado com diferentes propósitos. De acordo com o Dicionário Aurélio[29], a ação 'aceitar' pode ser entendida como: admitir um fato a contragosto ou aderi-lo de boa vontade. Através dos recursos linguísticos que envolvem a figura 'mãe', parece que a aceitação materna é dada pela adesão de boa vontade, no sentido de apoiar e concordar com a condição sexual dos seus filhos.

Isso é nítido através do conjunto linguístico que se dirige às avaliações por meio do Julgamento, as quais revelam a mudança de comportamento da 'mãe' para melhor, conforme nas seguintes instâncias:

45	melhor?". Então, já se modificou, entende? Algo que a minha mãe, mesmo que tenha aquela reação "ah, não, vamos rezar" e	3.txt	Normalidade	P
232	morado, com meu namoro e eu falei pra minha mãe: "Terminei". Ela começou a me tratar muito bem. Ela falou assim: "O próx	4.txt	Normalidade	P
70	lher, seria uma mulher, mas só que foi um homem". Hoje minha mãe me trata um pouco melhor, mas só que ela sabe muito bem	4.txt	Normalidade	P
71	ergonha. Eu nunca conversei sobre relacionamento com a minha mãe. Agora a gente conversa muito. Agora falo tudo. Vejo um	5.txt	Normalidade	P
207	ela ver que não é aquilo que ela imaginava. Então, hoje para ela é super comum, super normal. Tem um momento que eu até	7.txt	Normalidade	P

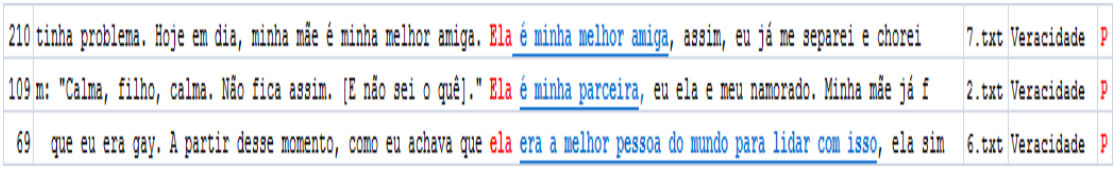
Figura 62 - Concordâncias de 'mãe/ela' para categoria Julgamento/Normalidade na fase 'pós-revelação'

A Figura 62 mostra que os sujeitos das narrativas *3.txt*, *4.txt*, *5.txt* lançam mão de significados ideacionais da categoria Julgamento/Normalidade para marcar o re-posicionamento da 'mãe' no tocante em aceitar um filho *gay*. O sujeito *3.txt* utiliza o significado direto de mudança pelo processo '**modificar**' em 45. Já o sujeito *4.txt* faz uso das

[29] Fonte: < http://www.dicionariodoaurelio.com/Aceitar.html>.

construções léxico-gramaticais, como '**começar a me tratar bem**' e ' **tratar melhor**'. O sujeito *5.txt* expressa a mudança pelo fato de poder '**conversar**' mais com a mãe visto na instância 71. Já o sujeito *7.txt* recorre de uso recursos inscritos de Normalidade como '**ser comum e normal**' a emergente identidade sexual do filho. Interessantemente, vale apontar que ambos os sujeitos das narrativas *4.txt*, *5.txt* e *7.txt* usam indicadores de tempo, conforme circulados na

Figura **62**, para marcar a diferença atitudinal. Essas escolhas linguísticas corroboram a ideia de que a aceitação materna se realiza gradativamente.



210	tinha problema. Hoje em dia, minha mãe é minha melhor amiga. Ela é minha melhor amiga, assim, eu já me separei e chorei	7.txt	Veracidade
109	m: "Calma, filho, calma. Não fica assim. [E não sei o quê]." Ela é minha parceira, eu ela e meu namorado. Minha mãe já f	2.txt	Veracidade
69	que eu era gay. A partir desse momento, como eu achava que ela era a melhor pessoa do mundo para lidar com isso, ela sim	6.txt	Veracidade

Figura 63 - Concordâncias de 'mãe/ela' para categoria Julgamento/Veracidade na fase 'pós-revelação'

Ainda sobre as avaliações emitidas por meio do comportamento, a Figura 63 mostra o quão companheira e sincera a mãe, em particular das narrativas *2.txt*, *6.txt* e *7.txt*, passou a ser no tocante à relação cotidiana com o filho. Tal consideração é interpretada através dos recursos da categoria Julgamento/Veracidade que avaliam comportamentos de quão verdadeiro, leal, honesto o indivíduo pode ser. Essas características são representadas, na Figura 63, pelas construções léxico-gramaticais '**ser minha melhor amiga**', '**ser minha parceira**' e '**ser a melhor pessoa do mundo para lidar com isso**[30]', respectivamente usadas pelos sujeitos *7.txt*, *2.txt* e *6.txt*. Essas escolhas léxico-gramaticais comprovam a mudança atitudinal da figura materna nas histórias de "sair do armário". Além de tal comprovação, percebe-se que, apesar da reação negativa das 'mães' em aceitar um filho *gay*, os *gays* parecem depositar confiança nessas figuras após o momento de "sair do armário".

É importante destacar a análise da fase 'pós-revelação', pois, as mesmas 'mães' que no momento da 'declaração aos pais' expressaram posicionamentos negativos em relação à conduta do filho, são as mesmas que mudaram positivamente suas atitudes. Embora tenha sido visto que a "saída do armário" possa ser uma experiência diferente para cada indivíduo (ver capítulo 4), observou-se que, de 7 (sete) histórias, 6 (seis) parecem formar padrões

[30]Pronome demonstrativo 'isso', fazendo referência à homossexualidade do filho.

discursivos pela linguagem atitudinal. As mães parecem não aceitar imediatamente a emergente identidade sexual do filho. Entretanto, essa aceitação é conquistada gradativamente. Mediante a essa mudança atitudinal, tal fato corrobora a semelhança estrutural das histórias de experiência pessoal com narrativas, visto que as duas apresentam assimetria do estado inicial com o estado final do evento.

5.3 **Algumas Considerações**

Este capítulo objetivou analisar discursivamente as histórias do "sair do armário" para verificar como é avaliada essa experiência. O foco das avaliações recaiu sobre os protagonistas das histórias, o 'eu' e a 'mãe', por corresponder coincidentemente os itens lexicais mais usados nas sete histórias em questão. Para tanto, a análise fundamentou-se em parte da Teoria da *Avaliatividade*, em especial do sistema Atitude (MARTIN, op.cit; MARTIN e WHITE, op.cit), com a finalidade de verificar de que forma os predominantes itens lexicais ou principais participantes das histórias se posicionam em relação a tal experiência, em termos de Afeto, Julgamento e Apreciação.

A análise discursiva com base nas categorias semântica do sub-sistema Atitude revelou que os *gays*, representado pelo 'eu', marcam a experiência do "sair do armário" por meio de avaliações de Afeto e Julgamento. Caracterizada a "saída do armário" em forma de fases – 'auto-descoberta', 'relações com homens e mulheres', declaração aos pais' e pós-revelação' – recursos linguísticos que expressam avaliações negativas à emoção e ao comportamento são majoritariamente acionados em tais fases com exceção à 'pós-revelação'. Em suma, os sujeitos parecem se posicionar negativamente em estado de medo e tristeza por saber que sua emergente identidade homossexual diverge do comportamento heterossexual privilegiado na comunidade social que estão inseridos.

Similarmente, a figura materna dos sujeitos, representada pelo item 'mãe/ela' é construída negativamente pelos recursos de Afeto e Julgamento. As avaliações voltadas a essa personagem se atrelam a suas emoções e ao comportamento, mais destacadas na fase 'declaração aos pais' e 'pós-revelação'. Com exceção da narrativa *1.txt*, a figura 'mãe', nas histórias sob análise, tende-se posicionar negativamente por compreender que o comportamento do seu filho *gay* foge dos padrões comportamentais praticados em seu convívio social.

Apesar dos posicionamentos negativos, a (auto) aceitação da identidade *gay*, tanto para os sujeitos e quanto para as suas mães, ocorre de forma gradativa. Isso sugere, mais uma vez, a perspectiva de que a constituição identitária ou "saída do armário" é marcada por um processo, levando um tempo para o *gay* se entender e ser aceito como tal.

Essa breve consideração só marca algumas questões que saltaram aos olhos no decorrer da análise discursiva das histórias compiladas. No capítulo de considerações finais, serão respondidas as perguntas de pesquisa de forma pontual e será feita uma tentativa de conjugar outras questões das demais seções analíticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo entender algo que ainda precisa ser contado na sociedade brasileira: as histórias de “sair do armário”, as quais se caracterizam por narrativas que os *gays* contam sobre a experiência de assumir-se como tal. O trabalho foi essencialmente empírico, visto que as histórias foram coletadas pelo método da Entrevista Narrativa em condições de coleta que garantissem um ambiente propício à compilação de dados narrativos pessoais de sete voluntários. O *corpus* desta pesquisa foi composto de sete narrativas, obtidas de sujeitos homossexuais do sexo masculino, oriundos da zona norte do Rio de Janeiro entre a idade dos vinte aos trinta anos.

O entendimento das narrativas centrou-se em três aspectos: sua organização, o léxico e algumas instâncias discursivas de avaliação, os quais foram norteados pelas seguintes perguntas:

- Quando contadas oralmente, de que maneira as histórias de “sair do armário” costumam ser organizadas por seus narradores?
- Há alguma recorrência de padrões narrativos compartilhados pelos narradores que sugira uma estrutura genérica narrativa ao contar essa experiência vivida?
- Há um léxico mais frequente nas histórias de “sair do armário”, investigadas nesta pesquisa?
- Se há um léxico coletivo mais frequente, esse forma padrões nessas histórias?
- Os itens lexicais frequentes sinalizam linguagem de avaliação, principalmente se considerados os aspectos de Afeto, Julgamento e Apreciação?

Para responder tais perguntas, esta pesquisa recorreu a diferentes construtos teóricos, desenvolvidos na área da Linguística. Para analisar o aspecto organizacional, análise se beneficiou do quadro analítico de Labov (1972) e Hoey (1983; 2001). Para um levantamento lexical a análise se amparou nos preceitos e técnicas metodológicas da investigação eletrônica de textos da Linguística de *Corpus* (BERBER-SARDINHA, 2004; McENERY e HARDIE, 2011), conjugado ao programa computacional *WordSmith Tool*s 5.0 (SCOTT, 2010). Em relação à linguagem da avaliação, a análise privilegiou as categorias semântico-discursivas do subsistema Atitude da Teoria da *Avaliatividade*, proposta por Martin (2000) e Martin e White

(2005). A análise de cada aspecto foi dividida em três capítulos, nos quais considerações significativas referentes às características das histórias de “sair do armário” são trazidas no subitem a seguir.

Respostas às Perguntas de Pesquisa

A)

- Quando contadas oralmente, de que maneira as histórias de “sair do armário” costumam ser organizadas por seus narradores?
- Há alguma recorrência de padrões narrativos compartilhados pelos narradores que sugira uma estrutura genérica narrativa ao contar essa experiência vivida?

Considerações a respeito da organização das histórias de sair do armário foram desenvolvidas no capítulo 3, através da análise de uma história matriz. Nessa análise, foi observado que, pelo modelo laboviano, a história de “sair do armário” não configura a saída do armário por um único evento”. Na verdade, as histórias, contadas pelos voluntários desta pesquisa sobre a revelação da identidade sexual *gay*, são compostas de eventos, o que possibilitou segmentar a história em seções, nas quais o sujeito vivencia episódios para realizar efetivamente aquilo que chamei de rito de passagem – a “saída do armário”.

Os episódios frequentemente pautados nas narrativas são: ‘relações com homens’, ‘auto-aceitação’, ‘relação com mulheres’, ‘declaração aos pais’ e pós-revelação’. Pela segmentação episódica, sugeriu-se que a “saída do armário” não consiste simplesmente da revelação pública, de uma identidade que subjazia uma outra irreal identidade. O sujeito parece passar por um processo para se sentir efetivamente “fora do armário”. Em suma, o sujeito, primeiro, realiza a prática sexual com uma pessoa do mesmo sexo. Em seguida, passa pelo processo de aceitação, por meio de crises, e, ao mesmo tempo, se relacionando com mulheres, para ter certeza da sua emergente identidade sexual. Após estar certo da sua condição sexual, ele declara-se aos pais. Por fim, após ter revelado aos pais, o sujeito atinge felicidade e satisfação com sua identidade sexual. No entanto, vale ressaltar que a ‘auto-aceitação’ e aceitação dos pais são primordiais para a concretização da “saída do armário”.

Ainda com base nas categorias de Labov, foi possível perceber que as *Avaliações* do tipo labovianas cumprem um papel fundamental nas histórias. Além de transmitir a ‘razão de

ser' das histórias, observou-se que, em alguns episódios, as orações típicas da *Avaliação* conduziam o fio narrativo, como por exemplo, o uso do discurso direto. Tal observação dificultou identificar integralmente, ou pelo menos, os elementos principais da narrativa: [*Complicação^Avaliação^Resolução*], já que as orações que expressavam aspectos complicadores não eram devidamente constituídas da unidade narrativa, ou seja, cronologicamente ordenadas, como é descrito por Labov nas narrativas de experiência pessoal que o autor analisou.

Para aprofundar a descrição organizacional das histórias de "sair do armário", a análise identificou que a estrutura das histórias de "sair do armário" se realiza por meio de Problema-Solução. A organização episódica possibilita que o narrador desenvolva sua narrativa através de inúmeros Problemas e Soluções para atingir o seu objetivo principal, que é 'sair do armário', ou seja, assumir-se como gay. Tal forma de contar a história sugere a ideia de que "sair do armário", para um *gay*, é processo episódico marcado por obstáculos – algo que em narrativa é chamado de '*domino-effect*'.

Foi interessante observar a função da Avaliação Positiva de não apenas poder determinar o fim do padrão, mas também de poder dar prosseguimento na narrativa. O sujeito após de aceitar sua condição sexual, ele se sentiu mais preparado para contar aos pais sua emergente identidade sexual. Tal ocorrência aponta que dois momentos são importantes para "saída do armário": "auto-aceitação" e "declaração aos pais"

Observou-se, ainda, que os elementos do padrão podem ser gerados por diferentes perspectivas na história. Na maioria das vezes, os Problemas, as Soluções e as Avaliações foram atribuídas pelo próprio sujeito da narrativa, uma vez que se trata de uma história autobiográfica. Contudo, os mesmos componentes do PPS, principalmente as Avaliações, também partem da perspectiva de outros personagens como o pai, a mãe e a sociedade (as pessoas), podendo perceber diversos posicionamentos em relação à identidade *gay*.

Assim sendo, pôde-se considerar que as histórias de "sair do armário" tendem ser compostas de diversos eventos, os quais são organizados por meio de Problema-Solução e ricos em Avaliação.

B)

- Há um léxico mais frequente nas histórias de “sair do armário”, investigadas nesta pesquisa?
- Se há um léxico mais frequente, esse forma padrões nessas histórias?

Esses aspectos foram examinados com enfoque no capítulo 4 com apoio dos princípios da Linguística de *Corpus* para o exame eletrônico de textos com auxílio do programa de análise lexical WST.

Primeiramente, houve uma apuração lexical, que permitiu fazer uma análise estatística do quantitativo de formas linguísticas que os sujeitos dessa pesquisa utilizaram para expressar suas experiências do “sair do armário”. Os resultados mostram-se reveladores no tocante ao cálculo para obter o percentual de formas distintas que cada sujeito utiliza para falar sobre experiência do “sair do armário”,

Observou-se que apesar do sujeito da narrativa *4.txt* utilizar mais itens lexicais (8,399) para contar sua história, é quem apresenta menos percentuais (14,42%) de formas distintas, isto é, palavras diversificadas para expressar sua experiência . Isso sugeriu que esse sujeito fez uso de mais recursos linguísticos repetitivos para expressar sua experiência. Em contrapartida, o sujeito da narrativa *6.txt* narrou sua experiência com menos itens lexicais (2.090*)* e apresentou um percentual de forma distintas maior (25,41%) em relação a todas as histórias. Desta forma, baseado nos resultados expostos, pode-se sugerir que a experiência de “sair do armário” é expressa de forma distinta e única para cada um dos sujeitos, pois os recursos linguísticos usados para expressar tal experiência variaram consideravelmente entre eles.

Além disso, apesar da experiência vivida ser diferenciada entre os sujeitos, um item lexical significativo pareceu ser predominante nas sete histórias de “sair do armário”. Foi evidenciado que o item lexical ‘mãe’ predomina significantemente nas histórias em questão. Foi possível observar que, nas histórias em análise, o item lexical ‘mãe’ tende coligar ao pronome adjetivo ‘minha’ e ao processo verbal ‘contar’. Houve também um frequente uso da palavra “pai”, entretanto, não foi identificado formação de padrão com esse item. Por conta disso, os resultados obtidos apontam que a figura materna, em relação à figura paterna, exerce uma participação fundamental na experiência dos homossexuais em questão, onde parece que contando para mãe consolida a saída do armário.

C)

- Os itens lexicais frequentes sinalizam linguagem de avaliação, principalmente se considerados os aspectos de Afeto, Julgamento e Apreciação?

Como os itens lexicais identificados predominantes na análise lexical foram o “eu” e “mãe/ela”, o exame sobre sua avaliação recaiu sobre o posicionamento-atitudinal, em termos de Afeto, Julgamento e Apreciação, de tais atores sociais em relação à experiência de “sair do armário”. Tal investigação, que foi desenvolvida no capítulo 5, se amparou nas categorias semântico-discursivas do subsistema Atitude da Teoria da *Avaliatividade* (MARTIN e WHITE, op.cit)

A análise discursiva com base nas categorias semântica do subsistema Atitude revelou que os *gays*, representado pelo ‘eu’, são retratados por meio de avaliações de Afeto e Julgamento. Caracterizada a “saída do armário” em forma de fases – ‘auto-descoberta’, ‘relações com homens e mulheres’, declaração aos pais’ e pós-revelação’ – os recursos linguísticos que expressam avaliações negativas à emoção e ao comportamento são majoritariamente acionados em tais fases com exceção da ‘pós-revelação’.

Seis sujeitos, na fase da ‘auto-descoberta’ é representado pela Insegurança, marcando o medo e pela a falta de certeza e confiança sobre sua orientação sexual. A maioria dos sujeitos não sabia ao certo se eles eram realmente *gays*. Por conta dessa atitude, observou que a conscientização identitária é realizada de forma gradativa. Em outras palavras, o indivíduo *gay* não se reconhece como tal de uma hora para outra, ele se conscientiza como tal com o passar do tempo.

A protelação em configurar sua identidade não é somente marcada pelas emoções, mas também é refletida pelo comportamento, conforme foi pautado pelo sujeito *7.txt*. No início a sua vivência homossexual, ela marca a Incapacidade em discernir sua verdadeira identidade sexual.

A complexidade em se reconhecer *gay*, na fase da ‘auto-descoberta’ está atrelada ao fato de atribuir à vivência homossexual como uma ‘fase’, conforme é apreciado pelos sujeitos das narrativas *2.txt*, *3.txt*, e *7.txt*. Para eles, a atração pelas pessoas do mesmo sexo, em algum momento, seria cessada.

A protelação do auto-reconhecimento também é marcada por tomada de decisão. Os sujeitos *1.txt*, *2.txt*, *4.txt*, e *7.txt* acentuam que a assunção da emergente identidade é realizada por meio de uma decisão tomada pelo individuo *gay*. As escolhas dos recursos linguísticos da categoria Julgamento/Tenacidade apontaram que os sujeitos têm que estar determinados, decididos em assumir sua verdadeira identidade. O uso desses recursos parece ainda ratificar que a constituição identitária não ocorre de forma incidental e, sobretudo, revela que a homossexualidade não é uma questão tratada de forma espontânea na sociedade em que os sujeitos estão inseridos.

Mediante ao medo, à duvida de ser ou não *gay* e à protelação de se assumir, a Felicidade dos sujeitos é representada de forma negativa na fase a 'auto-descoberta'. A maioria dos sujeitos – *1.txt*, *2.txt*, *4.txt*, *7.txt* – 'choravam' ou 'não queriam ou aceitavam' sua condição sexual. A razão dessa 'auto-rejeição' decorre da prática homossexual ser considerado um comportamento divergente ao comportamento heterossexual impostamente preconizado no círculo social dos sujeitos.

A representação do "eu", na fase 'relações com homens', se apresenta bem dividida no tocante à avaliação positiva e negativa. Os sujeitos da narrativa *3.txt* e *6.txt* se posicionam de forma insegura no momento em que eles têm relações, especificamente sexuais, com pessoas do mesmo sexo. O interessante é observar que os sentimentos que expressam o 'gostar', para alguns sujeitos (*1.txt*, *2.txt*, *3.txt* e *5.txt*), são materializados pelos recursos '**sentir tesão/atração**', voltados ao campo semântico "sexo", ao passo que para outros sujeitos como *4.txt*, *6.txt* e *7.txt* assim como o *5.txt* revelam a possibilidade de "gostar" além do desejo sexual, por exemplo, materializado pelos recursos '**gostar**' e '**apaixonar-se**'.

Contudo, o sujeito *2.txt* marca suas emoções negativamente pelo uso dos processos '**chorar**', '**ficar arrasado**' e '**sentir-se mal**', justificado por não ser o caminho certo a ser seguido, quando se relaciona com pessoas dos mesmo sexo. Isso não fica só evidente no discurso do sujeito *2.txt*, mas como também no discurso dos sujeitos *3.txt*, *5.txt* e *6.txt*, materializado pelos recursos que avaliam comportamento, os quais revelam a relação com homens como algo '**não estar certo**' e '**ser estranho**'. Os sujeitos sugerem a interpretação de que ter relações com pessoas do mesmo sexo transgridem os padrões esperados pelos

indivíduos do sexo masculino e quando as mesmas ocorriam, não podiam incorporar relações afetivas, já que não consideravam como comum dois homens compartilharem afetos.

As avaliações de ‘eu’ voltadas à fase ‘relação com mulheres’ se apresentam majoritariamente negativas. É possível, para alguns sujeitos, em especial das narrativas *2.txt*, *3.txt*, e *5.txt*, nutrir sentimentos afetivos com as mulheres, contudo seu desejo não se estende aos prazeres sexuais. Para outros sujeitos (*2.txt*, *4.txt* e *7.txt*) era até possível ter relações sexuais e afetivas com outras mulheres, contudo, ao reportar a experiência, os sujeitos lançam de recursos os quais transmitem a ideia de que as ‘relações com as mulheres’ fazem parte de uma vivencia iterativa no passado.

A fase ‘declaração aos pais’ é predominantemente composta pelos recursos das três dimensões de Afeto: Infelicidade, Insegurança e Insatisfação. Os sujeitos, em particular da narrativa *1.txt*, *2.txt*, *4.txt* e *5.txt*, são representados pelo sofrimento da rejeição dos pais por conta da orientação sexual do filho. Além do sofrimento, tem-se a sensação do medo de ser rejeitado, o que ocasiona na insegurança de contar ou não aos pais. Ademais, os sujeitos, em especial *2.txt*, *6.txt* e *7.txt*, se mostram irritados e chateados com a dificuldade dos pais em lidar a com a emergente identidade sexual do filho. Essa combinação de emoções sugeriu que falar para os pais não parece ser uma tarefa muito fácil e que a questão da homossexualidade não é facilmente abordada no seio familiar.

Por ser um assunto delicado no âmbito familiar, alguns sujeitos – *1.txt*, *4.txt* e *5.txt* – parecem não estar tão determinados em falar sobre sua orientação sexual para os pais. Tais sujeitos pontuam a necessidade de se afirmar financeira e profissionalmente antes de se declarar *gay* para o pai ou a mãe.

Embora o ‘eu’ tenha sido representado negativamente na maioria das fases, na fase ‘pós-revelação’, ou seja, o momento posterior da revelação aos pais, os sujeitos são representados positivamente. Os recursos das dimensões de Felicidade e Satisfação da categoria Afeto compõem essa fase. Os sujeitos são retratados mais felizes e satisfeitos por terem assumido aos pais sua orientação sexual. Ademais, tais emoções são refletidas pelo comportamento no sentido que eles se sentem mais verdadeiros e honestos consigo e com a sociedade por não precisarem fingir ou mentir sua emergente identidade sexual.

Em relação ao outro item lexical ‘mãe/ela’, foi possível observar que a figura materna é representada negativamente pelos recursos de Afeto e Julgamento, os quais emitem avaliações, respectivamente, às emoções e ao comportamento. As avaliações sobre o item ‘mãe/ela’ tiveram mais destaque nas fases ‘declaração aos pais’ e ‘pós-revelação’.

Na fase ‘declaração aos pais’, o momento em que os sujeitos falaram para suas respectivas mãe sobre sua orientação sexual, a figura materna, em especial nas narrativas *2.txt*, *3.txt*, *4.txt*, *5.txt*, , *6.txt*, *7.txt* , se posiciona negativamente com emoções atreladas à Infelicidade (tristeza) e Insegurança (medo), por compreenderem que a conduta homossexual diverge do comportamento preconizado no seu meio social, isto é, a relação entre indivíduos do sexo oposto. Muitas das vezes, as mães, em particular dos sujeitos *2.txt*, *3.txt*, *4.txt* e *6.txt* violaram os preceitos éticos relacionados às escolhas individuais do ser humano pelo fato de recriminar e não respeitar orientação sexual dos seus filhos.

Mesmo havendo essa relutância inicial, por parte das mães, em aceitar a condição sexual do filho, elas, com o passar do tempo, passam a aceitá-lo da forma que ele é – *gay*. Com base nos recursos que julgam o comportamento, usados na fase ‘pós-revelação’, foi identificado que a aceitação se dá de forma gradativa, refletido pelo o posicionamento das mães (dos sujeitos *3.txt*, *4.txt*, *5.txt*, , *7.txt*) de encarar a questão homossexual como normal. Portanto, pode se concluir que no seio familiar, em especial com a mãe, a aceitação é conquista de forma gradativa.

Os resultados desta pesquisa se aproximam e aprofundam em algumas considerações desenvolvidas nas pesquisas resenhadas no capítulo 1. Da mesma forma nos estudos sociais e linguísticos, como, respectivamente, em Hegna (op.cit) e Wood (op.cit), pôde-se verificar que a “saída do armário” possui um caráter processual, o qual possibilitou segmentar as histórias de “sair do armário” em fases. Da mesma maneira, na area da Psicologia, como em King e Summer (op.cit), foi possível identificar que os indivíduos *gays*, após revelarem sua identidade sexual, se tornam sujeitos mais felizes, por se sentirem livres das amarras impostas ao viver “dentro do armário”, isto é, ser aquilo que você não é em função dos valores sociais.

Os resultados desta pesquisa também corroboram aos apresentados por Saggesse (op.cit). O âmbito familiar parece ser a esfera social em que a revelação da identidade sexual é fundamental para realizar efetivamente a “saída do armário”. Contudo, esta pesquisa ainda

identificou que, além de ser no seio familiar, é o contar para mãe que a "saída do armário" parece ser consolidada.

Ainda, ao comparar o estudo de Balocco (op.cit), o qual considerou determinadas narrativas representativas a uma comunidade social, pôde-se verificar que as histórias de "sair do armário" examinadas nesta pesquisa transcendem o discurso do ato de narrar e remetem um discurso mais amplo. Por exemplo, foi observado que o padrão de organização do discurso, usados pelos sujeitos desta pesquisa, para narrar a experiência do "sair do armário" se equiparam ao padrão Problema-Solução, sem contar que, o mesmos sujeitos parecem lançar mão dos mesmos recursos discursivos para se posicionar diante a experiência.

Por fim, no início desta dissertação eu me posicionei dizendo que não queria fazer simplesmente um inventário de características narrativas, discursivas e lexicais das narrativas de "sair do armário", mas me propunha a fazer uma análise holística dessas histórias. Volto, então, à pergunta principal que alinhou toda a minha reflexão:

Se o "armário é um espaço de gerenciamento de estigmas, de um segredo, uma informação que tem um peso social muito forte",

- Qual seria esse é o peso social?
- Que implicação teria para o narrador "sair do armário"?

O peso social da informação é, para sociedade brasileira, rever e expandir os muitos conceitos, que são adotados de forma binária, como por exemplo: sexualidade (homem x mulher), família (pai e mãe), etc. Em outras palavras, a inserção de uma nova identidade implica uma modificação social, a qual envolve a múltipla diversidade do ser humano. É passar a adotar uma nova perspectiva que as coisas não são tão preta no branco, mas sim, as diferentes tonalidades do arco-íris. Portanto, a sexualidade pode ser constituída pelas categorias, homem, mulher, *gay*, lésbica, travesti e transexual assim como a família pode ser composta de pai+mãe, pai+pai, mãe+mãe, de só pai ou de só mãe.

Levando em consideração que "sair do armário" é contar (publicamente) que sua orientação sexual está atrelada as relações como pessoas do mesmo sexo, a "saída do armário" parece representar uma nova identidade social: homossexual. Assumir-se *gay*, para os narradores, foi se sentir mais libertos e seguros para interagir naturalmente na sociedade em

que se inserem, sem ter a necessidade de viver uma vida escondida, isto é, uma vida dentro do "armário".

Em decorrência das políticas afirmativas em prol da comunidade *gay*, o sujeito homossexual tem os mesmo direitos e quase o mesmo espaço do sujeito heterossexual. Hoje em dia, temos o casamento *gay*, que era impensável até pouco tempo atrás, mas já aceito no Brasil. Além disso, mesmo que timidamente, os *gays* tem sido temática em campanhas em busca de um novo mercado. "Sair do armário" é poder garantir a visibilidade da comunidade *gay* na sociedade.

Em vista dos aspectos abordados, acredito ter sido capaz de trazer a uma análise linguística um tema, atualmente, um tanto corriqueiro como complexo que é o "sair do armário", por meio de narrativas. Espero, portanto, ter trazido um aprofundamento da discussão contemporânea relativa ao "sair do armário" bem como o fortalecimento de ferramentas de análise próprias da Linguística para uma variedade de disciplinas que se interessa por temas eminentemente sociais.

Em saber que a "mãe" é o ator social primordial para consolidar a "saída do armário", faz-se pertinente prosseguir esta pesquisa analisando as narrativas de "sair do armário", não mais contadas pelo sujeito *gay*, mas sim, pela sua mãe. Trata-se, portanto, de narrativas sobre a experiências de mães em ter um filho *gay*. Assim, poderíamos observar se o mesmo discurso do filho *gay* para representar a mãe se alinha ao da mesma.

REFERÊNCIAS

ABBOTT, H. P. *The Cambridge Introduction to Narrative*. Cambridge: CUP, 2002.

ALMEIDA, F.S.D.P. Atitude: afeto, julgamento e apreciação. In: VIAN JR et al. *A linguagem da avaliação em língua portuguesa*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010. p. 99-112.

BALOCCO, A. E. A Perspectiva Discursivo-Semiótica de Gunther Kress: o gênero como um recurso representacional. In: _____. *Gêneros teorias, métodos, debates*. Parábola Editorial: São Paulo, 2005.

BARTHES, R. Introdução à Análise Estrutural da Narrativa. In: _____. *Análise Estrutural da Narrativa*. Tradução de Maria Zélia Barbosa. 6.ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009.

BERBER SARDINHA, T. Tamanho do Corpus. The ESP, São Paulo, v. 23, n.2, p. 103-122, 2003.
_____. *Linguística de Corpus.* Barueri, SP: Manole, 2004.

CHAUNCEY, G. *Gay New York: Gender, Urban Culture, and the Making of the Gay Male World 1890–1940*. New York: Basic Books, 1994.

DROGA, L; HUMPHREY, S. *Getteing Started with Functional Grammar*, Sydney: Target Texts, 2002.

FIRTH, J. R. Modes of meaning. In: _____. *Papers in Linguistics: 1934-1951*. London: Oxford University Press, 1957.

FLICK, U. *Introdução à Pesquisa Qualitativa*. Tradução por Joice Elias Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. *An introduction to functional grammar*. 3. ed. London: Edward Arnold, 2004.

HEGNA, K. Coming out, coming into what?: identification and risks in the 'coming out' story of Norwegian late adolescent gay man. *Sexualities*, v.10, n.2, p. 582-603, 2007.

HOEY, M. *On the Surface of Discourse*. London & Boston: Allen & Unwin, 1983

HOEY, M. *Textual interaction*: an introduction to written discourse analysis. London: Routledge, 2001.

HUNSTON, S.; THOMPSON, G. (Ed.). *Evaluation in text*: authorial stance and the construction of discourse. Oxford: OUP, 1999.

HYLAND, K. As can be seen: lexical bundles and disciplinary variation. *ESP*, v. 27, p. 4-21, 2008.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 90-113.

KING, L. A.; SUMMER, N. S. (2005): Happy, Mature and Gay: intimacy, power, difficult times in coming out stories. *Science Direct: Journal of Research in Personality*, v.39, p.278-298, 2005.

LABOV, W; WALETZKI, J. Narratives analysis: oral versions of personal experiences. In: HELM, J. (Ed.). *Essays on the verbal and visual art*. Washington: University of Washington Press, 1967. p. 12-44.

LABOV, W. The Transformation of experience in narrative syntax. In: *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LIANG, A. C. The Creation of Coherence in Coming-Out Stories. In: LIVIA, Anna; HALL, Kira (Org.). *Queerly Phrased: Language, Gender and Sexuality*. Oxford; Nova Iorque: Oxford University Press, 1997. p. 287-309.

LOUW, B. Irony in the text or insincerity in the writer? – The diagnostic potential of semantic prosodies. In: BAKER, M.; FRANCIS, G.; TOGNINI BONELLI, E. (Ed.). Text and Technology: in honour of John Sinclair. Amsterdam: Jonh Benjamins, 1993. p.157-176.

MARTIN, J. R. Beyond exchange: APPRAISAL systems in English. In: HUNSTON, S.; THOMPSON, G. (Ed.). *Evaluation in text: authorial stance and the construction of discourse*. Oxford: OUP, 1999.

McENERY, T.; HARDIE, A. *Corpus Linguistics:* Method, Theory and Practice. Cambridge. Textbooks in Linguístics. Cambridg: Cambridge University Press, 2011.

RIEMANN, G.; SCHUTZE, F. Trajectory as a Basic Theoretical Concept for Analysing Suffering and Disorderly Social Processes. In: Maines, D. (Ed.). *Social Organisation and Social Process* - Essays in Honour of Anselm Strauss. New York: Aldine de Gruyter, 1987. p. 333-357.

RIESSMAN, C. K. *Narrative Methods for the Human Sciences*. C.A, USA: SAGE Publications, 2008.

SAGGESE, G. S. R. *Quando o armário é aberto:* visibilidade e estratégias de manipulação no coming out de homens homossexuais. Dissertação (Mestrado em Saúde) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SANTOS, G. G. C. Cidadania e Direitos Sexuais na África do Sul: reflexões sobre o reconhecimento legal das uniões entre pessoas do mesmo sexo. *Soc. e Cult*, Goiânia, v.15, n. 2, p.319-329, 2012.

SHEPHERD, T. M. G. *Matching Relations in Narrative Discourse*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, 1988.

SINCLAIR, J. *Trust the Text*. London: Routledge, 2004.

SCOTT, M. *WordSmith Tools Version 5.0.* Liverpool: Lexical Analysis Software, 2011.

TODOROV, T. *Poética da prosa.* (M. de S. Cruz, Trad.). Lisboa: Edições 70, 1971

TOGNINI BONELILI, E. *Corpus Linguistics at work.* Amsterdam: John Benjamins, 2001.

VIEIRA. A. G. Do Conceito de Estrutura Narrativa à sua Crítica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Rio Grande do Sul, v.14, n. 3, p.599-608, 2001.

WHITE, P. *An introductory tour through appraisal theory*. 2003. Disponível em: <http:www.gramatics.com/appraisal/Appraisal Guide>. Acesso em: 10 set. 2013.

WOOD, K. M. Narrative Iconicity in Electronic-Mail Lesbian Coming-Out Stories. In: LIVIA, Anna; HALL, Kira (Org.).*Queerly phrased:* language, gender and sexuality. Oxford; Nova Iorque: Oxford University Press, 1997. p. 257-273.

ANEXOS

Transcrição completa do *Corpus*

Depoimento 1

Bom eu sempre senti essa sensação de atração por meninos normais como normal como toda todo a maioria dos gays sente. uma coisa que praticamente todo mundo que eu já conversei é normal, né?Aquela coisa de sentir de querer saber como é e tal Mas é à principio eu comecei a descobrir praticamente com os meus primos meus primos da parte da minha mãe porque me, automaticamente, não me induziam, mas eu ficava naquela coisa de querer chegar ficar muito próximo aí começavam a a a me tocar a me encostar assim e eu sentia vontade também foi aí que eu comecei a sentir a vontade de começar a ficar com meninos e na verdade eu tocava pessoas aconteceu varias situações que a minha mãe me pegou que meu pai me pegou e falava e me recriminar ehh ehh me bloqueava com aquilo não deixava falava que isso daí é errado conselho de pai e mãe ihhh na verdade ehhh a partir daí eu tive um vizinho que também que ihhh me bolinou também ehh eu com 4 ehh 5 anos de idade a gente brincando dentro de casa aí ele foi lá aí falou assim “vamos fazer uma brincadeira” aí falei “vamo” aí eu quetinho ele era mais 2 anos mais velho que eu aí ela falou assim “ehh arreia o short” aí eu falei assim “tá” aí ele foi pegou o batom e passou na minha budinnha enfim ehh a partir daí já sabia que era gay entendeu desde o momento que encostava nos meus primos que eu gostava não sentia vontade assim de brincar com homem para brincar de futebol eu tinha vontade de brincar com mulher para me brincar de casinha de comidinha então acho que foi uma coisa natural porque eu fui criado com homem e com mulher não foi aquela história de ser criado só com mulher vai ficar vai virar menininha não é por isso então foi mais ou menos assim então eu comecei nunca aceitei dentro de mim que era gay aí eu ficava com mulher normal nunca aceitei até os 17 anos até que um amigo começou a me induzir aí tipo assim na verdade ele não me induziu ele só me mostrou o mundo dele eu quis conhecer porque eu tinha interesse ele justamente falou “ah, vamos sair vamos para uma boate vamos conhecer e tal quer conhecer? ninguém vai fazer nada contigo” e eu decidi conhecer essa esse mundo fui fui para boate pela primeira vez com 18 anos cheio de medo eu ficava com medo das pessoas me encostarem me agarrarem coisa de quando a gente tá conhecendo primeira vez que eu fui conheci um menino aí eu não queria ehh esse menino ehh me encantou eu senti que era gay naquele momento que ele olhou para mim e eu pude corresponder o olhar sem sem como eu tivesse fazendo uma coisa errada foi natural entedeu? eu olhei para ele ele me olhou e aí a gente ficou foi difícil eu ficava “ah, como vai ser beijar um homem que tenha barba como vai ser?”porque é uma coisa meio complicada a gente é criado de uma maneira que a mãe fala “oooh, ehh perpetuar a espécie oh oh o homem com a mulher para ter filhinho e prosseguir a vida e tal” e na verdade nem sempre é assim a pessoa tem começa a perceber que não é aquilo eu percebi isso desde criança, mas não assumi na adolescência toda com 17 anos falei “vou decidir vou ver como é” experimentei era aquilo que queria e desde então eu fiquei e continuei ficando de vezes em quando com mulher mas nada de mais eu gostava de homem gosto de homem então ehhhh primeira vez que eu beijei na boca de um homem eu cheguei tava todo mundo minha mãe e minha irmã em casa eu cheguei e falei assim “mãe, ehhh eu bem beijei na boca de um homem” aí ela ficou meio que “hã?” não entendeu nada aí, tipo eu falei assim “ é mas é diferente não diferente é a mesma coisa que beijar uma mulher eu senti a mesma coisa assim e não era diferente só é diferente se a pessoa tiver barba você vai ter sentido e psicologicamente a pessoa tem que tá meio preparada porque “poxa, eu fui criado para ficar com mulher e hoje estou beijando um homem então ehh o seu psicológico que fica meio abalado no primeiro beijo mas depois é natural porque é de você” eu considero uma coisa muito natural para mim. Então quando eu falei para a minha mãe ela automaticamente começou a rir tipo “é legal, mas é não importa se você beijou um homem e uma mulher importa é que eu vou estar do seu lado porque você é meu filho e isso é natural. Aí ela me contou coisas que já aconteceram com ela também na infância dela que ela não teve aptidão a ser lésbica ela falou que já ficou com uma menina mas nada demais porque é uma coisa que ela queria experimentar para saber o que era porque a pessoa tem que ter o livre arbítrio a vontade própria de fazer e botar a sua cara à tapa porque como a sociedade é complicada né? E hoje em dia não tá tannnto como era. Mas ehhh . Nessa época

que eu me assumi ela nem esperou nada. Aí, o que aconteceu? Eu tava na sala deitado no sofá aí falei “mãe, fiquei com menino beijei na boca de um menino” ela começou a rir e falou “não.” “é normal.” “se você acha que é isso, então você segue o que você quiser, entendeu?” “eu não vou te impedir de nada. Aí a minha tia estava passando aí ela falou assim “Norma vem cá escuta isso daqui” falou para a minha tia porque ela sabia que o meu primo era gay mas eu não sabia. Aí falou “escuta isso aqui Norma” “o Thiago disse que tá ficando namorando com um homem” namorando usou a palavra namorando só tinha ficado aí a Norma chegou e falou assim “ih, isso daí é normal” porque ela já tinha um filho gay e eu era o único bobo que não imaginava tanto tinha umas desconfiaças mas não imaginava aí a partir daí as pessoas começaram a me apoiar da maneira que eu era ninguém nunca me recriminou minha tia não me recriminou minha avó não me recriminou com nada não deu palpite não falou “oh, você tem que ter um filho” agora o meu maior problema foi o meu pai ficou na implicância comigo toda vez que eu saia ele falava para a minha mãe que ia vir atrás de mim ia me seguir e se me visse agarrado como homem ia me matar sempre falava isso ia me matar ia me matar ia me matar e toda vez ele falava “não quero esses viados vindo aqui em casa” xingava os meus amigos que na verdade eu sempre fui as vezes induzia também os meus amigos a querer descobrir as coisas para mim saber como era eu estimulava eles a descobrirem as coisas para saber como era Aí o que que acontece ehhhh eu eu automaticamente eu forçava para saber e eu comecei a partir daí a querer fazer as coisas. Então o que que acontece o meu pai me pressionou muito meu pai me tirou muita coisa meu pai na época 17 18 anos não trabalhava ainda ehhhh eu pedia dinheiro e não me dava aí comecei a perceber que teria que ter uma vida mais que seria uma vida mais complicada para mim até então que meti a minha cara eu falei assim “oh pai, estou saindo de casa vou morar com uma pessoa que eu fui para campo grande morei em campo grande durante um bom tempo quase 2 dois anos e daí esse tempo que esse tempo que eu fiquei longe ele começou a rever os conceitos dele mesmo ele achando que era errado porque por ele ser na época evangélico fanático então tudo para ele era errado as pessoas comentavam E graças a deus ninguém foi de comentar de mim na rua e tal mesmo eu falando sendo escrachado falar tudo sobre a minha vida ser uma pessoa aberta porque eu acho que foi isso que fez as pessoas não comentassem de mim tanto como outras pessoas que ficam calada sabe o que está acontecendo ihhhh isso fez eu ser menos ehhhh sofrer menos preconceito. Aí, nesse período que eu fiquei morando com outra pessoa meu pai foi me visitar e tal pedia para eu voltar para casa mas ele falava que ele não ia ter preconceito comigo e tal realmente ele não teve preconceito é assim diretamente mas indiretamente porque ele é pai ele sente aquela coisa que botou um filho para perpetuar a espécie dele para ehhhh continua ter netos e tudo e tal. Graças a Deus a minha teve um filho e acalmou as coisas. Então, basicamente que eu sofri uma pressão na transição só por parte de pai porque a minha família toda me apoiou minhas tias toda me apoiou a minha sorte também é que eu tenho tias que também têm filhos gays tanto a Norma como a parte da zefinha que tem netos que é uma cabeça totalmente aberta ihhhhh que as vezes comentavam conversavam como meu pai “oh, olha que isso é natural é normal é melhor ser o que ele é entendeu uma pessoa que corre atrás dos objetivos dele uma pessoa que é estudiosa” então isso daí foi modificando um pouquinho o pensamento dele. Hoje em dia, ele me usa como modelo.
Entrevistador: Como modelo, como assim?

Como modelo eehhh ele chega para mim e fala assim fala para os amigos dele: “oh, o meu filho, realmente ele é gay, mas é uma pessoa que não me dá desgosto é uma pessoa que não está envolvida com drogas é uma pessoa que corre atrás das coisas dele dos ideiais ehhh tá estudando, tá fazendo agora pós-graduação”. Ele nem sabe o que é pós-graduação, mas ele fala para os outros que estou estudando que estou correndo atrás tenho o meu dinheiro próprio desde os 18 e 19 anos nunca pediu dinheiro assim: “pai, estou precisando de dinheiro para pagar” não as vezes pede normal “me empresta aí” mas fora isso nunca aconteceu. Então, hoje em dia ele não tem aquela coisa VIADO é tem que matar tem morrer meus amigos frequentam namorei com uma pessoa durante quatro anos essa pessoa frequentava a minha casa quando que eu brigava com essas pessoas meu pai se metia e ficava contra mim porque achava que eu estava sendo errado com a pessoa defendia a pessoa. Então isso, as vezes preferia que ele defendesse as pessoas porque isso me via com que o preconceito dele tinha diminuído muito, entendeu? Então foi muito importante para mim tudo isso que aconteceu. passei muito por muitos problemas na rua, em locais não no meu bairro, mas em locais assim por ser gay como todo mundo passa. As pessoas gritar zuar e mexer e falar bestreitas ihhh mas é comum normal e praticamente e basicamente é isso. A

minha infância sabia sempre soube que era gay e que ihhhh após os 18 anos que tive a certeza do que eu queria da minha vida. Eu esperei 18 anos porque? Porque eu queria ter uma experiência de outras pessoas me contando como era eu não queria me arriscar botar a minha cara à tapa assim dessa maneira. Mas eu automaticamente eu botei porque quando eu assumi que era gay deixei a minha vida um livre aberto eu nunca me policiei com nada eu sempre falei “sou isso e acabou” goste de mim se quiser e na verdade muitas oportunidades que tive tanto de trabalho foi por causa do meu carisma, da minha forma de brincar, da minha forma de conversar, de gesticular tudo isso porque as pessoas gostavam de mim pela pessoa e não, primeiramente por que eu era gay. Então a maioria das pessoas que eu convivi são pessoas que não tiveram preconceito comigo e as que tiveram eu meio que deixei um pouco de lado porque para que você ficar provando o que que você é, para que você ficar provando que você é uma pessoa legal. A pessoa que tem que se libertar e tentar entender ninguém pode forçar ninguém. Então, eu deixava. Quando havia momento em que de chegarem até mim conversar comigo perguntar saber da minha história contava porque eu não tenho nada a esconder de ninguém. Onde eu moro as pessoas me respeitam nunca um desses moleques me desrespeitaram nunca aconteceu nada de agressão nunca sofri uma agressão física. Zuar essa coisa é normal. A partir que eu comecei a sair bastante ir pra boate conhecer pessoas novas me envolver com vários tipos de pessoas ajudou até perceber mais de mim me conhecer mais saber que eu tenho um caráter ehhh conhecer mais a minha personalidade e saber lidar mais com pessoas. Isso foi muito importante assim também para minha pessoa me libertar disso falar disso e basicamente é isso.

Entrevistador: E como é o Thiago hoje em dia?

Cara, uma pessoa responsável, uma pessoa madura, uma pessoa que sabe como é a vida mesmo sendo novinho eu já passei por experiências longas de relacionamento. Então, tudo isso me ajudou muito. Eu sou eu me considero um pessoa MUITO safa de tudo eu sei separar os momentos. Não ajo só pelo impluso, consigo controlar as minhas emoções que se eu fosse uma pessoa dentro do armário como é a situação que está se propondo, que se eu fosse uma pessoa que tivesse escondida ainda de repende eu seria uma pessoa agressiva, uma pessoa que poderia tá falando uma coisa , tá fazendo uma coisa tendo preconceito ehhh assim com qualquer situação, entendeu? Tanto como homossexual como drogas e tal e por trás está fazendo. Então, seria hipócrita. E como acontece em situações d as pessoas, a maioria das pessoas que mexem, a maioria das pessoas você zoam na frente de amigos são pessoas que tem relações homossexuais. Isso é verdade, porque já aconteceu de ficar com pessoas amigos que é do meu pai de chegar e pedir para ficar comigo. Eu já fiquei com um amigo do meu pai e tal não quis que acontecesse de novo porque tinha medo que chegasse aos ouvidos dele porque era uma situação muito próxima dele. Então, foi importante para mim. Eu tornei uma pessoa que se eu fosse preso ainda, se eu fosse sentir essa situação essa angustia dentro de mim eu seria uma pessoa diferente, uma pessoa meio amarga. E hoje eu sou uma pessoa (não identificável) tenho contato como todo mundo, BRINCO com todo mundo sou uma pessoa muito exposta a todo mundo eu me deixo levar, entendeu? É complicado porque as vezes as pessoas se aproveitam de situações, mas eu não vou mudar porque eu sou essa pessoa.

Depoimento 2

A primeira fez que fiz sexo com um homem eu tinha 18 anos. Eu já sentia atração antes por homens e eu transei com ele foi uma coisa assim de ocasião. Eu conheci. Ele trabalhava numa galeria e ele era muito mais velho que eu. Aí, eu fui transei com ele né. Na verdade foi só um sexo oral que eu fiz né. Eu tipo depois disso senti uma culpa muito grande né senti uma ressaca moral, sabe? Aquela coisa de caraca porra que merda eu fiz e tal. Chorei muito chorei no meio da rua assim. Logo que sai, tava arrasado e chorei.

Entrevistador: No meio da rua?

Escolhi um cantinho assim, mas mesmo assim quem passava assim via. Foi aquela rua que fica perto assim da rua principal da Seans Peña. É uma rua mais deserta com árvores. Eu vi que não tinha ninguém, mas eu não consegui conter. Eu tava muito arrasado mesmo. E assim, eu comecei a sentir atração por homens desde que eu era novo assim. Não tinha muita noção disso. Eu via os homens nus assim nos vestiários e tal quando era pequenininho. Só que eu não tinha muita noção do que era aquilo, né? Só via, achava bonito, ficava pensando naquilo, mas enfim. E aí, quando virei adolescente, né? Na puberdade começou um desejo mais forte. Comecei a me masturbar pensando em homens e aquilo para mim foi muito ruim, né? Porque eu tinha para mim que eu não podia ser gay. Não podia mesmo. Aquilo, né tipo, estava fora de cogitação, né? Então, ficava naquela de ficar me masturbando pensando em homens e fazendo força para pensar em mulheres, sabe?. Então, era meio que eu mesmo me punia e fazia um. Eu era muito rígido comigo mesmo. Então, foi um processo meio doloroso para mim, assim né? Acho que para todo mundo é para uns é mais e para outros menos. E para mim, assim, a minha mãe, antes de eu transar com esse cara, quando tinha mais ou menos uns 15 anos, a minha mãe me pegou, assim , fazendo, fazendo não, desculpa, a minha mãe me pegou chorando

Entrevistador: chorando?

Chorando bastante, bastante, bastante: “eu não quero ser gay” chegou a me perguntar e eu disse isso “eu não quero ser gay” “Eu não quero ser isso e tal”. Aí, ela falou: “tudo bem, meu filho, mas você sente atração?” isso ela até perguntou em outra ocasião, “você sente atração por ele?” que era um amigo meu. Então, eu era até mais novo. Eu tinha uns 13 anos. Eu falei que não. Mas, era mentira, né. Eu menti para ela. Eu disse que não. Porque era tão doloroso para eu aceitar que eu não queria que ela soubesse,né. Mas, para mim mesmo, eu não sei se eu pensava que era uma fase, acho que não pensava isso não. Eu pensava que era uma, era . é, era talvez seja uma fase, isso vai passar. Só eu me concentrar mais em mulheres e me relacionar mais com mulheres que vai acabar acontecendo. Eu sempre fiquei com meninas até um tempo, né. E antes de eu transar com esse cara, eu também já ficava com meninas e até antes de transar com ele, eu eu eu fiquei assim transei com uma mulher, né. Eu tinha 16 e ela era mais velha do que eu também. E foi bacana assim, eu gostei. Eu consegui ficar excitado. Acho que o prazer, o toque, não é que seja igual assim, mas é parecido, né. Se você começa a tocar e querer se estimular, você pode se estimular tanto com homens quanto com mulheres. Mas a minha atração por homens era muito maior, sempre foi. E aí, eu vi que não podia negar isso. Fui para o psicólogo quando eu tinha uns 17 anos. Eu vi que estava precisando de ajuda mesmo, né. Tava muito deprimido, né. Não conseguia aceitar isso em mim. Aí fui a um psicólogo. Aí foram alguns anos, né. Dos 17 aos 20 mais ou menos assim. Foi quando eu, nos três anos de adaptação, não aceitando, mas ao mesmo tempo, vendo qual é. E eu ainda chorei chorava bastante depois de me masturbar. Nem sempre eu chorava, mas tinha momentos assim que eu, sabe, não tenho como fugir disso. Era isso que eu

pensava. Não tem como, eu sinto muita atração, uma coisa meio inegável. Ehhh aí beleza, foi né, aos poucos aceitando isso e aos 21 eu fiquei com um um. Ah, não! Desculpa. Antes disso, eu contei para os meus pais que eu tinha transado com este homem. Cheguei a contar para eles. Antes de eu falar assim: “ah, eu sou gay”, eu falei para eles “eu transei com esse cara”. Eu não falei quem era, eu não. Eu só disse que transei com ele e era mais velho pronto. E eles disseram: “bom, né, então, Leo assim você, beleza, aconteceu isso, então foi, né? E eu, eu não sei, eu não me lembro se eu falei que eu tinha me sentindo mal e tal. Mas, eu achava que eu tinha me sentido mal porque esse não era o caminho certo. Mas, agora eu sei que eu me senti mal por causa da ressaca moral. Porque aqueles valores todos, quanto da sociedade tanto da família, foram,né, foram passado para a gente mesmo sem a gente ter consciência ainda das coisas, então era ressaca moral.

Entrevistador: a ressaca moral, você quer dizer das orientações que te passaram?

Isso. A ressaca moral é devido à moral vigente na sociedade, né. O que é certo o que é errado. Isso é passado para você desde pequeno, sabe? Menino gosta de azul; Menina gosta de rosa, sabe? Menino não pode. Hoje em dia, essas coisas está mais um pouquinho. Mas, na época que eu era criança, na década de 80, no final na década de 80, essas divisões eram ainda muito definidas, né. Então, você meio que “não, homem gosta de carrinho.” “Mulher gosta de. “homem gosta de filme de luta.” Eu gostava dessas coisas, eu gosto de filme de luta, de carrinho. Hoje em dia, não tão mais, eu varoi um pouquinho. Fui conhecendo outras pessoas, me relacionando com amigos gays, mais amigas mulheres. Então, voltando essa questão bissexo, eu compreendo agora que foram esses valores que me fizeram, não assim gostar à princípio, me ressenti por sentir esse desejo. Aí, quando eu tinha mais ou menos uns 21 anos, né. Meus pais sabiam que eu tava lá no psicólogo para tratar dessas minhas questões, né. Quando eu tinha mais ou menos os meus 21 anos, beijei o primeiro menino, né. Até então eu só tinha beijado meninas. Então, beijei o primeiro menino. Conheci pela internet. E o beijei no meio da rua, né. Eu fiquei com ele numa rua pouquinho deserta, mas mesmo assim algumas pessoas passaram e ficaram olhando torto assim, né, porque ainda hoje não é natural. Seis anos atrás também não era. Então, as pessoas não encaram isso de um modo, sempre olham torto. Se fosse um casal heterossexual, não iam fazer nada. A gente não tava, assim, se esfregando, pegando ali pegando ali, só foi um beijo, um beijinhos, sabe? Coisinha de adolescente mesmo, sabe? Ele era mais experiente que eu. E no segundo encontro eu fui a casa dele e a gente meio que transou entre aspas: nenhum dos dois gozou, mas tivemos a nossa experiência. Para mim, foi mais um descoberta porque a transa que tive com o cara, transei mais de uma vez com aquele cara, né, porque as vezes eu fiquei meio que aficcionado com isso,né, porque aquela coisa da culpa gera, enfim, coisa de negar e se culpar é certo que você vai procurar aquilo de novo.

Entrevistador: aquele cara você diz aquele que você namorou, teve relações com 18 anos?

Não namorei, não. Nem beijava na boca. Nem ficava, era só uma pegação mesmo, sexo mais descarga, como dizia até o meu psicólogo. Ele dizia que era um prazer de descarga. Aí para mim, eu era bissexual até então. Até porque tipo, eu ficava com meninas e ficar com meninas não era uma coisa, tipo, muito horrível. Eu achava legal. Achava bacana. Até ficava de pau duro e tal. Mas, a minha atração maior era por meninos. Eu estava negando até aquela hora nos meus 21 anos, me negando a essa descoberta. “vamos lá, vamos ficar também com meninos para ver o que acontece, entendeu?” “ver como é que é”. Eu estava muito mais preparado. Foi muito mais bacana nesse sentindo, né. Ehhh, e eu contei para minha mãe, assim, que eu fiquei. Mas, tudo bem, eu já tinha contado que eu já tinha transado, mas ela tinha achado que era uma vez só e acabou por ali como uma

experiência, como muitos caras heterossexuais tiveram. Experiências como adolescentes com outros homens. E aí com esse menino transei com ele, né. Aí quando eu voltei para casa. Porque eu falei para ela que eu ia sair numa festa, comemoração de final de ano, ano de 2006, que eu ia ficar na casa de uns amigos e depois ia voltar e não foi isso que aconteceu. Eu fui e transei e fui embora. Transei com esse menino de 18. E aí, quando eu cheguei em casa. Eu falei para minha mãe, eu lembro meio que aquela coisa de filme, sabe? Quando a pessoa está sentada no sofá, não foi exatamente assim porque, tem aquela luz de cabeceira assim. Ela meio que olhou para mim e e vi na cara dela que ela sabia. Não precisava falar nada. Eu não contei a ela que eu ia fazer isso, mas ela sabia. Eu falei para ela o que tinha acontecido. E aí, ela fez uma cara tipo Fudeu! "é isso mesmo, né?" Aí, eu acho que caiu a ficha dela realmente assim "eu tenho um filho gay". E aí, foram seis meses assim mais ou menos, ela me deu gelo total para ela aceitar. Foi difícil para ela. Mas eu não aceitava que ela não aceitasse.

Entrevistador: Você não aceitava que ela não aceitasse?

É. Eu não aceitava que ela ficasse de gelo comigo, sabe? Hoje em dia eu compreendo. Mas, naquela época não entrava na minha cabeça. "poxa, seu filho, por que você está fazendo isso comigo?", né? E eu vi que ela tinha bastante medo de que acontecesse alguma coisa comigo, né. Porque a ideia é que muitas pessoas têm, eu diria a maioria, não sei, que os homossexuais é bem, assim, promíscuo, né. Muito ... não dizendo que não haja, mas tem dos dois lados, dos heterossexuais, dos homossexuais. Todo mundo pode ser ou não promíscuo, né. Em todas as esferas, assim, as colorações dessas preferências sexuais, né. Então, ela tinha essa visão também. Mesmo que ela tivesse amigos gays, cabeleireiros, amigos de faculdade, amigos de colégio que posteriormente, se revelaram gays, ela tinha um contato meio que de amigo assim, mais ou menos superficial. Acredito que não fosse muita íntima. Claro que até algum devesse contar coisas para ela. Mas, não tava dentro da casa dela. Aí, né, depois assim, depois mais ou menos de um ano, eu comecei a namorar, né. Comecei a namorar um rapaz que conheci pela internet também. E, ele, ele era, assim, bem reservado, tímido, né. Ele. A primeira experiência sexual, apesar dele ser mais velho que eu, a experiência sexual e até mesmo de ficar foi comigo. Na verdade, a primeira e única dele até hoje. Eu sou amigo dele até hoje. Para ele essa questão assim é bem mais complicada, né, do que para mim. Porque eu acho que eu não sei se foi da criação dele mas, enfim. Aí, namorei esse menino. A gente terminou. Ele também até foi lá em casa. Ele foi lá em casa até depois de ter terminado. Isso que achei legal da minha mãe. Eu comecei a perceber que ela estava aceitando mesmo. Estava difícil para ela, mas ela começou né "ah, não, esse é meu filho eu amo ele", enfim. Eu acho que eu fui até um pouco injusto com ela.

Entrevistador: injusto com ela?

Porque, sabe, eu estava tão chateado desse lance do gelo antes né, que eu falava para ela "que preconceituosa de meeerda" tirava ela de coisas bem ofensivas. Porque eu tava muito chateado, né. Claro que nada justifica. Mas, eu acabei descontando nela. E era uma época que estava meio assim mal. Ela estava com problemas de coluna. Meu pai estava viajando para outro país. Ela tava um bom tempo sem vê-lo. Então, ela estava muito fragilizada. Aí, veio essa coisa, o fato de eu ser gay e isso tá mais perto para ela, tem mais noção nisso. Eu fui muito indelicado. Hoje em dia eu me arrependo. E o meu pais, assim, o meu pai, foi bem difícil também para ele aceitar. Mas, eu acho que, para mim, pareceu para ele mais fácil, porque ele estava longe, ele tava viajando. Então, eu falava com ele por telefone, né. Eu, mesmo depois de ter ficado com esse menino, ainda sentia um pouco de culpa. O primeiro menino que fiquei. Ele sentia um pouco de culpa, ele falava assim. Aí, eu, "não pai, pode deixar que, sabe, eu não sou gay, não sei que lá. Eu tava mentindo para ele, mas para mim mesmo,

porque eu acreditava ainda que eu podia mudar isso. E até foi interessante porque eu conheci uma menina que ela sentiu que eu era gay, né, e ela ficou comigo mesmo assim. Eu achei super bacana, assim. Mas eu não consegui enganá-la, né. Eu tava vendo que ela estava gostando de mim de verdade. Eu também estava gostando dela, mas não ia rolar nada porque não tinha como ser namorado dela. Não tinha, cara. Eu ia, eventualmente, ficar com outros caras ou pelo menos sentir muita atração e eu não ia conseguir fazer isso escondido dela, sabe. Acharia muita hipocresia. Então, eu simplesmente, falei para ela: “olha, não dá” “ não dá para a gente ficar junto”. Foi chato para ela. Eu não pude fazer nada. Eu fiquei chateado também. Se eu fosse realmente heterossexual, eu gostaria que desse certo, assim. Eu gostava muito dela também. Hoje em dia, eu to namorando com um rapaz um pouco mais velho que eu, mais ou menos a mesma idade. Quanto a minha mãe como o meu pai aceitam ele em casa. Tudo bem, assim, sem problemas. Ele dorme até no meu quarto. É uma coisa assim que não é para todos, não é para muitos, né. Acredito que não. Eu to feliz assim pela minha mãe ter aceitado isso, como se fosse uma pessoa da família, né. Todo mundo gosta dele, meu pai, minha mãe, minha irmã, até os gatos lá de casa gostam dele. Então, isso, assim, esse problema, né, que era um problema para mim, ser gay, na verdade, agora para mim é a solução.Eu gosto muito muito mesmo de quem eu sou,de como isso funciona na minha vida. Eu gosto muito do universo gay assim. Eu não acho que, sabe, as pessoas falam “ah, é muito promíscuo, é muito” Cara, é um pouco sim promiscuo, sabe. Mas, que universo também pode não ser? Sabe, o heterossexual também pode ser. Tem muitos caras que inclusive são casados e traem as mulheres com outros homens, né. Isso não é, isso é sabido assim entres os gays. Então, eu acho que é isso. Estou feliz com a minha condição e acho que é um dos menores problemas que tenho na minha vida hoje em dia.

Depoimento 3

Desde o ensino fundamental eu percebia que eu sentia atração pelos meninos tanto que eu não conseguia tomar banho junto com eles depois da aula de educação física porque eu ficava excitado. Então, eu era apelidado de porquinho e tal porque eu não tinha coragem. Só de entrar e ver os caras pelados eu já ficava excitado. Eu sabia que se eles vissem eles iam fazer piadas e tal eles podiam achar, suspeitava que aquilo era uma coisa que seria rejeitado por outras pessoas. Mas, eu não me via como gay por mais que isso acontecesse. Então. Por mais que os caras surgissem nas minhas horas de masturbação, eu sempre achava: “isso é fase, isso vai passar e eu vou casar e vai ficar tudo bem” Eu tinha isso meio que constituído na minha mente. Eu até me apaixonava assim pelas meninas, sabe? Mas, era um amor meio platônico, eu me apaixonava porque achava interessante, legal, bonito, mas eu não tinha desejo pelas meninas. Eu me apaixonava, mas não tinha vontade de transar com elas. Principalmente no meu ensino médio onde tive meu amorzinho, uma menina, Daniele o nome dela, mas eu gostava dela, escrevia poeminha e tal, mas eu nunca me masturbei pensando na Daniele, por exemplo. Estava me masturbando pensando nos caras.

Aí, meus pais são espíritas, né. Espríritas kardecistas. A gente frequentava um centro espírita e nesse centro espírita eu conheci uma menina que olhava muito para mim, dava mole para mim, bonita e tal. Ela era, na época do axé, axé music era moda, e ela era dançarina de axé. Ela era maior esteriotipo de menina gostosona, sabe? Magrinha, cinturinha, bundão, peitão, dando mole para mim. Aí, falei assim: “não é a minha chance de provar para mim mesmo que o meu negócio com mulher vai rolar.” Aí, graziele, tadinha (risos)

Aí, tá. Fiquei com ela e tal. Ela queria namorar. Aí, fiquei enrolando. Enfim, cara, o beijo, nenhuma reação. nenhuma Reação nenhuma (gargalhadas). Aí, meu deus do céu. Até, ontem eu viu um filme, um filme falando sobre, um filme do Kinsay, sabe? Falando até da minha bissexualidade é um pouco bem. Meu lado heterossexual foi bem escondido em algum lugar. Enfim, não rolou nada com a menina. A menina era bem esteriotipo de

“oooh, gatona”. Eu fiquei enrolando ela algumas semanas. A gente só se via nos fins de semanas. Eu tinha 16 anos na época e acabei falando que não e tal to afim de outra menina e não vai rola. Mentira! Eu percebi que não tinha gostado de fato. Aí, meio que puta que pariu, fudeu, sou viado mesmo, o que é que eu faço da minha vida.

Aí, na época tinha uma serie, olha só como a mídia influencia as pessoas. Então, eu fui influenciado. Acho que foi uma boa influência. Tinha uma série na época, Dawson’s creek, e tinha um menino que era gay. Era o Jack, eu acho, o nome. Não lembro direito o nome do cara. Mas, enfim, aí, eu lembro que na série o cara só falava no pai e tal. Era maior clima. E lembro que isso me deu uma coragem de, assim, (risos) de contar para a minha mãe. Decidi um dia contar para a minha mãe. Eu tava no ensino médio, eu tinha 17 anos. 16 para 17anos.

Aí, um belo domingo, acho que era domingo. Não tenho certeza, enfim. Um dia eu contei para a minha mãe. Cheguei para ela: “Mãe, tenho uma coisa para falar” “Ai, meu deus” minha mãe é toda desesperada “o que é?”, começou a chorar, achando que era droga, achando que era uma coisa que, sei lá, achando que eu tinha engravidado alguém. “mãe, acho que sou gay”.

Aí, ela: “aaaahh, é isso?” Mas, assim, não que ela levou numa boa. Mas assim, ela achou uma coisa tipo: mãe, engravidei; mãe, matei; mãe, to usando drogas. Mas, ela assim: “Nãão, mas isso é fase, isso vai passar. Reza que isso passa. Ehhhh, eu: “tá bom, mãe, tá bom.”

Aí, ela falou: “não conta isso pro seu pai, ele não vai entender. É Melhor deixar para contar mais tarde, isso é fase e vai passar.” Aí, a gente resolveu não contar para o meu pai e eu contei só para a minha mãe.

Mas, ehhh, teve um fato que não sei se foi antes. Antes disso acontecer. Antes de contar para a minha mãe. Meu pai tem um primo. (gente, isso não pode ser revelado mesmo –risos). Meu pai tem um primo. Na época eu tinha 16 para 17 e o primo dele tinha 33 na época. O primo dele era bombeiro. Bombeiro salva vida de praia. Enfim, e esse primo sempre foi solteiro e tal. Pô o cara me viu nascer, pô, eu considerava o cara um tio. Aí, um dia o cara foi lá na minha casa. Aí, tava eu e ele e a minha mãe. Eu e ele, nós estavamos conversando. Aí, a minha mãe foi dormir. Eu tinha 16 para 17 e eu tava na internet no meu quarto. Aí ele veio falar comigo no meu quarto. A minha mãe tava na sala e depois a minha mãe foi dormir. E eu tava vendo, sei lá, a gente começou a conversar “e aí, como é que tá sobre filme sexo e tal.” Aí, a gente entrou num site de bate-papo, estilo UOL, sabe? Sala de bate papo que tinha imagens eróticas. E eu passava a minha adolescência me masturbando em sites pornográficos gay, obviamente Bissexual gay e tal . eu via no bissexual só para ver os caras se pegando.

Enfim, aí eu entrei. Mas o site que entrei era um site hétero e tal. Olha só, internet, na época, sei lá, isso não era tão comum como é hoje. “ah, que legal! O que dá pra ver aí e tal?” e começou rolar umas cenas pornográficas e eu estava sentado numa cadeira e ele sentando do meu lado e só tem um chão. Aí, de repente a mão dele veio para minha perna. Aí depois a mão dele já estava no meu pinto, assim, macerando o meu pinto. Aí, eu fiquei gelado assim na hora “caraça, que isso!. Pô, o cara é meu primo, sabe, meio meu tio, primo do meu pai, ele me viu nascer, o cara tem 33 anos. Eu tinha 16 para 17. Eu fiquei gelado assim. Ao mesmo tempo que era uma para meio excitante porque o cara era meio moreno, forte, bombeiro e ao mesmo tempo “Porra, é o meu primo, me conheceu desde pequenininho assim”. E aí, ficou uma situação super estranha porque ao mesmo tempo que estava excitado, a minha mãe, porra que merda, ela pode chegar aqui e vê essa cena. e o cara lá tal e tal. Aí, peguei a mão dele, eu tava tão nervoso que eu tava gelado eu não conseguia, sei lá, pensar o que fazer. Aí, tirei a mão do cara daqui. Aí meio que desci assim, olhando para cima e tal. Aí, ele ficou com a mão, mas tipo, 30 segundos depois, a mão já tava ali de novo no meu pinto. Aí, eu excitado pra caramba, de pau duro. Aí, eu: “não, cara, não faz isso” aí, ele ia tentar de novo, “aí, cara por favor, vai embora. Aí, eu fiquei nervoso, eu fiz cara de choro assim aí ele ficou nervoso também “desculpa, desculpa”. “Assim, Cara, por favor, vai embora, vai embora, vai embora”. Aí, ele foi embora. Aí, não rolou mais nada porque me deu (risos), sei lá, culpa cristã, o cara era meio o meu tio. A minha mãe estava em casa, sabe? A minha mãe tava em casa, que merda, ela podia passar e ver aquela cena. Ela ia ter um filho na hora.

Aí, foi isso. Aí depois eu contei para a minha mãe. Olha que merda. Eu tava tão nervoso que eu não sabia o que fazia “mãe, o frão, botou a mão no meu pau e tentou me masturbar. Aí, ela assim: “ai, meu deus, aí, meu deus, conta para o seu pai ou não conta para o seu pai.” Aí falei: “não conta porque se não vai dar merda.” Meu pai é de uma família machista e tal. Então, se ele soubesse que o cara fez isso, sei lá, ia bater no primo, expulsar o primo da família e não ia querer que o primo frequentasse a casa da tia, que a mãe do meu pai, achei melhor pedir para a minha mãe não contar para o meu pai. A gente tem esse segredo de família até hoje. Volta e meia eu encontro com ele em reuniões familiares e tal ele tá lá ele vem falar comigo, ele me abraça e tudo e ninguém da família sabe que ele é gay. Assim como na família do meu pai sabe,ehhhh, óbvio que suspeitam que um cara de 28 anos de idade até hoje não apareceu com namorada, a galera deve suspeitar, mas assim, eu não sou declaradamente para a família do meu pai gay, assim. Às vezes, surge uma piadinha do tio “hahaha, não sei o que, olha lá, q gostosa” sabe? Ainda tem isso até hoje, infelizmente. A galera ainda não caiu a ficha. Mas, enfim, eu só não falo nada por causa dos meus avós porque acho que para eles será difícil para eles compreender. Mas, para os meus tios caguei, não tem problema falar para os meus tios.

Voltando a história, aí, resolvi não contar para o meu pai esses dois fatos que eu contei para a minha mãe, e eu contei para a minha mãe foi depois do meu primo ter me molestado, molestado não, porque enfim eu gostei, é não posso falar nada disso para ela, mas. Aí, depois disso contei para a minha mãe. Pior olha só o que a minha mãe fez. Nesse dia que o meu primo me macerou, ela falou assim esse dia, tadinha cara não culpo a minha mãe, “mas, será que você não fez alguma coisa para deixar ele desse estado?” “mãããe, que coisa poderia ter feito? A gente viu o site e tal e o cara fez porque ele quis eu não obriguei o cara fazer.” Mas acho que ele se arrepende, porque ele até hoje ele fica sem graça. Enfim

Aí, voltando a história, aí depois disso eu tive de fato o que aconteceu com meu primo e o primeiro fato mesmo com um homem me tocando. Eu tinha 16 para 17 anos. No ensino médio, não contei nem para minha melhor amiga que era gay, apesar de depois ter ficado com essa menina e depois de ter acontecido esse negócio com meu tio, já sabia que de fato é isso que eu gostava mesmo, porque fiquei excitado com o cara pegando no meu pinto, mas não fiquei excitado com o beijo da menina e a menina também teve meio que uma mão boba e não aconteceu nada. Aí, meu deus, coitada dela. Ai como sou frígido o meu lado heterossexual.

Aí, depois de algum tempo, entrei para faculdade e eu tinha 20 21 anos e na mesma faculdade tinha um menino que tinha 16. Olha, o momento mais Michael Jackson da minha vida. Ele era super-dotado e ele entrou com 16 anos na faculdade. Até hoje conheço ele, vamos até entrar no mesmo doutorado que eu, estamos fazendo o mesmo processo, a gente vai passar, provavelmente. Ehhhh, ele era o meu amiguinho, tava na graduação. Bem amiguinho mesmo, a gente saia junto, conversava e tal. Aí teve um dia, assim, eu era monitor do ateliê, porque a minha graduação é em artes plásticas, eu era monitor do ateliê da UERJ e eu tinha chave do ateliê, no ateliê tinha uma parte enorme e eu tinha a chave de abrir e trancar. Então, pô, essa chave me deu o passaporte com amiguinho de trancar a porta e de gente ficar. Então, o primeiro beijo em um homem foi com um de 16 anos de idade e eu tinha 21. Aí, a gente se beijou e tal, amassa, amassa, amassa aí ele teve ejaculação precoce. Aí, eu “hã?” eu não entendi por era só um amasso. Ninguém colocou nada para fora e nada disso. Aí, de repente, o garoto gozou. Aí, pô, ele tinha 16 anos. Aí depois ficou uma situação meio estranha entre nós dois. éramos amiguinhos, mas ficou uma situação estranha

Aí, depois dele teve um rapaz, da academia de onde malhava, tinha um rapaz que olhava para mim. Ai, eu: “está olhando demais”. Aí, comecei a puxar papo com esse rapaz e tal. Aí, me chamou para sair. Na época, eu era um fudido e mal pago, não tinha dinheiro nenhum. A minha bolsa da UERJ era só 90 reais por mês, era o único dinheiro que tinha. Então, não tinha dinheiro para pagar motel ou nada do tipo. Então eu fiquei com esse rapaz, a UERJ era o meu motel, levei esse cara para as escadarias da UERJ e fiquei com esse rapaz na UERJ. Levei só uma vez, mas não gostei de ficar ele não, assim, o beijo dele meio esquisito, sem língua, a porra, fazer economia de língua, a fala sério.

Entrevistador: Mas, você não gostou dele por causa do beijo ou porque você sentia alguma estranheza?¨

Não senti nenhuma estranheza, não. Assim, ele era grandão, um metro noventa. Mas assim não rolou química, sabe? Achei a figura interessante, mas na hora de pegar não rolou química, um beijo sem graça. Não achei graça. Mas depois ele ficou me ligando, mas aí, desperdicei.

Aí, depois teve um outro menino, meu calouro, o menino tinha acabado de entrar na UERJ, era a primeira semana. Aí, eu: "nossa, que bonitinho!". Fui dar em cima na primeira semana de aula do garoto. Fui assistir à aula junto com ele, nem era a minha disciplina. Só porque eu queria o garoto. Aí, fiquei com a periquita em chamas. Saí do armário e aí fiquei completamente em chamas. Aí, ehhh, arrastei esse menino, coitado foi quase violentado (risos) "assim não pô, não sei o que, deixa eu te mostrar a UERJ, te apresentar e tal." Aí, fui apresentar a UERJ. passei pelos lugares sombrios assim, agarrei, dei um beijo, rolou uns beijos e uns amassos. O garoto também nunca tinha ficado com nenhum outro menino. Mas, eu percebi que o garoto era gay. E gostei muito muito de ter ficado com esse menino. Foi um beijo muito gostoso, apesar de ter gosto de cigarro porque ele fumava, apesar de ter só 18 anos ele fumava. Mas, assim, o beijo foi gostoso, o toque foi gostoso e tal. Eu fiquei meio afinzinho de continuar com esse menino. Aí, a gente saiu, a gente foi numa exposição. A gente foi para uma sala escura. A gente ficou dentro da exposição. Mas, a merda era porque eu não tinha dinheiro para pagar motel. Aí, cara esse fogo, o que fazer com esse fogo, aonde? E eu era, pô, eu sou de um bairro periférico do Rio de Janeiro e eu não conhecia lugares, assim, de pegação, que eu poderia ir com esse menino e fazer alguma coisa, sabe? Não conhecia. Aí, ele também não conhecia porque ele era de Bangu também, dois meninos da roça. A gente não conhecia nada. Então (pausa) aí, eu fui chamar ele para sair de novo aí tomei um pé na bunda, assim ele: "não, achei melhor não ficar nessa de compromisso agora e tal". Aí, também, o menino virou uma puta depois disso. Eu iniciei o garoto para vida e enfim.

Aí, depois desse menino, eu fiquei meio apaixonadinho por ele, apareceu um outro menino que morava junto com uma colega da graduação. Aí, teve um dia que esse menino foi assistir aula, assim, junto com essa colega. Ele nem era do curso, mas ele foi como ouvinte. Ele me viu. Aí, pediu para essa menina me levar lá numa festa que ia ter na casa dela. Aí, ela: "vamos lá em casa e tal. Rafael gostou de você." "ah é, gostou?" achei o garoto bonitinho também e fui para casa dela e fiquei com esse menino. E foi a primeira vez que fiquei, de fato, pelado com um cara. Eu tinha 21 anos de idade. Olha como foi tarde, quer dizer, para media dos rapazes brasileiros. Aí, com 21 anos de idade foi a minha relação sexual, de fato, com esse garoto. Logo na primeira vez que fui para cara dele a gente já, não transou transou mesmo penetração, não. Até, porque ele era bem dotado e eu ia ficar com medo dele querer que eu fosse o passivo e eu não tenho coragem de dar para aquele garoto, não. (gargalhadas). Aí, a gente ficou e tal. E foi a primeira vez que vi, de fato, um piru na minha frente, duro, de um outro cara, pelado assim. E eu fiquei com ele. Foi legal. Engraçado que assim a gente ficou ficou ficou, mas eu não ejaculei, eu não consegui ejacular.eu tava tão excitado tão excitado que foi uma coisa ao avesso da ejaculação precoce, sabe? Eu não ejaculei. E o meu pinto já estava inchado. (risos) que detalhes sórdidos. Tanta afixão, tanta afixão que eu não ejaculei. Aí, ele assim: "não goza?". Aí, eu: "gozo, mas não tá rolando". E assim, o pinto duro e tal quase uma _____ e a parada não descia e eu não ejaculei. Aí, teve uma hora que deixei e fui embora .Aí, a gente ficou se encontrando, a gente virou meu namoradinho, amigo de foda, sabe? Porque eu estudava na UERJ na época à noite, faltava aula, assim, três vezes na semana, para ir transar com esse menino e tal. Eu fiquei um mês direto, quase dois mês, transando várias vezes por semana que esse garoto. E, foi a primeira penetração que ele teve, foi comigo. Ele teve outro namorado, mas rolou uma brincadeirinha, mas não chegou a ser penetração. E foi a primeira vez que eu transei com alguém. Foi super esquisito. De repente, alguém vira a bunda e fala: "vem!". Assim, "aí, meu deus, o que que eu faço?" e eu super desajeitado com camisinha e tal. Nem sabia que havia lubrificante. Olha que merda! Foi no cuspe mesmo. E consegui penetrar o menino. Mas, porra, eu não sabia mexer direito, colocava a parada lá, mas não sabia sacudir. Era horrível. Enfim, coitado. Depois ele tentou enfim, me penetrar, mas eu disse: "não quero porque vai me machucar, porque era bem bem, caraca ele deveria ter uns 22cm, uma parada bem grossa. Aí, eu fiquei com medo. Aí, por causa disso, porque eu não queria por medo do tamanho do pau do cara, depois de um mês um pouquinho ele: "ah, não, acho melhor a gente não ficar mais junto." Aí fiquei meio mal, assim. Foi o meu primeiro pé na bunda, depois de uma transa. Aí, fiquei mal uma semana e tal. Duas semanas.

Mas, depois, eu comecei a ver que, nesse trabalho que tinha no Atelier , eu tinha muito contato com outros alunos. Então, tinha um aluno que ele sempre ficava depois da hora, fazendo os trabalhos. E eu ficava ajudando esse aluno. Aí, a gente ficava conversando e tal. Ele virou o meu amiguinho. Então, toda semana, ele ficava depois da hora no atelier e ele também chamava Rafael. O primeiro menino com quem eu fiquei, da ejaculação precoce era Rafael, esse menino, amigo, da menina da graduação, que eu transei era Rafael. E esse terceiro menino também era Rafael. Algum carma com esse nome. E Esse menino virou o meu amiguinho no atelier, um ano mais novo que eu. Não, dois anos. Não, um ano quebrado. E tá, eu percebi que ele tava ficando depois do horário, porque provávelmente ele queria a minha companhia. Queria conversar comigo. Mas ele não dava em cima. Teve um dia que disse uma coisa que parecia uma "mini-cantada", sabe? Me elogiou de alguma forma. Não, é que eu falei assim eu estava conversando com ele "eu estou te atrapalhando e tal " e ele disse " não, muito pelo contrário". Então, falei assim "huuuummm, esse "muito pelo ao contrario" soou meio esquisito. Foi uma "micro-cantada". Aí, ele não tinha o menor trejeito, nada que eu pudesse, o meu gaydar ficou meio quebrado assim. (20:10). "Poxa, eu não tenho certeza se ele gay". Aí, perguntei aos amigos dele e tal: "vem cá, o Rafael é gay?" Aí, menina disse: "ele é". Aí, eu comecei a dar em cima, porque ele era bonitinho também, aí comecei a dar em cima desse Rafael. E Num belo dia, eu dei um beijo nele, assim. Cheguei, dei um beijinho.Não foi um beijo que deu uma química na hora, não. Ele bateu dente, ficou esquisito. Mas, eu gostava tanto da companhia dele, ele me fazia tão bem, nós passávamos as tardes juntos, era tão legal, que eu quero ficar com esse menino. Achei legal. E ele gostava também da minha companhia, sabe? Foi a minha primeira relação construída de afeto com amizade. Ela nasceu de uma amizade, de verdade. A gente foi ficando, assim, a gente não tinha muita química no começo. Foi esquisito, esquisito. A gente ficava nesse atelier que eu tinha chave e eu usava a UERJ como motel. E a gente não fazia penetração. A gente só fazia sexo oral e masturbação. E a gente fez sexo oral dentro do atelier da UERJ e tal e sexo oral com camisinha, porque nós dois éramos hipocondríacos. Esse é um detalhe, então. O outro com que eu transei, como Rafael, eu só fiz sexo ora nele sem camisinha uma vez. E mesmo assim: "aí, meu deus! Peguei AIDS, peguei AIDS" "aí, meu deus! Peguei AIDS", sabe assim? Eu com o mito de que sexo gay pega AIDS, "aí peguei AIDS, peguei AIDS que merda, que merda, que merda. Aí, depois quando eu comecei a ficar com esse outro Rafael, a gente decidiu trocar exame para ver se a gente podia fazer sexo oral sem camisinha, porque nós dois éramos hipocondríaco, tanto eu quanto ele. E a gente fez exame, deu negativo para os dois. E a gente começou a fazer sexo oral sem camisinha. E a gente tinha o trato de que a gente não faria sexo com outras pessoas por, justamente, a gente não passar nada um pro outro e tal. A gente era um relacionamento fechado. Aí, depois de um tempo, eu consegui um trabalho como estagiário no Centro Cultural Banco do Brasil. Eu recebia, na época, era uma grana que para um estudante era muito, uns 800 reais. Meu deus, eu achava que estava rico (risos) com 800 reias. Que tristeza. E podia pagar motel, sabe? Então, a gente foi para um hotel, primeira vez, a gente teve a nossa primeira penetração e tal. E ele era só passivo. E na verdade, isso foi o problema no inicio da nossa relação. Quando a gente ficava, eu via que ele tinha uma, demorava ficar excitado, ficar de pau duro (22:40). "aí, pô, que coisa esquisita. Todos os caras que eu já fiquei ficavam tão depressa, eu fico tão depressa, por que esse demora?" Aí, com tempo, ele começou a revelar que só conseguia ficar excitado quando eu colocava ele na posição de passivo. Se não fosse isso ele não ficava excitado.Então, não podia fazer nenhuma menção, a tocar na minha bunda, nada relacionado a minha bunda, se não ele ficava brocha. Ehhhh, então era uma relação em que tinha que ser ativo. Fui ativo que fiquei com ele quase cinco anos. A gente ficou quase cinco anos junto. E nessa relação, eu tive problemas, assim, eu comecei, eu não traí, nunca trai de fato, de fazer sexo com outras pessoas. Mas, eu pegava metro lotado. Então, eu volta e meia, acontecia situações de pegação no metro. Então aconteceu uma primeira vez. Um cara olhou para mim. Aí, eu, pô: "esse cara está olhando esquisito." Aí, o cara começou apertar o pinto dele. Aí, eu "gente, esse cara está apertando o pinto dele" e isso nunca tinha acontecido essa situação na minha vida. Aí, o cara começou a se aproximar de mim. O cara começou a segurar no meu pinto no metro lotado e eu deixei. E a situação aconteceu depois várias vezes. Na verdade, já tinha acontecido antes de eu ficar com esse menino da sala, uma vez, mas passou a ser corriqueiro nessa relação. No final da relação. Aconteceu no inicio da relaçãp, mas depois não deixei que acontecesse mais, porque "porra! É saquanagem". Mas, pro final da relação , quando a gente já estava brigando, enfim, a relação já não estava tão bem, eu comecei a deixar que isso acontecesse mais. A galera pegar no meu pinto no metro. Acho que cheguei até pegar no pinto de um cara, uma ou duas vezes e tal. E foi isso assim. Aí, eu disse assim: "porra,

isso não está certo, isso não está legal.” Comecei a ver que a relação já não estava indo bem e eu tinha medo de contar o que estava acontecendo, porque ele ia ficar puto e ia com razão. Eu fiquei meio viciado nessa parada, pegação no metro, sabe? Eu não conseguia parar, quase uma droga, assim. Eu entrava no metrô já tremendo, assim, achando que alguém já ia fazendo alguma coisa e via, sabe? E eu não precisava fazer nada. Só de olhar para as pessoas, eu tava com um magnetismo tão, tipo, horny, e as pessoas viam. Teve uma vez que teve dois caras segurando no meu pinto no metro ao mesmo tempo, sabe? Então, tinha até um vagão específico, que sabia que aquele vagão acontecia mais pegação que os outros. Mas, eu tinha uma relação e porra aquilo me pesava. Enfim, e isso foi somando aos problemas dessa relação e a gente acabou se separando.

Quando a gente se separou, eu conheci o Leonardo. No processo de separação, eu já tinha conhecido o Leonardo. E eu comecei a ficar com Leonardo e tal. A gente começou a ficar, ficar, ficar e namorar. Aí, no inicio, dessa relação com o Leo, achei que esse lance de pegação no metro, porque era tanto vicio tanto vicio, ainda aconteceu algumas vezes. Aí, “porra! (25:43) “Tadeu, vc acabou de sair de uma relação e você estava atribuindo essa parada ao, tipo, ao fracassado da sua relação. Você está entrando numa nova relação e está deixando essa parada acontecer? Então tenta dar um basta nisso.” Então, Aconteceram umas ou três vezes, depois que eu comecei a ficar com ele. Aí, deu basta. Não aconteceu mais. Chega. A não ser que a gente chegue constituir, um dia, um relacionamento aberto. Eu não vou deixar isso acontecer. E foi isso. E depois, com um tempo, acabei contando isso para o Leo. Deu uma maior merda. Enfim, ele ficou puto comigo, com razão. Até porque eu contei que fazia com o Rafael, mas não contei que eu tinha feito com ele, que eu tinha parado. Aí, ele me cobrou: “fala, fala, fala!”. Aí, falei que fiz. E, aí, até hoje, enfim, ele não tem uma confiança muito constituída em mim, por ter deixado isso acontecer. Não foi sexo. Não transei com ninguém. Mas, porra!, é óbvio que é uma merda, vc está dentro de uma relação e deixar que nego pegue no seu pinto. A relação com Rafael foi uma relação muito boa, foi uma relação de amizade. Apesar de ter feito isso com ele, essas pegações no metrô, eu me sentia menos mal, assim, eu me dava essa desculpa “ah, pelo menos você não transou com essas pessoas.”, Porra! É saquanagem da mesma forma. Foi uma relação muito boa. Ele foi um grande companheiro. Ele me ajudava nos meus trabalhos. Na época, eu estava no meu mestrado e tudo que eu escrevia, o cara tinha o trabalho de ler para dar sugestão, corrigir erros ortográficos e tal. Ele foi um companheiro muito legal. A gente cresceu junto. Foram cinco anos juntos, sabe? A gente era muito parecido, cabeças muito parecidas. A gente ria das mesmas coisas. Então, foi uma relação bem gostosa.

O Leo tem uma cabeça muito diferente da minha, assim. A gente tem uma forma de agir, num mundo muito diferente. Mas, eu gosto muito do Leo. Ele tem uma alegria que acho muito gostosa, assim. Eu aprendo muito com Leo. Com Rafael aprendia também. Mas parecermos tanto, não tínhamos muito que ensinar um ao outro. Eu acho que eu e Leo, a gente se ensina um ao outro muita coisa por sermos tão de naturezas diferentes. Enfim, essa é a relação que estou agora, com o Leo. Já tem uns 2 anos. Fez dois anos agora, dia 10. Gosto muito do Leo. Acho que a gente aprende muito, apesar de termos muita diferença e apesar de ter derrapado logo no inicio da relação, com essa parada da pegação no metrô. E, agora, eu tento, enfim, reconstituir a confiança. E é isso a minha vida sexual ate hoje.

Entrevistador: E sua família hoje em dia?

Ah, tá. Aaaaaahhh! Esqueci um detalhe. Peraí, volta tudo. O cara não aguenta mais colher a minha vida. Ehhh, esqueci um detalhe, desculpa. Volta a fita.

No momento do Rafael com quem eu transei. Ehh teve um dia que eu fui dormir na casa desse menino e tal e o meu pai já começou achar esquisito: “Ah, mas você já vai dormir na casa de uma menina? Ai, eu: “é”. Que ele mora de fato com uma menina. Aí, falei: “é na casa de uma menina e tal, e divide o apartamento com um menino e vou para lá porque ela é minha amiga e tal.” Aí, meu pai começou achar esquisito, que apesar de eu é 21 anos de idade, nunca tinha dormido fora de casa. Então, foi esquisito para os meus pais ter dormido fora de casa. Aí, depois que esse menino me deu um pé na bunda, que eu transei, me deu um pé na bunda. Eu tinha feito, cara porque na época isso era, porque não tive adolescência, tive adolescência tardia, escrevi um bilhetinho de

“adeus”, sabe? Só que a merda é que eu tinha deixado, sei lá, o rascunho do bilhetinho de “adeus” na minha mochila. Aí, meu pai, acho que suspeitando de alguma coisa, mexeu na minha mochila e achou a porra do bilhete. Eu tinha 21 anos de idade. Ehhh e foi uma meeerda! Aí, eu cheguei um dia em casa, vi meu pai chorando assim, se debulhando em lágrimas. Aí, eu assim: “Que merda que aconteceu com o meu pai?” Como um tio meu tinha morrido alguns anos antes, “Ah, deve estar lembrando do meu tio e tal”. Aí, umas semanas depois, eu chego em casa da faculdade, meu pai tá esperando na cozinha e chorando aí ehhh “preciso conversar com você.” Aí, eu: “Puta que pariu, ele leu a porra da carta”, sabe na hora? Aí, eu: “Fala pai” “ehhh mexi na sua mochila e vi uma carta ehhh e tal eu sei e queria que a gente conversasse sobre isso e tal”, meio que já chorando, meu pai já com a cara vermelha. “Então, pai, sou isso, sou gay” Aí, ele: “Então, para você é isso? para você isso é normal?” É, pai. Isso para mim não é um problema, já foi antes. Mas agora não é mais.” Aí, ele: “Não, isso não é normal, isso isso, você deve estar com algum tipo de doença mental. Você tem que ir para psicóloga. Ehhh “Você quer que eu vá para psicóloga, eu vou.” “ Mas não sou doente mental. Isso não é uma doença. Então, você pode ficar despreocupado que eu vou continuar sendo gay. E isso ele falando chorando e tal. A gente teve uma mega mega aoscussão. “Mas você nunca vai ser feliz nessa vida.” Aí, falei assim: “Pai, desculpa, mas assim, você é felizcom sua vida?” Meus pais tem um casamento muito cagado, eles se suportam, eles não se amam. Então, meu pai não é um bom exemplo para falar de relacionamento heterossexual feliz. Aí, falei assim: “Pai, você não tem moram para isso. Você tá dentro de um relacionamento que vocês não se amam. Então quem é você para dizer que eu nao vou ser feliz? Eu posso ser tão infeliz quanto a você e eu tenho esse direito também, de ser feliz ou infeliz como você”. Sabe, o meu pai vem de uma criação suburbanaça/ssa, assim bem fundo do subúrbio, é muito machista, de que gay está relacionado doença, gay está relacionado a marginalidade, de que está relacionado às pessoas que vão ter que trabalhar como cabeleireiro ou na prostituição, entende? Ele não compreendia. Aí, ele falou assim: “Não, mas quando você era adolescente, você tinha preocupação com o tamanho do seu pinto.” “Mas, pai, o que isso tem a ver?” Ele achava que gay é só aquele que , enfim, é a mulherzinha, sabe? Gay só dá, gay quer ser a mulher. Entao, assim. “Pai, eu sou gay, mas não quero ser mulher, são coisas diferentes, gosto de ser homem, gosto do meu corpo masculino, gosto de homens, eehhh eu não quero ser mulher e eu uso meu pinto bastante nas minhas relações.” Isso foi uma discussão terrível, muito tempo. Meu pai ficou quase dois anos sem falar direito comigo. A gente só falava bom dia, boa tarde, boa noite. Ehhhh Graças à Deus, ele me colocou na psicóloga. Muito bom, foi muito bom. Ele achou que ia me botar na psicóloga e a mulher ia me curar, né? E a psicóloga foi muito a minha amiga e ela falou assim: “Meu filho”, acho que ela foi até pouco ética, “assim, meu filho, olha só”, é porque ela teve algumas reuniões com meus pais, ela foi bem pouco ética, mas ela foi ____. “ehhh, eu percebi que na sua casa, sexualmente, melhor pessoa resolvida sexualmente na sua casa é você. Então, a primeira coisa que você tem que fazer é conseguir independência financeira para você se livrar dos seus pais e poder dar dinheiro em casa e eles pararem de cobrar aonde você vai e com quem você está dormindo.” E eu segui o conselho dela. Foi logo assim que eu consegui o estágio no CCBB, efim, depois disso. E ela foi muito importante. Porque ela me ajudou. Ela foi uma boa psicóloga e não queria processo de cura, ela queria saber o que estava acontecendo comigo, me conhecer. Quando falei que de fato era gay, então, “Meu filho vai ser feliz.” E ela queria, na verdade fazer um tratamento familiar. Ela queria tratar meu pai, tratar minha mãe, tratar a gente, a gente se compreendessem, efim, compreendessem a diversidade sexual do outro. Só que o meu pai se recusou. E como era ele que pagava a psicóloga, ficou puto, achou que a psicóloga não estava fazendo o processo de cura que ela queria. “Ah, não vou mais pagar psicóloga e se você quiser, você que pague.” Aí, não tinha dinheiro na época, não paguei mais. Deixei de ir na mulher. Não tinha dinheiro e o dinheiro que tinha era pouco. A consulta era cara e tal. Parei de ir, mas sou grato a mulher. Ela me deu forças para conseguir emprego e me libertar logo da minha família. Aùi, então, meu pai ficou dois anos sem falar comigo direito. Aí, teve uma época na graduação, quase no fim, no ultimo ano, era a época da monografia, era época da monografia e eu tava fazendo, trabalhando, fazendo estágio, ao mesmo tempo, ia tentar o mestrado. Foi tudo ao mesmo tempo. Então, eu tava enlouquecendo. Ehhh eu quase não tinha tempo para descansar. Então, foi uma época que peguei rubéola e catapora. Peguei rubéola e depois peguei catapora. Fiquei muito mal em casa, fraco e tive que conviver muito com meu pai, porque, como eu tava trabalhando e estudando, eu o via de noite dava boa noite. Entao, foi como se fosse obrigado a ficar em casa, três meses, ter que conviver com ele. Então, foi o período que a gente voltou a conversar. Hoje em dia meu pai pergunta e eu falo sobre o Leo

volta e meia. Ele pergunta. Eu falo sobre o problema de coluna que o Leo tem. Ele pergunta como o Leo tá. Se o Leo tá melhor. Enfim, ele não quer conhecer, ou não mostra que quer conhecer o Leo. Mas, pelo menos, assim, pergunta. Não pergunta o nome. Mas, pergunta: “como está o rapaz? tá melhor?”. Então, ehh já se modificou, entende? Algo que a minha mãe, mesmo que tenha aquela reação “ah, não, vamos rezar e tal !” Ahhh! E quando ele descobriu isso, aí, cara, sempre esqueço os detalhes, quando ele descobriu a coisa da carta, no dia da conversa, ele perguntou “Mas, por que você nunca contou para gente?” Aí, puta merda! Botei a minha mãe no fogo. “ eu contei, quando eu tinha 17 anos eu contei para minha mãe.” Aí, na hora ele vira para ela e disse assim “como você deixou isso acontecer?” Coitadada, botar a culpa nela. Aí, “ela não tem culpa, ela não tem culpa, porque, ela sabia dessa sua reação. Não foi a melhor escolha. Não queira culpar a minha mãe, porque ela não tem culpa.” “Mas, se você estivesse se tratando antes, talvez, já tivesse sido curado”. Aí, Meu deus, cara!” Assim, foi um dia terrível. Foi uma semana muito tensa. Várias discussões, várias, várias. Aí, comecei a falar da relação deles. Aí, eles começaram a discutir a relação deles, sabe? Enfim, mas acho que foi bom para todos nós, assim. Acho que tem alguns momentos de caos que vem para gente rever algumas coisas. Acho que a nossa relação hoje em dia é mais saudável. E viver a verdade, cara, é muito libertadora. Então, eu não preciso ficar fingindo para os meus pais. Eu não finjo para os meus tios, sabe? Se eles me perguntam se to namorando, dou um sorrisinho amarelo e mudo de assunto. E eu só não falo por causa dos meus avos, porque se não eu falaria. Então é isso.

Depoimento 4

Tudo bem. Tudo começou com o seguinte quando eu: Um dia, eu fui para uma boate e encontrei o amor da minha vida. Foi assim, eu tinha 24 anos - e com 24 anos que eu me descobri, realmente. Eu falei assim: "Ah, vou me assumir. Mas antes disso tenho que ser alguém, tenho que ter um emprego,eu tenho que ter uma profissão, e tudo". Então decidi. Aí, eu encontrei uma pessoa, com 24 anos - isso, eu tinha 24 - encontrei uma pessoa. Na época, eu trabalhava numa empresa de telemarketing; eu era supervisor dessa empresa. Eu encontrei essa pessoa, que poderia ser aquela pessoa certa. Só que eu tive uma... Foi o meu primeiro relacionamento (com 24 anos). É, eu fui, eu saí muito perdido, como também perdi muitas coisas na minha vida.

[Pergunta: "Como assim?"]

Porque eu dava muito valor a essa pessoa. Eu queria ter um relacionamento sério - a ponto de eu trabalhava em Botafogo e estudava no Maracanã. Eu saía mais cedo, ia no Maracanã e voltava para Botafogo para... Como eu tinha carro, então o buscava para a gente ir junto e a primeira coisa que ele falava era o seguinte: "Por que você tá aqui?". Isso já era um balde de água em cima de mim. Aí, depois algumas amigas dele veio falar: "Poxa, o seu namorado é bonito, é inteligente, ele tem uma vida estável. Por que você tá fazendo isso?" Aí, depois eu descobri que ele tinha um outro relacionamento. Isso aí, ficamos uns 3 meses assim. Foram os piores 3 meses da minha vida. Então aí eu fiz o seguinte: "Ah, não quero mais relacionamento com ninguém, não quero mais nada na minha vida. Quero viver a minha vida, quero trabalhar, quero estudar, quero fazer tudo. Aí eu namorei com uma menina - já namorava com meninas normalmente, isso aí foi um campo muito fácil de trabalhar [, né?]. Até hoje é um campo super fácil de trabalhar, não tem nenhum problema. E, eu tinha terminado um relacionamento com 24, 25 anos... 25 anos. Tinha terminado um relacionamento com um jogador de futebol - não posso falar o nome. Terminei um relacionamento com esse jogador de futebol e eu decidi, fomos eu mais um amigo meu, fomos a uma boate no 1140, ali na Praça Seca. Chegamos lá veio uma pessoa pedir para ficar comigo eu não quis, então tava dando toco em muita gente. Só que chegou uma hora - tem sempre no meio, assim umas 02:00 da manhã - tem sempre aquele showzinho e tudo, e eu parei para assistir o show. Eis que passa uma pessoa, sem camisa, e deixa a mão e segura minha mão. E veio, e me deu um beijo. Aí eu dei só um selinho, só, e ele falou assim: "Ah, por favor, né?". Aí ele: "Poxa, só um selinho? Eu quero um beijo melhor." E até hoje a gente não se largou. Já são três anos. Já são quase três anos. São 2 anos e 7 meses. E aí nós nos conhecemos - ele estava um pouco alterado, bêbado - aí ele falou assim: "Toma aqui meu telefone que no outro dia eu ligo pra você. Eu... Você me liga." Aí eu liguei no outro dia, na parte da tarde. Falei assim: "Não vai dar certo mesmo, não, mas vamos ver o quê que acontece." Liguei. Aí ele atendeu, falou o nome dele. Nós nos conhecemos, e tudo. Teve um dia que ele

falou assim: "Vem aqui na minha casa que eu quero ficar um pouco com você". Eu falei assim: "Tudo bem." Na época eu dava aula em Bonsucesso, aí fui lá para Santa Cruz de carro. Nove horas da noite, saindo de Bonsucesso, fui lá e conversei. Tava chovendo [, né?]. Nunca tinha ido a Santa Cruz, aí fui. Aí eu cheguei, assim, ele chegou para mim e falou: "Olha, é longe?". Eu: "Imagina! Só meia hora de carro, só". Aí ele: "Ah, tudo bem!". Nisso, nós ficávamos conversando, assim, altas horas da madrugada na internet. O dia inteiro o celular tocando e a gente não conseguia desligar o telefone. E aí, eu cheguei um dia - que eu já estava trabalhando, já pagava minhas contas já há muito tempo, era independente financeiramente dos meus pais, apesar de morar na casa deles - eu cheguei, e conversei com meu namorado. Falei: "Olha, vou falar com meus pais que sou gay." Meus pais não suspeitavam porque: uma, eu era solteiro mas eu fiquei com todas as minhas primas; as minhas vizinhas, eu já tinha ficado com todas as filhas. Virava e mexia eu tinha uma namoradinha aqui, acolá, e ninguém suspeitava, nem nada. Minha mãe: "Ah! Isso aí é fase, não acontece nada." E na minha própria faculdade mesmo eu ficava com as meninas, não tinha nenhum problema. Então era certo, era normal. Só que eu cheguei para ele e falei assim: "Eu vou me assumir pra minha mãe." E ele falou assim: "Por quê?". Pelo seguinte motivo: Encontrei a pessoa da minha vida que foi uma das... Eu nunca falei para uma pessoa que 'eu te amo'. Essa frase, 'eu te amo'. Eu nunca falei porque quando você fala que ama uma pessoa , você é disposto a fazer tudo por essa pessoa. Morrer, dar todo o seu sangue, fazer todo o possível e o impossível para vê-la sorrindo". Então teve um dia que quando eu fui deixá-lo no ponto de ônibus, ele saiu do carro e eu falei assim: "Tchau, eu te amo." Aí ele: "Eu também queria falar isso pra você, eu te amo, mas você tem certeza do que você tá falando?". Eu: "Sim, tenho. Eu tenho certeza do que eu tô falando. Se eu tô falando que eu te amo é porque eu te amo". Ai ele: "Eu também te amo muito". Chegou na hora, eu fiquei uma semana para falar para minha mãe. Só que a mãe dele sabe, a mãe do meu namorado sabe que ele é gay. E eu fui me apresentar para ela e conversei, e tudo com ela. E uma coisa que ela falou pra mim foi muito séria: "Olha, eu como mãe eu gostaria que na minha frente tivesse uma filha. Uma mulher. Meu filho dormindo aqui no sofá e a namorada dele conversando comigo. Mas quem sou eu para julgar o meu filho? Eu estou aqui para amar o meu filho. Se eu - que sou a mãe, que o pariu - não vou ajudá-lo, como é que eu vou pedir para uma sociedade ajudar? Então, eu tenho que amar o meu filho. Não aceito o que ele faz, porém o amo de paixão". E as irmãs dele até então não sabiam. Uma tem catorze... Na época uma tinha doze e outra tinha treze. Elas não sabiam, mas desconfiavam. Aí eu cheguei para ela: "Tia, olha só, eu vou contar para a minha mãe". Ela: "Olha, você tem certeza que você vai contar para a sua mãe? Eu como mãe, meu filho veio falar comigo e eu aceitei porque eu tenho a cabeça um pouco mais aberta. Mas e a sua mãe? Será que ela vai aceitar?". Eu falei assim: "Tia, lá em casa nós sempre tivemos uma coisa, um mandamento básico: Branco ou preto, amarelo, vermelho, certo ou errado, que seja você a me falar o erro, não o outro da rua. Eu prefiro que seja você a falar o erro do que uma outra pessoa". Eu conversei isso com ela. Ela: "Olha, tudo bem". Então, eu fiquei matutando isso, levou quinze dias. Matutando, matutando, matutando. Eu cheguei um dia: "Mãe" - minha mãe estava passando roupa - "Ô, mãe, quero falar com a senhora. Tenho um assunto para falar". Isso foi antes do natal de dois mil e... Não sei exatamente, de dois mil e dez? Isso, dois mil e dez, antes do natal de dois mil e dez. Ela: "Entra". Eu: "Eu tenho que falar uma coisa com a senhora e é sério". Ela: "Tudo bem, tudo bem". E eu sou o caçula. Tenho um irmão de trinta e cinco, sete anos mais velho do que eu, e eu. E, normal, eu saía a noite sem nenhum problema. Só que chegou depois do natal, no dia vinte e seis... Não, não foi no dia vinte e seis não. Foi no natal. Foi no natal? Foi depois do natal, no dia vinte e seis. Não, não. Foi antes do natal porque no dia vinte e seis eu fui na casa da minha tia - da minha tinha Cleide. E foi antes do natal, na semana do natal eu cheguei: "Mãe, quero falar com a senhora". Ela: "Pode falar". Só que antes, na semana anterior, eu acordava, chorava. Dormia, chorava. Acordava, chorava. Dormia, chorava. Porque eu ficava com medo; 'o quê que minha mãe vai fazer?'. Por mais que hoje eu seja independente, a minha mãe foi de uma criação completamente diferente, completamente diferente - do interior de Minas Gerais. Onde a irmã dela, com dezoito anos, quando ela "se perdeu", ela saía de casa, as janelas todas das casas fechadas porque ninguém queria que aquele pecado fosse para a família. Então, minha mãe viu isso. Minha mãe não queria isso para a família dela. Então, foram algumas coisas meio de preconceito mesmo. E chegou um dia, eu cheguei: "Mãe, vamos ao shopping, vamos andar". Aí fomos ao shopping, e no carro eu falei assim: "Mãe, eu quero falar uma coisa para a senhora". Aí ela: "Fala, agora que não tem ninguém". "Mãe, a Amanda que eu falo, que eu sempre falo 'ah, a Amanda'... É, não é Amanda. É um menino. Mãe, eu sou gay". Minha mãe ficou assim... "Como assim?". "É,

mãe, eu sou gay, eu gosto de meninos". Fomos numa loja de comprar roupas, minha mãe olhava assim para mim: "Ah, filho...". E eu: "Ah, mãe... Assim, eu prefiro falar para a senhora do que alguém vir falar de mim para a senhora, porque eu acredito no quê que a senhora falou para mim. Branco ou preto, eu sou o seu filho, então eu tenho que falar". "Não, calma. A gente vai ver o que a gente pode fazer, se a gente vai levar você no psicólogo e tudo". Eu falei assim: "Mãe, se eu tô falando hoje para a senhora que eu sou gay, é porque eu já tentei de várias formas. Até mesmo não sendo uma pessoa normal porque ser gay é ser uma pessoa normal, comum, como qualquer outra pessoa. Sou um bom profissional, trabalho, estudo, faço tudo o que me der na telha, mas eu tenho responsabilidade, e é isso o que vale. E se eu cheguei para a senhora e falar que hoje eu sou gay é porque eu sou. Não tem como eu falar: "ah, mãe, eu tenho dúvida, eu estou em dúvida". Não. Eu preferi deixar chegar a hoje - que hoje eu sou independente; hoje eu não preciso da ajuda de vocês; que hoje, se a senhora vir a me expulsar de casa, eu vou ficar triste, mas eu vou pegar as minhas coisas e vou arranjar algum lugar para morar. Vou vender meu carro; pego meu carro, coloco no estacionamento da faculdade e durmo no carro, no estacionamento. Então, não tenho problema sobre isso. Eu sei me virar". Ela: "Não, mas isso não vai acontecer". Eu falei assim: "Ah, que bom". Falei com a minha mãe e tudo, só que aí nós voltamos para casa. Só que eu tinha um celular. Um celular que eu emprestei para o meu irmão que ele tava sem celular, aí eu dei. Um celular velho. Só que lá tinha uma mensagem do então jogador de futebol, que mandou para mim. Ele chegou rápido, me entregou e falou o seguinte: "Eu li o que está escrito aqui, não gostei e não quero que meus pais fiquem sabendo porque eles terão o maior desgosto da vida deles. Eu só não te meto a porrada agora...". Eu falei assim: "Por quê? Por que você vai me bater? Eu sou tão homem quanto você. Eu nunca precisei de você para fazer nada na minha vida. Eu sou independente, trabalho, nunca precisei de um grão do seu dinheiro para você vir falar que vai me bater. Nunca que você vai fazer isso. Agora, quanto ao meu pai, aos meu pais, a minha mãe já sabe." Aí ficou assim... "Que o meu pai não fique sabendo, porque ele terá o maior desgosto da vida dele". Eu falei assim: "Não. Não é desgosto". Tudo bem, eu falei assim: "Ah, mãe, tô saindo, tá?". Aí ela: "Tá bom". Aí, eu falei da existência desse namorado e tudo. Aí eu cheguei para a minha mãe: "Ah, mãe, vou dar uma saída". E saí. Só que eu fiz o seguinte, um erro. Mas, foi. Fui na casa do meu namorado, fiquei um pouco com ele. E eu falei assim: "Ah, mãe" - eu liguei para a minha mãe - "Olha só, tô passando aí, vou pegar minha roupa que eu vou sair com o meu namorado". Ela: "Ah, tudo bem". Só que, quando você fala pro pai, ele: "Ah, tudo bem". E aí? Tá. Só "tá tudo bem". E aí? Mas quando ele vê realmente que é, aí sim. Dá aquela.. aquela 'pã', né? Minha mãe viu meu namorado porque eu peguei o carro, deixei dentro de casa e fui pegar a minha roupa. Minha mãe, a primeira coisa que ela falou foi "eu não vou aceitar isso. Eu não vou aceitar". Aí eu: "Tudo bem. Não tem problema". A partir daí a minha vida virou quase um inferno porque a minha mãe fazia o seguinte: minha mãe chegava, via uma roupa - a minha roupa - pegava, olhava e começava a cavucar tudo. Ela pegava o meu carro, abria o carro para ver se tinha alguma coisa do meu namorado. E via se tinha alguma coisa, e ficava mexendo... Ela falava assim: "A casa é minha, eu faço o que eu quiser". Eu falei assim: "Mãe, o meu quarto está ali. Então, se tem ali é um... Por favor, não mexa em nada no meu quarto". "Por quê? Tem coisa do seu macho lá?". Eu: "Não, mãe, não tem nada do meu namorado, não. Não tem nada, só que tem algumas coisas minhas, não quero que a senhora mexa". "A casa é minha, eu faço o que eu quiser". "Então, tudo bem". Nisso, meu pai não sabia. Meu pai... Minha mãe... Chegou no dia sete de janeiro, que é o meu aniversário, eu não comemorei na minha casa. Não comemorei porque... Aí, antes: No natal. Passsamos o natal, e tudo - minha mãe fingindo que está tudo bem, e tudo. No dia vinte e seis nós fomos na casa da minha tia Cleide. Aí meu pai - meu pai sempre soube "que eu era" porque eu e meu pai, nós nos entendemos só pelo olhar. Um olha pro outro e o outro já sabe o que é. Eu e o meu pai não tivemos um relacionamento muito próximo um do outro, nunca tivemos - nunca. Mas, a gente sempre conversa um pouco, e tudo. E meu pai mora comigo normalmente. Só que a gente nunca teve aquela conversa, aquela coisa de pai e filho. A gente nunca teve porque meu pai sempre se preocupou em trabalhar e dá o dinheiro para o sustento da família. Não recrimino. Não. Só que às vezes eu precisava mais de uma... Não que a minha opção sexual surgiu da ausência de pai, não. Não surgiu da ausência de pai. Que eu nasci assim, não sou Gabriela, mas eu nasci assim, eu cresci assim e agora eu sou assim[, né?]. "Ah, meu pai é culpado". Não, meu pai não é culpado. Eu nasci assim, então, alguma coisa tem indício. Nós fomos na casa da minha tia. Uma semana antes de eu falar com a minha mãe, eu fui na casa da minha prima, a Priscila, eu fui conversar com ela. Aí, no dia vinte e seis foi aniversário da Gabriela, eu fui. A Gabriela hoje tem trinta e cinco, isso. A Priscila,

trinta e dois e a Aline, trinta. Se eu não me engano vinte e oito, vinte e nove. Ela é mais velha do que eu um ano só. São aquelas primas que eu converso normalmente. Aí eu cheguei e falei para a tia Cleide: "Tia Cleide, minha mãe tá assim porque eu falei que eu era gay, que eu sou gay". Aí ela: "Qual o problema? Qual o problema? Pior é se fosse o Alexandre" - que é o meu irmão - "Pior é se fosse ele, aí sim ela deveria ficar preocupada. Não sei como ela não fica preocupada com o seu irmão". Tudo bem. Aí ela veio falar com a mamãe. Ela: "Olha, finge que você vai dormir lá no quarto que eu vou conversar com ela". Aí começou a falar com a minha mãe: "E aí, amiga? O que é que foi?". Aí ela: "Ai, o Léo...". Ela: "O Léo o quê?". "Ah, o Léo é gay". Ela: "E...? Ele é seu filho. Se as minhas filhas fossem gays também, o que é que eu poderia fazer? Se eu pudesse fazer uma coisa: amá-las. O importante, o maior ensinamento que nós, pais, devemos ter para os filhos é o quê? Ser corretos. Os filhos devem ser corretos. Ser ótimos seres humanos. Mulher? Sim. Homem? Sim. Ele é gay? Sim, mas ele é um homem. Ele é um homem de fibra, ele tem responsabilidade, ele é trabalhador, ele é inteligente, ele trabalha... Qual o problema?". "Não tem nenhum problema". "Eu acho que você deveria amar o seu filho, eu acho que você deveria esquecer desse detalhe e amar o seu filho". Aí ela: "Ah, tá. Mas...". Aí chegaram as meninas, todas são mães hoje. Elas falam: "Ô tia, eu sou mãe. Eu não tenho medo do meu filho ser, ou minha filha ser gay, de serem gays. Eu tenho medo de que as pessoas machucá-las, maltratá-las com um preconceito ou outro. Porque se eu conseguir educar os meus filhos e fazê-los seres humanos melhores, bons seres humanos, poxa... O maior ensinamento". Aí a minha mãe chegou: "Mas, e a AIDS? E essas doenças?". Aí a minha tia falou assim: "Olha, eu acho que com o Leonardo você não precisa se preocupar quanto a isso, porque o Leonardo não bebe, ele não fuma, ele não usa drogas. Ele é uma pessoa muito chata para se relacionar. Ele é uma pessoa muito inteligente para cair nisso. Por que eu falo isso? Você deveria ficar com mais preocupação..." - porque eu tenho um primo se eu tenho vinte e oito anos, ele tem há trinta anos a doença. Foi da época da turma do Cazuza, um menino chamado Solteiro. Só que naquela época não tinha proteção, e era uma coisa desvairada mesmo. E ele só está vivo também porque ele tem dinheiro, a família tem dinheiro e consegue fazer um tratamento muito bom com ele. Então por isso que ele tem. Então eu vou até explicar também porque a minha madrinha ficou sabendo, que é a mãe dele - "Ele só teve por causa disso, mas o Leonardo não bebe. Então, se ele for para uma casa de festas para se divertir, ele não vai ser como o Alexandre que saía sexta-feira para a noitada. A primeira ficante, ele tinha consciência que ele tinha que colocar camisinha e tudo. E as outras que ele bebia, bebia, bebia, bebia, assim, chegar em casa carregado? E aquelas que ele se relacionou e não colocou preservativo? Quem te garante que alguma, que uma não passou sem preservativo? Leonardo é um ótimo menino. Ele entende tudo, então por que você vai tá fazendo isso?". Só que isso não parou. Chegou no dia sete de janeiro, eu não comemorei meu aniversário com meus pais. Eu comprei dois bolos e meu namorado fez a minha festa, comemoração na casa de um amigo dele. "Ah, vai pra casa do meu amigo que a mãe dele gosta de você, e tudo, você pode fazer". Aí eu: "Ah, que bom". Fizemos. No outro dia, quando eu cheguei em casa, o meu 'parabéns' foi a minha mãe falando que para ela eu estava morto, que ela não tinha mais filho porque eu era gay. Por isso. "Meu filho morreu. Eu prefiro ver meu filho morto do que entender isso". Falei assim: "Olha, mãe, pelo quê nós vimos na Bíblia, os pais têm uma força sobre os filhos, realmente. Se você falar assim 'ah, não tenho mais filho, eu prefiro ver meu filho morto, pode ter um dia em que eu possa chegar aqui morto ou chegar uma notícia. "Tá, e daí?". Eu: "tudo bem". Nisso, eu no quintal de casa e minha mãe gritando que "eu não vou aceitar você nessa vida, que eu não vou aceitar nunca na minha vida isso. Você estava na casa do seu macho e preferiu comemorar o aniversário na casa do seu macho". Eu falei assim: "Nossa...". Nunca pensei que eu fosse escutar isso da minha mãe. Nisso, foi se passando o tempo, foi se passando o tempo, o meu irmão, ele quis fazer aniversário. Meu irmão faz aniversário no dia vinte e sete de janeiro. Eu faço sete e ele, vinte e sete. No meu aniversário não foi feito nada. Um bolo, nem nada. No aniversário dele, a minha mãe fez questão de convidar todos os amigos, pagar uma festa de setessentos reais, churrasco, convidar todos os amigos. Foi para mostrar, olhando para mim, falou assim: "Olha, o seu irmão é normal e ele tem tudo. Você é anormal, você não tem nada". Eu não ficava chateado pela discriminação. Nunca fiquei chateado porque a história lá de casa é muito complicada. É que lá em casa nós tivemos duas criações. Meu irmão deveria ser jogador de futebol e eu deveria estudar. Meu irmão não foi jogador de futebol, então eu tinha que ser tudo o que meu irmão não foi. Então, foi sempre uma cobrança em cima de mim e meu irmão sempre foi passado a mão: "Ai, não conseguiu então deixa. Mas você, você vai ter que...". Então, eu sempre assumi isso; 'não tem problema'. Então, eu nunca tive aquele problema da rejeição ou

mesmo da discriminação, nunca tive problema sobre isso. Então, aniversário tocando, tudo. Todo mundo, as minhas tias, a minha mãe falou para a minha avó. A minha mãe chorando no telefone, a minha avó: "O que foi?". A minha avó saiu de Vilar dos Teles e foi lá pra Madureira, a minha avó e o meu avô. Eu tinha falado para a minha mãe: "Por favor, não conte para ninguém sobre a minha vida. Não quero. Ninguém precisa falar 'oi, eu sou hétero'. Para quê? Por que eu vou falar 'oi, eu sou gay'? Não precisa. Da minha vida cuido eu. O que eu faço da minha vida dentro do meu quarto é problema meu. Não tenho vergonha, mas eu acho completamente desnecessário você fazer o seguinte: ah, vá se expôr. Não. É uma coisa desnecessária porque ninguém chega e fala 'ah, eu sou hétero, tudo bem?', e balança o braço 'e aí? Como é que você tá? Oi, meu nome é Fulano de Tal e eu sou hétero'. Não, ninguém fala isso. Por que eu chegaria 'Oi, Fulano de Tal, eu sou gay'? Não, não é necessário você fazer isso. Eu acho que o que vale mais é o ser humano, o que o ser humano pode ser. Então, o que eu fiz? Minha mãe chegou, falou com uma coordenadora da Igreja, falou com uma outra amiga dela e falou com o padre da minha paróquia. E eu sou coordenador de uma pastoral da minha igreja, sou na pastoral de jovens - e continuo sendo. Para o desespero da minha mãe, o padre chegou e falou o seguinte para mim: "Quem sou eu para discriminar? Você tá tendo um conduta não condizente com a sua religião? Sim. Mas dentre todos os coordenadores que eu tenho aqui que trabalham com jovens, você é o que dá o melhor exemplo. Você é um ser humano bom, de ter uma vida boa, de respeitar os semelhantes e também os diferentes - que eu nunca vi você vendo uma pessoa diferente e ficar longe. Então, as suas atitudes com os jovens, de demonstrar que o importante ser um ser humano bom é o mais importante é a síntese de qualquer religião, e é a síntese da religião católica. Só que você sabe que você vai ser privado de algumas coisas". Eu falei: "Não, isso eu sei". "A Comunhão, por você estar em pecado, você não pode receber a Comunhão". Falei assim: "Eu sei, eu sei muito bem disso. Que é uma doutrina católica, eu não recrimino. Eu por saber muito bem a doutrina, eu sei. Eu assumi esse risco. Que é por ponto e risco". Tudo certo. E aí a minha mãe ficou desesperada, a minha mãe foi um dia numa... Nós viajamos, eu minha mãe e meu pai. Meu pai, então, já estava sabendo. Eu tinha medo do meu pai ficar sabendo, eu tinha medo. Meu pai sempre foi um pouco mais ignorante, essas coisas assim, mas foi diferente. Foi no dia, meu pai ficou sabendo. Ele entrou no quarto e falou o seguinte: "Leo, eu já tô sabendo. Eu quero logo já avisar a você: eu estou sabendo aqui o que aconteceu". Eu: "É, pai. É isso". "Contando que a sua mãe tá triste, chorosa...". Aí eu: "Aham". ele: "Ah, eu sei o que está acontecendo". Aí eu: "Ah, pai, então não precisa falar nisso não, né?". Aí ele: "Não, eu sei. Olha, não é o que um pai gostaria para um filho, mas... Eu te amo. Não aceito, porém eu te amo. A única coisa que eu vou fazer, sempre, até o final da minha vida é rezar, rezar por você - que Deus tenha misericórdia da sua alma, pela nossa doutrina Católica" - tudo bem - "O que eu puder para te ajudar, você vai ser meu filho, vai continuar sendo o meu filho que eu não tenho porquê". E um fato muito engraçado depois que ele falou tudo: Tava naquela moda do Bichesar e um outro, o Serginho, do Pânico. Aí, daqui a pouco meu pai botou no Pânico e aí viu aquilo. Aí meu pai entrou no quarto correndo: "Filho!". Aí eu: "Oi, pai". "Não fica assim não... Essa coisa estranha". Eu: "Não, pai. Vou continuar sendo o mesmo Leonardo, andando normalmente" . Ele: "Não, eu sei, mas é feio. Não é legal. Você é homem. Não precisa você colocar sandália feminina, bolsa feminina, nem nada, não. Você é homem. Você vai continuar sendo homem". Aí eu: "Não, pai, é isso o que eu entendo. Eu só gosto de meninos, mas só que..." - até então, eu nunca tiva falado para o meu pai assim: "Agora eu gosto de meninos, mas só que eu sou um menino. Eu sou um homem. Nunca serei igual a uma mulher". Aí ele: "Não, tudo bem. Estamos aí". Só que meu pai, às vezes chega assim, chega para o meu irmão, aí passa uma mulher bonita[, né?]. Aí ele: "Não consigo entender... Uma mulher tão bonita e um gay não gostar". Mas só que meu pai nunca me recriminou, nem nada. Nunca. Nunca, nunca, nunca, nunca. Só que minha mãe não aceita, nunca aceitou, e nunca aceitará. Ao ponto de ela chegar, ela me infernizou tanto. Mas, tanto, tanto tanto, tanto, tanto, mas tanto. Antes do meu pai ficar sabendo, ela fazia chantagem. "Ah, mãe, tô indo pra praia". Aí ela desconfiava de quem eu estava: "Você está com ele?". Eu: "Estou". "Volta para cá agora, senão eu vou contar para o seu pai". "Ah, tá bom". "Porque eu não vou ficar segurando isso sozinha, porque 'não sei o quê'". Falei assim: "Ah, não tem problema. Eu só quero falar para a senhora que eu confiei na senhora, e fui e falei para a senhora, falei a verdade, contei a verdade". E, ela falou para a minha avó. Minha avó chegou e perguntou assim: "E daí? E daí o Leonardo ser gay?". "Ah, mas...". "E daí o Leonardo ser gay? O problema é se fosse com o irmão dele. O irmão dele, sim. Se ele fosse aí você deveria ficar preocupada. Como não? Eu não sei como você não fica preocupada porque para você é tudo normal. Ele faz tudo o que ele quiser, mas... Ele é homem! Ele

pode. O Leonardo não. E até parece que você não sabia! Por mais que Leonardo pegasse todas as minhas netas, todas as primas dele, todo mundo sabia que tinha alguma coisa diferente nele. Eu como vó, eu sabia". "Ah, mas é triste". "Não é triste, não. Vamos fazer o seguinte: eu tive seis filhos. Eu perdi quatro. Um tem problema de diabetes, é casado, tem família. Só que ele é obeso, ele tem diabetes e tem o problema da tireóide. E o outro é dependente químico. Tem três filhos e é dependente químico. Ele chega em casa hoje e só volta uma semana depois podre, em decomposição - que ele fica cheirando, cheirando, cheirando, cheirando e cheirando. Vamos fazer o seguinte: vamos trocar. Eu dou o filho dependente e você me dá o Léo. Vamos fazer essa troca, então. Vamos fazer essa troca". "Heim?". "É, vamos fazer essa troca! Já que o Leonardo é um problema, faz o seguinte: você fica com o César. Fica com o César que é melhor. Não é melhor? Pelo menos o César é homem, tem três filhos". "Hã?". Muito bom.

[Pergunta: Dependente químico?]

Dependente químico. Ela: "Não, mas vocês não compreendem". "Não, você que não compreende. O Leonardo sempre foi um ótimo menino e sempre vai ser um ótimo menino. Ele é um ótimo menino. Só você que não tá vendo, você tá perdendo um filho". E minha mãe infernizando, infernizando, infernizando ao ponto de eu no curso de inglês ter treze turmas para eu conseguir juntar dinheiro para sair de casa. Só que eu comecei a ficar muito mal porque eu ia para a faculdade na parte da manhã e de meio dia até às nove horas da noite eu trabalhava; e sábado de sete horas da manhã até às sete e meia da noite eu trabalhava para conseguir sobrar um dinheiro, e para sempre juntar para comprar uma casa, alguma coisa assim. Tanto que eu comecei a passar mal, passar mal, passar mal, e meu pai viu e meu pai falou o seguinte: "Sai do trabalho que eu vou bancar. Sai do trabalho". Só que eu caí na asneira de aceitar, não por causa do meu pai, mas por causa da minha mãe. Meu pai sempre, ele foi e me ajudou, minha mãe me ajudava, mas queria alguma coisa em troca. Aí eu cheguei para a minha mãe, falei assim: "Mãe, não vou largar do meu namorado porque... não vou". A minha mãe me infernizava, infernizava, infernizava. A ponto de ela infernizar tanto lá em casa que o meu pai chegou um dia e falou o seguinte: "É, então vamos fazer o seguinte: você todo dia vai ter que sair de casa cinco horas da manhã"."Bom, então vou para onde?". "Você tem que chegar em casa até às nove horas da noite. Depois de nove horas, você não entra mais aqui dentro de casa". "Tudo bem. Eu tô aqui, eu tenho que respeitar. O senhor está mandando, eu tenho que fazer". Sendo que eu estava de férias da UERJ. Mês de janeiro. Então eu acordava, em janeiro - isso no segundo ano, já - [em janeiro,] eu acordava, acordava cinco horas da manhã, quatro e meia, tomava o meu banho, colocava a minha roupa, pegava o meu carro e esperava o meu namorado porque eu o deixava na faculdade e subia pra faculdade dele para estudar para passar num concurso. Eu falei assim: "Eu vou passar num concurso público e quando eu passar num concurso público eu vou sair". E eu cheguei pro meu irmão, meu irmão mais velho, e falei para ele. A relação com o meu irmão... O meu irmão sempre foi o seguinte: o meu irmão sempre foi maria-vai-com-as-outras. Ele nunca teve uma personalidade feita. Então sempre fazia o seguinte: ele sempre tem que ficar bem com todo mundo. Então, na minha frente ele fica de bem comigo e com a minha mãe, ele fica sempre bem com a minha mãe. Um dia ele chegou para mim e falou assim: "Ah, mas a gente tem medo de você pegar uma AIDS". A esposa dele falou: "Olha, eu que tenho que dar gracas a Deus de não ter nenhuma doença porque quem me garante que você na sua época de noitada - pegava essas piranhas da vida, você bêbado - e chegava na hora não utilizava preservativo. Não foi uma vez só, não. Todo mundo via como é que você era. Os meus pais não queriam que eu casasse com você porque sabiam como você era. Não pela sua família, mas o quê você se tornou: um beberrão. Então, você cala a boca porque o seu irmão é muito melhor. Poxa, assim se eu... Todo mundo fala: 'Por que você não casou com o Leonardo, o irmão mais novo?'". Aí ele parou. Mas só que ele sempre foi assim, maria-vai-com-as-outras. Eu cheguei pro meu irmão e falei o seguinte: "Eu vou fazer uma prova e vou passar. Mas não vou apenas passar. Eu vou passar em primeiro lugar. E quando eu for formado nesse... Quando eu tomar posse, eu vou comprar uma casa e vou embora de casa. Meu irmão: "Ah, para com isso. Você não vai fazer isso". Eu: "Vou fazer isso". E nisso eu pegava os livros, ia pra faculdade do meu namorado, - meu namorado faz Educação Física - subia para a biblioteca e ficava estudando, estudando, estudando, estudando, estudando, estudando, estudando, estudando. E chegou num dia que eu não tinha dinheiro. Eu pedi pro meu irmão: "Me empresta sessenta e cinco reais para eu fazer uma prova". Ele me emprestou e eu peguei e fiz a inscrição pra Polícia, Polícia Militar. Curso de Formação de Soldados, dois mil e dez. Estudei

muito, estudei. Estudei e vendo assim: "Tenho que passar". Cada vez, cada dia que passava, minha mãe era assim, uma coisa de, de manhã, ela falar o seguinte: "Prefiro você morto, prefiro não ter mais filho, não ter mais filho". E colocando meu pai contra mim. Meu pai chegou a falar o seguinte: "Léo, aprenda o seguinte: eu não vou contra a sua mãe porque Deus me deu três tatuagens na alma" - meu pai fala muito em parábolas. Eu entendo muito meu pai, meu pai é muito filósofo. Meu pai fala o seguinte: "Deus escreveu três tatuagens na minha alma: Uma, você; outra, sua mãe; e outra, seu irmão. A sua mãe foi a mulher que eu escolhi para passar a minha vida. A mulher que quando estou com dificuldade, ela me ajuda. Quando ela está com dificuldade, eu a ajudo. Hoje nós temos trinta e cinco anos de casados e eu não vou contra a sua mãe porque é mulher que eu amo. Porque você, daqui a pouco, vai embora. E eu? Onde que eu fico? Sem nada? Sem o amor da minha vida?". Eu cheguei pro meu pai e falei assim:"Pai, eu compreendo tudo o que o senhor tá falando. Eu não vou recriminar o senhor, não, porque o senhor ama. O senhor ama. Não vai agir contra essas coisas... Ela é minha mãe, a mulher que o senhor ama. Eu não vou recriminar o senhor sobre isso. Sei que muitas das vezes o senhor tenta ao máximo me ajudar, mas...". Aí eu voltei a trabalhar no curso de inglês, voltei a trabalhar. Trabalhava, muito, muito, muito. Treze turmas, correndo de um lado para o outro e terminando a minha graduação em Teologia. Também na UERJ, fazendo Letras, fazendo, fazendo, fazendo. Não conseguindo fazer muitas matérias porque eu não tinha cabeça. Eu me increvia, mas não tinha depois cabeça para fazer as matérias porque minha vida tava de perna pro ar. E aí minha mãe falou que não tinha mais ajuda para nada, minha mãe não me ajudava em nada, monetariamente. Nada, nada, nada, nada. E, tudo bem. Meu pai era proibido também de me ajudar. Aí eu estudei muito para fazer essa prova da polícia. Eu tinha feito a minha prova para Itaguaí. De dez vagas, eu fiquei em décimo primeiro. Poxa, uma pena. E depois eu fiz a prova pra Polícia. Fiz a prova pra Polícia e fui ver o resultado: eu fiquei em primeiro lugar do concurso. Eu cheguei pro meu irmão e falei assim: "Eu não falei?". Ele olhou pra minha cara: "Cara, você gabaritou a prova!". Eu: "Sim, eu gabaritei. Eu falei que eu ia gabaritar". Meu irmão começou a cair na real, começou a cair na real o que iria acontecer. Só que para você ir passar na Polícia, você tem que ter várias coisas. Tem que ter dinheiro para pagar as coisas, eu não tinha. Você tem que ter dinheiro para pagar a parte médica. Você tinha que ter mil e duzentos reais só a parte médica. E eu comecei a sair correndo de madrugada pra posto público e fazendo aqui, fazendo acolá... Eu gastei mil e duzentos reais. E eu não tinha esse dinheiro, eu pedi pra minha mãe. "Só me empresta que depois eu pago. A senhora me empresta hoje que depois eu pago". Eu pedi para o meu pai: "Pai, me empresta que depois eu vou e pago o senhor". "Não, tudo bem". E pagou. Entrei na Polícia e fiquei, fiz seis meses, sete meses de formação. Foi um curso de formação; 'que legal, que legal, que legal', e fiz. Só que nada da minha mãe melhorar. Minha mãe não melhorava em nada. Chegou um tempo que eu não quis ligar mais lá pra casa. Nunca fui dessas pessoas de ligar toda hora. "Ah, oi, tudo bem?". Não, nunca fui. Nunca gostei de celular. Eu ligar pra celular, para mim, nunca foi uma coisa legal. Então, não liguei pra minha mãe. Nunca liguei mesmo lá pra casa. Mesmo no conforto, no trabalho, nunca liguei. Só que minha mãe, depois de algum tempo, minha mãe queria que eu ligasse toda hora pra ela, onde eu estava, falando onde que eu estava, com quem eu estava. E, às vezes, eu saía sábado com o namorado. Aí a gente ia dormir juntos. Poxa, minha mãe me ligava, na madrugada, cinco vezes. Ligava uma hora da manhã, duas horas da manhã, três horas da manhã, quatro horas da manhã, seis horas da manhã. E tudo falando: "Você está transformando a minha vida num inferno. Você, olha que ponto que você tá transformando a minha vida e a vida do seu pai. Você tá transformando a vida da nossa família num inferno. Eu não consigo mais ter relacionamento com seu pai. Só fico chorando. O seu pai, o seu pai não consegue mais fazer sexo comigo. Isso tua é culpa sua, por preocupação". Falei assim: "Mãe, isso não é problema meu. Me desculpa, mas não é problema meu. Olha, não vou mais atender o telefone. Vou desligar e só vou atender quando eu quiser". Desliguei. Minha mãe colocava todo mundo contra mim. E nenhuma das minhas tias, mas nenhuma das minhas tias ficavam contra mim. Porque elas falavam assim: "Ué, é o Leonardo, seu filho. Ame o seu filho". Mas a minha mãe não aceitou e nunca, não aceita.

[Pergunta: "Mas nessa época você morava com ela ainda?"]

Morava e continuo morando ainda. Vou te explicar o porquê. Tentei, juntei dinheiro, juntei, juntei, juntei dinheiro, paguei todas as minhas contas, deixei meu nome limpo. Limpíssimo, limpíssimo. E aí, como policial militar, eu falei assim: "Ah, agora eu vou pegar o dinheiro, formado". E fiz o seguinte: quando eu era um

soldado, abriu uma prova para oficiais administrativos. Rapidinho fui lá, fiz a prova e passei. Hoje sou primeiro tenente. Ótimo. Ganho bem? Ganho. Relativamente bem para um jovem de vinte e oito anos, um adulto de vinte e oito anos, no mercado de hoje, e ainda sou professor de inglês, dou aula em cursos. Mas por que isso? Porque eu decidi. Chegou uma hora que não dá mais e eu vou comprar um apartamento. Mas só que eu não quero sair, eu não quero o meu irmão sempre chegar, falando o seguinte: "Eu te arranjo uma quitinete de quinhentos reais perto do morro, para você morar". Eu falei assim: "Não, eu não quero. Não quero". Eu não estudei a vida toda, eu não estudei a minha vida toda para fazer isso. Não sou melhor do que ninguém, mas eu sei muito bem o grau de inteligência que eu tenho, a capacidade intelectual que eu tenho de conseguir uma coisa melhor. Vou ver se eu continuo com, hoje, meu noivo. Eu estou sem aliança porque nós brigamos e eu taquei a aliança fora, porém já fui pedido em casamento, e eu aceitei. E o que eu fiz? Já policial, fui na caixa econômica, vi um empreendimento - zero quilômetro - e fiz o seguinte: Ah é? Então, vamos ver agora do quê é que eu sou capaz. Fui, um apartamento em Campo Grande, comprei. Hoje ele vale cento e dois mil reais. Paguei a... Eu estava com o carro, eu vendi meu carro. Meu pai me deu o dinheiro. Eu fiz o seguinte: eu vou colocar agora, vou começar a procurar casa. Comecei a procurar casa. Procurei casa, casa, casa. Entrei numa cooperativa, mas só que não deu certo e agora eu tenho que entrar na justiça para pegar o dinheiro dela. E fui vendo um empreendimento, do nada, eu entrei na internet e vi um empreendimento em Campo Grande. Eu falei: 'ah, poxa". Liguei, fui, digitei. Paixão à primeira vista. "Ah, tem que trazer tais documentos". Eu fui lá e levei os documentos. E paguei a escritura. Dois mil reais na escritura. Depois de amanhã, eu tenho que dar cinco mil de entrada no apartamento e mês que vem eu já terei meu apartamento zero quilômetro para eu morar. Agora só falta só eu mobiliar. Colocar o piso, e tudo. Mas isso, sem a ajuda da minha mãe, nem do meu pai. Eu sei que é minha obrigação. Se eu quero sair de casa, eu tenho que prover, eu tenho que me sustentar. Então, por isso que hoje eu trabalho em dois lugares - dois não, em cinco lugares (em três cursos, e na Polícia Militar) - porque eu não posso depender do meu namorado, meu futuro esposo, que também hoje tá desempregado, e nem dos meus pais, que uma vez que eu sair de casa, eu não volto nunca mais. Eu já cheguei e já falei para os meus pais. Teve um dia que nós não estávamos mais aguentando mais o nosso relacionamento, eu cheguei ao seguinte, foi fevereiro desse mês, a ponto do que minha mãe falava, eu rebatia. Eu cheguei, sentamos todos juntos, e o meu irmão começou a falar, falar, falar, falar. E um exemplo clássico foi no ano passado, no dia dos pais. Nós viajamos no dia dos pais, nós viajamos. Nós fomos pra nossa fazenda, que meus pais têm uma fazenda, em Minas Gerais. E eu peguei a chave do meu carro e eu escondi a chave do meu carro. Por que eu tive que esconder? O meu irmão tinha uma Fiorino, um Siena e uma moto. E o meu irmão, ele tem uma fábrica de pão. Mas adivinha qual o carro que ele pega para usar para trabalho, para comprar farinha de trigo? Ele ia pegar o meu carro, ele pegava o meu carro. E eu achava isso um absurdo. Mas só que eu não podia falar nada porque eu 'tinha que ajudar o meu irmão'. Aí eu: "Por que eu tenho que ajudar uma pessoa que já é casada, já tem trinta e cinco anos, tem uma Fiorino que é para isso".

[Não identificado]

Aí, nós brigamos mesmo, saímos na pancada mesmo. Meu pai falou assim: "Nunca pensei que eu fosse ver meus dois filhos assim". E eu cheguei pra minha mãe, nessa reunião que nós tivemos em janeiro e falei o seguinte: "Olha, eu vou ser bem sincero com a senhora: até junho eu saio de casa. Eu peço só esse prazo porque antes a senhora tinha falado que eu tinha três meses, que a senhora iria me expulsar de casa. Mas só que eu falo o seguinte: eu quero só até junho, que eu vou comprar um apartamento. Em junho, eu vou sair pro meu apartamento.e uma vez que eu sair aqui de casa, a senhora não vai saber mais de mim, que eu vou sair de casa e a senhora nunca mais vai saber mais onde eu estou". "Ah, você não... Ah...". Eu falei assim: "Olha, eu só tô falando isso porque eu confiei na senhora e falei a verdade. Naquele dia, eu cheguei e falei com a senhora. E eu fui também que o meu pai falou que eu tenho que confiar nos pais e eu confiei na senhora, e a senhora não me deu essa confiança. E aí, eu comprei meu apartamento hoje. Hoje meu pai sabe que eu comprei o apartamento. Meu pai falou assim: "Eu sou orgulhoso de ter um filho como você porque... Não aceito, mas quem sou eu para aceitar ou não aceitar? Eu tenho que te amar. Não compreendo. Posso falar que sou bronco o suficiente para falar o seguinte: eu não compreendo. Você é uma pessoa muito inteligente e não sei... Não sei o que aconteceu nesse negócio aí".

[Pergunta: "E tua mãe?"]

Minha mãe não aceita mesmo. Teve um dia que eu cheguei, eu tinha terminado com meu namorado, com meu namoro e eu falei pra minha mãe: "Terminei". Ela começou a me tratar muito bem. Ela falou assim: "O próximo passo agora é você começar a namorar com uma menina". Eu falei assim: "Não! Eu sou gay". Aí eu não sei se ela não entendeu: "Eu sou gay". Porque minha mãe nunca entenderia se eu falasse o seguinte: "Eu sou bissexual". Minha mãe nunca entenderia. Na cabeça dela, como que um homem pode gostar de uma menina e de um menino? Como muitas pessoas não compreendem. Mas eu falo assim: "Gente, calhou da pessoa da minha vida ser um homem. Se fosse uma mulher, seria uma mulher, mas só que foi um homem". Hoje minha mãe me trata um pouco melhor, mas só que ela sabe muito bem que eu vou embora. Eu falo assim: "Olha, junho tá acabando. É junho. É junho". Aí ela viu a escritura, ela olhou pra escritura, aí eu: "Junho. Eu falei pra senhora que em junho eu saio de casa. Em junho eu recebo as chaves, eu já vou pagar amanhã seis mil reais de entrada, eu já vou receber".

[Pergunta: "E ela?"]

Ela começou a tremer. Eu falei assim: "Calma, é junho que eu vou embora. No mais tardar meados de julho eu já estou fora de casa". Ela: "Mas você não vai me falar onde você vai morar?". "Sim. No Rio de Janeiro, zona Oeste. Agora só tem toda uma zona enorme do Rio de Janeiro para a senhora saber".

[Pergunta: "E como você se sente hoje em dia?"]

Bem, a mesma coisa. Eu posso falar 'bem, a mesma coisa' por quê? Ser gay para mim nunca foi nenhuma... Assim, sempre tratei tudo com muita tranquilidade e facilidade. Nunca foi aquela coisa 'Ah...'. Não. Sou gay. Sou. Ser gay para mim não vai falar que eu seja uma pessoa boa ou ruim. Eu que tenho que ser um ser humano bom. O que eu faço com a minha sexualidade, sou eu, é assumido. Agora, o lado ruim foi o dos meus pais. Onde você sempre sente aquela coisa assim, de ter um porto seguro, com seus pais, você não pode chegar para os seus pais - e você não poder chegar para o seu pai e falar assim: "Poxa, terminei com meu namoro". E não ver como 'poxa, meu filho está sofrendo. Por mais que eu não aceite, meu filho está sofrendo'. Fala assim: 'ah, que bom, né? Você tem que agora arranjar uma namorada, né?'. E sempre indo na crítica. Não tenho uma assim... Coisas, hoje. Sou uma pessoa bem sucedida, trabalho. No meu trabalho, cinco pessoas sabem da minha sexualidade. E acima de tudo, eu prego o respeito - tanto dentro do trabalho, como fora.

[Pergunta: "Valeu a pena ter saído do armário?"]

Sim. Para mim, não tem nenhum problema quanto a isso - sair do armário, ficar no armário. Não. Porque assim, eu tive aquele tempo, o meu tempo de chegar e falar assim: "Eu tenho que ser verdadeiro porque eu sempre fui verdadeiro com todo mundo. Se eu sou verdadeiro com todos, eu tenho que ser verdadeiro comigo mesmo". Eu já me aceitava há muito tempo, sempre me aceitei. Não sou aquela pessoa: "Ai, queria me matar". Não, não, não. Pensei um dia em pegar meu carro e, cento e sessenta, como fazia, cento e sessenta, cento e oitenta quilômetros no carro para eu bater e morrer. Já pensei, mas não foi porque eu não me aceitava. Foi porque eu não estava aguentando mais a barra que estava em casa, a ponto de eu não querer ir mais pra casa. A ponto de eu chegar em casa todo dia meia noite e não querer ver minha mãe, nem meu pai. E acordar cinco horas da manhã, para não vê-los acordando. Ou seja, durante dois meses da minha vida, três meses da minha vida eu não via os dois. Só sábado e domingo, mas só que eles estavam viajando, então eu não via mais meus pais.

[Pergunta: "Você no começo da entrevista você tinha dito que antes de você contar para os seus pais, você tinha que ser alguém. Como assim 'ser alguém'?"]

Ser alguém? Ser um profissional, que eu já era. Ter a minha independência porque se eu sofri essa certa rejeição dos meus pais sendo o que eu sou, o profissional que eu sou, já resolvido; tendo as minhas duas profissões, sendo professor e técnico-administrativo, já trabalhando e recebendo o meu dinheiro, sendo independente, eu tive essa

má aceitação, imagina se eu fosse dependente dos meus pais - a ponto de eles me darem dinheiro, de eu ter que sair e meu pai me dar dinheiro, minha mãe me dar dinheiro - ser sustentado pelos meus pais? Então, se eu não sendo sustentado por eles - sim, morava na casa deles, moro na casa deles - mas, sendo independente, sendo dependente sobre essa parte da casa, da logística, eles fizeram isso, imagina se eu fosse dependente por completo? Então, ror isso que eu tinha que ser alguma coisa, alguém.

["Tá bom, obrigado, Léo."]

Depoimento 5

Então, meu nome é Leonardo Peixoto.

Minha mãe ela tinha um amigo gay. Na verdade, assim, eu não tinha, durante um tempo, eu não tinha muita certeza se eu era gay. Porque eu criado no meio da igreja católica e saia com alguns caras casados e achava normal as pessoas casarem e terem relações sexuais fora do casamento. Então, acho que até os 18 anos, eu não tinha me apaixonado por nenhum homem, só tinha tesão. E eu me apaixonava pelas mulheres. Eu criava toda aquela fantasia com relações às mulheres, namorava mulheres e criava todo aquele mundo da paixão. Mas, não conseguia ter tesão pelas mulheres, eram poucas com as mulheres eu sentia tesão. E eu tinha tesão especificamente e homens e não coseguia me apaixonar por homens. Para mim não era algo que era possível. Até pelas relações eu tinha a partir dos 17, 16 e 17 anos, eu comecei a sair com alguns caras. E eram relações estritamente sexuais. Então eu achava que esse era o caminho. Até porque eu vivia na igreja católica e tal.

E aí, com 18 anos mais ou menos. Isso foi em 2003. Então exatamente 18 anos. Eu conheci um seminarista. E ele. Foi em 2004, já tinha 19. Conheci o seminarista e ele começou a conversar comigo sobre o grupo de amigos que eu andava na igreja. E ele começou a fazer assim “você não acha tem mais alguma coisa que une vocês, algo incomum que liga vocês?” E eu não estava entendendo o que ele estava querendo dizer. Eu achava que os meninos eram todos afeminados. Mas, para mim, o individuo afeminado não necessariamente gay, até porque a gente era da igreja e na igreja não existia. Eu tinha essa visão. E aí, eu vim para faculdade no mesmo ano que conheci esse seminarista. E nesse papo, e eu na faculdade, você começa a conhecer o mundo e eu já frequentava vários lugares de pegação. Frequentava saunas, frequentava banheiros. Enfim, Lugares de pegação pesados. E aí, comecei a ver que, enfim, existiam pessoas para além dos caras casados que eu saia. E nessa, conversa com esse seminarista, ele, em uma dessas conversas, ele começa a conversar comigo sobre a questão do pecado. Se dessa visão que eu tinha, que isso era um pecado e comecei a falar abertamente com ele sobre isso. Ele era uma pessoa que eu confiava muito. Confio até hoje. Mais ou menos, mas a gente ainda é amigo. “que para Deus não seria pecado se não envolvesse amor”. Se você, de fato, amasse alguém, isso não seria pecado. Então, eu comecei a achar que a solução para mim seria, então, de me apaixonar com algum cara. Coisa que eu não tinha vivido ainda. E eu casar. Aquela fantasia que eu tinha em relação as mulheres e o prazer que eu tinha pelos homens. Mas, assim, desde muito pequeno, assim, desde talvez sei lá, 9 ou 10 anos que eu comecei a mexer na internet, eu sempre acessava site pornô gay, enfim, me envolvia sempre com caras, salas de bate-papo, sempre procurando caras para mim. Mas era uma coisa só de tesão.

Isso eu tinha 19 anos, então quando eu tive essa conversa, e aí, eu fui para um retiro de igreja. E nesse retiro eu conheci um garoto e me apaixonei por ele. Foi nas primeiras horas que eu me apaixonei nesse retiro. Foi muito bonitinho porque, no final, foram três dias de retiro, a gente ficou no mesmo quarto e ele não levou travesseiro, dei meu travesseiro para ele. Mas no final do retiro ele falou assim “tem um bilhetinho na sua mala, mas eu só quero que você abra sua mala quando chegar em casa.” Quando eu cheguei em casa, eu abri. Nossa! Foi o cara que eu me apaixonei, então tá, acho que agora eu sou gay. E eu conversei com os garotos do grupo. Todos eram, entre eles, assumidamente, gays. E tinhas duvidas sobre se eu era gay ou não. Até porque eu gostava de uma menina da igreja e namorava uma outra. Mas, eles tinham dúvidas, mas nunca fui tão firme, né? Me apaixonei pelo hebert e tal e a gente ficou pouquíssimo tempo. Mas depois que eu me apaixonei ou que eu

poderia me apaixonar, então eu me assumi. Minha mãe já tinha um amigo gay de muitos anos, assim, tipo, de mais de 5 anos. Que o namorado dele tinha falecido e minha mãe continuou sendo amiga dele. A minha mãe era amiga do namorado dele. Quando ele faleceu, a minha mãe continuou amiga do namorado. Frequentava muito a minha casa e tal. Mas com essa questão do Hebert e o dia que me abri para os meninos, eu comecei a frequentar o mundo das boates que eu não conhecia. Comecei ir à boate. Só ia a boate gay e tal. E comecei a namorar caras também, a me envolver com os caras. Peguei todo o tempo perdido da adolescência que só fiquei com mulher, quer dizer fiquei com homens também, mas só que de beijar na boca de me envolver, todo envolvimento afetivo, isso eu extrapolei.

Quando foi no ano seguinte. Acho que em 2005, já estava com 20 anos, isso mesmo. Eu conheci um cara na faculdade, o bruno. Aí, me apaixonei, começamos a namorar. E eu tava naquela de querer falar para a minha mãe. Como a minha mãe tinha amigo gay, eu pensei "bom, primeiro, ela deve saber que eu sou gay" porque todo mundo falava que mãe sempre sabe. "segundo ela vai me aceitar porque o Fernando é o amigo dela. E se ela pensar em não me aceitar, o Fernando vai conversar com ela que não é assim." Então, assim, eu senti meio que uma segurança por minha mãe ter um amigo gay, que era o melhor amigo dela, que é até hoje. A gente mora junto hoje. Nós três. Mas, eu não sabia como falar. Aí, uma vez a minha mãe tava na, eu dormia no mesmo quarto que ela porque ela tinha um ar-condicionado no quarto dela, eu botava o meu colchão embaixo, no lado da cama dela eu deitava para dormir. Uma vez eu tava no computador de noite e eu vi que ela tava namorando com alguém. Senti que ela estava namorando com alguém e estava querendo e contar e eu já estava namorando com o bruno. E aí, foi a "deixa": "Mãe, você está ficando com alguém?" Ela estava fazendo dança de salão , não sei o que e falou "ah, to. Conheci uma pessoa não sei o que". Começou a contar. Porque a minha mãe sempre gostou de contar, mas eu nunca fui de contar sobre os meus relacionamentos. Só que esse era interessante, que eu queria falar do meu também. Aí, ela falou "ah tá, por que? Aí, "não porque também queria te contar um negócio." "O que? também está namorando alguém?" Aí, eu falei "to.". Aí, ela perguntou "como é que é a pessoa?" Aí, falei "pronto, a minha mãe já sabe." Porque ela perguntou como é a pessoa. Se não ela perguntava como ela é. Aí, eu falei "Bom, ele é muito diferente de mim." Só que isso eu já tinha deitado no colchão. Eu tava no computador, desliguei e deitei no colchão. Aí, falei "ele é muito diferente de mim. Aí a minha mãe "ah, é. Por que? "ah porque a família dele é diferente, não se dá bem com a mãe, diferente da gente." Mas, só que isso eu não olhava na cara dela. Ela deitada na cama dela, o quarto todo escuro e eu deitado no colchão embaixo.

Entrevistador: Mas, porque você não olhava na cara dela?

Porque eu tava com muita vergonha. Eu nunca conversei sobre relacionamento com a minha mãe. Agora a gente conversa muito. Agora falo tudo. Vejo um cara bonito, comento e falo "porra, mãe, gostoso. Esse que eu queria pegar. Nele eu dava uns pega". Hoje a gente conversa. Conversa sobre quem eu namorei e tal. Mas antes do meu ex-namorado que ela conheceu, eu não comentava absolutamente nada com ela. Esse dia eu comentei porque eu queria que ela soubesse. E aí, tá. Aí, virei por lado, dormi, encerrei o assunto. Para mim, ela, tinha acontecido tudo bem. Mas, fui saber, assim, uns seis meses ou um ano depois, que no dia seguinte ela ligou para minha amiga, que era da igreja, para conversar com a minha amiga. Só para saber se ela já sabia, só para saber, porque a Priscila era muito a minha amiga. E ela chorou a noite inteira por medo do que poderia acontecer comigo e porque ela não desconfia em nenhum momento que era gay. Não tinha passado na cabeça dela que eu era gay. Isso que o achei interessante, assim. Que para mim era, eu sempre gostei de Xuxa, sempre fui todo pintosa. Mas, ela, para ela, não tinha visto isso. Tudo bem. Ficou uma coisa mais entre eu e ela.

Mas, só que a família da minha mãe é muito grande, a minha mãe e a do meu pai. E o meu maior receio era a família do meu pai, pela quantidade de pessoas e porque eles são muito debochados. Então, foi uma coisa que ficou entre eu e a minha mãe durante um bom tempo. Quando foi, isso eu tava com 20 anos, quando foi e 2009, eu estava com 24, eu já tinha acabado a faculdade, eu senti a necessidade de me afirmar financeiramente, de não depender de ninguém para que pudesse abrir publicamente a minha identidade, por ais que eu tivesse a minh mãe, que fosse a única pessoa que eu dependia, eu tinha uma dependência, como tenho até hoje, uma dependência afetiva da família e eu não queria ser rejeitado. Então eu queria, assim, tá muito bem

financeiramente, tá muito bem, até afetivamente, estar com alguém. Não queria falar que estava com alguém para família, sem estar de fato envolvido com alguém que pudessem connhecer. E aí, foi quando eu conheci esse cara, a gente namorou um bom, foi o namoro mais logo que a gente já teve que morava em Recife. E a gente se via, assim, uma vez por mês, duas vezes por mês, a cada dois meses, se via com um determinado espaço, né? Mas, foi uma coisa louca, avassaladora. E com dois meses de namoro com ele, quer dizer com um mês de namoro com ele. Eu o conheci em Bh em setembro de 2009, quando foi outubro de 2009 eu fui para lá.

Quando eu voltei, eu tava morarando na casa da minha tia. Minha mãe tinha casado com outro cara e tinha morado na casa do cara e eu fiquei na casa da minha tia. E lá, o meu melhor amigo era o meu primo que devia ter uns 13 anos, 12 ou 13 anos. Ele era muito maduro. Hoje em dia ele tá com 15 ou 16 anos, sei lá. Ele era muito maduro. Ele gostava de conversar de família e não necessariamente de minha vida. Mas, sobre família, ele gostava de saber de histórias, enfim, que ele não viveu. Umbertinho, é um espetáculo, meu primo. E a gente conversava muito. E eu senti. Ele perguntava muito se eu não namorava, se eu não gostava de ninguém, até que eu senti a necessidade de um dia falar para ele. “Porra, me dou tão bem com umbertinho, acho que vou contar.” Ai, falei “ umbertiho, eu bem to namorando.” Aí, falou “ tá namorando.” É “to namorando” “quem é?” aí, eu mostrei a foto minha com o john. Já era dezembro, eu e John já tínhamos 2 meses. O John já tinha vindo aqui no Rio. Era uma foto minha e do John aqui no Rio. Aí, mostrei a minha foto com o john para ele. Aí, ele começou a rir assim, mas encarou numa boa. Foi a primeira pessoa. Aí, falei “ o que que você acha? Você que a família vai aceitar? Aí, falou “ah, Leonardo, acho que vai. A família gosta de você. E se não aceitar, vai fazer o que? Aí, falei “então tá.” Aí no dia seguinte coloquei as minhas fotos no Orkut assim. E foi a forma, nunca cheguei para ninguém da família do pai e disse. Simplesmente coloquei as fotos. E aí, no dia seguinte a minha prima chegou “ah, eu vi sua fotos. Ah, quem é de onde é?” E todo mundo tentou lidar com isso meio que naturalmente e eu também fui indo assim até hoje. Foi em dezembro. Por exemplo, com meu pai, eu nunca conversei com meu pai sobre isso. Mas, quando foi no fevereiro do ano seguinte, a minha irmã foi pro carnaval em Recife, minha prima foi pro Carnaval em Recife, o namorado da minha prima e ficamos na casa do John. Aí, voltei de Recefe. Aí, meu pai sabia. Mas a gente não. Ah! Um tio meu virou, quando viu as fotos, virou para um outro tio, os dois irmãos do meu pai e falou assim, Jorge para o Carlos, “o Carlos, você viu aquilo? As fotos do Leonardo. A Luana veio me mostrar, que não sei o que. Tem que falar pro Marcos, que não sei o que, que não sei que lá. Aí, o Carlos “ tem que falar para o Marcos o que? Marcos não tem nada para falar da vida do garoto e mesmo se tiver, não tem que falar nada. Eu fiquei muito puto quando soube que o meu tio tinha feito isso. Mas, é um tio que até hoje em dia, se dá muito bem comigo. Mas, a minha mãe falou “ih, seu pai é tão cabeça aberta. Seu pai nem vai se importar com isso. E o meu pai nunca, não por esse fato, e desde, na verdade, meu pai, desde que eu abri para família, meu pai ficou vivo cinco meses. Depois ele faleceu. Mas, em nenhum momento o meu pai me destratou ou me tratou mal. E a família viu as fotos e algumas pessoas conheceram ele pessoalmente, quando ele veio aqui, outra quando eles foram lá.

E é isso. A família toda. Hoje em dia, a gente consegue, assim, a minha família joga muito buraco. A gente na mesa consegue brincar muito sobre isso. As vezes ele falam assim, alguma coisa, igual meu tio que as vezes assim “Porra, isso aqui é melhor do que boceta, né não, Leonardo?” Aí, falei “com certeza, para mim” aí, eles começam a rir, porque eles esquecem (risos) que eu não gosto de boceta mesmo. Então, consigo brincar com isso naturalmente. E ficou uma relação muito boa. Minha avó, lembro a minha avó, minha avó fez 80 anos agora. Mas, na época a minha avó tava com 77 78 anos. Aí, ela virou para mim e falou assim “ué casou?” porque eu estava com uma aliança no dedo. A minha avó não sabia de nada. Aí, falei “ ih, não vó, isso aqui é só um anel.” Aí, ela “ah tá, sei que anel” Minha avó já sabia. Aí, tanto que assim, depois que eu terminei com o meu namorado, passou, assim, uns três meses, ela falou “engraçado, você não falou mais nada de Recife?” Ela nunca falou comigo abertamente. Mas, a minha avó também sabe, sempre soube. Então a gente nunca, sabe? Com as tias a gente conversa,com os primos e tudo mas, com a minha avó nunca. E a minha avó é maior beata de igreja. Minha avó era milícia de batismo. Então, eu tive uma aceitação muito boa. Não enfrentei os problemas. O único que reagiu negativamente foi o Jorge, mas não comigo diretamente, hoje em dia ele me abraça me beija. Mas teve uma reação,mas que o meu outro tio cortou e ficou numa boa. E é isso.

Entrevistador: Chegou um momento na sua história que você disse que sua família meio que lidou com a situação. Por que esse “meio assim?

Aí, me pega né. Sabe por que? Eu acho que eles engoliram um pouco. Isso foi um ato falho, eu falei o meio sem querer falar. Mas pensando na palavra meio, eu acho que é porque, assim, se fosse em outra época eles não lidariam na boa. Mas, eu sou a única pessoa da família do meu pai que está fazendo mestrado. Sou a primeira pessoa da família do meu pai que seu formou na faculdade. Então eu sou visto, assim, como uma pessoa bem sucedida, como exemplo para milhares de primos que eu tenho. Então, é meio que dar uma engolida.

Entrevistador: e sua mãe, como é hoje em dia com você?

Minha mãe é ótima. Acho que a gente brigava mais antes do que depois. A gente se dá muito bem. As vezes, a gente quebra o pau ainda. Mas, acho que foi tudo isso. Uma necessidade que eu tinha, eu tive uma cobrança que talvez seja ruim para outros homossexuais, eu acho. Mas, achei que eu tive que me afirmar profissionalmente, que mostrar que tive um sucesso na vida e que isso não foi. Eu lembro que quando eu tive uns onze anos, que a minha tia, irmã do meu pai, eu estava muito envolvido na igreja, e me dava muito bem nos estudos. E minha tia, uma vez comentou com a minha avó, “Nossa! Olha que engraçado, de onde a gente menos esperava, alguma coisa.” Porque os filhos dela eram filhos de pais que moravam juntos e eu era filho de pais separados desde os dois anos de idade. Meu pais se separam quando eu tinha dois anos de idade. Então, para eles, ser filho de pais separados já era um grande problema. Eles não esperavam nada, que eu fosse nada na vida, porque eu era filho de pais separados. Então, se eu falasse que eu era gay antes ser alguma coisa, a carga seria muito ruim. Acho que por isso meio.

Depoimento 6

Bom, minha história começou aos dezoito anos, quando [foi com dezoito anos que] me assumi homossexual. Eu tive um relacionamento antes com uma menina, a gente namorou por dez meses - que por sinal, hoje ela é a minha melhor amiga. Nós tivemos um bom relacionamento; foi no ano de dois mil e seis para dois mil e sete. E nós terminamos em dois mil e sete, um dia depois do dia dos namorados. Mas nós não terminamos porque eu sentia atração por homens, sim porque eu realmente gostava dela, mas ela tava gostando de um outro menino e, eu já tava sentindo isso - mais ou menos no fim do nosso relacionamento - até que eu cheguei ao ponto de deixar ela pensar para ver o que ela queria. Mas nós realmente terminamos por causa disso, e eu demorei ainda alguns meses para poder ter minha primeira experiência homossexual. Foi mais ou menos, isso foi em junho de dois mil e sete, acho que em novembro eu tive meu primeiro contato homossexual, que foi, eu tava num evento de dança - junto com todos os meus amigos - e um menino ficou a fim de mim, e eu me assustei. Na verdade, um amigo dele chegou em mim perguntando se eu era hetero ou era homossexual, eu falei que eu era hetero, mas eu queria saber quem era o garoto. E eu já achava o garoto até atraente, mas eu me assustei de primeira e falei que eu era hetero, a gente se falava assim, um "oi, tudo bem" [e tal], e eu vi que depois de eu ter dado esse 'bolo' nele, [né,] esse 'gelo', ele parou de falar comigo durante esse evento e eu fui atrás dele para perguntar o porquê - só porque eu tinha falado que eu era hetero, que eu não queria ter alguma coisa com ele, que eu não queria ficar com ele[, né]? Aí, a partir daí a gente começou a conversar [e tal], e surgiu até um interesse em ficar com ele durante esse evento, só que nós não ficamos mas a gente trocou telefone, na época eu acho que era até Orkut ainda, [que a gente trocou Orkut] e MSN[, né?] e a gente ficou conversando. Até que eu marquei pra ficar com ele nessa semana mesmo, a gente ficou no shopping - na escada de emergência [Risada]. Aí, nós ficamos rapidinho e [tipo,] foi a minha primeira experiência. Aí eu "vibrei"[, né?]. Contei pra minha amiga, que por sinal é a Tainá. São duas melhores amigas que eu tenho, as duas se chamam Tainá - inclusive essa é a minha ex-namorada. E eu contei pra ela e ela viu, eu falei pra ela: "Poxa, eu gostei. É isso mesmo [e tal], eu tava com medo[, que num sei o quê]." Eu tinha realmente um medo por dentro de ser exatamente isso, sabe? Era estranho eu gostar de homens porque, de tudo o que acontece no mundo, tudo o que a gente vê na televisão, essa violência toda contra os gays,

isso acaba me assustando muito. E eu sou uma pessoa, eu sou muito reservado, não gosto de me expôr tanto assim, e acho que eu tinha até um certo receio de me mostrar, assim, perante à sociedade para não acontecer nada comigo. E eu sou da Igreja também. Frequento muito a Igreja Católica, a minha família é muito católica, e eu via que ia ser muita dificuldade, ainda mais a minha mãe que é uma senhora de idade já. Ela viveu em outra época, ela é do interior, então eu já sabia que ela poderia não aceitar; tanto a minha irmã, que ela é muito preconceituosa com relação ao homossexualismo, de tanto a nossa convivência assim, em casa, de tudo o que ela já falou quando passava alguma reportagem na televisão. Enfim, isso me embarreirava muito pelo lado da família, de eu me expôr pra minha mãe e pra minha irmã. Mas, isso aconteceu e a partir dessa minha primeira ficada com esse garoto foi quando eu realmente me assumi homossexual, e passei a sair pra lugares gays, boates, baladas. Foi um pouquinho tarde, foi com dezoito anos[, né]. Tem gente que começa a sair e a se descobrir muito cedo, mas foi esse o meu tempo. Comecei a sair muito pra esses lugares. Fiz grandes amigos - tiveram pessoas que passaram na minha vida que foram desnecessárias também[, né], como a de todos. Mas, eu só fui namorar o primeiro menino quando eu fiz uns vinte e um anos. Eu passei três anos[, né], saindo bastante e conhecendo muitas pessoas. Perdi a virgindade com o meu namorado, eu nunca fui desses de sair fazendo sexo com qualquer um, assim como muitas pessoas fazem. Eu realmente esperei a pessoa certa pra poder fazer isso, entendeu? Nós tivemos um relacionamento de dois anos, e foi um dos melhores momentos da minha vida mesmo; aprendi muito, cresci muito com ele, e ele também aprendeu muita coisa comigo. Também fui o namorado, o namoro mais duradouro que ele já teve também. E exatamente isso que aconteceu. E agora, a parte de se assumir pra família, eu me assumi com vinte e um anos. Minto, com vinte e dois anos. Eu falei com minha mãe nas vésperas do meu aniversário de vinte e dois anos, eu contei pra ela que eu era gay. Eu não tinha falado com minha irmã porque ela não morava mais comigo. Então, eu contei pra ela - pra minha mãe - ela se decepcionou muito; foi aquele momento de choro, ela não esperava, nunca imaginou. E, sempre, tem que botar a culpa em alguém, que foi a culpa dos amigos, as amizades. "Porque você tem a cabeça fraca, você foi levado pelos outros, porque você nunca foi assim. Você sai demais pra esses lugares e eu num sei onde você tá, e lá acontece de tudo e você foi levado pela cabeça dos outros." Mãe é mãe[, né]. Então, ela sempre vai querer defender o seu filho. Eu entendo o lado dela, por ela ser já uma pessoa de idade e não me estendi muito no assunto. Mas, eu sentia que era o momento de eu falar pra ela, me abrir, pra eu ter - eu achava que eu contando pra ela, eu poderia ter até mais uma abertura dentro de casa, de poder conversar mais com ela, dela saber mais como tá sendo a minha vida, sabe? Porque o fato de eu ser gay, não vai mudar, não vai interferir em nada na minha carreira profissional, por exemplo, sabe? Eu estudo muito, eu trabalho muito pra conseguir as minhas coisas e nunca dependi de ninguém, sabe? A partir de que eu comecei a trabalhar, ganhar meu dinheiro, eu não pedia mais nada pra minha mãe, justamente por causa disso. Eu tinha a minha independência, eu tava criando a minha independência. Corri atrás dos meus estudos, pago os meus estudos, justamente para ela poder ver que o fato de eu ser gay não vai interferir em alguma coisa em minha vida. É apenas uma escolha, uma opção sexual, e não vai interferir na minha religião e pessoas com que eu convivo na família, sabe? É uma coisa minha, num é de ninguém. Mas ela acha que, [ela acha] - realmente ela já falou, - que não sabe onde ela errou [e tal]. Mas, hoje em dia tá um pouco mais tranquilo porque isso foi mais uma coisa de momento[, né?]. Mesmo assim ela não aceita ainda. Eu falo pra ela que eu não quero que ela aceite, mas eu quero que ela respeite, sabe? (Pergunta: E ela respeita?) Não, não respeita. Ela sempre vai achar que não é de Deus, sabe? Que eu tô no pecado. Mas, o que é que eu posso fazer? Eu não posso fazer nada. Eu realmente preferi ter falado pra ela do que ela saber pela boca dos outros. E como se passou muito tempo de eu tá "dentro dessa vida", eu poderia ter me assumido logo que aconteceu o primeiro envolvimento homossexual, mas não. Eu esperei o momento certo, - o que eu achava que era certo - e que eu sentia isso, sabe? Eu tava sentindo uma pressão dentro de mim, de fora também. Eu precisava muito contar isso dentro de casa porque eu tava passando um momento que não é só contar com amigos, não é o suficiente. Eu sentia falta da minha família, então eu contei pra ela. Eu não ia contar pra minha irmã, porque eu sabia como era o jeito dela e fiquei até receoso da minha mãe contar pra minha irmã, para não ter algum problema. Mas quando a minha irmã voltou, esse ano (dois mil e doze), para morar com a gente, em meio de uma discussão nossa eu contei pra ela - falei, aos gritos [né], não foi da melhor maneira - que eu era gay. A partir desse momento, como eu achava que ela era a pior pessoa do mundo para lidar com isso, ela simplesmente se calou e não falou mais nada em relação ao homossexualismo, por eu ter falado pra ela que eu era gay. E ela não, quando a gente briga [né], discussão de

irmãos, ela não põe nada de homossexual no meio, não mete os meus amigos no meio. Diferente da minha mãe, que sempre, volta e meia, vai lembrando e vai falando alguma coisa assim. Portanto, eu acho que a pessoa que eu achava que ia lidar da pior maneira, acabou se calando e ficando no canto dela, entendeu? E é essa a minha vida dentro de casa: eu não posso falar com quem eu tô andando, ela não soube do meu relacionamento - desconfiou, logicamente, porque eu sou uma pessoa que o que eu sou aqui fora, eu sou dentro de casa. Não tenho vergonha, não tenho medo de esconder alguma coisa, eu não escondo nada. Já viu foto, já achou mensagens, eu nunca escondo. Se ela abrir ali, ela vai achar alguma coisa, assim como ela já achou muita coisa. E ela vai me perguntando, mas eu sempre vou amenizando as coisas para não dar aquele baque nela, que eu sei que, só pensar de eu já ter falado que sou homossexual pra ela já foi um susto. E eu respeito isso. Poxa, minha mãe tem sessenta e cinco anos de idade, sabe? Já sofreu tanto nessa vida, eu prefiro deixá-la um pouco mais livre, em relação a isso. Mas a situação dentro de casa tá melhor, hoje em dia, e eu tenho bons amigos que podem até me acolher com isso, que eu conto tudo pra eles - que eu preciso, realmente, de alguém para desabafar as minhas coisas. E assim a gente vai vivendo. E essa é um pouco da minha história.

(Pergunta: Ok, tem mais alguma coisa que você gostaria de falar?)

Não, esses são os fatos mais importantes, eu acho, da minha vida. Que foi o momento da descoberta, o meu primeiro relacionamento - até agora, o meu único relacionamento homossexual, que foi muito importante pra mim, que eu ainda sou muito apaixonado por ele. Mas hoje em dia, eu vejo que realmente foi melhor a gente ter seguido nossos caminhos diferentes, porque mesmo com tanto amor que a gente tem dentro da gente, um pelo outro, são coisas que acontecem que a gente precisa de um tempo para organizar nossa cabeça, para botar a cabeça no lugar. Quem sabe um dia se encontrar, a gente conversar, e ver como pode ficar essa situação? No início, eu queria fazer de tudo para ter ele de volta. Queria fazer de tudo, o amor vai superar tudo o que a gente passar. Nós já demos um tempo no nosso relacionamento umas duas vezes e, esse foi o fim definitivamente [,né]. Foi realmente o fim. E no início, eu fiquei muito mal. Passei uns dois meses só sofrendo, só chorando, querendo ele de volta de qualquer jeito. E ele se mostrando a pessoa mais forte, que tava o mais certo - de ter feito essa decisão certa. Eu me sinto aliviado de ter contado isso realmente pra minha família, porque eu me sinto bem de ter me assumido mesmo, para mim mesmo, sabe? Eu acho que você se sentindo bem com você mesmo, você consegue qualquer coisa, do que você ficar preso, você ficar angustiado, querendo falar com alguém. E não se assumido, achando "nossa, isso pode ser alguma coisa ruim pra minha vida, eu posso me ferrar daqui pra frente, isso afetar a minha vida profissional, familiar." Cara, esse é você. Você nasceu desse jeito, sabe? Você não tem culpa de nada. Você tá vivendo.

Depoimento 7

Bom, deixa eu ver como eu começo. Primeiro, eu não sabia que tava dentro do armário. Não imaginava, porque eu não sabia nem que existia um armário, quanto mais que estivesse lá dentro. No primeiro momento, eu saía com meninas, eu ficava com mulheres, eu tive namoradas. Eu não me via gay. Porque, primeiro, buscando lá do início da sexualidade[, né] - vou botar aí com doze anos, com onze anos - eu olhava os meninos, mas eu achava que todo mundo tinha a mesma coisa. Eu achava que aquela coisa ia passar, "ah, é normal para todo mundo". Mas ninguém comenta. E aqui, na sociedade em que eu vivo, tendo quinze amigos heteros, nós éramos muito cobrados. Então, quando começou treze, quatorze anos, "ah, tem que sair com menina". A gente fazia pontuação com meninas[, né]. Beijo na boca valia cem. Na época era mais beijo na boca. Se tivesse sexo oral, era quinhentos pontos. Se conseguisse transar era mil pontos. Então, tinha essa coisa da pontuação que nós fazíamos isso na adolescência, e eu queria ganhar os pontos, então eu tava sempre com meninas. Mais adiante, mais à frente, eu vim percebendo que aquela vontade que ficava na cabeça, aquela coisa de olhar para o menino de outra forma, não sumia. Não ia desaparecendo. "Ah, uma hora isso vai acabar." Na minha cabeça, todos os meninos pensavam assim. Na minha cabeça, eu não conseguia perceber ainda o que era ser ou não ser gay. E aí eu fui percebendo que aquilo não ia morrer, que aquilo não ia sair da minha cabeça. Mas, eu achei também que

pudesse ser fase e falei "ah, uma hora isso vai acabar". Mas, enfim, aí eu continuei saindo com meninas, e tudo mais, e fui me permitindo. Veio a era da internet - que eu sou da era da internet[, né?]. Às vezes, eu via fotos, por exemplos, na internet de meninos. Entrava em *sites* e via garotos; eu não via garotas. Eu nunca me interessei em folhear uma *Playboy*, mas ao mesmo tempo eu conseguia transar com menina. Para mim, não tinha outra "opção". Existem pessoas, por exemplo, na ocasião, eu tinha uma pessoa - que era o famoso colega, o colega com quem eu trocava isso. Ele também era assim, nesse negócio, ele também era. Então, hoje eu entendo gay, mas na época, eu achava que era só brincadeira. A gente precisa preservar essas pessoas. E aí depois eu conto porque também é complicado o 'se assumir', enfim, e tudo mais. Então, passado esse tempo aí, quando eu comecei a perceber que tinha alguma coisa errada, eu chorei para cacilda. Masturbação eu chorava; quando eu me masturbava, eu caia em prantos e depois eu falava, sacava "não, não vai mais acontecer". Essa pessoa com quem eu tinha contato, esse amigo - esse colega[, né], com quem eu me relacionava, vamos assim dizer - acontecia, digamos assim, de seis em seis meses. Sabe, acontecia, aliviava, eu conseguia ficar mais um período enorme sem essa necessidade, sem satisfazer essa minha necessidade sexual. E continuando lá com as meninas e tudo mais. Enfim, então como eu falei, eu não imaginava que eu tava dentro do armário. Para mim, o que era o gay? Era o cara afetado, que falava fino, que desmunhecava. Era o cara que aparecia na televisão que era 'chincalhado'. Na minha cabeça, então, eu não fazia parte desse mundo. Eu não me via assim; eu não me via desmunhecando, não me via falando fino, não me via diferente. Quando, em dado momento, por conta do teatro, você acaba conhecendo muita gente. Então, um amigo do teatro tinha me chamado para ir pra uma boate gay. Aí eu falei: "Pô, vou fazer o quê nessa boate gay? Vou nada, vou nada, vou nada". Namorei uma menina que hoje é gay. Na ocasião, ela também não se identificava, e nós namoramos e tudo mais, e hoje é minha grande amiga, que também se declarou gay. Então, eu fui com ela na boate, na verdade. Ela e esse amigo. Quando eu entrei na boate, eu vi que muita gente era parecida comigo. Não tinha aquela coisa do que eu via na televisão - cara de *cap* de policial, calça de couro - porque era isso que eu via, era isso que mostrava[, né], que eu tava acostumado. Aí, quando eu fui à essa boate, eu percebi que todo mundo, eu falei "cara, meu mundo". Eu acabei, assim, me excitando até em ver beijo na boca porque não era comum para mim. Eu vi os caras se beijando e falei "caramba!". Mas eu lá fiquei, tipo, eu fui a primeira vez, a segunda. Na primeira vez na boate, eu tremia. O cara pôs a mão no meu ombro, e falou assim - eu fui entregar a cartela para pegar a bebida - e aí o cara falou assim: "Oi, posso falar com você?", e eu: "Olha, não pode não. Não pode não, não quero falar com ninguém, não". Aí, quando olhei para a minha mão, o garçom havia pego a cartela para anotar a minha bebida, e eu achei que o cara tivesse me roubado. Eu falei: "Devolve a minha cartela, tu me roubou". O cara: "Não, não roubei, não". "Tu pegou a minha cartela, pegou a minha cartela". Ele: "Não, queria pegar você". Eu falei: "Não, a mim não, a mim não." Nisso o garçom me trouxe, e eu, sem graça, subi pro outro andar e fiquei lá, escondido. Assim, fiquei com os meus amigos ali, tremendo de medo. Banheiro, não fui aquele dia todo - a noite toda - com medo, achando que ia ser estuprado lá dentro. Aí, mas eu até gostei do ambiente. Mas ainda me sentia meio, sabe, "susto, to entrando aqui, no mundo gay". Nossa, para entrar na boate achava que todo mundo ia me ver; "tá todo mundo me vendo entrar aqui". Entrava meio que escondido, sabe? Esperava a fila ficar com duas pessoas só para sair do carro e já entrar. E fui a primeira vez, a segunda vez, a terceira vez, e não tinha me permitido, porque eu só me identifiquei gay quando realmente eu, na boate, beijei alguém e eu falei: "Pô, é isso". Porque antes eu não tinha beijo na boca. Esse amigo, que a gente trocava, a gente não tinha beijo na boca. Era só troca de fluido, sabe? Não tinha carinho, não tinha coisas que a gente vê depois. Então, aí na quinta vez - que foi um feriadão que aconteceu - eu fui à boate todos os dias, não à mesma boate; eu conhecia algumas boates. E na quinta vez, eu acabei me permitindo ficar com um cara. Isso porque a boate inteira tava olhando para ele, e ele resolveu vir falar comigo. E eu ainda fiquei lá uns quarenta minutos, tentando enrolar e tal. Aí, eu fui para um canto, para longe dos meus amigos porque na ocasião, até para eles, com quem eu havia ido, para eles eu também não era gay. E eu não tinha me assumido gay ainda ali. Eu fui e beijei na boca. E aí foi bom para 'cacilda', falei "po, gostei, é isso". Mas também não contei para alguém se havia beijado na boca, não. Não, minto, minto. Acabei contando para eles, "gente, beijei na boca". Aí o pessoal... A Alexandra, que era minha amiga, com quem eu havia namorado, ela ficou assustada. Ela não gostou muito. Então, eu falei: "Você não é gay?" Ela: "É, mas achei que você não fosse; [não sei o quê] achei que fosse...". Bom, passado isso, essa inserção na boate, ir à boate, descobrir que na boate as pessoas eram iguais. Como eu falei, na minha cabeça, gay era só a bichinha afetada[, né?], aquela que

desmunheca. Eu falei assim: "Mas também vai ser modismo, não é meu mundo ainda". E o mais difícil foi eu conseguir absorver isso, quer dizer, eu consegui absorver melhor alguns dias depois, que era normal, que era tranquilo, graças à boate, sim. mas os amigos não sabiam; a família, então, era pior ainda. Como eu era um cara que tava sempre com a rapaziada, e essa coisa da pontuação aí que eu contei[, né], que nós contávamos; beijo na boca, cem, mil e tal[, não sei o quê]. Eu passei a não pontuar mais. Eu sempre ganhava no final do ano. Final do ano, era chegar lá e somar com quem, quantos pontos você tinha. Então, eu acabava ganhando. E aí, os garotos começaram a falar assim: "Cadê você, que você não sai mais com a gente?". Porque eu tive a capacidade de ter carro cedo, e aí eu que levava todo mundo pra Lapa, eu levava todo mundo para sair, pra boate, tudo mais [parará, pão duro] e parei. E eu justificava para eles dizendo que eu tava indo pra casa dos amigos, em Niterói, tomar vinho. "Não, era só coisa intimista, vou jogar baralho". O pessoal não queria jogar baralho, queria sair pra pegação, queria sair para pegas as meninas. E eu comecei a não conseguir mais ficar perto deles naquele primeiro momento. E um grande amigo, ele falou: "Você tá muito afastado. Tá acontecendo alguma coisa". Eu falei: "Não, tem nada acontecendo... Nada". Aí depois de muito tempo, eu fazia a festa de rua aqui - eu era locutor da festa de rua, fazia a festa de rua com o pessoal - e aí quando acabou a festa de rua, eu tinha bebido para 'cacilda', e aí eu chamei essa amigo e falei (só que eu falei entre linhas), eu falei: "Cara, a minha vida mudou. E eu não queria nunca perder vocês, perder a amizade de vocês, mas a minha vida mudou". Aí ele: "Como assim mudou?". Eu falei: "Cara, mudou. Eu já não sou a mesma pessoa." E aí eu lembro que isso já tava no final, ele falou assim: "Palhaçada, Fabinho, a gente vai continuar amigo[, num sei o quê e tal]". E ele desconversou e saiu. Falei: "Tenho certeza que ele entendeu". E passou mais umas duas semanas aí. Esse amigo comentou com um outro. Na hora o outro falou assim: "Não tem nada a ver, tá maluco". Ele comentou muito por alto, num sentido de "você acha que o Fábio tá diferente? Tem alguma coisa diferente com ele?". "Não". O outro amigo não percebeu. Mais adiante, eu já me acho confortável com a minha situação. Já tinha ido mais à boate, já tinha conhecido pessoas. E eu namorei, comecei a namorar com um homem muito cedo. Três meses depois eu tava namorando, tinha me envolvido, tinha me apaixonado pelo meu primeiro namorado e comecei a namorar. E também era escondido. Ele não parava na porta da minha casa. Eu falava para os amigos essa história[, né], que eu ia tomar vinho, que eu ia comer, ia jogar baralho. Enfim, e aí, numa festa - eu cheguei nessa festa dos amigos heteros[, né] - e aí eu chamei um outro amigo, depois de ter bebido muito, que a gente toma coragem para isso, e falei a mesmíssima coisa que havia falado para o primeiro: "Minha vida mudou, eu estou diferente e tenho medo de vocês me largarem, me abandonarem". Só que nisso, ele ficou me olhando, assim, ele: "É isso mesmo que eu estou entendendo?". Eu falei: "Eu acho que é, eu sou diferente de vocês". Aí ele começou a chorar, chorar, chorar. Nisso, o primeiro amigo - posso dar o nome, é o Luís - foi lá e pegou o Leandro e começaram a conversar, e os dois choraram para caramba. E eu nesse momento sai da festa e fui pra casa. Também fiquei muito mal, também chorei, enfim. Eu sei que eu não me senti afastado, muito pelo contrário. O Leandro ele fez, teve a facilidade de acabar contando para todo mundo. Para ele foi muito angustiante, assim dizendo, ter um amigo gay - o Fábio ser gay. E aí ele acabou comentando e contando para todo mundo. Eu digo que se eu tivesse dito na ocasião que tinha matado alguém, eu tava preso até hoje porque ele não fez a menor cerimônia em guardar segredo. E até agradeço hoje a ele por isso porque eu não sei se hoje eu contaria, não é questão de contar; eu não me preocupo mais[, né]. Então, ele acabou comentando e gerou um falatório, uma comoção num lugar aqui, onde eu moro. Vamos botar aí eu devo conhecer umas duas mil pessoas, até em função da festa de rua, você acaba conhecendo muita gente. Nasci aqui. E aí se tornou um falatório, todo mundo comentava e eu percebi isso. Mas eu também não me sentia afastado. Desses quinze amigos heteros, que cobravam de sair, de pegar mulher [e não sei o quê e tudo mais], eles não se afastaram. Pelo contrário, eu acho que eles ficaram, procuraram ficar o mais natural possível. Lógico que no início, sempre teve, era um assunto muito em pauta. Quando eu entrei, quando a gente vinha a conversar o fato do Fábio ser gay era um assunto em pauta. Eu me senti muito bem porque realmente não houve afastamento. Hoje, passados aí, bom, isso aconteceu, deixa eu pensar aqui, eu tinha já vinte e dois anos. Então, realmente, eu me entendi tarde. Eu tinha, é eu tinha uns vinte e dois, eu tô com trinta e um, então, realmente comecei tarde. Assim, tem gente hoje que começa, que se entende, se percebe com dezesseis anos. Para chegar a hoje, eu estar com o meu namorado e tudo mais leva tempo, leva tempo de aceitação. Primeiro, contei para os meus amigos, porque era com quem eu passava mais tempo, com quem nós saíamos. Eles pararam de me cobrar essa coisa do "Pô, véio, participação". Porque você imagina,

como é que eu ia sair com eles e ia ter que beijar menina porque eu era assim? Como é que eles iam entender que a garota chegou perto de mim e eu não ia querer ficar mais com ela? Bom, a fase dos amigos foi mais ou menos dessa forma[, né?]. Eu contei para um e ele fez o papel de contar para todo mundo. Foi até ruim porque como ele acabou contando para todo mundo, acabou chegando nos ouvidos da avó de um outro amigo meu, que esse sempre se percebeu gay. E acho também que lá no início, acho que eu não contei , mas nós saíamos pra boate juntos, e então éramos quatro pessoas: Eu[,né], o Márcio, a Alexandra e o Roberto - nós íamos pra boate juntos. E como o Márcio mora perto de mim, mas nós não éramos amigos, é engraçado (e eu era praticador de Bullying com o Márcio, vamos assim dizer). O Márcio passava, porque ele tinha mais jeito[, né], e aí eu ficava implicando com ele[, né]. Essa parte eu também acho engraçada porque hoje é meu grande amigo, meu grande irmão. Mas ele passava e eu ficava "Márcia Fu", porque ele ia jogar vôlei, sabe? E em comparação ao nome da jogadora de vôlei, eu zoava ele. Mas foi ruim eu ter contado. Por que a responsabilidade do contar? Eu contei para esse amigo[, né], para os amigos héteros, e acabou espalhando para todo mundo porque chegou nos ouvidos da avó desse amigo. E não só ela me afastou, como ela queria que eu não fosse mais amigo do neto dela. E ela ficou muito mal, eles ficaram sem se falar porque ele acabou tendo de, ele acabou sendo obrigado a contar, não é que ele tenha contado pra avó, ele só não desmentiu o que ela ouviu na rua - que o Fabio era gay, e se o Márcio estava andando com o Fábio, era todo mundo era gay. E ele não desmentiu isso para ela. Depois ele acabou comentando isso com a mãe. A mãe também não teve uma situação muito boa para ele. Mas, enfim, por que eu tô falando da responsabilidade? Porque o fato de eu ter contado gerou para ele problema. Para mim, na ocasião, não. Bom, enfim, quando eu comecei a namorar, namorar com homem - meu primeiro namorado - eu tava muito envolvido, muito apaixonado e minha mãe começou a me fazer perguntas. "Cadê as meninas? Onde é que as meninas foram parar [e tal]?". E eu não sabia mais o que dizer. Ela tinha uma loja, uma vez eu fui trabalhar... Na verdade, eu acho que os pais sempre descobrem. No caso da minha mãe, assim, ela descobriu, mas desconfiar realmente, antes ela não desconfiava. Ela não percebeu nada antes. Muitos pais percebem, mas acabam só mentindo ou omitindo[, né?]. Então, eu escrevi uma carta - aquela coisa de, para mim, o meu primeiro relacionamento foi aos vinte e dois anos eu voltei à adolescência - então eu tinha escrito assim "Fábio e Edu". Aí deixei na loja que ela trabalhava[, né], a loja que ela tinha lá no Méier, deixei em cima do balcão. E ela pegou aquilo, já percebendo que alguma coisa também havia mudado ali no Fábio, me chamou e falou assim: "Eu tô achando que tem alguma coisa de errado". Aí eu falei: "O quê é que você tá achando?". Ela: "Encontrei isso aqui lá na loja". Aí eu tremi dos pés à cabeça. "Isso não é nada, não. Isso não é nada, não". "Tô achando isso". Aí, eu: "O que você tá achando?". Ela começou a me pressionar, mas agressivamente. Ela não me chamou: "Ah, senta aqui, vamos conversar, bater papo; olha, fica no seu momento." Não, ela foi agressiva. Assim, tipo: "EU TÔ ACHANDO UMA COISADE ERRADO, EU QUERO SABER O QUE ESTÁ ACONTECENDO, PORQUE ISSO NÃO É NORMAL!". E aí, essa agressividade me irritou. Eu falei: "Pô, é o que você está achando, é isso mesmo. Não me interessa a sua opinião, não estou pedindo a sua opinião" - até porque eu já me sustentava. Também é um fator importante, essa coisa do não depender financeiramente dos pais, te dá poder. E aí eu: "Não estou te pedindo a sua opinião, é isso mesmo, não quero saber o que você pensa. Se você não me aceitar, o problema é seu". "Ah, mas e a sociedade?". Eu falei: "Estou despreocupadíssimo com a sociedade. Eu tô cagando e andando para a sociedade", foi o que eu disse para ela na ocasião. Eu falei: "Perai, poxa, quem é você para me falar da sociedade? Você viveu um relacionamento onde a pessoa tinha uma, era casado! A sociedade não lhe vê com bons olhos." Aí ela: "Mas, você tá vendo...". Aí eu falei: "Engraçado, o seu mundo é o mesmo que o meu? Você não se preocupou quando viveu esse relacionamento. Por que eu tenho que me preocupar com a sociedade? A sociedade deveria lhe chamar de puta. A sociedade deve achar que você é puta. Então, se eu sou viado e você é puta, a gente tá vivendo no mesmo teto..." mas aí a conversa já tinha chegado a um nível de estresse[, né], foi grande. "Ah, olha como é que você fala!". "Ah, então, se você tá preocupada da maneira como eu estou sendo agressivo, você não tem que se preocupar com os outros, na rua eu já vou sofrer esse problema, eu posso sofrer esse problema, em casa, não". "Ah, quero saber o que os seus amigos vão achar!". Então, ela não sabia que os meus amigos já sabiam. Eu falei: "Os meus amigos me aceitaram muito bem. Quer dizer, em casa eu preciso ser aceito também." Tenho um irmão[, né]. Ele tem sete anos a mais. Foi muito difícil para o meu irmão, primeiro porque ele é um galin... um galinhão eu não posso dizer, mas ele era um safadão. E eu saía com meu irmão para pegar menina[, né], com sete anos de diferença, meu irmão com vinte e sete e eu com vinte,

então a gente saía não para pegar mulher, porque ele é casado e ele era casado até nessa época, mas a gente saía junto. E aí.. imagina se publica isso, acabo com o casamento dele, gente. Aí ele se decepcionou mais porque ele acabou sabendo atrvés dos amigos na rua, né. Como eu falei, quando eu contei pro Leandro e o Leandro não fez o menor segredo, todo mundo ficou sabendo, se chegou no ouvido da avó do Márcio[, né], do meu amigo gay, imagina no ouvido do meu irmão - que faz parte do mesmo *métier* social[, né], de onde moramos. Ele se afastou, eu já percebi que ele sabia. Tive a passividade da minha cunhada, porque fui conversar com a minha cunhada sobre a minha condição e ela ficou completamente aberta a mim - o que me ajudou muito porque ela conversava com o meu irmão. Ele ficou sabendo muito em tom de brincadeira dos amigos[, né], "oh, tão falando aí do teu irmão, tão falando aí do seu irmão". E ele, por ser um cara que brinca com todo mundo, que fala da vida de todo mundo, que zoa todo mundo, ele não gostou, mas ele também não me buscou para falar. Mas eu, percebendo aquilo, conversando com a minha cunhada, com a Aline, ela foi e falou com ele. Bom, fator da minha mãe, porque tem tanta história, que eu não sei se lembro de tanta coisa. A minha mãe, depois dessa conversa que nós tivemos, ela ficou quatro dias sem falar comigo. Mora num apartamento pequeno (60m²). Ela entrava no banheiro, eu saia do quarto. Quando eu entrava no banheiro, ela entrava no quarto dela. Então, nós ficamos sem nos cruzar dentro de casa. E eu já estava namorando, foi por conta desse namoro[, né], e lógico e ela ter me perguntado[, né], e eu acabei explodindo e falando e ela depois do quarto dia, veio foi e veio falar comigo. Ela falou assim: "É muito difícil" - engraçado, essas coisas a gente não esquece[, né] - "muito difícil para mim, mas eu te amo de qualquer jeito, e eu acho que essa fase vai passar. Eu acho que isso vai passar na sua vida e tudo mais, então cuidado para não se envolver demais porque isso vai passar". Aí, eu falei: "Tá bom". Bom, não trazia namorado para perto, ela não gostava, sabe? Ela não curtia esse meu primeiro namoro. E também não teve muito tempo, eu fiquei seis meses só namorando essa mesma pessoa, depois mais três meses solteiro e aí arrumei o segundo namorado. Já o segundo namorado, eu já meio que botei goela abaixo dela. Eu falei: "Ah, vamos lá pra casa, dorme lá em casa". E pedi à minha cunhada para que não trouxesse o meu irmão pra casa porque nessa época ele morava aqui[, né]. Falei: "Não leva o meu irmão amanhã não, porque o Adriano vai dormir lá em casa". Aí ela: "Tá bom". Então, ela tirou o meu irmão de casa, e o Adriano passou a dormir algumas vezes aqui nos finais de semana, e tudo mais. Foi com quem eu tive um relacionamento de mais tempo[, né]. Acabei, entre idas e vindas aí, seis anos. Bom, eu sei que família, minha família por parte de mãe, quer dizer, ficou sabendo aí, bota aí, de mim mesmo, dois anos atrás [mais ou menos uns dois anos]. Ficou sabendo também no sentido de "poxa, o cara vai envelhecendo e não tem namorada", as pessoas começaram a perceber. Eu comecei a levar meu namorado junto - "eu te amo", "eu te amo" - mas também, não entramos nesse assunto de novo, foi só aquele momento e acabou. Hoje, passados aí quase dez anos da minha descoberta, do meu entendimento, quer dizer, hoje eu tenho todos os meus amigos héteros perto, as esposas deles, os filhos. Tenho meu namorado hoje. A família dele, a mãe dele, também foi uma descoberta nova para ela porque quando eu apareci foi ao mesmo tempo que ela percebeu o filho, e ninguém chamou para conversar e hoje eu fico na casa dele, o meu namorado fica na minha casa. Para mim, o ser ou não ser gay já deixou, já não sei nem mais como é, não existe mais preocupação. No trabalho eu não tenho preocupação - porque como eu trabalho para mim também não tenho preocupação no ambiente de trabalho. Mas já trabalhei em empresa, e nessa época que eu trabalhava em empresa também foi muito no primeiro momento aí. Vamos botar uns três anos que eu tinha me entendido, me percebido, me aceitado. Na empresa, eu não fazia questão de esconder. Também não criava um personagem - pô, 'O Cara', 'O Pegador', e tal - eu não criava mais esse personagem. Então, foi muito gradativo para mim. Mas primeiro, vieram os amigos, depois a mãe, o irmão - que era, foi muito difícil. Voltando ainda ao fator do meu irmão; sete anos mais velho. O cara conhecido como 'O Galinha', 'O Safado', e tudo mais. E também, zoa todo mundo, brinca com todo mundo. Para ele, acho que foi um pouco mais difícil. Ele ficou um tempo também sem falar comigo. Mas acho que um tempo, assim, acho que durou uma semana, no máximo. Depois aos poucos, ele veio se aproximando. No primeiro momento, ele não entendia meu namorado, ele não entendia as pessoas que estavam comigo. Ele não gostava muito, não se envolvia muito. Mas hoje, acho que foi com o tempo, sabia? Eu não forcei ninguém. A não ser minha mãe, coitada. Que ela, realmente, eu botei goela abaixo porque eu falei que era aquilo, era aquilo e pronto. Mas com meu irmão foi muito gradativo, foi muito natural. Eu só não senti, assim, eu não fui - eu nunca fui - como é que eu vou explicar... Eu nunca fui ameaçado por ninguém, sabe? Eu nunca tive o problema de "ah, você é gay, eu te excluo". Nunca tive. Eu nunca sofri bullying, pelo contrário, eu

praticava. Hoje é bullying, na época era zoação. Mas eu, nossa, eu não podia ver uma bichinha mais desmunhecando que eu já zoava, fosse na escola, fosse na rua, enfim. Mas para mim foi muito natural até o dia de hoje, que não me preocupo com isso. Não me preocupo. Como eu falei, o ser ou não ser gay já pra mim não é mais novidade, sabe? Eu não vejo mais como "nossa, eu sou diferente". Eu sei que sou. Mas, eu não vejo. Como falei, eu tô com meus amigos heteros. Há quatro dias teve um casamento, eu vou ao casamento, eu levo meu namorado, a gente tá junto. Eu faço parte da família, e em geral, dos meus amigos. Enfim, para mim, hoje, a única diferença entre o Fábio [, né, entre mim] e um amigo hetero é com quem ele dorme e o fator filhos, que quase todos, na minha idade (aos trinta e um), já têm filhos e eu ainda não - que é um fator mais adiante[, né]. Penso em ter, mas talvez no meu, eu já acho que eu já tenho essa condição, não há a necessidade; tanta criança precisando ser adotada, para quê que eu tenho de encontrar uma mulher, uma mãe, uma amiga - como muitos fazem - somente para ter um filho, entendeu? Quero, tem muita coisa que eu gostaria de passar para o meu filho, mas eu penso em adotar. Então, essa transição do ser gay para mim foi, eu chamo mais de libertação[, né]. Porque por mais que lá, voltando um pouquinho, na adolescência, eu só percebi que tinha algo diferente aí com vamos botar uns dezessete anos, uns dezesseis, dezessete anos - que era quando eu comecei a perceber que tinha algo diferente, mas eu achei que aquilo ia passar. Como eu falei, no primeiro momento, na infância, no início da sexualidade, eu achava que todo mundo era assim só que ninguém contava. Depois, quando eu percebi que eu era diferente, eu achei que aquilo ia passar realmente, vai acabar. Uma hora essa vontade vai sumir, o desejo do menino vai sumir. E só realmente me identifiquei gay quando eu fui à boate, que eu vi que muita gente... e era natural. Porque eu não... Como não tinha ninguém[, né?]. Assim, como eu falei, eu não desmunheco, não falo fino, não rebolo. Porque é aquela coisa do trejeito gay[, né]. Eu não tinha ninguém, não tinha referência. A referência que eu tinha era desses cara que você vê na televisão, como eu falei, do *cap*, da calça de couro. Quando aparece uma parada gay[, né?]. Era a referência que a gente tem no máximo. Mas acho que para mim, assim, foi libertação porque se hoje, eu sabendo hoje, entendo hoje ser gay, ainda assim continuar vivendo uma vida de mentira - de repente com uma mulher e uma pessoa que você vai lá e troca fluidos, ou na internet, ou indo como tem hoje, a sauna [, né], indo na sauna para poder se aliviar, fazer o que o seu corpo pede - eu seria muito infeliz, eu acho que uma pessoa assim deve ser muito infeliz. Como eu falei, tive uma facilidade enorme tanto com os meus amigos, quanto com a minha família de não ter problema. Eu não tive realmente problema. Aliás em qualquer lugar que eu vou, eu não tenho problema de me olharem, de me taxarem, de me afastarem ou na tal prática de bullying. Quando o pessoal fala assim: "Ih, vai na rua? Fulano tomou coió." Eu falei: "Como é que acontece isso? Como é que a pessoa toma porrada só por ser gay?". Não faz parte da minha vida, do meu mundo, entendeu? Eu nunca tive esse tipo de problema, entendeu? Enfim, penso que seja isso. A minha fase de transição foi essa, tive a facilidade dos meus amigos e agradeço bastante. Até pelos amigos gays, que me levaram para o mundo gay, que me apresentaram a boate, vamos assim dizer. Porque eram pessoas bacanas, tava todo mundo meio que se descobrindo, no primeiro momento, sabe? Não tinha ninguém já mais acelerado. Todo mundo tinha medo de entrar na boate. Todo mundo ficava meio escondido. O primeiro beijo. Porque na adolescência, na infância, você dificilmente, bom eu, na verdade, não tinha muito beijo[, né], com homem, com menino. Eu só tinha esse colega, com quem eu trocava. Não tinha beijo. Então, eu tive o privilégio de ter o primeiro beijo gay, a primeira realmente relação sexual - porque no início é muito, a gente chama de 'meinha'[, né?], é muito 'meinha'. E a primeira relação sexual realmente com troca de tudo, com troca de carinho, a gente dormia abraçado. Porque com mulher, bicho, se a gente transava, eu queria virar 'bunda com bunda' e acabou, "me solta", entendeu? Não tinha aquela coisa de trocar, ficar fazendo cafuné, não tinha isso, entendeu? Não curtia. Eu namorei mulher e até fui cobrado por mulher, falando assim: "Você não quer transar comigo?", ai eu falava: "De novo? Mas a gente já transou anteontem. Tem que transar de novo?". Já com homem não tinha isso, com homem não tem isso. Você comer aquilo que você deseja é muito mais fácil. Então, eu imagino hoje, eu imagino se eu tivesse casado hoje com mulher eu seria louco, eu seria desesperado, não ia aguentar, não ia dar. Mas foi mais ou menos assim, minha fase, minha vida até hoje.

[Pergunta: "Ok, tem mais alguma coisa que gostaria de falar?"]

Não, acho que já falei para 'cacilda'. Mais alguma coisa? Não, eu falo o seguinte: Em relação ao mundo gay, a contribuição de todo gay é importante [para o mundo gay]. Eu sempre protejo, por exemplo, hoje, ao invés de

praticar, eu busco, procuro proteger o gay de tudo[, né]. Dele mesmo, da vaidade do gay, dos amigos. Quando eu conheço alguém, por exemplo, o meu namorado agora tem vinte e dois anos, também eu sou o primeiro homem dele. Então eu procuro o proteger do excesso, sabe? Eu sei que o gay não precisa mais ficar escondido, não tem porquê ele ficar encondido, ele pode ser o que ele quiser. Mas eu penso que algumas coisas possam ser evitadas por enquanto. Eu acredito que daqui a um tempo vai ser a coisa mais natural do mundo, ser ou não ser gay já vai estar fora de moda - e eu acho já está chegando esse momento, sabe? 'Fulando é gay? Ah, legal'. Não importa mais. Não interessa mais. Já não gera mais comentários. Eu lembro que depois também que eu me descobri, muita gente começou a ficar despreocupado [sabe?] em ser ou não ser gay. Então, eu falo o seguinte: o que eu penso, eu falo para o meu namorado, eu falo para todo mundo: cuidado com o excesso, por enquanto. Se você não quiser ter cuidado com, o que eu digo excesso é o excesso do andar, do falar fino, da roupa, da extravagância - que o gay gosta para 'cacilda'[, né?]. De muita coisa extravagante, muitas das vezes. Só falo para tomar cuidado com o excesso. Se você não quiser tomar cuidado com o excesso, tenha postura e atitude, para de repente enfrentar o bobinho lá, a sacanagem, a escrotidão, e tudo mais. Fico chateado quando vou ao banheiro de shopping até hoje e tá lá um cara, do lado, te olhando. Porque essa pessoa que vem a denegrir a imagem gay, sabe? São esses caras que de repente aliciam um amigo, que vai ao banheiro, "poxa, deixa eu dar uma segurada aí". É essa figura quem denigre a imagem gay, entendeu? E eu fico chateado com esse cara, que muitas das vezes não faz parte do mundo gay. É esse cara que normalmente, ele é casado, e ele procura ali tentar se aliviar, sabe? É casado com mulher e fica ali, tentando se aliviar. Porque se ele fizesse parte do mundo gay, talvez ele teria um pouco mais de postura, entendeu? Então, é esse cara que o gay tem que se preocupar. Principalmente em não se tornar essa pessoa e em não ser essa pessoa ridícula, sabe? Que acaba arrebentando a imagem do mundo gay. Só isso.

[Pergunta: "Vamos voltar algumas partes da narrativa, da sua história, porque você tinha falado sobre a questão de masturbar, que logo depois você chorava, mas por quê? O que é que passava na sua cabeça?"]

Por quê? Revista de mulher pelada não me interessava, eu não conseguia ficar excitado. Então, o que vinha na minha imagem, o que vinha na minha mente eram imagens de meninos. E até às vezes colegas de escola, e tudo mais. Eu imaginava aquele garoto e tal, não sei o quê. Às vezes, por exemplo, acabei de fazer natação na escola aí nós íamos para o vestiário, então eu acabava olhando para eles. E aí depois aquela imagem ficava na minha cabeça e depois à noite, lá, no banheiro, no banho, e tudo mais, eu ia me masturbar. E por eu ter pensado naquele menino, eu chorava. E falava: "Isso tá errado". Isso já com dezesseis anos, com dezesseis, com dezessete anos. E falava: "Tá errado. Tá errado. Eu não posso pensar em menino". Porque eu já percebia que tinha alguma coisa errada[, né], lógico, mas eu achava que ia passar, entendeu? E chorava, toda vez que eu me masturbava eu sempre chorava. Então, como eu me masturbava todo dia, eu chorava demais. E minha mãe nunca percebeu que tinha alguma coisa errada, ali, nunca me percebeu chorando. Era porque eu imaginava que tava fazendo alguma coisa, porque... Tá aí, cara, uma pergunta que você fez, por que eu chorava? Porque se era diferente, se eu imaginava que tava diferente, que aquilo ia, que eu não tava no mundo certo, eu acho que eu chorava muito porque eu não queria ser diferente. Eu não queria ser sacaneado, ser zoado pelos amigos, eu não queria, sabe? Essa coisa da família. Eu acho que implicitamente talvez eu chorasse por isso, por mais que eu acreditasse que fosse passar e nunca passou.

[Pergunta: "A fase da sua mãe em que você trouxe seu namorado para cá. E o quê que ela falou depois disso?"]

Não, ele podia, no primeiro momento. Ah, me lembra uma fase interessante. Que ela falou assim... Eu trouxe uma vez o Adriano para dormir aqui, a galera sabia quem era mas eu não apresentei como namorado, não. Somente trouxe. A pessoa veio, dormiu, foi embora. No final de semana seguinte de novo, nós saímos, no sábado ele veio, dormiu aqui em casa, foi embora. E aí, teve um momento que ela falou assim: "Ele tem que vir dormir todo dia aqui?". Não, "todo final de semana vai ser isso? Ele tem que dormir aqui?". Aí eu falei: "Ué? Qual o problema? O meu irmão não dorme com a Aline aqui em casa todos os dias praticamente e você não

reclama. Por que com o Adriano vai ser diferente?". Ela: "Ah, porque você tem que entender que é diferente". Aí eu falei: "Já conversamos que não pode ser diferente. Se o meu irmão teve liberdade com a namorada dele, por que eu não posso ter a minha? Eu tenho que ter liberdade". E falei assim: "Então tá bom, eu deixo de dormir aqui e vou procurar namorar na rua, vou procurar quando puder ir a motel. A entrada no motel e a saída no motel, não sei ainda como é que funciona, não sei se vai ser tranquilo, não sei se não vai. Então, aqui em casa eu estarei protegido. Então, acho que você deveria gostar disso. Preferir que eu viesse para casa, para namorar aqui em casa, quantas vezes fosse necessário, quantas vezes eu quiser do que eu ficar procurando dentro no carro, na rua, escondido, na boate, ou em qualquer outro lugar para eu poder namorar. Ainda demorou um pouquinho para ela aceitar, mas ela acabou entendendo e logo depois meu namorado podia dormir aqui todas as vezes ele quisesse. Logo depois assim, um ano depois. Um ano depois, não. É, um ano depois ele acabou podendo vir dormir aqui. Foi gradativo, sabe? Aí, tipo, ele vinha ficava final de semana, de sábado para domingo. Aí, depois ele veio e ficou de sexta para sábado e domingo. Aí, dado momento, ele vinha todas as vezes que não tinha problema. Hoje em dia, minha mãe é minha melhor amiga. Ela é minha melhor amiga, assim, eu já me separei e chorei aqui com ela. E ela fala para mim assim: "Calma, filho, calma. Não fica assim. [E não sei o quê]." Ela é minha parceira, eu ela e meu namorado. Minha mãe já foi à boate comigo. E eu já levei ela comigo para sair comigo na boate gay, eu ela e meu namorado. Já foi acho que umas três vezes, ou quatro, comigo. Minha mãe já foi pra *The Week.* Ela não é muito de dançar, música eletrônica, nem nada disso. Mas eu acho que eu busco ela, o chamar a minha mãe para sair comigo para ela ver que não é aquilo que ela imaginava. Então, hoje para ela é super comum, super normal. Tem um momento que eu até tive que travar porque eu estava dormindo no quarto com meu namorado, ela entrava e cobria a gente. Eu falei: "Mãe, você não tem que entrar no quarto e me cobrir. Você não tem que entrar no quarto para cobrir a gente". "Mas vocês ficam descobertos...".'Não interessa, mãe, não tem que entrar. Bate na porta". Porque ela acabou ficando tão à vontade, mas tão à vontade que esqueceu da privacidade. Mas hoje é muito tranquila, é minha amigona, minha parceirona. Participa com o meu namorado, também, já há algum tempo[, né]. Faz parte do mundo dele, faz parte do mundo dela. Ela já não vê mais como trava. Ela não fala com as amigas sobre o filho. Eu acho até porque eu nunca dei essa liberdade para ela. Ou não sei se ela não se sente confortável para falar. Mas ela, quando ela trata, quando ela fala do meu namorado, ela fala: "Ah, esse é o amigo do Fábio". Ou fale: "É o companheiro" ou "é o namorado" do Fábio. A palavra 'namorado' talvez ela não use, mas eu me sinto muito tranquilo, muito livre. E com ela também, muito tranquilo, muito livre.